

**Os/as detentores/as das «Cabeças de Reserva»:
Retratos de emancipação na hierarquização da elite do
Império Antigo**

Raquel Lavrador Novais

**Dissertação de Mestrado em História,
especialização em Egiptologia**

Agosto, 2021

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de
Mestre em História (Área de Especialização em Egptologia), realizada sob a orientação
científica da Professora Doutora Maria Helena Trindade Lopes

«There is surely no other funerary tradition in the world comparable to the Egyptian tomb in its representation of the entire culture: the here-and-now and the beyond, professional life and mortuary cult, individual and social existence.»

(Assmann, 2002, p. 66)

AGRADECIMENTOS / ACKNOWLEDGEMENTS

A todos os anónimos...

«A lenda pessoal é aquilo que tu sempre desejaste fazer. Todas as pessoas, no começo da juventude, sabem qual é a sua lenda pessoal. Nesta altura tudo é claro, tudo é possível, e não temos medo de sonhar e de desejar tudo aquilo que gostaríamos de fazer. Entretanto, à medida em que o tempo vai passando, uma misteriosa força tenta provar que é impossível. Esta força que parece repulsiva, na verdade está a ensinar-te como realizar a tua Lenda Pessoal. Está a preparar o teu espírito e a tua vontade, porque existe uma grande verdade neste planeta: seja quem fores, quando queres com vontade alguma coisa, é porque esse desejo nasceu na alma do Universo. É tua missão na Terra.»

(O Alquimista)

Obrigada pela ajuda nesta (grande) missão. Esta dissertação é tão minha como vossa. Perdoem-me por não poder de deixar de agradecer em particular:

To AUC and Salima Ikram for the opportunity to experience Egypt first handed. Thank you for your patience with this humble apprentice and for the guidance. I also must mention the assistance of Peter Der Manuelian and Nicholas Picardo and the ARCE community. Their feedback has shaped this dissertation and provided me with stimulating ideas for my research.

Aos professores que cruzaram o meu caminho e que, direta ou indiretamente, cunharam esta dissertação: Ronaldo Gurgel Pereira, Joanna Popielska-Grzybowska, Isabel Almeida, Maria de Fátima Rosa, Maria de Lurdes Rosa.

A todos os meus colegas e amigos egiptólogos – Catarina Miranda, Guilherme Borges, Joana Pinto – e assíriologistas – Jaime Silva e Vera Gonçalves – pelos seus sábios conselhos teóricos e metodológicos. Um especial agradecimento à Inês Torres, que me orientou mais de perto, por ter partilhado comigo o gosto da abordagem sociológica, forçando-me a questionar-me como egiptóloga e refletir sobre as barreiras da disciplina

Aos amigos que me acompanharam neste percurso: Adriana Pinto, Alexandre Carvalhanas, Alexandre Moura, Afonso Santos, Afonso Estrela, André Maia, André Lopes, Beatriz Clemente, Beatriz Costa, Cátia Luís, Carolina Poupinha, Diogo Loureiro, Filipa Nunes, Frederico Sequeira, Joel Silva, Henrique Neves, Joana Dâmaso, Leonor Jacob, Marta Grilo, Mara Silva, Mariana Sardinha, Patrícia Marques, Pedro Sardinha, Tiago Bernardino, Raquel Evaristo, Rita Negrinho, Solange Gordo.

E, num lugar especial, agradeço à minha orientadora, a Professora Maria Helena Trindade Lopes, à minha família, principalmente ao Bolinhas, e à minha terapeuta Susana Monteiro.

**OS/AS DETENTORES/AS DAS «CABEÇAS DE RESERVA»:
RETRADOS DE EMANCIPAÇÃO NA HIERARQUIZAÇÃO DA ELITE DO IMPÉRIO
ANTIGO**

RAQUEL LAVRADOR NOVAIS

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Império Antigo; «Estado» Egípcio; Administração Central; Elite; «Cabeças de Reserva»

Esta dissertação apresenta uma nova proposta de contabilização, catalogação e interpretação das «Cabeças de Reserva», um conjunto escultórico funerário que data da IV à VI dinastias (c.2613-2181) provenientes das necrópoles de Giza, Dahshur, Abusir e Sakara.

Através da comparação analítica entre as fontes de estudo e as propostas de catalogação existentes, esta dissertação pretende realçar a inconsistência e incoerência dos métodos/critérios de identificação, registo, enumeração e catalogação das «Cabeças de Reserva». Consequentemente, por intermédio da produção de uma nova catalogação, este estudo procura rever e atualizar esta contagem propondo a introdução de um novo elemento de estudo – as orelhas das «Cabeças de Reserva». Mediante a nova contabilização esta dissertação pretende apresentar uma nova abordagem interpretativa das «Cabeças de Reserva» assente na pergunta: «Quem são os detentores das “Cabeça de Reserva”?».

A análise do contexto arqueológico das fontes, assim como a identificação da titulatura e histórico familiar dos detentores das «Cabeças de Reserva», permitiu enquadrar socioculturalmente estes objetos funerários. Esta análise demonstrou que estas cabeças são, individualmente, um retrato do percurso de emancipação do seu detentor, ou seja, de integração vertical na estrutura hierárquica da elite. Simultaneamente, considerando que os seus detentores são agentes políticos e sociais, as «Cabeças de Reserva» retratam a teoria, pensamento e mentalidade, bem como a prática e execução política e social por detrás do «estado» egípcio do Império Antigo. Nomeadamente a respeito das estratégias informais de exercício e manipulação de poder tais como o patronato, redes de contacto e influência, favoritismo, rivalidades e intrigas entre outros.

**THE OWNERS OF THE «RESERVE HEADS»:
PORTRAITS OF EMANCIPATION WITHIN OLD KINGDOM ELITE HIERARCHY**

RAQUEL LAVRADOR NOVAIS

ABSTRACT

KEYWORDS: Old Kingdom; Ancient Egyptian State; Central Administration; Elite; «Reserve Heads»

This dissertation presents a new proposal for the account, catalogue, and interpretation of the «Reserve Heads», a funerary sculpture *corpus* dating from the 4th to the 6th dynasty (c.2613-2181) from the necropolis of Giza, Dahshur, Abusir and Sakara.

Through the analytical comparison between the sources and the existing catalogues this dissertation aims to highlight the inconsistency and incoherence of the methods/criteria of identification, record and cataloguing of the «Reserve Heads». Consequently, through the production of a new catalogue, this study seeks to review and update the number of the 'Reserve Heads' by proposing the introduction of a new element of study: the ears. Bring on by this new count, this dissertation intends to present a new interpretative approach to the 'Reserve Heads' based on the question: «Who are the holders of the “Reserve Heads”?».

Therefore, the comprehensive analysis of its archaeological context, as well as the identification of the title and family history of the owners of the 'Reserve Heads' allowed the understanding of the sociocultural framing of these funerary objects. This analysis showed that these heads are, individually, a portrait of their holder's emancipation path, that is, of vertical integration in the elite hierarchical structure. At the same time, since their holders are political and social actors, the 'Reserve Heads' depict the social and political theory and practice the Egyptian state of the Old Kingdom as well as the informal strategies of exercise and manipulation of power such as patronage, networks of contact or influence, favoritism, rivalries, and intrigues, among others.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – ANÁLISE CRÍTICA DAS «CABEÇAS DE RESERVA»: NOVA PROPOSTA.....	33
1.1 Análise crítica do registo, contabilização e catalogação.....	33
1.1.1 O registo	33
1.1.2 A contabilização e catalogação	34
1.2 Nova proposta de contabilização e catalogação: as orelhas.....	36
1.2.1 Características formais e tipológicas.....	39
1.2.2 Contexto cronológico	42
1.2.3 Distribuição geográfica e contexto arqueológico	44
a) O cemitério G 1200.....	49
b) O cemitério G 2100	49
c) O cemitério G 4000.....	51
d) O cemitério En Échelon.....	57
e) O cemitério Oriental G 7000.....	59
CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO SOCIAL, POLÍTICO E CULTURAL DAS «CABEÇAS DE RESERVA»	62
2.1 O termo «Império Antigo»	62
2.2 O funcionalismo do Império Antigo	62
2.2.1 A administração central	62
a) A «outer court»	64
i. Títulos relacionados com a administração do tesouro e do celeiro	65
ii. Títulos de escriba.....	65
iii. Títulos relacionados com a organização de trabalhos	66
iv. Títulos legais.....	67
v. Títulos religiosos.....	68
b) A «inner court»	69

i. Títulos reais.....	70
ii. Títulos da instituição real.....	72
iii. Epítetos/Títulos honoríficos	73
2.2.2 O sistema provincial	75
2.3 Da ascensão à «queda» do Império Antigo.....	75
CAPÍTULO III – OS/AS DETENTORES/AS DAS «CABEÇAS DE RESERVA»	79
3.1 Obstáculos à identificação	79
3.2 Os/As detentores/as das «Cabeças de Reserva»	82
3.2.1 Nefer (<i>nfr</i>).....	83
3.2.2 Senenuka Keki (<i>snnwkʹ kki</i>)	87
3.2.3 Seshmnefer (<i>sSmnfr [I]</i>)	89
3.2.4 Kahotep (<i>kʹ-Htp</i>).....	92
3.2.5 Snefruseneb (<i>snfrwsnb</i>).....	95
3.2.6 Sethu (<i>stw</i>)	96
3.2.7 Kanefer (<i>kʹ-nfr</i>).....	97
3.2.8 Meryhetepef (<i>mr[i]Htpf</i>).....	99
3.2.9 Meretites (<i>mrtits</i>), Labtet (<i>i3btt</i>), Wenshet (<i>wnSt</i>).....	99
3.3 A «Cabeça de Reserva» como um retrato social	103
CONCLUSÃO.....	107
LISTA DE ABREVIATURAS.....	113
LISTA DE FIGURAS	114
LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS	116
BIBLIOGRAFIA.....	117
WEBGRAFIA.....	146
ANEXOS	149
1. Cronologia	103
2. Catálogo das «Cabeças de Reserva» e orelhas	151

INTRODUÇÃO

«Of all categories of ancient Egyptian sculpture that of the so-called reserve heads, one must say, has always constituted one of the most puzzling.»
(Millet, 1999, p. 233)

Introduzir as «Cabeças de Reserva» implica, primeiramente, apresentá-las como fontes de estudo, assim como o estado da arte/da questão que lhe é inerente, e, seguidamente, estabelecer as questões de investigação e respetivas metodologias da dissertação.

1. Apresentação das fontes e Estado da Arte/da questão

As «Cabeças de Reserva/Substituição/Sobresselentes»¹ («Reserve Head», «Ersatzköpfe») (Borchardt, 1907, p. 133; D'Auria et al., 1988, p. 82; Junker, 1929a), ou «Portrait Heads» (Simpson, 1949) são um conjunto escultórico de cerca de trinta e cinco cabeças² que, segundo a tradição egiptológica, datam da IV à VI dinastia³ e que foram descobertas nas necrópoles de Giza, Dahshur, Abusir e Sakara⁴ nos séculos XIX e XX por um conjunto de egiptólogos americanos, germano-austriacos, italianos e egípcios.

1.1 A descoberta: os relatórios arqueológicos

As descobertas das «Cabeças de Reserva», e respetivos contextos arqueológicos, foram descritas nos relatórios arqueológicos, e subsequentes obras de compilação, das missões realizadas nestas necrópoles⁵. Por contexto arqueológico entenda-se por um lado a

¹ Embora não concorde com as conotações associadas ao termo (que serão discutidas adiante na dissertação) optei por designar este conjunto escultórico segundo o termo «Cabeças de Reserva» reconhecendo o uso corrente do mesmo junto da comunidade científica. Deste modo o uso deste termo facilita a interligação desta dissertação com os estudos deste tema.

² As «Cabeças de Reserva» serão referenciadas ao longo da dissertação segundo os números do catálogo em anexo. No entanto, de modo a facilitar o cruzamento de dados entre os vários estudos sobre o tema, recomenda-se a consulta dos números de referência identificados no catálogo.

³ O termo Império Antigo (c. 2700-2200 a. C.) é utilizado para delimitar cronologicamente o período que compreende quatro dinastias faraónicas, da III à VI dinastia (ver cronologia em anexo), situando-se entre o período Dinástico Inicial e o Primeiro Período Intermediário (Baud, 2010, p. 63; Málek, 2000, p. 83). Recomendo a consulta da cronologia em anexo.

⁴ Utilizou-se a nomenclatura inglesa para facilitar a comparação entre este estudo e os restantes estudos do tema.

⁵ Serão indicadas apenas o autor/es, título e data da obra onde são mencionadas as descobertas das «Cabeças de Reserva». Para evitar a sobrecarga do corpo de texto as páginas onde são referidas as descobertas de cada exemplar estão indicados nas entradas correspondentes do catálogo em anexo.

proveniência das «Cabeças de Reserva», ou seja, a necrópole e cemitério onde foram encontradas, e por outro a localização no interior da mastaba.

Em 1894, durante uma missão arqueológica em Dahshur (Fig.1), foi descoberto na mastaba n.º 5 por Jacques de Morgan – engenheiro civil, geólogo e arqueólogo que era na época Diretor de Antiguidades do Quedivato do Egito – o primeiro exemplar de «Cabeça de Reserva» publicado, a cabeça n.º 25 (Dawson, 2019). Esta descoberta está descrita no relatório de escavação *Fouilles à Dahchour, Mars-Juin 1894* (De Morgan, 1895, p. 9).

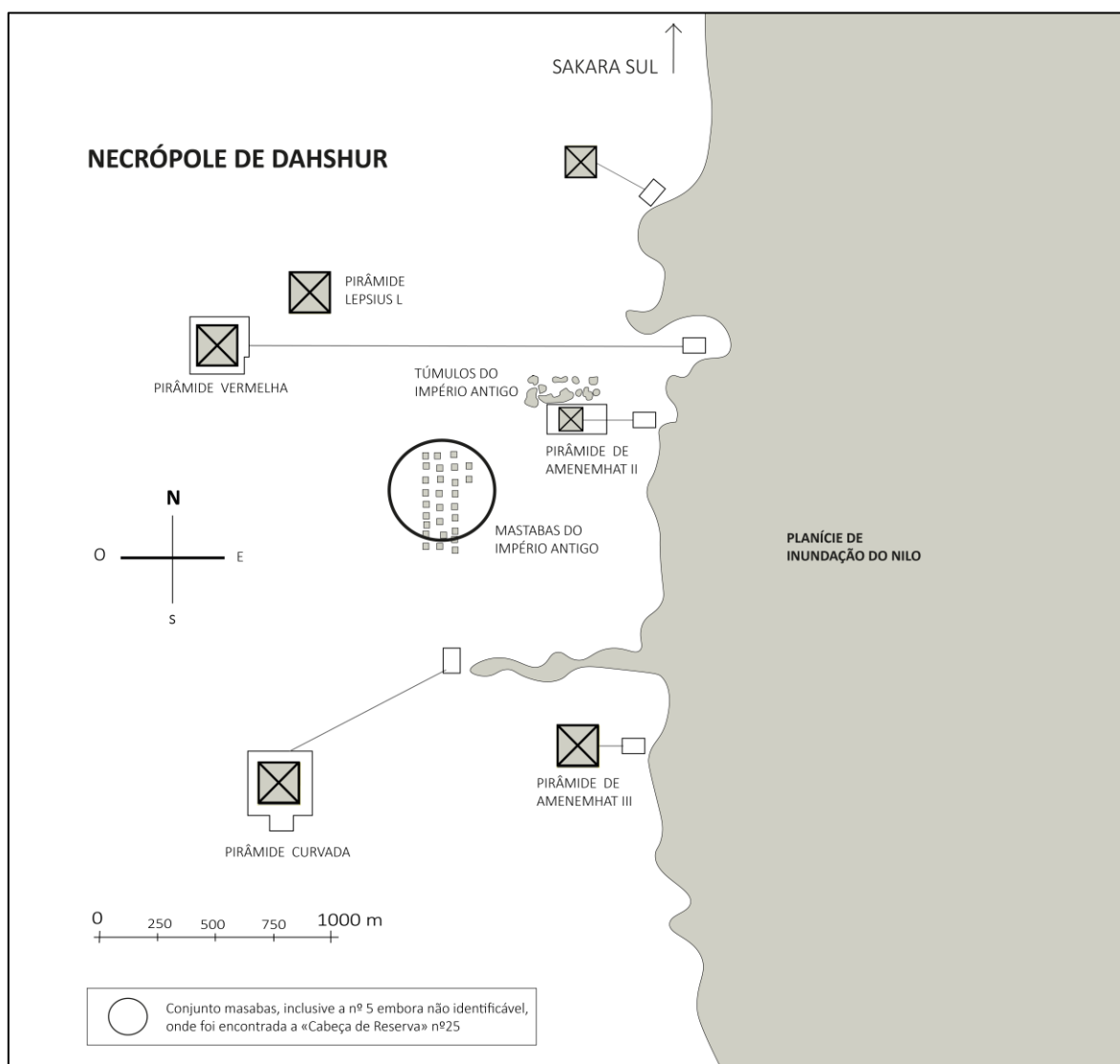


Fig. 1 - Mapa da Necrópole de Dahshur. Elaborado de acordo com o mapa de De Morgan (1895, p.8). Especificação dos dados: «Cabeça de Reserva» de Dahshur (n.º 25) encontrada na mastaba n.º 5 do conjunto de mastabas do Império Antigo. Apesar de na obra de De Morgan existir um mapa das mastabas do Império Antigo em Dahshur (De Morgan, 1895, p. 8, fig.2) é impossível contextualizar e identificar corretamente a localização da mastaba n.º 5 (De Morgan, 1895, p. 9, fig. 6 e 7)

Paralelamente, em Giza (Fig.2) procedia-se a uma abordagem sistemática e sustentada de limpeza, registo e publicação por parte de especialistas. Foi neste contexto que foram descobertos vários exemplares de «Cabeças de Reserva»⁶ por George Reisner, Ernesto Schiaparelli, Tewfik Boulos, George Steindorff e Selim Hassan.

George Reisner liderou a maior e mais antiga missão arqueológica na necrópole de Giza ao serviço de expedições americanas. Estas localizavam-se no Cemitério Ocidental e no Cemitério Oriental (cemitérios G 1200, G 2100, G 4000, G 6000 e En Échelon). Esteve inicialmente ao serviço da Expedição Hearst (1902 - 1905) na faixa norte do cemitério Ocidental. Paralelamente, a missão italiana (1903-1904) orientada por Ernesto Schiaparelli dedicava-se à escavação da faixa sul do Cemitério Ocidental, especificamente a ambos os lados da Pirâmide de Khufu. A partir de 1905, perante a necessidade de alocar Schiaparelli a outros arqueossítios, Reisner assumiu a concessão italiana ao serviço da Expedição Harvard-Boston do Museu de Belas Artes da Universidade de Harvard (1905-1942). A partir deste momento ficou a cargo não só da faixa norte do Cemitério Ocidental mas também da faixa sul (Manuelian, 2003, p. 114).

Na obra *A History of the Giza Necropolis* (1942) Reisner publica o resultado das suas longas e frutíferas escavações em Giza. Nomeadamente a descoberta de vários exemplares de «Cabeças de Reserva» em 1903-1904 (n.º 1 e 2), 1912 (n.º 3 e 4), 1913 (n.º 5, 6, 7, 18, 19, 21), entre 1913 e 1914 (n.º 8 e 30), 1927 (n.º 22), 1935 (n.º 9) e em 1936 (n.º 23 e 24) juntamente com Ernesto Schiaparelli (n.º 18). Mais tarde, na sua obra *A History of Egyptian Sculpture and Painting in the Old Kingdom* (1949) William Stevenson Smith relata a descoberta em 1923 de uma «Cabeça de Reserva» (n.º 11) por Tewfik Boulos.

George Steindorff afiliado à Universidade de Leipzig liderou a expedição alemã Pelizaeus (1903-1907) na necrópole de Giza. Esta localizava-se na porção oeste da faixa central do Cemitério Ocidental, reconhecida como o «Cemitério Steindorf» (Flentye, 2018, p. 7). Os manuscritos que descreviam estas escavações estiveram perdidos até 1991, ano em que Alfred Grimm os recupera e publica em *Die Mastabas westlich der Cheopspyramide: nach den Ergebnissen der in Jahren 1903-1907 im Auftrag der Universität Leipzig und des*

⁶ A respeito de alguns exemplares provenientes o arqueólogo e expedição responsável pela sua descoberta são indeterminados: n.º 29 e n.º 16. Ao contrário do que foi feito para as restantes necrópoles, a respeito de Giza não serão mencionadas as mastabas (e localização no seu interior) em que foram encontrados os exemplares porque este tema é estudado em detalhe no Capítulo I.

Hildesheimer Pelizaeus-Museums unternommenen Grabungen in Giza (Steindorff & Hölscher, 1991). Esta obra é dividida em dois volumes - *Teil 1: Text* e *Teil 2: Tafeln* – sendo descrita no primeiro volume a descoberta, em 1905, de uma «Cabeça de Reserva» (n.º 12).

Em 1912, aquando da realocação das escavações de Georg Steindorff para a antiga Núbia (Sudão moderno), Hermann Junker, afiliado à Universidade de Viena, assume a sua concessão dirigindo-a até 1929 (considere-se o interregno de 1915-1925 devido à Iª guerra mundial) (Flentye, 2018, p. 7).

Junker publicou doze volumes de relatórios das escavações germano-austriacas na necrópole de Giza. Entre eles destacam-se os três relatórios que descrevem os resultados das escavações entre 1912 e 1914, que levaram à descoberta de vários exemplares de «Cabeças de Reserva». Em *Vorbericht über die zweite Grabung bei den Pyramiden von Gizeh vom 16. Dezember 1912 bis 24. März 1913* (1913) Junker relata a descoberta de um exemplar nesse mesmo ano (n.º 26). Nos relatórios *Vorläufiger Bericht über die dritte Grabung bei den Pyramiden von Gizeh vom 3. Januar bis 23. April 1914* (1914) e *The Austrian Excavations* (1914) Junker descreve a descoberta nesse ano de outros quatro exemplares (n.º 10, 13, 14, 20). Mais tarde, na sua obra *Gîza 1. Die Mastabas der IV. Dynastie auf dem Westfriedhof* (1929), Junker compila as informações destas escavações e menciona alguns exemplares que, embora descobertos em 1914, não são mencionados nos relatórios (n.º 28, 33, 34).

Selim Hassan escavou durante sete temporadas entre 1928 e 1936 sob os auspícios da Universidade do Cairo na necrópole de Giza. A sua expedição localizava-se no campo central, no sul da via processional de Khafra e da sua pirâmide, e na pedreira (Flentye, 2018, p. 7). Na temporada 1936-1937 a expedição foi transferida para o Departamento de Antiguidades permitindo-lhe iniciar as escavações na zona em torno da Esfinge. Na sua obra *Excavations at Gîza 7: 1935-1936. The Mastabas of the Seventh Season and their Description* (1953) Hassan compila os resultados destas escavações e descreve a descoberta, em 1936, de uma «Cabeça de Reserva» (n.º 31).

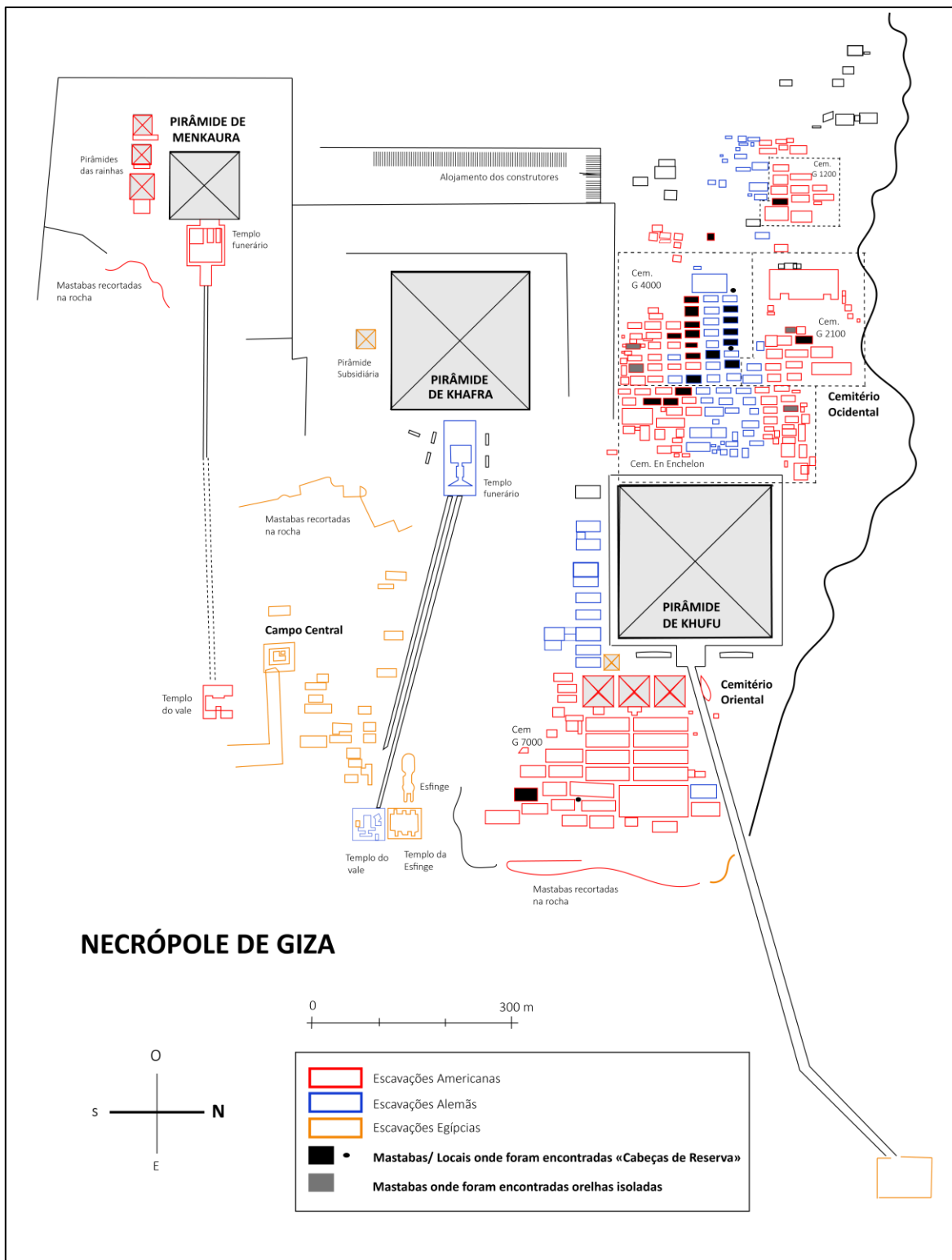


Fig. 2 - Mapa da necrópole de Giza. Elaborado de acordo com o mapa de Der Manuelian (2003, p. 113). Especificação dos dados: foram encontradas «Cabeças de Reserva» n.º 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34. E as orelhas da cabeça n.º 33 e a n.º 36, 37, 38, 39, 40, 41.

Em Abusir (Fig.3) foi descoberta uma «Cabeça de Reserva» por Ludwig Borchardt – engenheiro civil, geólogo e arqueólogo. Borchardt foi o responsável por escavar, entre 1902 e 1908, o complexo mortuário da Pirâmide de Sahura e o complexo piramidal de Nyuserra ao Serviço da Sociedade Oriental Alemã (Ricke, 1955, pp. 455–456). Na obra *Das Grabdenkmal des Königs Ne-User-Re* (1907) Borchardt relata a descoberta, durante a expedição de 1902-1904, no complexo piramidal de Nyuserra na câmara da «mastaba das princesas» (das filhas/os de Ptahshepses), de uma «Cabeça de Reserva» (n.º 15) pertencente ao sacerdote leitor Kahotep (Borchardt, 1907, p. 133).

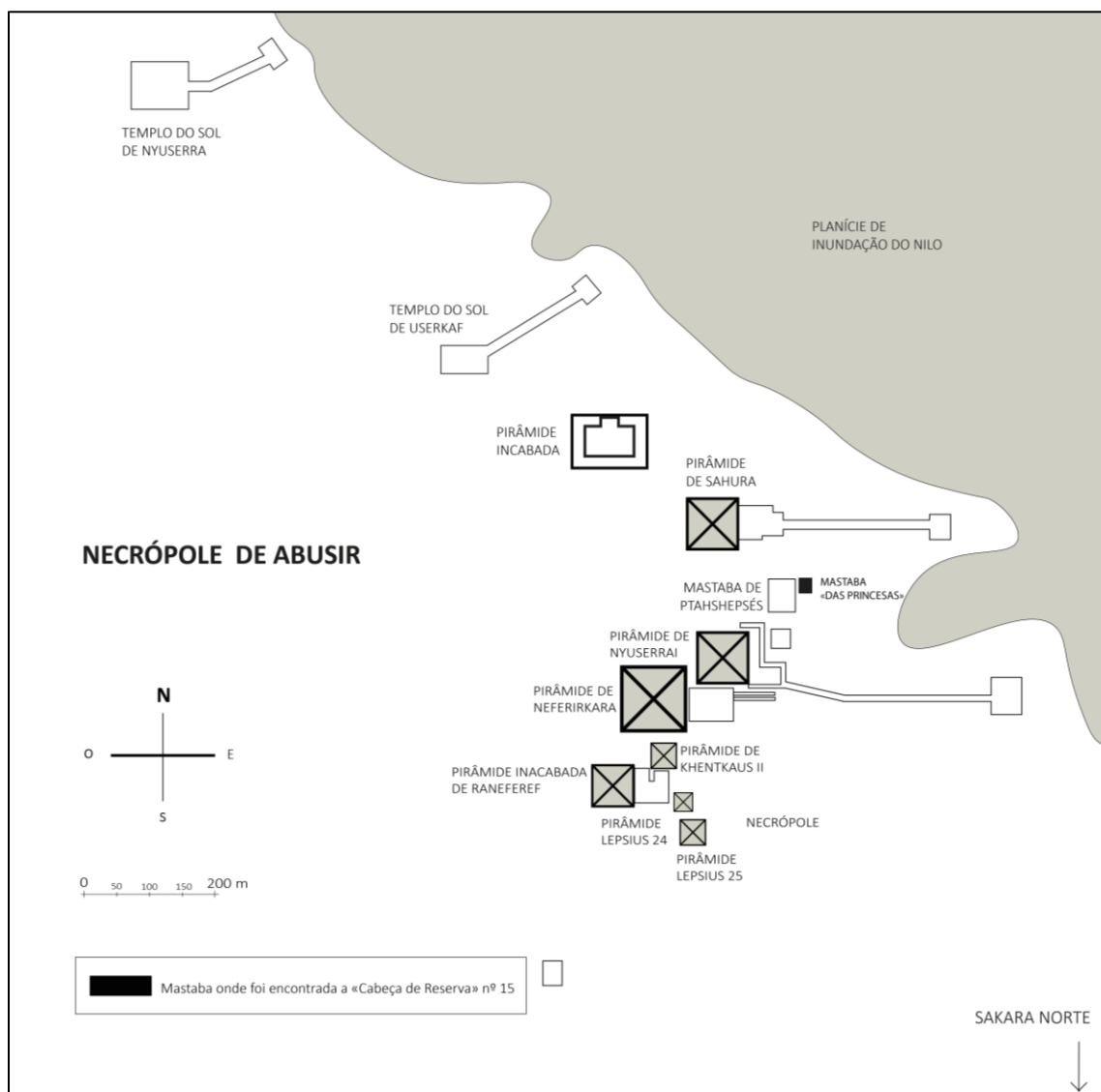


Fig. 3 - Mapa da Necrópole de Abusir. Elaborado de acordo com o mapa de Verner (2002, p. 42). Especificação dos dados: «Cabeça de Reserva» de Abusir (n.º 15) descoberta na «mastaba das princesas».

Em Sakara (Fig.4), perto do templo da pirâmide de Djedkara no poço n.º 5, foi descoberta, durante uma expedição entre 1959 e 1961, uma «Cabeça de Reserva» (sem número – n.º 35) por Ahmed Fakhry – diretor de Pesquisas da Pirâmide entre 1950 e 1955 (Dawson, 2019; Verner, 2001, p. 234). A descoberta deste exemplar é relatada por Fakhry (1959) em *The monuments of Sneferu at Dahshur. Vol.I - The Bent Pyramid (1959-1961)*.

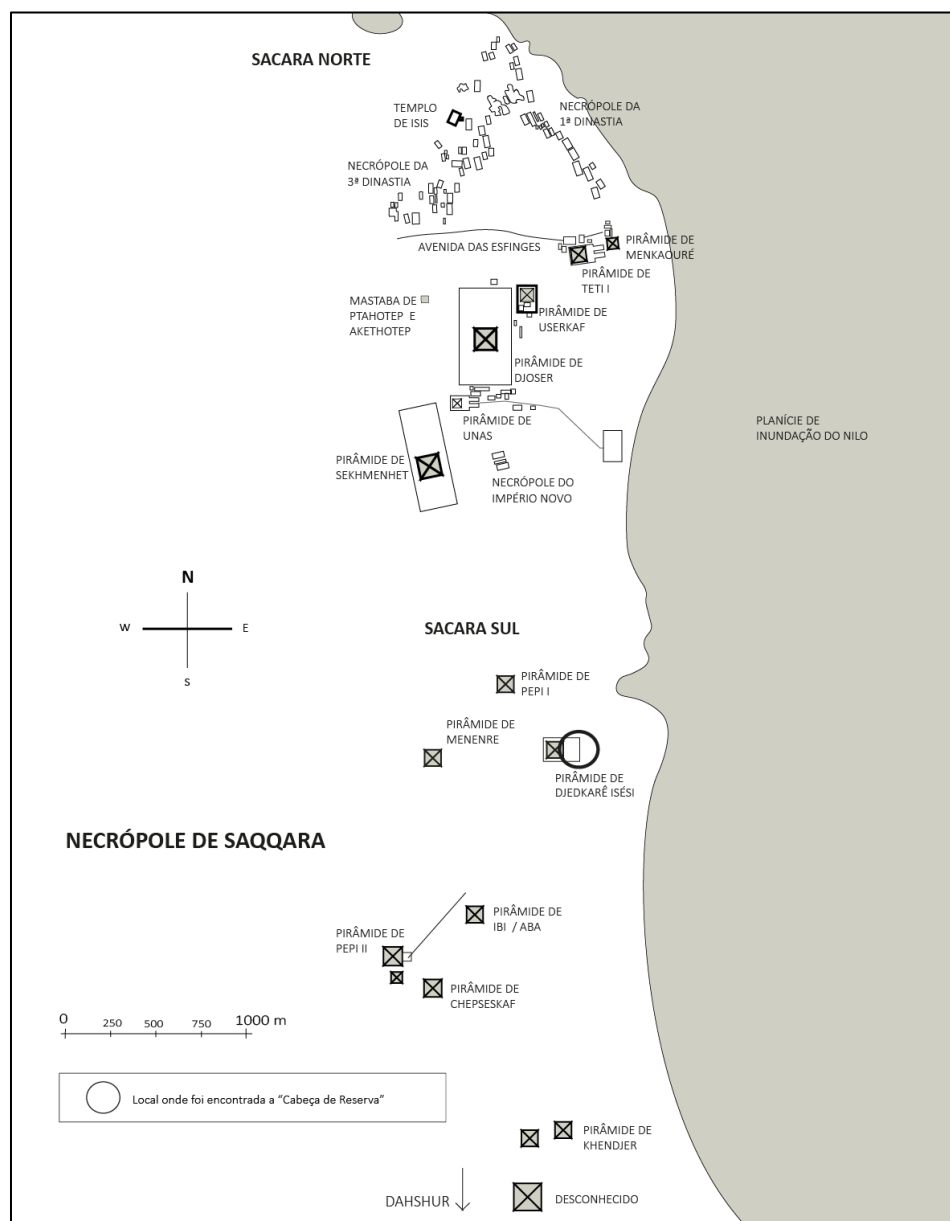


Fig. 4 - Mapa da Necrópole de Sakara. Elaborado de acordo com o mapa de Roth (Roth, 1988). Especificação dos dados: «Cabeça de Reserva» de Sakara (n.º 35) encontrada perto do templo da pirâmide de Djedkara Isesi.

1.2 A catalogação: as obras de referência

1.2.1 Contabilização

As obras acima descritas serviram de referência para as subseqüentes obras de catalogação e interpretação do *corpus* escultórico.

Salvo os contributos de inúmeros especialistas, tais como Bertha Porter e Rosalind L.B. Moss (Porter et al., 1974, 1979)⁷ entre outros, podemos destacar as duas catalogações mais completas das «Cabeças de Reserva» escultório que determinaram a contabilização de trinta e cinco exemplares.

William Smith foi o primeiro especialista a proceder a uma catalogação das «Cabeças de Reserva» após a descoberta dos primeiros exemplares. Na sua obra *A History of Egyptian Sculpture and Painting in the Old Kingdom* (1949) afirmou que este *corpus* escultório era composto por trinta e um exemplares, quer inteiros como fragmentados (n.º 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34).

No capítulo dedicado à escultura da IV dinastia Smith procedeu, num primeiro momento, a uma análise detalhada do *corpus* escultórico e, num segundo momento, apresentou um catálogo sintético. Neste catálogo cingiu-se à identificação dos arqueólogos e escavações responsáveis pela descoberta das «Cabeças de Reserva», bem como à indicação das necrópoles e mastabas onde foram encontradas. Todavia, mesmo perante as restrições das fontes, em alguns casos Smith conseguiu reunir informações suplementares relevantes, nomeadamente a respeito da localização no interior da mastaba, informações plásticas dos mesmos e propostas de datação, entre outras.

Mais tarde, Roland Tefnin, no seu estudo *Art et Magie au temps des Pyramides L'énigme des têtes dites "de remplacement"* (1991), estendeu este *corpus* para trinta e quatro exemplares. No catálogo incluiu três «Cabeças de Reserva» que não tinham sido contabilizadas anteriormente (n.º 16, 32, 35). Tefnin não só atualizou o número de «Cabeças de Reserva» como inclusive introduziu um novo dado de análise: orelhas⁸. Uma das

⁷ Esta obra não possui um catálogo sistemático das «Cabeças de Reserva». Apenas enumera os exemplares juntamente com outros textos, relevos e pinturas do Império Antigo. No entanto, o seu contributo foi indispensável para a primeira datação dos exemplares. Só regista vinte e nove exemplares não mencionando as «Cabeças de Reserva» n.º 16, 17, 28, 33, 34 e as orelhas desarticuladas das cabeças.

⁸ Ressalve-se que Smith já tinha atentado a presença de uma orelha (n.º 33) que Tefnin afirma tratar-se de uma cabeça ao invés de uma orelha.

principais características das «Cabeças de Reserva» é a mutilação total ou parcial das suas orelhas, que foram encontradas desarticuladas junto a elas ou isoladas. Tefnin catalogou três orelhas desarticuladas relacionadas com duas «Cabeças de Reserva» já identificadas: duas orelhas da cabeça n.º 28; e uma orelha pertencente à cabeça n.º 13. O autor catalogou ainda três orelhas que foram encontradas isoladas (n.º 37, o conjunto n.º 36 e a orelha n.º 29 do catálogo de Tefnin). No entanto, a entrada n.º 29 do catálogo de Tefnin trata-se de um lapso, uma vez que não diz respeito a uma orelha isolada, mas à duplicação da orelha n.º 37.

Visto que a sua obra se dedicou inteiramente ao estudo «Cabeças de Reserva», Tefnin pode adereçar mais informações do que as referidas por Smith e é por isso considerada «the most comprehensive study of the subject» (Nuzzolo, 2011, p. 200).

O autor contextualizou num primeiro momento as «Cabeças de Reserva» dentro do universo da escultura egípcia do Império Antigo (Cap. I e II). Seguidamente Tefnin apresentou as características tipológicas dos exemplares, nomeadamente o tratamento escultórico do cabelo e das orelhas, as mutilações no pescoço e na cabeça entre outras (Cap. III). Num terceiro momento Tefnin contextualizou arqueologicamente e cronologicamente as «Cabeças de Reserva» (Cap. IV) e expôs posteriormente várias teorias de interpretação das mesmas (Cap. V). Por fim, de modo a facilitar a consulta destas informações, Tefnin sintetizou-as num catálogo com trinta e oito entradas⁹. Identificou sistematicamente para cada um dos exemplares a sua proveniência (escavação e arqueólogo responsável pela descoberta; necrópole e cemitério onde foi encontrado), localização (mastaba e zona específica da estrutura onde foi encontrado), proprietário, informações plásticas (material, estado de conservação das orelhas, pescoço e nuca), datação e bibliografia referente. Tefnin inclui ainda um *Index des Mastabas* (excluindo as orelhas) com trinta e seis entradas onde optou apenas por identificar, por necrópole, as mastabas onde os exemplares foram encontrados, os seus números de referência e a sua localização atual (museus ou coleções particulares).

Atualmente são considerados trinta e cinco exemplares, incluindo o exemplar n.º 17 (Roehrig, 1999, p. 79). No entanto, a contabilização das «Cabeças de Reserva» continua a ser problemática porque alguns exemplares conjugam vários fatores duvidosos, nomeadamente diferenças nos formatos e tamanhos, diferenças no tratamento escultório e

⁹ O catálogo tem trinta e oito entradas porque inclui as orelhas isoladas encontradas.

uma proveniência duvidosa. Isto leva a que os especialistas questionem a autenticidade das peças.

1.2.2 Contexto cronológico¹⁰

Relativamente à datação das «Cabeças de Reserva» os egiptólogos dividem-se entre duas posições. Em geral, a tradição egiptológica considera que, apesar de nenhuma das cabeças ter encontrada *in situ*, ou seja, no seu contexto original/primário, estas cabeças pertencem às mastabas onde foram encontradas. Consequentemente é-lhes atribuída essa datação.

Neste sentido considera-se que as «Cabeças de Reserva» datam sobretudo da IV dinastia, essencialmente dos reinados de Khufu e de Khafra. O exemplar de Dahshur (n.º 25) é considerado o mais antigo, caso se confirme que a mastaba onde foi encontrado é do reinado de Sneferu (Mendoza, 2017, p. 3). E existem também exemplares da V e VI dinastias, como por exemplo o exemplar de Abusir (n.º 15) e o exemplar de Sakara (n.º 35) que datam, possivelmente, da V e VI dinastias, respetivamente (Mendoza, 2017, p. 2).

A relação entre o grande conjunto de «Cabeças de Reserva» de Giza e as cabeças isoladas de Dahshur (n.º 25), Abusir (n.º 15) e Sakara (n.º 35) suscita dúvidas entre os egiptólogos.

Bolshakov considera que, uma vez que as cabeças de Dahshur (n.º 25) e Sakara (n.º 35) foram encontradas perto dos túmulos saqueados da V e VI dinastias, estas podiam ser originalmente de mastabas da IV dinastia, também assaltadas. Consequentemente estas teriam sido reutilizadas para as mastabas de Dahshur e Sakara (Bolshakov, 1995, p. 21). No entanto, nenhuma cabeça foi efetivamente encontrada *in situ*, pelo que, tal como Nuzzolo defende, esta afirmação não pode ser limitada a apenas estes exemplares (Nuzzolo, 2011, p. 203).

A respeito da cabeça de Dahshur (n.º 25), Nuzzolo e Roehrig afirmam que, devido à sua aparência com as de Giza (n.º 1 e 4), pode ser considerada a primeira de uma longa série de «Cabeças de Reserva» que tiveram Giza como o seu centro artístico e de culto (Nuzzolo, 2011, p. 203; Roehrig, 1999, p. 80). Esta teoria sustenta-se nos estudos de Stadelmann, que já tinha apontado a existência de um estilo artístico completamente novo a desenvolver-se

¹⁰ A identificação das dinastias, e reinados, referentes a cada exemplar é muito controversa pelo que não se considerou construtivo identificar no corpo de texto as diversas teorias apresentadas pelos autores. Recomenda-se a consulta do catálogo onde estão explicitadas as várias teorias.

durante os últimos anos do reinado de Sneferu. Estilo que o autor considera ter continuado no reinado de Khufu antes de se modificar no de Khafra (Stadelmann, 1995, pp.155–166). Na mesma linha de pensamento, a respeito da cabeça de Abusir (n.º 15), Nuzzolo afirma que se trata de um renascimento isolado da tradição ideológica da IV dinastia, especialmente do reinado de Khufu associado ao forte aspeto solar do reinado de Nyuserra (Nuzzolo, 2011, p. 203).

Por sua vez, a cabeça de Sakara (n.º 35) levanta grandes dúvidas a Nuzzolo e Roehrig devido à diferença de tamanho e ao seu contexto arqueológico confuso (Nuzzolo, 2011, p. 203; Roehrig, 1999, p. 80).

Defendo a teoria de Nuzzolo e Roehrig que consideram que as «Cabeças de Reserva» se tratam, sobretudo, de um fenómeno circunscrito no espaço, em Giza, e no tempo, durante a IV dinastia, que se desenvolveu anteriormente, como demonstra a cabeça de Dahshur (n.º 25).

1.2.3 Contexto Arqueológico

Nenhuma das «Cabeças de Reserva» foi encontrada na sua localização original (Mendoza, 2017, p. 6). Maioritariamente as «Cabeças de Reserva» foram encontradas em contextos funerários secundários perturbados (Hassan, 1936, p. 639). Foram descobertas em mastabas pertencentes a funcionários e membros da família real (ou nos arruamentos entre estas) que sofreram inundações ou foram saqueadas (salvo a cabeça n.º 31 que foi encontrada numa mastaba que não foi saqueada). Significa isto que é impossível determinar se as cabeças foram colocadas durante o enterro original ou se foram enterradas por estes (Dunham, 1958, p. 44).

Junker avançou com a teoria de que as cabeças teriam sido originalmente colocadas num nicho nas lajes de pedra que selavam as entradas na câmara funerária, local onde muitas das «Cabeças de Reserva» foram encontradas. Segundo Junker os orifícios redondos nestas lajes serviam para as cabeças «olharem» para fora como se se tratasse de um verdadeiro *serdab*. (Junker, 1929a, pp. 57-61). Nuzzolo desconsidera esta teoria afirmando que os orifícios tinham apenas o propósito de baixar as lajes aquando da selagem da câmara funerária e defende a teoria de Reisner (Nuzzolo, 2011, p. 204). Segundo Reisner a cabeça n.º 31, que foi encontrada numa mastaba que não foi saqueada, sugere que a localização original das

mesmas seria no meio da câmara funerária, não muito longe do sarcófago (D'Auria et al., 1988, p. 82). Não me vinculo a nenhuma destas teorias porque considero que carecem de evidências sólidas para as quais não consigo contribuir com esta dissertação.

Em suma, à parte das teorias divergentes sobre o local originário das «Cabeças de Reserva», todos os especialistas concordam que, perante o seu contexto arqueológico, estas esculturas se tratam de uma prática de enterramento e que, no conjunto das estátuas funerárias do Império Antigo, se distinguem por terem sido sempre encontradas na subestrutura das mastabas (Aldred, 1949, p.30; Dunham, 1958, p.44; Reisner, 1942a, p.65; Roehrig, 1999, p. 74; Scharff, 1940, p.46; Smith, 1949, p.23).

1.2.4 Características formais e tipológicas

a) Forma, dimensão e materiais

As «Cabeças de Reserva» são esculpidas em calcário branco (n.º 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35), argila (n.º 14, 30), ou gesso (n.º 11¹¹) (Kelley, 1974, p. 7). Em determinados casos têm um revestimento em gesso para executar detalhes e para esconder os defeitos da modelação da pedra (n.º 1¹², 6¹³, 8¹⁴, 10¹⁵, 31¹⁶, 13) e/ou um revestimento colorido, nomeadamente a preto, vermelho e amarelo (n.º 1¹⁷, 6¹⁸, 7¹⁹, 20²⁰, 21²¹).

A questão da coloração das cabeças ainda está envolta em grande debate. Pequenos traços de tinta são visíveis em pelo menos cinco exemplares (n.º 1, 5, 7, 20, 21) estudados por Knudsen (Knudsen, 1987, 1988). No entanto, quer Tefnin quer Roehrig colocam muitas dúvidas acerca de um tratamento colorido extensivo das cabeças, uma vez que estes vestígios

¹¹ Esta informação, dada pelo Grand Egyptian Museum, vem contradizer os dados do Egyptian Museum que indicam que este exemplar é feito de calcário.

¹² Vestígios de gesso nas asas do nariz e à direita da boca.

¹³ Vestígios de gesso nas orelhas.

¹⁴ Vestígios de gesso na bochecha esquerda, entre o olho, a narina e o lábio superior e ainda na orelha esquerda.

¹⁵ O olho direito tem uma cavidade que, possivelmente, originalmente era preenchida com gesso.

¹⁶ Vestígios de gesso na têmpora esquerda e no lado direito do crânio.

¹⁷ Revestimento com cor preta e amarela (Knudsen, 1987, 1988).

¹⁸ Vestígios de cor vermelha na orelha.

¹⁹ Vestígios de cor vermelha nas sobrancelhas e no nariz.

²⁰ Vestígios de cor preta utilizada para delinear os olhos e preencher a retina.

²¹ Vestígios de cor vermelha no rosto e cabelo.

não se situam nos locais em que seria expectável serem encontrados (ao redor dos olhos, nas narinas e nos cantos da boca) (Roehrig, 1999, p. 237; Tefnin, 2001, p. 145).

Segundo Junge e Roehrig, e outros autores que seguem as suas teorias, as particularidades plásticas do tratamento escultórico das «Cabeças de Reserva», que lhes conferem este tipo de individualização, desviam-se dos princípios da arte egípcia (Junge, 1995, pp. 103-109; Roehrig, 1999, pp. 73-75).

Estas esculturas têm praticamente o tamanho real de uma cabeça humana, com cerca de vinte a trinta centímetros²². Representam intencionalmente apenas a cabeça e o pescoço de um indivíduo (Dunham, 1958, p. 44), ou seja, não são fragmentos de uma estátua. Segundo Mendoza, esta característica é algo bastante incomum na estatuária egípcia onde, por norma, o indivíduo é representado na sua totalidade por motivos mágico-religiosos. Apenas alguns exemplares apresentam um pescoço particularmente longo (n.º 4 e 12) que termina no início dos ombros, ao contrário das outras esculturas em que o pescoço termina de forma paralela (Mendoza, 2017, p. 4).

No entanto, verifica-se a existência de bustos egípcios, muito provavelmente inseridos em contextos arquitetónicos, como o busto de Ankhaf²³, e estatuária tumular, como a presente no túmulo de Idu²⁴ e o no de Meresankh²⁵, ambos em Giza, que representam tal como as «Cabeças de Reserva» apenas parte do corpo. Neste sentido, considero que, embora as cabeças sejam um tipo de objeto funerário específico do Império Antigo, não podemos considerar esta característica das fontes uma particularidade incomum dentro do quadro da arte egípcia.

²² N.º de referência do catálogo ([comprimento] x [altura] x [espessura]): n.º 1 (16,5 [L] x 26 [W] x 26 [H] cm); n.º 2 (27,14 [H] cm); n.º 3 (17,4 [W] x 27,3[H] cm; 25 [Ø] cm); n.º 4 (26 [H] cm); n.º 5(30,5[H] cm); n.º 6 (26[L] x 21[W] x 30[H] cm); n.º 7 (19[L] x 13[W] x 23,5[H] cm); n.º 8 (17[W] x 27,4[H] cm); n.º 9 (13,3[W] x 22[H] cm; 18,3[Ø] cm); n.º 10 (24,5[L] x 17,3[W] x 27,7[H] cm; 17kg); n.º 11 (23,3[L] x 16,1[W] x 28,7[H] cm); n.º 12 (28[H] cm); n.º 13(24,2[L] x 14,2[W] x 27,7[H] cm); n.º 14 (23[H] cm); n.º 15 (32[L] x 18[W] x 30[H] cm; 5 kg); n.º 16 (26,5[H] cm); n.º 17 (14,2[L] x 10,5[W] x 23,3[H] cm); n.º 18 (25[H] cm); n.º 19 (19,5[H] cm); n.º 20 (27[H] cm); n.º 21 (19,5[H] cm); n.º 22 (20,5[L] x 17,5[W] x 29,5[H] cm); n.º 23 (15,3[W] x 27,7[H] cm; 24[Ø] cm); n.º 24 (16[W] x 27[H] cm; 21[Ø] cm); n.º 25 (24,7[L] x 18[W] x 28,6[H] cm); n.º 26 (20,4[L] x 16,7[W] x 25,1[H] cm); n.º 35 (19,5[H] cm). Relativamente às cabeças n.º 28, 29, 30, 31,32, 33 e 34 a sua dimensão é indeterminada.

²³ In [Bust of Prince Ankhaf – Works – Museum of Fine Arts, Boston \(mfa.org\)](https://www.museumoffinearts.org/collections/bust-of-prince-ankhaf) [consultado em 08-08-2021].

²⁴ In [Digital Giza | G 7102 \(harvard.edu\)](https://digitalgiza.harvard.edu/g7102) [consultado em 08-08-2021].

²⁵ In [Digital Giza | G 7530-7540 \(harvard.edu\)](https://digitalgiza.harvard.edu/g7530-7540) [consultado em 08-08-2021].

b) Tratamento escultórico - olhos, sobrancelhas, nariz, boca e cabelo

Ao invés da estandardizada representação egípcia das características fisionómicas do indivíduo, denota-se uma variação intencional no tratamento escultórico dos olhos, sobrancelhas, nariz, boca e cabelo. Esta variação foi analisada por vários autores como Junge, Millet, Smith e mais exaustivamente por Tefnin (Junge, 1995, pp. 103-109; Millet, 1999, pp. 233-234; Smith, 1949, pp. 25-28; Tefnin, 1991, pp. 19-39).

Relativamente aos olhos, algumas «Cabeças de Reserva» apresentam marcas de correção do desenho dos olhos (N.º 8, 16) indiciando que estes não eram estandardizados e que havia uma preocupação com a individualização dos mesmos. Destaque-se que os olhos de algumas «Cabeças de Reserva» exibem uma incisão enfática na área entre a borda da pálpebra e o globo ocular, especialmente nos cantos, dando a ilusão de serem delineados com o uso de *kohl*²⁶ (n.º 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 29, 20, 21, 25, 26, 31, 32) (Millet, 1981, p. 1981).

As sobrancelhas eram também personalizadas sendo maioritariamente representadas através de uma alteração na gradação da volumetria da superfície (n.º 5, 6, 7, 8, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 20, 31, 32) ou esculpidas em baixo-relevo indiciando um delineamento das mesmas (n.º 1, 2, 3, 4, 12, 15, 19, 21, 27).

As variações no formato do nariz resultam do aplainamento do dorso nasal que confere uma aparência inacabada (n.º 2 e 5) e/ou do delineamento das asas do nariz (n.º 2, 5, 6, 8, 10, 14, 19, 20, 21). Podem ainda resultar da modelação bulbosa do nariz (n.º 5 e 6) e/ou da produção de incisões nas curvas das narinas que provocavam o seu alargamento (n.º 23 e 7).

No que diz respeito à boca, além das configurações individualizadas, destaca-se a evidência de um ligeiro sorriso de alguns exemplares (n.º 1, 3, 4, 7, 10, 11, 14, 15, 18, 19, 20, 24, 25, 31, 32). Ademais, em determinados exemplares observa-se uma representação pronunciada do buço que era representado com uma calha angular de lados retos (n.º 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 24, 25). Uma característica que nas palavras de Millet é «unknown in any Egyptian sculpture of any period» (Millet, 1981, p. 130).

Na maioria das «Cabeças de Reserva» o cabelo é representado em forma de touca através do uso de uma incisão de baixo-relevo que envolve as orelhas, testa e nuca registada de forma

²⁶ Cosmético para os olhos tradicionalmente obtido através da moagem de antimonite. Era utilizado tanto por mulheres como homens para delinear, contornar e/ou escurecer as pálpebras e como rímel.

regular/contínua (n.º 1, 3, 6²⁷, 9, 10, 12, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22²⁸, 24, 25, 26, 27, 31, 32) ou irregular/descontínua (n.º 2, 4, 5, 8²⁹, 15, 23).

As diferenças no tratamento escultórico, ou a ausência das mesmas, dividem os estudiosos do tema. Schmidt e Dubis afirmam que as cabeças parecem ter sido produzidas em série na mesma oficina, provavelmente real (Dubis, 1992, pp. 22-23; Schmidt, 1991, pp. 337-344), enquanto Smith defende a sua produção em distintas oficinas escultóricas (Smith, 1949, pp. 28-29). Este argumento é seguido, embora com ligeiras diferenças, por Roehrig, Millet (Millet, 1999, p. 234; Roehrig, 1999, pp. 73-74) e Mendoza. Mendoza agrupa alguns exemplares em diferentes oficinas escultóricas consoante os materiais utilizados (n.º 5 e 6) e/ou o tratamento escultórico que lhes fora aplicado (n.º 3 e 19) (Mendoza, 2017, p. 6).

Reconheço semelhanças no tratamento escultórico de determinados exemplares de «Cabeças de Reserva». No entanto, parece-me impulsivo considerar que a presença ou ausência das mesmas determina a sua produção numa única oficina ou em oficinas distintas. Isto porque as semelhanças no tratamento escultórico podem indicar que foram produzidas pelo mesmo artesão ou seus discípulos, que seguiriam o estilo do mestre. Mas podem também ser apenas resultado da produção de oficinas distintas que, por opção estilística, decidiram reproduzir esse tratamento escultórico.

Mendoza afirma ainda, através da observação de determinados exemplares (n.º 23, 24, 27, 31, 32), que, na segunda metade da IV dinastia, os escultores continuaram a trabalhar na tradição naturalista embora não tivessem a precisão e habilidade dos escultores anteriores (Mendoza, 2017, p. 6).

Relativamente a esta afirmação, parece-me contestável aplicar o termo «naturalista» às «Cabeças de Reserva» sem ressaltar que as conotações associadas ao mesmo durante o Império Antigo diferem das atuais. Mendonza determina que o tratamento escultórico dessas típicas peças escultóricas tinha como objetivo uma representação «naturalista», ou seja, fidedigna, das características fisionómicas do indivíduo retratado. No entanto, na Antiguidade o objetivo pictórico era sobretudo semiótico, ou seja, de representação de atributos ao invés de características fisionómicas. Paralelamente, Mendonza considera a

²⁷ Representação de forma bastante leve quase impercetível e inexistente nas zonas laterais junto às orelhas.

²⁸ Possui uma incisão profunda à esquerda e direita da testa.

²⁹ Representação feita em linha pontilhada grossa e com uma incisão, feita com recurso a um formão, à esquerda e à direita da testa.

«precisão e habilidade» demonstrada na execução das «Cabeças de Reserva» como uma característica qualificativa da mestria dos artesãos sem considerar o contexto da produção das mesmas (como por exemplo o tempo disponibilizado para a sua execução) (Mendoza, 2017, p.9).

c) Particularidades plásticas – Inclinação e sulco craniano

Além destas características anteriormente descritas destacam-se outras pelas quais as «Cabeças de Reserva» são igualmente reconhecidas. Uma das características mais acentuadas é o ângulo do olhar das cabeças, que Simpson chama de «characteristic tilt» (Simpson, 1949, p. 291). As cabeças apresentam uma ligeira inclinação para trás que as faz olhar para cima (n.º 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 24, 26, 27, 32). No entanto, Roehrig argumenta que se trata apenas de um efeito causado aquando do registo fotográfico dos exemplares (Roehrig, 1999, pp. 236-237).

Outra característica evidente são os danos variados que, aleatoriamente ou deliberadamente, foram infligidos a essas cabeças (Simpson, 1949, p. 291,292). Refiro-me a danos gerais no rosto e nuca ou a danos mais particularizados, como por exemplo incisões ou sulcos cinzelados nos olhos (n.º 3³⁰ e 13³¹), boca (n.º 5³², 11, 12, 15, 26³³, 27), nariz (n.º 1, 4, 7³⁴, 8³⁵, 9³⁶, 10³⁷, 11, 12, 13³⁸, 15, 16³⁹, 20, 24, 25, 26⁴⁰, 29, 32), pescoço (n.º 1, 4, 5, 6⁴¹, 10, 11, 12, 13, 14, 18, 21, 22, 23, 27, 28) e, principalmente, nas orelhas.

Todas as orelhas, agregadas às cabeças ou desarticuladas destas, estão danificadas em vários graus de dano ou, em alguns casos, são inexistentes (n.º 12, 15, 27, 31, 32). As que foram originalmente esculpidas estão parcialmente partidas na borda e/ou no lobo (n.º 1, 2,

³⁰ Incisão junto ao olho direito.

³¹ O canto interno do olho direito está danificado.

³² Incisão, entre a bochecha/maçã do rosto e o canto da boca, feita com recurso a uma ferramenta indeterminada.

³³ Não aparenta ser um dano intencional.

³⁴ As narinas foram lascadas de forma intencional com recurso a uma ferramenta indeterminada.

³⁵ Apresenta quatro incisões descontínuas na parte da frente.

³⁶ Embora não aparente ser um dano intencional.

³⁷ Ambos partidos apenas na ponta.

³⁸ Teve de ser reconstituído nos tempos modernos.

³⁹ Partido obliquamente.

⁴⁰ Não aparenta ser um dano intencional.

⁴¹ Não aparenta ser um dano intencional.

5, 7, 9⁴², 16, 18) ou totalmente partidas/arrancadas (n.º 3⁴³, 2⁴⁴, 10⁴⁵, 11⁴⁶, 13⁴⁷, 19, 20⁴⁸, 22, 23⁴⁹, 26⁵⁰; 28⁵¹). As que não foram originalmente esculpidas foram apenas esboçadas na pedra (n.º 21 e 25) ou foram esculpidas à parte, tendo no seu local duas perfurações que poderiam corresponder a orifícios de fixação (n.º 8, 14, 23). Segundo Roehrig, esta omissão das orelhas pode representar uma preferência estilística do artesão ou poderá estar relacionado com a intencional remoção das orelhas (Roehrig, 1999). Todavia, as características mais frisadas pelos estudiosos são as enigmáticas incisões cranianas verticais referidas por Millet como o «cranial groove» (Millet, 1981, p. 130). Estas incisões prolongam-se desde o topo da cabeça até à base do pescoço e são efetuadas em linha duplicada (n.º 2, 8, 21, 22) ou em linha única, desenhada de forma regular/contínua (n.º 4, 5, 9, 10⁵², 13, 16, 19, 20, 23, 24, 26), ou irregular/descontínua (n.º 15 e 32). Outra característica bastante frisada pelos autores são as incisões circulares, duplicadas (n.º 26 e 31⁵³) ou em linha única, registada de forma descontínua/irregular (n.º 1, 2, 4, 5, 21, 24) ou contínua/regular (n.º 18 e 20) ao redor do pescoço a alguns centímetros acima da base.

Embora se possam destacar alguns exemplos extremamente bem conservados (n.º 3, 5, 6) a maioria das «Cabeças de Reserva» apresenta um estado de conservação extremamente

⁴² Incisões feitas com recurso a uma ferramenta de madeira. Golpes semelhantes entre as cabeças n.º 3, 5 e 7.

⁴³ Quase totalmente partida sobrando apenas a parte inferior que foi martelada com recurso a uma ferramenta de madeira.

⁴⁴ Com recurso a uma ferramenta afiada.

⁴⁵ Com recurso a uma ferramenta de madeira e a uma lâmina.

⁴⁶ Uma colada novamente e outra destacada.

⁴⁷ A orelha direita foi partida/arrancada da cabeça com recurso a uma ferramenta de madeira e a orelha esquerda foi encontrada nos escombros da escavação.

⁴⁸ Com recurso a uma ferramenta de metal com uma lâmina estreita, possivelmente um cinzel. Ao contrário da cabeça n.º 2 os golpes parecem ter sido realizados horizontalmente, de trás para frente.

⁴⁹ Orelha direita partida com recurso a uma ferramenta de metal, possivelmente uma lâmina. Da orelha esquerda apenas se preserva a parte inferior.

⁵⁰ Com recurso a uma ferramenta metálica.

⁵¹ Com recurso a uma ferramenta, possivelmente um cinzel.

⁵² Com várias incisões paralelas menos extensas e menos profundas. É o único caso conhecido desta multiplicação.

⁵³ Com várias incisões ao redor do pescoço. É o único caso com este número e tipo de emaranhamento das incisões.

deteriorado (erosão, fragmentação, entre outros) que impede uma análise detalhada de todos os elementos faciais (n.º 12, 13⁵⁴, 22⁵⁵, 23⁵⁶, 24⁵⁷, 26⁵⁸, 27⁵⁹, 28⁶⁰, 29⁶¹, 35⁶²).

d) O termo «Cabeças de Reserva/Substituição/Sobresselentes»/«Cabeças de Retrato»

As «Cabeças de Reserva» são referidas como um dos escassos exemplos de «retratos» egípcios do Império Antigo. A suposta «individualidade» de cada um dos exemplares leva a que, em alguns casos, autores como Reisner e Junker afirmem que é possível determinar o género e idade do indivíduo representado. Garantem por exemplo que a cabeça n.º 4 representa uma mulher de cerca de 40-45 anos. Defendem também que é possível agrupar as «Cabeças de Reserva» em grupos étnicos, como é o caso da cabeça n.º 6 que, segundo os autores, pertence a uma mulher negroide (Junker, 1929a, p. 64; Petrie, 1916, p. 48; Smith, 1949 p. 25; Tefnin, 1991, p. 65) e da cabeça n.º 19, pertencente a um homem estrangeiro (Reisner, 1942, p. 84; Smith, 1949, p. 25).

Os mencionados autores sustentam ainda que é possível agrupar as cabeças em grupos familiares: afirmam que o detentor da cabeça n.º 3 é esposo da detentora da cabeça n.º 4 (Tefnin, 1991, pp. 65, 100); que o representado na cabeça n.º 5 é irmão do detentor da cabeça n.º 18 (Reisner, 1942a, p. 83) e esposo da mulher figurada na cabeça n.º 6 (Smith, 1949, p. 25; Tefnin, 1991, p. 101); que a detentora da cabeça n.º 9 é esposa do possuidor da cabeça n.º 18 (Porter et al., 1974, p. 142; Smith, 1949, p. 25); e que a detentora da cabeça n.º 23 é esposa do homem representado na cabeça n.º 24 (Junker, 1929a, pp. 63-65; Reisner, 1915,

⁵⁴ O crânio e a face esquerda estão corroídos por salitre dificultando a análise dos olhos, sobrancelhas, nariz e boca.

⁵⁵ Dado o estado de conservação é impossível a análise dos olhos, sobrancelhas, nariz e boca.

⁵⁶ Dado o estado de conservação é impossível a análise dos olhos, sobrancelhas e boca. A cabeça foi reconstruída a partir de vários fragmentos e sua superfície está muito alterada pelo restauro profundo a que foi submetida.

⁵⁷ A cabeça está bastante danificada, toda cinzelada, dificultando a análise dos olhos, sobrancelhas, nariz e boca. Foi reconstruída a partir de oito fragmentos.

⁵⁸ A superfície está muito desgastada. Foi encontrada partida em duas partes fora da mastaba, provavelmente onde foi largada pelos saqueadores

⁵⁹ Superfície granulada provavelmente provocada por danos naturais dificultando a análise dos olhos, sobrancelhas, nariz e boca.

⁶⁰ Dado o estado de conservação é impossível a análise dos olhos, sobrancelhas, nariz, boca. Foi reconstruída em gesso.

⁶¹ Calcário fortemente erodido. Olho esquerdo parcialmente preservado. Dado o estado de conservação é impossível a análise das sobrancelhas, boca, orelhas e pescoço.

⁶² Dado o estado de conservação é impossível fazer a análise dos olhos, sobrancelhas, nariz, boca. Apenas uma orelha foi esculpida.

pp. 29-36; Smith, 1949, p. 27). Inclusivamente Junker propõe a divisão dos detentores das cabeças em dois grupos, um grupo de nobres e outro de indivíduos de origem camponesa (Junker, 1929a, pp.63-65).

No entanto, considero, assim como Tefnin e Roehrig, acerca da hipótese das relações familiares e distinção entre nobres e camponeses (Roehrig, 1999, pp. 73-74, 238-241; Tefnin, 1991, pp. 62-69, 113-134, 123-124), e Assmann e Picardo, acerca da hipótese de distinção de género (Assmann, 1996, pp. 58-60; Picardo, 2007, p. 228; Roehrig, 1999, p. 237), que estas propostas são problemáticas, uma vez que não existem indicadores explícitos destes parâmetros (com exceção das informações que estão atestadas arqueologicamente).

De acordo com a maioria dos especialistas, nomeadamente Assmann (1996), Bolshakov (1997, pp. 234-260), Dunham (1943, pp. 68-72), Junge (1995, pp. 103-109), Smith (1949, pp. 28-29) «we can certainly speak of real portraiture in the case of the reserve heads» (Nuzzolo, 2011, p. 202). No entanto, é necessário ter cautela aquando do uso deste termo no sentido em que o retrato na Antiguidade⁶³ não é percecionado segundo a perspetiva moderna do mesmo.

O retrato deve ser visto como uma forma de tematização do «eu», ou seja, uma produção artística baseada na temática do «eu». Este terá sempre um duplo sentido de preservação e apresentação deste «eu». Devido a diferentes formas de perceção os critérios de avaliação da sua precisão serão historicamente contextualizados.

O pensador moderno exige do retrato⁶⁴ um extraordinário nível de realismo tendo como expoente máximo desta operação o espelho fotográfico (Schlossman, 1978, p.57). Por conseguinte, este olhar preconceituoso concebe as manifestações artísticas da Antiguidade como imagens idealizadas, indiferenciadas e uniformes negando-lhes a definição de retrato.

No entanto, o retrato no Egito Antigo deve ser analisado segundo o sentido de «efeito semelhança» defendido por Daniele Morandi e Irene Winter (Winter, 1997, p.368) ou de acordo com a noção de «não confundibilidade» de Jan Assmann (Assmann, 1991, p.141). Mantém-se uma relação visual entre a pessoa física e a imagem retratada. Contudo, esta não

⁶³ Acerca do estudo do retrato no Egito podemos salientar os estudos de Buschor (1960), Lange (1957) e especificamente a respeito do retrato no Império Antigo os estudos de Bolshakov (1990, pp. 126–134), Dunham (1943, pp. 68–72), Eaton-Krauss (1984).

⁶⁴ «1. imagem (de pessoa) reproduzida pela pintura, pelo desenho ou pela fotografia (...) 3. Semelhança; (...)». In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha] [retrato - Dicionário Online Priberam de Português](https://www.priberam.pt/dlpo/retrato) [consultado em 08-08-2021].

assenta numa comparação direta e mimetizada entre imagem e modelo, mas numa semelhança. Em suma, existe uma oposição entre mimética, associada à percepção ocidental, e semiótica (signo/característica – significado/simbolismo), referente à mentalidade egípcia.

A aparência física não é condição necessária ao retrato. O intuito é que este expresse determinado significado. A questão não é se um artista é, ou não, capaz de processar os traços individuais de uma dada fisionomia; a questão prende-se com se ele, ou o retratado, escolhe, ou não, usar a fisionomia individual para representar os seus traços e qualidades distintivas. Assim sendo, o reconhecimento cognitivo da representação semiótica, dependente de um código de referenciação, sobrepõe-se à representação mimética entre imagem e modelo (Assmann, 1996, p.61). Esta representação concebe-se com base em critérios/códigos visuais aceites para a sua identificação. Isto é, as características tidas como estilísticas não são apenas propriedades formais, mas sim parte integrante de um código de significações com valor identificável (Winter, 1989, pp.267,582).

Estes códigos de significação, os «signature traits» segundo Laboury, vinculam que na representação artística retratual a norma é a personificação e não a individualização. Na medida em que a individualidade é definida de acordo com a moldura social que formata e, por vezes, se sobrepõe ou absorve a expressão de singularidade. Os «signature traits» estão, por isso, associados a atributos e funções que integram o indivíduo na ordem social (Laboury, 2010, p.4). O seu intuito não é assemelhar-se às características faciais do modelo, mas impedir que o indivíduo seja relegado ao anonimato (Ziegler, 1999, p.57). Constata-se que o retrato, além da representação de um indivíduo, é a reprodução de um arquétipo idealizado. No sentido em que a imitação artística da realidade é inevitavelmente seletiva e contaminada pela conceção do ser humano ideal. O que difere é que essa noção de ideal é historicamente contextualizada. Por isso, ao invés de referi-los como uma dicotomia, retrato e imagem ideal, dois vetores divergentes, deve-se falar numa convergência dos dois, variando em proporções (Laboury, 2010, p.2). Consequentemente, considero o termo «Cabeças de Reserva» redutor no sentido em que este apresenta somente a significação mimética destas esculturas carecendo da sua significação semiótica que lhe é cumulativa. Todavia, é expectável o uso deste termo por parte da tradição egiptológica, uma vez que este é reflexo do problema das teorias interpretativas das «Cabeças de Reserva»: a ausência de uma contextualização sociocultural deste fenómeno escultórico.

1.3 «Tradicionais» vs «recentes» teorias interpretativas das «Cabeças de Reserva»

Devido a várias lacunas e imprecisões do registo arqueológico das «Cabeças de Reserva», é impraticável almejar um esclarecimento exato sobre a razão de ser deste *corpus* escultórico. Todavia, este obstáculo não impediu os vários egiptólogos de proporem várias teorias que não são consensuais entre o grupo.

1.3.1 As «tradicionais» teorias

a) A tradição egiptológica – Corporificação do *ka*

Importa começar com a própria designação «Cabeças de Reserva» que foi dada primeiramente por Borchardt no início do século XX (Borchardt, 1907, p. 133) e posteriormente desenvolvida por Junker (Junker, 1929a, pp. 57-61). O termo implica o significado partilhado pela maioria dos egiptólogos. Na visão de Borchardt (1907, p. 133), Reisner (1915), Junker (1929a) e Simpson (1949), a importância das «Cabeças de Reserva» deve-se ao temor dos egípcios de se verem privados da cabeça no Além e à ineficácia da técnica de mumificação durante o Império Antigo. Estas esculturas atuariam como mais um meio de conservação da aparência física do defunto. Seriam substitutas, daí o termo «*Ersatzköpfe*», das cabeças autênticas do defunto, em caso de deterioração ou perda destas, permitindo que o *ka*, ou «o duplo», do falecido vivesse na estátua. Esta foi a teoria que prevaleceu entre os egiptólogos, nomeadamente Scharff (1940), Aldred (1949), Dunham (1958), Russmann (1989), Donadoni (1994), Assmann (1996), Satzinger (1998), Málek (2003) e, em Portugal, Araújo (2001).

Perante o contexto arqueológico das «Cabeças de Reserva» não é surpreendente que tenham sido acidentalmente danificadas. No entanto, como já foi mencionado anteriormente, há danos que são notáveis por serem incomparáveis com outras esculturas e que por esse motivo são considerados intencionais. Reisner e Junker aquando da descoberta dos exemplares não consideraram os danos particularmente significantes. Tendo estes arqueólogos afirmado que estes danos teriam sido provocados por salteadores que tentavam perceber se as cabeças tinham algo no seu interior (Reisner, 1942a, p. 238).

Partilho da opinião dos autores acima referidos de que as «Cabeças de Reserva» albergariam o *ka* do defunto. No entanto, considero igualmente que, perante a mentalidade cumulativa egípcia, a função/finalidade das cabeças não se esgota nesta interpretação. Neste

sentido, considero que se sobrepõem-se outras conotações defendidas por autores enunciados em seguida. No que diz respeito aos danos apresentados pelas «Cabeças de Reserva» considero redutor o enunciado de Reisner e Junker, uma vez que, tal como defendido por Roehrig, parece ser mais plausível que os salteadores partissem por inteiro as cabeças ao invés de lhes infligirem golpes (Roehrig, 1999, p. 78). Além de que, embora deliberados, estes parecem ser sistemáticos e aleatórios e como meio para atingir um fim: averiguar o que existia no seu interior.

b) Moldes e modelos

Smith, Simpson e Kelley opõem-se a esta teoria. Por um lado, afirmam que o formato das cabeças, por contrariar a norma da estatutária egípcia de evitar a representação de corpos incompletos, não representa o *ka* do defunto (Smith & Simpson, 1998, p. 57). No entanto já verificámos que existem mais exemplos de representação da parte, a cabeça, pelo todo, o corpo. Por outro, defendem que há falta de evidências da colocação de estátuas *ka* na câmara funerária, uma vez que eram colocadas na capela. Desta forma as «Cabeças de Reserva» não teriam esta finalidade descrita (Kelley, 1974, p. 7). Neste sentido, estes autores propõem uma teoria sugerida por Junker que relaciona as cabeças com a evolução das máscaras de gesso. Smith (Smith, 1949, pp. 24-25) avançou com a teoria de que seriam precursoras das máscaras funerárias de cartonagem do Primeiro Período Intermediário (Smith, 1946, p. 25). Kelley defendeu que se tratavam de modelos ou protótipos dos escultores utilizados aquando o design dos relevos e das estátuas da mastaba (Kelley, 1974, p. 9). Posteriormente Millet desenvolveu esta teoria fazendo referência às semelhanças entre estas cabeças e a cabeça de Nefertiti (Millet, 1999, pp. 233-234, 1981, pp. 129-131). Segundo estes autores, embora as cabeças fossem apenas modelos, uma vez que eram produzidas num material nobre, seriam possivelmente enterradas na mastaba como presente real ou como expressões de um favor especial pelo monarca (Millet, 1981, p. 131; Smith, 1949, p. 25). Relativamente às «mutilações» Millet propôs que teriam sido feitas durante a remoção das máscaras de gesso (Millet, 1999, pp. 233-234, 1981, pp. 129-131). Na mesma linha, Lacovara propôs que estas mutilações fossem simplesmente diretrizes para os escultores modelarem as cabeças, comparáveis às diretrizes incisivas vistas nas «peças de teste» do período ptolemaico (Lacovara, 1997, pp. 35-36).

Coloco-me ao lado de Mendonza, Roehrig, Tefnin e Bolshakov que se opõem a estas teorias. As «Cabeças de Reserva» não poderiam ter sido moldes, uma vez que as máscaras eram geralmente modeladas diretamente no rosto do falecido (Brovarski, 1988, p. 83; Roehrig, 1999, pp. 476-477; Tacke, 1996, p. 315) tendo, inclusive, uma aparência bastante distinta do tratamento plástico que se verifica nas «Cabeças de Reserva». Isto justificaria o facto de não terem sido encontradas evidências de máscaras de gesso criadas a partir das cabeças (Mendoza, 2017, p. 9). Paralelamente, as «Cabeças de Reserva» não poderiam ser modelos de auxílio dos artesãos para a produção de estatuária funerária, uma vez que não existe nenhuma outra «escultura» nos túmulos além das estelas de laje (Tefnin, 2001, p. 146). Sendo moldes ou modelos desprovidas de significado de culto, não só não faria sentido serem esculpidas num material nobre, como o calcário (Roehrig, 1999, p. 78), como não faria sentido serem trazidas para as câmaras funerárias pelos seus proprietários por serem perigosas para o falecido (Bolshakov, 1995, p. 22; Tefnin, 1991, pp. 50-52). Além de que nenhuma das teorias explica o porquê de ocorrerem mais do que uma cabeça numa mesma mastaba, ou de serem encontradas cabeças do género oposto ao defunto na mastaba deste (Mendoza, 2017, p. 9).

c) Mutilações ritualísticas

Uma outra teoria amplamente formulada foi sugerida por Tefnin. Este autor defendeu que os golpes infligidos às cabeças eram de «mutilações ritualísticas» destinadas a «matar» as cabeças antes de estas serem colocadas nas mastabas. O intuito seria torná-las inofensivas para o falecido, à semelhança da prática de mutilação de hieróglifos perigosos nos textos das pirâmides ou a mutilação de estatuetas de animais depositadas nas mastabas (Tefnin, 1991, pp. 75-95, 2001, pp. 78-83). Tefnin afirma que esta mutilação ritual está relacionada com um momento específico do ritual da «Abertura da Boca» em que um dos participantes deseja bater na cabeça do falecido e filho mais velho deste, ou o sacerdote-*sem*, protesta afirmando «Je ne permettrai pas que tu fasses luire [litt.: *shd* 'rendes blanche'] la tête de mon père!»⁶⁵(Tefnin, 1991, pp.31-33). A «Cabeça de Reserva» seria a tal cabeça branqueada aquando do sangramento das feridas proferidas num ritual independente, mas em

⁶⁵ «Não vou permitir que você faça a cabeça do meu pai ficar branca» (tradução pessoal).

complemento da cerimónia de enterramento. Ou seja, Tefnin compara esta prática a outros rituais de execração ligados às crenças osírianas (Tefnin, 2001, pp. 146-147).

Considero, tal como Nuzzolo e Roehrig, que a perspetiva de análise de Tefnin levanta algumas questões. Por um lado, Tefnin não esclarece o significado intrínseco das cabeças, o seu formato ou o seu posicionamento na estrutura e foca-se somente em conotar magicamente as «Cabeças de Reserva» (Nuzzolo, 2011, p. 209). Por outro, embora considere que os golpes infligidos pudessem ser destinados a tornar as cabeças inofensivas para o falecido considero que a teoria ritualística de Tefnin carece de fundamentação arqueológica tornando-a especulativa. Primeiro porque não existem evidências de que as «mutilações» tenham sido feitas *à priori* do enterramento, podendo ter sido executadas aquando da violação do túmulo. Segundo porque, tal como defende Roehrig, a aplicação das mesmas não é consistente para determinar a existência de um ritual de mutilação, uma vez que o fenómeno ocorre apenas em parte do conjunto escultórico (Roehrig, 1999, p. 79). No entanto, reconheço o contributo da ligação que Tefnin faz entre as «Cabeças de Reserva» e as crenças osírianas, que servirá de base para o desenvolvimento das teorias mais modernas.

Segundo a primeira parte da teoria de Tefnin, Bolshakov sugere que as cabeças foram precursoras das pinturas de parede das subestruturas das mastabas da V e VI dinastias. Segundo o autor, as cabeças resultariam da transferência de estátuas da superestrutura das mastabas para a sua subestrutura decorrentes das mudanças estilísticas do reinado de Khufu. Por serem perigosas sofreriam mutilações de modo a tornarem-se inofensivas para o morto. (Bolshakov, 1995, p. 22, 1997, pp. 37-39).

Relativamente a Bolshakov, reconheço que é uma abordagem menos comprometedora do que a de Tefnin, embora considere que cai na mesma tendência de considerar que os danos infligidos às cabeças tenham sido feitos *à priori* do seu enterramento e nesse sentido considero igualmente especulativa. No entanto, também Bolshakov contribuiu para o desenvolvimento das teorias mais modernas quando fez a ligação entre o fenómeno das «Cabeças de Reserva» e o reinado de Khufu.

1.3.2 As «novas» teorias

Mais recentemente novas interpretações foram avançadas por Roehrig, Mendonza, Picardo, Der Manuelian, Nuzzolo e Elshamy que procuraram, através de uma abordagem que

relaciona fontes textuais e/ou arqueológicas, desenvolver dois parâmetros enunciados por Tefnin e Bolshakov: a importância do Sol e o contexto político em que as «Cabeças de Reserva» se inserem.

a) Simbolismo solar

Roehrig compara as «Cabeças da Reserva» com a cabeça de madeira em tamanho natural emergindo de um lírio encontrado no túmulo de Tutankhamon. A autora defende que as cabeças serviriam como um símbolo do deus sol ou de Atum aquando do seu aparecimento no momento de criação do monte primordial (Roehrig, 1999, pp. 77-78). A respeito das «mutilações» das «Cabeças de Reserva», ao contrário de Reisner e Junker, Roehrig afirma que estas não podem ser tidas como acidentais e, ao contrário de Tefnin e Bolshakov, afirma que foram feitas *à priori* mas seriam resultado da intervenção dos salteadores que as partiriam totalmente (n.º 24 e 28) ou parcialmente (n.º 22, 23, 26), nomeadamente as orelhas, perante a necessidade de reutilizar os seus materiais (Roehrig, 1999, p. 79). Mendoza acrescenta que o mais provável é terem sido danificadas pelos saqueadores que considerariam que as estátuas conteriam o *ka* e teriam deliberadamente tentado destruir ou mutilar as cabeças de modo a que este não os pudesse encontrar e punir (Mendoza, 2017, p. 10).

Nuzzolo defende o simbolismo solar era uma prerrogativa real, ou seja, que no Império Antigo o rei era o único ser humano que possuía um *ba* e que a obtenção deste por parte da elite é um fenómeno do Império Médio. Nesse sentido considera anacrónico a teoria de Roehrig de extensão desta à elite (Nuzzolo, 2011, p. 209). No entanto, considero que a objeção de Nuzzolo é pouco convincente face aos modernos estudos que põem em causa a teoria da «democratização» da vida pós-morte. Estudos estes que afirmam que no Império Antigo o conceito de *ba* aplicado à elite estava em desenvolvimento, embora ainda de forma abstrata (Picardo, 2007, p.240). Em suma, embora reconheça as limitações da teoria de Roehrig, uma vez que se fundamenta apenas num objeto de estudo, reconheço a importância da associação que faz entre as «Cabeças de Reserva» e o simbolismo solar para o desenvolvimento da teoria de Picardo.

b) Relação entre as «Cabeças de Reserva» e as estelas funerárias

Der Manuelian tem uma abordagem às «Cabeças de Reserva» de fundamentação arqueológica. Este autor salienta que nenhuma mastaba que continha uma «Cabeça de

Reserva» tinha qualquer outro elemento decorativo ou de estatuária além de uma estela em laje, um elemento de equipamento funerário.⁶⁶ Neste sentido defende que estes elementos estão claramente relacionados. Ou seja, defende que é possível que as mastabas detivessem tanto cabeças como estelas e que as cabeças que faltam nas mastabas onde foram encontradas estelas fossem feitas de barro, como dois exemplos referenciados que não sobreviveram ao dano ocasional (Manuelian, 2003, 1998, pp. 1147-120). Der Manuelian sugeriu que há duas razões possíveis para o uso de estelas: a primeira teoria considera as estelas de laje como «presentes reais», que foram produzidos na oficina real (Manuelian, 2003, pp. 167-168); a segunda teoria está relacionada com o trabalho e despesas envolvidas na construção do complexo da pirâmide de Khufu, que implicaria que os proprietários das mastabas no Cemitério Ocidental recebessem decoração limitada, incluindo as cabeças que eram formas reduzidas de estátuas em tamanho natural (Manuelian, 2003, p. 168).

Revejo-me bastante na perspectiva sóbria e racional de Der Manuelian que vem fundamentar arqueologicamente as teorias que defendiam a limitação da decoração das mastabas durante o reinado de Khufu. Todavia, considero redutor que Der Manuelien não se posicione em relação a conotações simbólicas que estejam associadas às «Cabeças de Reserva» (além da tradicional tese de corporificação do *ka*). Nesse sentido considero fundamental a teoria de Nicholas Picardo.

c) A corporificação do *ba* e o «homicídio semântico»

Picardo sugeriu que as cabeças teriam representado a primeira tentativa de corporificar, em representação tridimensional, o conceito de *ba*. Conceito este que seria posteriormente desenvolvido de forma mais explícita, tanto na literatura quanto na religião, durante o Império Médio. Nesta lógica as «Cabeças de Reserva» indicariam o acesso limitado por parte de um número de nobres, inclusive indivíduos externos à família real, a determinadas ideias religiosas, nomeadamente às relacionadas a este conceito (Picardo, 2007, p. 76).

Picardo considera que as incisões nas «Cabeças de Reserva» são consistentes o suficiente para serem consideradas intencionais e não resultado da violação de túmulos.

⁶⁶ A maioria das estelas apareceram no cemitério G 1200 onde apenas uma cabeça foi descoberta e apenas quatro estelas foram encontradas no cemitério G 4000, no entanto mais nove outras mastabas deste cemitério apresentam posições vazias para as estelas.

Consequente, considera que as «Cabeças de Reserva» teriam um propósito semiótico, ou seja, estas propunham enunciar uma mensagem a ser percebida pelos ocupantes da mastaba (Picardo, 2007, pp.229-230). Picardo propõe que as incisões no pescoço das «Cabeças de Reserva» são mais do que sinais de desarticulação do corpo: elas são a materialização da temática da decapitação. Picardo estabelece um paralelismo entre o «homicídio semântico» e magia de execração. O ato básico atestado a partir do Império Antigo de desconstrução ou desfiguração de uma imagem, entidade ou objeto, que permitia, embora de forma conceptual e não empírica, anular magicamente o seu impacto pernicioso. No caso das «Cabeças de Reserva» tratar-se-ia de um «homicídio semântico» aplicado a uma forma hieroglífica tridimensional através da segmentação, eliminação parcial e esfaqueamento. Desde modo cancelava o sentido semântico das «Cabeças de Reserva», associado ao perigo da decapitação, sem descurar a necessidade de preservar o reconhecimento do morto (Picardo, 2007, p.235).

Para Picardo a localização e o formato das «Cabeças de Reserva» não compactua com as noções de *ka*. Segundo este, se as cabeças estivessem ligadas ao culto mortuário do *ka* deveriam ter acompanhado a diminuição do uso de estatuária que representava o morto, sendo substituídas por estelas funerárias (Picardo, 2007, p.239). Paralelamente Picardo afirma que se a sua localização não permite um culto direto após o enterramento, estando inclusive mais próximas do falecido do que a audiência, é porque evidenciaria uma relação não com o *ka*, mas com o *ba* (Picardo, 2007, pp.239-240).

Segundo Picardo as disparidades entre as práticas funerárias privadas e reais no Império Antigo não eliminam a existência de partilha de conhecimentos. Para Picardo tanto a esfera real como a privada estavam assentes nos mesmos fundamentos rituais. Ao mesmo tempo dos *Textos das Pirâmides* as listas inscritas nas mastabas da elite privada já demonstravam o mesmo sentido de ritual de oferendas. Paralelamente, as suas cenas decorativas delineavam a mesma organização cosmográfica do arranjo temático *Textos das Pirâmides* (Picardo, 2007, pp.242). Na mesma lógica, a localização das «Cabeças de Reserva», na zona de transição entre a área semipública e a câmara funerária selada, estaria relacionada com o emergir das expectativas de uma existência pós-morte. Esta zona corresponderia ao «horizonte», uma zona de transição onde o *ba* do falecido e o sol se transformam num novo modo de existência. Em suma, as «Cabeças de Reserva» facilitariam

a transfiguração do falecido de um estado de existência de vida para um estado de existência pós-morte. Elas eram a expressão decorativa no mundo privado dos textos funerários reais (Picardo, 2007, p.244).

Vinculo-me à teoria de Picardo. Nuzzolo defende, baseando-se em Altenmüller (1993), que o conceito de *ba* apresentado por Picardo não é arqueologicamente nem epigraficamente atestado durante o Império Antigo (Nuzzolo, 2011, p. 211). No entanto, Nuzzolo não considera que o *ba*, que afirma ser uma tradição do Império Novo, é apenas resultado da consolidação de um processo que se começou a desenvolver anteriormente, embora com contornos mais abstratos. Já em 1968 Žabkar demonstrara que a primeira tentativa de adaptação do conceito de *ba* à esfera privada remonta ao fim do Império Antigo, embora apenas exista um exemplar atestado na VI dinastia (Žabkar, 1968, p. 76). Posteriormente Allen e Hays demonstraram que muitos aspetos da vida após a morte real foram transferidos para o contexto privado logo na V dinastia, particularmente no que diz respeito às fórmulas e rituais de oferendas funerárias (Allen, 2006, pp. 9-17; Hays, 2011). Embora não defendam explicitamente que esse fenómeno implicou uma elaboração explícita do conceito de *ba* este poderia estar integrado.

c) Relação entre as «Cabeças de Reserva» e a teologia política do reinado de Khufu

Nuzzolo segue a teoria de Der Manuelian. Afirma que estas esculturas estão fortemente relacionadas com a teologia política do início da IV dinastia, particularmente associadas à figura de Khufu (Nuzzolo, 2011, p. 201). Nuzzolo sublinha que as cabeças e as estelas parecem estar ligadas à política religiosa incomum de Khufu aquando da sua tentativa, segundo Stadelmann, de alcançar uma fusão com o deus-sol (Stadelmann, 1985, pp. 110-126). Política esta que implicou, pela primeira vez, a intervenção do rei no planeamento arquitetónico dos túmulos particulares dos membros da sua corte. Esta intervenção teria como objetivo reproduzir a ordem hierárquica rígida e esquemática do «estado» egípcio, nivelando os dignitários do rei por meio de uma padronização das mastabas, assim como do seu equipamento funerário (Roth, 1993, pp. 49-50). Apoiado na teoria de Helck, Nuzzolo afirma que as «Cabeças de Reserva» resultam deste projeto de redução do equipamento funerário da administração às estelas de laje, a fim de manter o foco e preservar a singularidade da monarquia e dos membros mais altos da corte (que poderiam ter uma escultura em grande

escala como Hemiunu) (Helck, 1986). Deste modo Khufu, como rei-sol, apresentava-se como o único que poderia ressuscitar os seus dignitários através da reunião mágica das «Cabeças de Reserva» destacadas ao seu corpo, permitindo-lhe recuperar a sua integridade física para receber as oferendas funerárias representadas nas estelas de laje. Neste sentido, para Nuzzolo estas esculturas, ao invés de serem um elemento positivo para o falecido, direcionado para substituir a sua cabeça perecível, seriam um elemento negativo, destinado a minimizar o poder de ressurreição do falecido ligando-o a um fator externo do qual o seu renascimento dependeria (Nuzzolo, 2011, p. 213). As mutilações rituais das cabeças, como já proposto por Tefnin e Schmidt, poderiam ter sido infligidas como precaução para o falecido, bem como para o próprio rei, que teria limitado severamente, desta forma, a vida real e a autonomia dos seus funcionários na vida pós-morte (Schmidt, 1991, pp. 338-340; Tefnin, 1991, pp. 85-87). Nuzzolo sustenta a sua teoria apresentando passagens dos *Textos das Pirâmides*, dos *Textos dos Sarcófagos* e do *Papiro Westcar* que apresentam feitiços e rituais funerários que demonstram práticas que reuniam a cabeça ao corpo antes de ter acesso à vida pós-morte. Este autor defende, por isso, que a sua localização não seria nem no poço funerário nem num suposto nicho no bloqueio da porta da câmara mortuária, mas sim no lado leste da câmara mortuária, provavelmente voltado em direção ao sol nascente com o intuito de esperar para ser reunida ao corpo mumificado. Nuzzolo supõe que a fabricação de «Cabeças de Reserva» teria sido originalmente planeada para todos os proprietários de túmulos dos cemitérios e que mais tarde, após a morte de Khufu, as cabeças teriam ficado fora de moda entre os proprietários das mastabas que, em alguns casos, também mudaram a disposição das respetivas mastabas (Nuzzolo, 2011, pp. 214-215).

A fundamentação de Nuzzolo parece-me problemática. Embora Nuzzolo refira teorias aceites academicamente utiliza-as como gatilho para uma interpretação especulativa que se baseia na teoria de Stadelmann, a qual não é aceite junto da comunidade científica. É indiscutível que existiu intervenção do rei no planeamento da necrópole de Giza em termos de disposição das mastabas (Roth, 1993, pp. 49-50) e decoração das mesmas, com a limitação do equipamento funerário. No entanto, Nuzzolo exacerba esta intervenção do monarca quase de forma onnipresente sem apresentar fundamentação além da teoria de Stadelmann.

d) Culto heterodoxo

Ainda mais recentemente, Elshamy afirmou que as «Cabeças de Reserva» refletem a existência de um culto de heterodoxia. Este seria praticado por uma ordem secreta que foi instituída por um grupo de nobres e sacerdotes que usurparam a autoridade divina durante determinado período (Elshamy, 2015). Todavia, esta teoria não teve grande adesão na comunidade científica, pelo que me distancio bastante da mesma, uma vez que carece de fundamentação teórica e arqueológica.

2. Questões de investigação e metodologia

Não obstante o contributo de todos estes autores para o tema são visíveis as suas fragilidades. Por um lado, a respeito da identificação, registo, contabilização e catalogação da descoberta das «Cabeças de Reserva» e, por outro, em relação às teorias interpretativas formuladas acerca das mesmas.

No que respeita à identificação, registo, contabilização e catalogação das «Cabeças de Reserva» proponho, numa primeira parte da presente dissertação (Capítulo I), rever e atualizar as mesmas. Primeiramente, através da revisão dos catálogos mais completos das «Cabeças de Reserva», comparando-os às fontes de estudo, ou seja, os registos escritos e fotográficos arqueológicos, de modo a ressaltar a inconsistência e incoerência dos métodos/critérios de identificação, registo contabilização e catalogação. Seguidamente, através da produção de uma nova catalogação das «Cabeças de Reserva» conseguida através da correção dos erros de identificação e contabilização e da introdução de novos elementos de estudo – as orelhas das «Cabeças de Reserva».

No que diz respeito às teorias interpretativas surgem dois tipos de obstáculos. Por um lado, deparamo-nos com teorias que se focam somente nas «Cabeças de Reserva» como «retratos» físicos do defunto que albergam o *ka*, ou são molde de produções artísticas, ignorando outras particularidades físicas das esculturas. Por outro lado, observamos teorias que têm um conteúdo especulativo e pouco probatório acerca das «mutilações» das «Cabeças de Reserva», retirando-lhe a aplicabilidade plausível que lhes valeria aceitação no meio académico. Em suma, ambas as abordagens teóricas restringem as «Cabeças de Reserva» a um fenómeno escultórico egípcio resultando numa interpretação superficial, simplista e redutora da importância e significação das cabeças no Império Antigo.

Estas teorias carecem de um enquadramento sociocultural das «Cabeças de Reserva» que proponho numa segunda parte da dissertação (Capítulo III). O período em que se verifica este fenómeno representa uma das épocas mais paradigmáticas do Egipto faraónico. É durante o Império Antigo que surge o primeiro «estado» unificado, centralizado e sólido da história do Egipto, cujo desenvolvimento e consolidação se materializou em revolucionários e ambiciosos programas artísticos e culturais (Bárta, 2014, p. 18; Baud, 2010, p. 64; García, 2013b, p. 185; Malheiro, 2009, p. 11). Pirenne (1932), Helck (1954), Baer (1960), Strudwick (1985), Kanawati (1977) e, Jones, (2000) Dodson e Hilton (2004), Franke (2006), entre outros, avançaram com o estudo da evolução desta máquina administrativa e do conceito de elite e sua composição. Mais recentemente Bárta (Bárta, 2013a, 2013b), Lloyd (2014), Campagno (2013) e Moreno García (1997, 1999, 2004, 2004b, 2006, 2008, 2010a, 2010b, 2011, 2012, 2013) procuraram compreender as relações de poder e dominação entre estes os membros que compõe esta elite: rei e funcionários. Especialmente Moreno García tem procurado compreender o impacto daquilo a que chama «outra» administração. Ou seja, o impacto das relações informais de poder (patronagem, favoritismo, fações palacianas, intrigas, etc.) entre o rei e elite que, segundo o autor, permanecem largamente desconhecidos até à VI dinastia.

As «Cabeças de Reserva» foram apenas superficialmente enquadradas neste contexto sociocultural pelas teorias existentes. Smith e Dubis sugeriram a existência de um possível favor real ao proprietário, produzido nas oficinas reais, como motivo para a colocação de uma «Cabeça de Reserva» na sua mastaba (Dubis, 1992, p. 23; Smith, 1949, p. 25). Nuzzolo prosseguiu esta teoria e avançou com a análise dos títulos gravados nas estelas das mastabas, concluindo que os proprietários das «Cabeças de Reserva» ocupavam cargos importantes na esfera administrativa, assim como na religiosa, além de estarem ligados por laços de família ao rei (como constata a presença comum do título *z3/ z3 nzw*). Perante a nivelação e uniformização promovida pela padronização das mastabas, a posse de uma «Cabeça de Reserva» significaria que estes indivíduos teriam beneficiado perpetuamente do favor do rei e de suas ofertas funerárias (Nuzzolo, 2011, pp. 205-215). No entanto, tratam-se apenas de teorias generalistas que carecem de uma análise individualizada dos detentores das «Cabeças de Reserva» e que por isso não respondem à principal questão enunciada pela academia:

porque é que nem todos os indivíduos proeminentes da elite egípcia do Império Antigo detinham o «privilégio» (ou não) de deter uma «Cabeças de Reserva»?

Neste sentido proponho, numa terceira parte da dissertação (Capítulo III), compreender quem são, socioculturalmente, os detentores das «Cabeças de Reserva» através da análise do contexto arqueológico onde as cabeças foram encontradas, da identificação dos nomes e títulos dos indivíduos e, quando possível do historial familiar:

1. As «Cabeças de Reserva» são obtidas autonomamente por motivos pessoais (religiosos, financeiros etc.) ou são concedidas pelo monarca? A sua posse está dependente uma relação familiar com o rei ou da função desempenhada na estrutura administrativa do «estado» egípcio? E/ou está dependente de uma relação informal, isto é, do favoritismo/ patronato do rei?
2. As «Cabeças de Reserva» manifestam uma emancipação individual dos seus detentores? Se sim, este processo de emancipação individual é enquadrado pelo poder centralizador da monarquia egípcia? Ou as «Cabeças de Reserva» manifestam uma posição de autonomia e autodeterminação que surge à margem do controlo da monarquia, minando-o?

CAPÍTULO I – ANÁLISE CRÍTICA DAS «CABEÇAS DE RESERVA»: NOVA PROPOSTA

«One can only hope that new information derived from complete examination of all the heads will help us to better understand the purpose of this unique group of objects.»

(Roehrig, 1999, p.79)

Neste capítulo proponho num primeiro momento explicitar as perturbações na identificação, registo, contabilização e consequente catalogação das «Cabeças de Reserva». Num segundo momento sugiro uma revisão e atualização desta contabilização e catalogação.

1.1 Análise crítica do registo, contabilização e catalogação

1.1.1 O registo

Durante os séculos XIX e XX, durante a descoberta das «Cabeças de Reserva», os arqueólogos procederam, cada um nos seus moldes, à identificação e registo dos exemplares.

Relativamente aos critérios/métodos de identificação, verifica-se que os exemplares não foram numerados/referenciados em série, mas sim de acordo com as diferentes opções de identificação definidos pelas várias missões. Isto porque as cabeças foram descobertas isoladamente e só foram agrupadas posteriormente como elementos integrantes de um *corpus* escultórico que se intitulou de «Cabeças de Reserva». Posteriormente estes números de referência foram novamente alterados aquando da sua inclusão nas coleções de museus.

No que respeita aos critérios de registo, os exemplares foram registados de forma escrita e/ou fotográfica. A respeito dos registos escritos estes não estão todos publicados e/ou acessíveis ao público. Tome-se por exemplo várias páginas dos manuscritos de Reisner, que não foram publicados na época, ou os manuscritos de Steindorff, que estiveram perdidos até 1991. Ademais, observa-se a ausência de uniformidade nos métodos de registo definidos pelas missões arqueológicas que resultaram em lacunas de informação, nomeadamente a respeito da escavação e arqueólogo responsável pela descoberta (nº16, 17, 27, 29, 32), da necrópole (nº17, 27, 32), cemitério e/ou mastaba onde os exemplares foram encontrados

(nº11⁶⁷, 16⁶⁸, 26⁶⁹, 29⁷⁰, 31⁷¹), da sua localização no interior da mastaba, das suas informações plásticas e «estado» de preservação entre outros.

A respeito dos registos fotográficos, existem registos de apenas vinte e nove⁷² «Cabeças de Reserva» e estes carecem também de uniformidade nos critérios de registo. Os registos fotográficos são maioritariamente descontextualizados arqueologicamente apresentando, em baixa resolução, o exemplar em apenas quatro ângulos (frontal e/ou posterior, lateral esquerda e/ou direita). Consequentemente, a carência de uniformidade de critérios/métodos de identificação e registo comprometeram as contabilizações e catalogações subsequentes.

1.1.2 A contabilização e catalogação

As propostas de contabilização e catalogação das «Cabeças de Reserva» de Smith (1949) e de Tefnin (1991), por terem sido consideradas as mais completas pela academia, são a referência para todos os estudos produzidos subsequentemente.

Comparando os dois catálogos, verifica-se que existe uma discrepância entre os critérios estabelecidos para a catalogação. No que diz respeito à catalogação, enquanto Smith cataloga exatamente o mesmo número de cabeças que contabiliza, não considerando orelhas desarticuladas e isoladas que foram encontradas no mesmo contexto arqueológico, Tefnin inclui-as no seu catálogo. Significa isto que os autores adotam critérios de catalogação distintos. Smith estabelece a preservação da cabeça, tida como elemento principal do conjunto, como condição para a catalogação do exemplar. Tefnin determina que mesmo perante a ausência do seu referencial, a cabeça, as orelhas encontradas desarticuladas e isoladas devem ser incluídas na catalogação. No entanto, no que diz respeito à contabilização das «Cabeças de Reserva» ambos os autores seguem o mesmo critério e, por consequência, os subsequentes estudiosos do tema. Tefnin e Smith incluem somente as cabeças estabelecendo como critério de contabilização a existência do referencial. Smith contabiliza trinta e um exemplares e Tefnin atualiza posteriormente a contagem para trinta e quatro exemplares.

⁶⁷ Foi encontrada nos arredores da mastaba G7000 a leste pirâmide de Khufu.

⁶⁸ Foi encontrada na necrópole de Giza mas em zona indeterminada.

⁶⁹ Foi encontrada nos escombros a oeste da mastaba G4160.

⁷⁰ Foi encontrada numa mastaba perto da pirâmide de Khafre.

⁷¹ Foi encontrada na rua entre a mastaba G4560 e a mastaba G4660.

⁷² Faltam os registos fotográficos dos exemplares nº29, 30, 33, 34 e 35.

Esta discrepância entre o número de exemplares contabilizados e o número de exemplares catalogados leva, inclusive, a erros perçecionáveis na obra de Tefnin. No *Index des Mastabas*, o catálogo mais sintético onde estão somente as «Cabeças de Reserva», Tefnin, por lapso, inclui as orelhas com o nº de referência RPM 2657, associadas à cabeça nº28 (do catálogo da dissertação), e exclui a cabeça com o nº de referência JE 89611 (nº16 do catálogo da dissertação). No catálogo mais extenso Tefnin faz incorretamente duas entradas de orelhas: a entrada 28, que diz respeito à orelha com o nº de referência MFA 14-3-18 (nº37 do catálogo da dissertação); e a entrada 29, que corresponde a uma orelha sem número de referência (Tefnin, 1991, pp. 120-121, pl.XXX). No entanto, ambas correspondem à mesma orelha. Tefnin considera para a entrada 28 um registo escrito da escavação de 1914 de Reisner referente à mastaba G 4710 (Reisner, 1942b, p. 101), que indica a descoberta de uma orelha sem número de referência. Para a entrada 29 Tefnin considera um registo fotográfico dos artefactos encontrados na escavação de 1914 das mastabas G 4620 e G 4710, que apresenta sete sílex (MFA 14.1451.1–14.1451.7) e uma orelha, identificada com o número de referência MFA 14-3-18. Tefnin considera que esta orelha é da mastaba G 4620 e faz, por isso, uma entrada independente. No entanto, a orelha MFA 14-3-18 diz respeito à orelha identificada na entrada 28 tratando-se, portanto, de uma entrada duplicada.⁷³

Considero estes critérios de catalogação e de contabilização problemáticos. Conclui-se que quando as orelhas são descobertas desarticuladas dos seus exemplares, como no caso da orelha associada à cabeça nº13 e das orelhas associadas à cabeça nº28, estas são referidas como elemento integrante da «Cabeça de Reserva» a que pertencem. No entanto, quando as orelhas são encontradas isoladas, nomeadamente as orelhas nº36 e nº37, independentemente de estas terem o mesmo contexto arqueológico, cronológico e características formais das orelhas desarticuladas, cujo referencial foi identificado, não são tidas como indício da existência do seu referencial que não foi descoberto e/ou preservado. Consequentemente, não só são desconsideradas na contagem oficial como na maioria dos estudos, salvo o de Tefnin, nem sequer são mencionadas e tidas em conta como objeto de estudo/análise. A questão que se coloca é: porquê?

Acredito que a opção de não integrar as orelhas isoladas na catalogação e contabilização das «Cabeças de Reserva» está relacionada com a ausência de estudos comparativos entre as

⁷³ In Digital Giza [em linha] [Digital Giza | Limestone ear \(harvard.edu\)](https://digitalgiza.harvard.edu/) / [consultado em 09-08-2021]

orelhas e cabeças. Estes evidenciariam, ou não, correspondências e, conseqüentemente, justificariam, ou não, a atualização do número de exemplares contabilizados. No entanto, considero mais profícuo que, até à elaboração destes estudos, as orelhas sejam, pelo menos, consideradas objeto de estudo. Conseqüentemente, proponho, devidamente justificada, uma revisão e atualização da contabilização das «Cabeças de Reserva» para quarenta exemplares.

1.2 Nova proposta de contabilização e catalogação: as orelhas

A minha proposta de contabilização de quarenta «Cabeças de Reserva» considera, em primeiro lugar, a catalogação de Tefnin, que inclui o conjunto de orelhas com o nº de referência MFA 15-12-34 (nº36, Fig.5) e a orelha MFA 14-3-18 (nº37, Fig.6). Estas orelhas permitem atualizar o número de «Cabeças de Reserva» para trinta e sete.

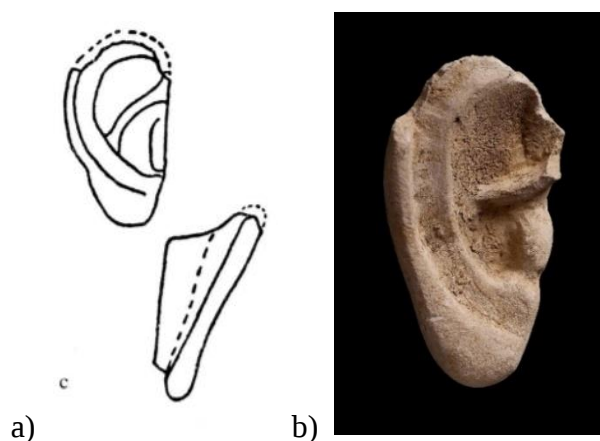


Fig. 5 -Orelhas MFA 15-12-34 (nº36) – a) (Tefnin, 1991, p. pl. XXX); b) Photograph © Museum of Fine Arts, Boston

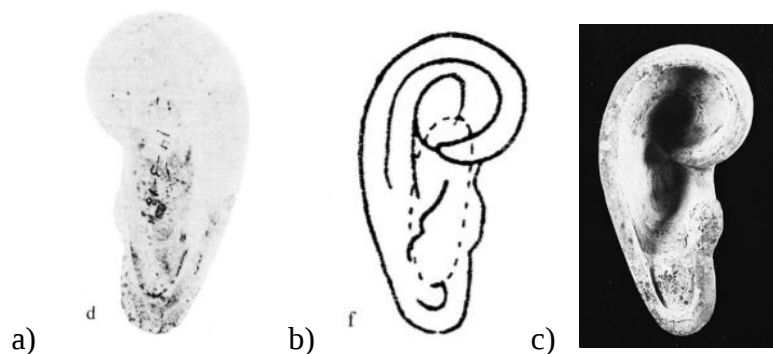


Fig. 6 -Orelha MFA 14-3-18 (nº37) a) e b) (Tefnin, 1991, p. pl. XXX); c) Photograph © Museum of Fine Arts, Boston

Por outro lado, a minha proposta alicerça-se na análise dos registos escritos, fotográficos e arqueológicos das descobertas das «Cabeças de Reserva», que constataam a existência de mais cinco orelhas isoladas: as orelhas com o nº de referência MFA 13.3445 e MFA 13.3446 (Reisner, 1942c, p. ApxA 030) (nº38, Fig.7 e 8); a orelha com o nº de referência MFA C482 NS (*Digital Giza*, fotografia de Said Ahmed Said [Diraz] (Reis)) (nº40, Fig.9); e as orelhas com o nº de referência MFA 15-1-23 (Reisner, 1942c, p. ApxA 014) (nº41, Fig.10). Embora referidas nestes documentos estas orelhas não são mencionadas, até ao momento, por nenhum estudo. Até prova em contrário, considero que estas orelhas indiciam a existência de mais três «Cabeças de Reserva»: as orelhas nº 38 de uma mesma cabeça da mastaba G 5190 A = G 2300 A; a orelha nº40 de uma cabeça da mastaba G 2041; e as orelhas nº41 de uma cabeça da mastaba G 5030, perfazendo um total de quarenta exemplares de «Cabeças de Reserva».



Fig. 7 - Orelha MFA 13.3446 (nº38) - Photograph © Museum of Fine Arts, Boston



Fig. 8 - Orelha MFA 13.3445 (nº38) - Photograph © Museum of Fine Arts, Boston



Fig. 9 - Orelha MFA C482 NS (nº40) - Photograph © Digital Giza - The Giza Project at Harvard University

No.	DESCRIPTION	MATERIAL	MEAS.	DATE	PROVENANCE
¹⁵ / ₁ 22	Five small offering saucers 	Pottery	—	Jan. 10 th	Giza 4930 B
23	One complete ear One large fragment of another ear (upper part only missing) Three smaller fragments	Semistone	H. 7.0 cm Ca. W. 4.1 cm. H. 6.2	Jan. 14 th	G. 5030 B.

Fig. 10 - Orelhas 15-1-23 (nº41) - (1942b, p. ApxA 014)

Verifiquei ainda a existência de mais duas orelhas desarticuladas: a orelha com o nº de referência ÄS 9614a (nº39, Fig.11) pertencente, segundo Jaroš-Deckert, ou à cabeça nº28 ou

pertencente à cabeça nº34 (Jaroš-Deckert, 1993, pp. 180-181); e a orelha com o nº de referência ÄS 9614b (nº33, Fig.12) que, segundo Jaroš-Deckert, pertence à cabeça nº33 (Jaroš-Deckert, 1993, p. 181). Embora sendo mencionadas na obra de Jaroš-Deckert estas orelhas não são referenciadas nos estudos das «Cabeças de Reserva». Devido a estarem associadas a «Cabeças de Reserva» já identificadas não alteram a sua contabilização, mas denotam as fragilidades das catalogações das «Cabeças de Reserva».



Fig. 11 - Orelha ÄS 9614a (nº39) – (Jaroš-Deckert, 1993, p. 180)

Fig. 12 - Orelha ÄS 9614b (nº33) - (Jaroš-Deckert, 1993, p. 180)

Perante esta proposta de atualização optei por incluir em anexo um catálogo, composto por quarenta e uma entradas⁷⁴. Neste catálogo podem ser consultadas diversas informações acerca de cada um dos exemplares de «Cabeças de Reserva». Isto é: o número de referência das «Cabeças de Reserva» e orelhas; a sua localização atual (museu ou coleção privada); o seu contexto arqueológico – a sua proveniência (necrópole, cemitério) e localização (mastaba e zona da mastaba em que foram encontradas); data da escavação e arqueólogo responsável; proposta de datação; proposta de proprietário do exemplar; características tipológicas e formais (material, estado de conservação e caracterização dos olhos, boca, buço, orelhas, pescoço e nuca) e bibliografia referente. Consequentemente, tornou-se impreterível reexaminar tanto as características formais e tipológicas como o contexto cronológico dos exemplares de modo a contextualizar os novos dados de análise: as orelhas. Todavia, devem ser feitas algumas ressalvas. Os dados recolhidos dos estudos das «Cabeças de Reserva» são dúbios (ou mesmo contraditórios em alguns casos) o que confere

⁷⁴ Existe dúvidas acerca de qual a «Cabeça de Reserva» correspondente à orelha isolada ÄS 9614a (nº28 ou 34). Neste sentido optei por fazer uma entrada independente desta orelha (nº39), que não corresponde há existência de mais uma «Cabeça de Reserva», daí as quarenta e uma entradas ao invés das quarenta.

um carácter meramente ilustrativo às percentagens apresentadas. Em segundo lugar importa esclarecer que nesta dissertação considero como «Cabeças de Reserva» um *corpus* escultórico composto por cabeças e orelhas desarticuladas e isoladas, pelo que quando assim mencionadas incluem esses dois elementos. No entanto, considerei imprescindível indicar quando se está perante a presença de cada um destes elementos, cabeças e orelhas, de modo a não induzir em erro o leitor.

1.2.1 Características formais e tipológicas

Uma das particularidades das orelhas isoladas identificadas, que as permite incluir no conjunto de orelhas das «Cabeças de Reserva», são as suas características formais e tipológicas que partilham com as orelhas desarticuladas e com as orelhas acopladas às cabeças.

Relativamente ao material de fabrico das orelhas isoladas, verifica-se que estas se constituem do mesmo material que predomina na elaboração das orelhas desarticuladas e acopladas das «Cabeças de Reserva»: o calcário. Considero que a inexistência de orelhas construídas de outro material, como o barro e gesso, se deve ao motivo inerente à preservação de poucos exemplares de cabeças destes materiais: a fragilidade dos mesmos.

No que diz respeito à dimensão das orelhas isoladas, verifica-se que estas apresentam aproximadamente as mesmas dimensões das orelhas desarticuladas (Tab.1): 6/7 cm de altura, 2/3cm de largura, 1/2 cm de espessura. Não existem dados das dimensões das orelhas acopladas às «Cabeças de Reserva» que permitiriam fazer uma análise mais extensiva deste parâmetro.

Tipologia	Nº	Necrópole	Mastaba	Material	Dimensões			
					Esquerda/ Direita	Altura (cm)	Largura (cm)	Espessura (cm)
Orelhas desarticuladas	28	Giza	G 4260	calcário	Direita	7,4 cm	2,7 cm	1,8 cm
					Esquerda	6,3 cm	2,5 cm	2 cm
	13		G 4650		Esquerda	Sem dados		
Orelhas isoladas	36		G 5010		Esquerda	6,9 cm	3,8 cm	Sem dados
	37		G 4710		Direita	6,9 cm	3,5 cm	2 cm
					Direita	7,8 cm	4,1 cm	Sem dados
	41		G 5030		Esquerda (fragmento)	6,2 cm	Sem dados	
	38		G 5190		Direita	7,4 cm	4 cm	3 cm

				Esquerda (fragmento)	3 cm	3 cm	2 cm
	39		G 4710	Esquerda (fragmento)	4,7 cm	3,9 cm	Sem dados
	33		G4360	Esquerda (fragmento)	3,6 cm	2,4 cm	Sem dados
	40		G 2041	Esquerda	Sem dados		

Tab. 1 - Tabela de materiais e dimensões das orelhas desarticuladas e das orelhas isoladas. Elaborada de acordo com os dados do Digital Giza.

Relativamente ao tratamento escultórico das orelhas isoladas, verifica-se que estas apresentam semelhantes particularidades estéticas e tipo de dano infligido, voluntaria ou deliberadamente, às observadas nas orelhas desarticuladas e acopladas.

A orelha nº40 (Fig.9) é comparável às orelhas desarticuladas das cabeças nº28 (Fig.13) e 13 (Fig.14), uma vez que apresenta o mesmo tipo de danos generalizados. Segundo Tefnin, a orelha esquerda da cabeça nº 13 e as orelhas da cabeça nº 28 apresentam danos generalizados infligidos por uma ferramenta de madeira (Tefnin, 1991, pp. 9, 20, 23, 26, 28, 30, 34, 37, 50 (n.2), 67, 68, 89, 123–124, pl. XXV a-d, XXX) e por um cinzel (Tefnin, 1991, p. 128), respetivamente. Denote-se, no entanto, que a orelha nº40 (Fig.9) ao contrário das orelhas nº28 (Fig.13) e 13 (Fig.14) se encontra inteira.



Fig. 13 - Orelhas RPM 2657 (nº28) – (Tefnin, 1991, p. pl. XXIX)



Fig. 14 - Orelha sem nº de referencia da cabeça RPM 2384 (nº13) –(Tefnin, 1991, p. pl. XXX)

Por sua vez, os danos da parte superior, a hélice, das orelhas nº38 (Fig.7 e 8), e da orelha nº36 (Fig.5), são comparáveis não só aos danos observados nas orelhas desarticuladas nº 28 (Fig.13) como também aos danos que das orelhas acopladas às «Cabeças de Reserva», como as cabeças nº1 (Fig.15) e 6 (Fig.16) exemplificam.



Fig. 15 - Detalhe da orelha esquerda da cabeça nº1 (Tefnin, 1991, p. pl.1)



Fig. 16 - Detalhe da orelha direita da cabeça nº6 (Tefnin, 1991, p. pl. VII)

Em suma, considero que a orelha nº40 (Fig.9), o conjunto de orelhas nº38 (Fig.7 e 8) e a orelha nº36 (Fig.5) fazem parte do conjunto de orelhas desarticuladas que foram arrancadas das «Cabeças de Reserva» (nº2, 3, 4, 10, 11, 13, 19, 22, 24, 26, 28). No entanto, uma vez que as orelhas nº28 (Fig.13), 13 (Fig.14), 38 (Fig.7 e 8) e 36 (Fig.5) não têm registo fotográfico da parte posterior, ao contrário da orelha nº40 (Fig.9), não é possível comparar o dano causado aquando da sua remoção. Apenas podemos verificar, com muitas ressalvas, que parece existir compatibilidade entre o tipo de golpes verificados nas cabeças cujas orelhas foram arrancadas (Fig.17, 18 e 19 entre outras) e os golpes observados na parte posterior do exemplar nº40 (Fig.9).

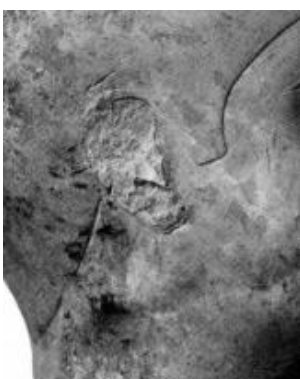


Fig. 17 - Detalhe cabeça nº4 (Tefnin, 1991, p. pl. XVII-XVIII)

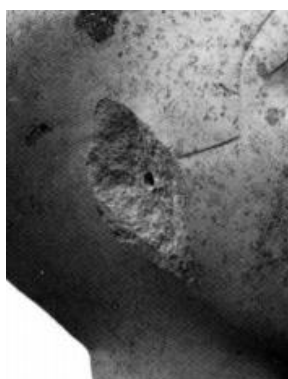


Fig. 18 - Detalhe da cabeça nº19 (Tefnin, 1991, p. pl. XVIII-XIX)



Fig. 19 - Detalhe da cabeça nº20 (Tefnin, 1991, p. pl. XXVII)

Das orelhas nº33 (Fig.12), 39 (Fig.11) e da orelha esquerda do conjunto nº36 (Fig.5) apenas se preservaram fragmentos: da orelha nº33 e 39 apenas um fragmento do meio da

orelha esquerda; e da orelha esquerda do conjunto nº36 um fragmento de zona indeterminada da orelha. Por um lado, estes fragmentos podem ser fragmentos em falta das orelhas acopladas às «Cabeças de Reserva». Por outro, podem ser fragmentos de orelhas que, tal como as orelhas desarticuladas ou isoladas acima mencionadas, foram totalmente arrancadas.

Já a orelha nº37 (Fig.6) destaca-se deste conjunto porque não apresenta qualquer dano. Neste sentido, defendo que este exemplar faz parte do conjunto de orelhas que foram esculpidas à parte tendo no seu local duas perfurações que poderiam corresponder a orifícios de fixação (como é visível nas cabeças nº8, Fig. 20, nº14, Fig.21).



Fig. 20 - Detalhe da cabeça nº8
(Tefnin, 1991, p. pl. IX-XII)



Fig. 21 - Detalhe da cabeça nº14
(Tefnin, 1991, p. pl. XIV)

Relativamente ao conjunto de orelhas nº41 não é possível fazer qualquer tipo de análise de dano, uma vez que não existe registo fotográfico das orelhas e o registo escrito não descreve as informações necessárias à análise.

1.2.2 Contexto cronológico

Outra das particularidades das orelhas isoladas que as permite incluir no *corpus* escultórico está relacionada com a sua inclusão no contexto cronológico «Cabeças de Reserva» e respetivas orelhas (Tab. 2).

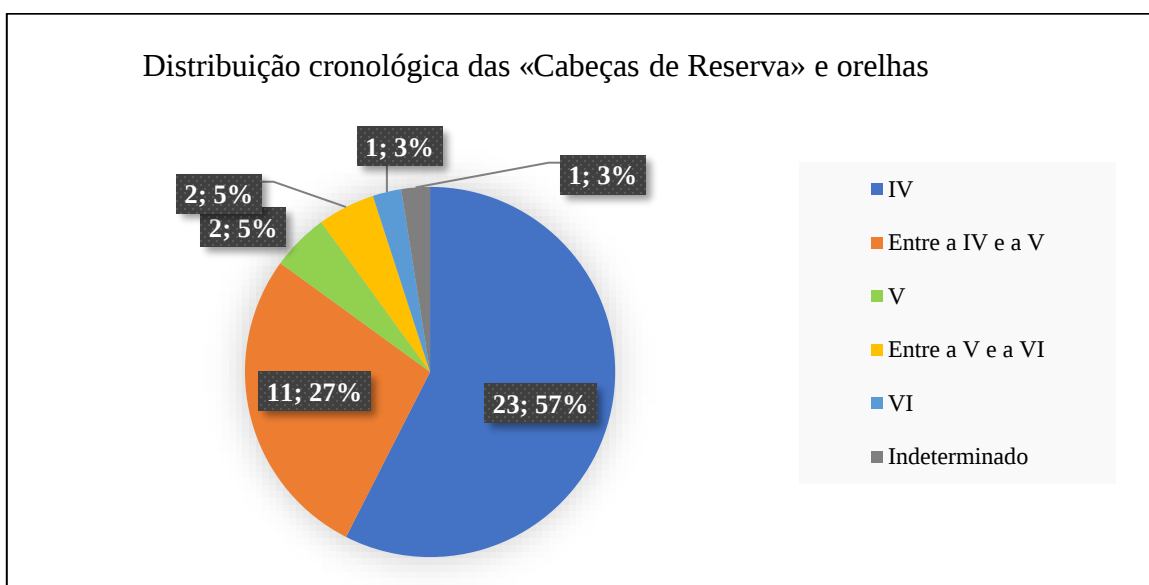
Embora seja complexo determinar com precisão a cronologia das «Cabeças de Reserva» podemos afirmar que a maioria dos exemplares (57%) data da IV dinastia, sobretudo dos reinados de Khufu e Khafra⁷⁵, ou da transição entre esta e a V dinastia (27%): Vinte e uma cabeças (nº 1, 2, 3, 4, 7, 10, 11, 13 e orelha, 16, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 28 e orelhas, 29, 30, 31, 33, 34) e duas orelhas isoladas, nº39 e 40, e uma orelha desarticulada

⁷⁵ Recomenda-se a consulta das propostas cronológicas dos vários autores no catálogo em anexo.

associada à cabeça nº33, que sugiro incluir neste *corpus*, datam da IV dinastia. Dez «Cabeças de Reserva» (nº 5, 6, 8, 9, 12, 14, 17, 18, 23, 27) e o conjunto de orelhas nº41, que proponho integrar neste *corpus*, datam da transição entre a IV e a V dinastias.

No que diz respeito à V (5%) e VI (3%) dinastias, ou entre os dois períodos (5%), o número de «Cabeças de Reserva» é residual. Da V dinastia apenas foi preservada uma «Cabeça de Reserva» (5%), a nº15, e a orelha nº37 que sugiro incluir neste *corpus*. De entre a V e VI dinastias subsiste apenas uma «Cabeça de Reserva» (5%), a nº32, e duas orelhas nº38, que sugiro acrescentar a este *corpus*. Da VI dinastia apenas foi preservada uma «Cabeça de Reserva» (3%), a nº35.

Relativamente ao conjunto de orelhas nº36 não existe qualquer proposta de datação.



Dinastias	«Cabeças de Reserva»	Orelhas	Novos dados
IV	nº 1, 2, 3, 4, 7, 10, 11, 13, 16, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34	Orelhas da cabeça nº13 Orelhas da cabeça nº28	da cabeça nº33, nº39 e 40
Entre a IV e V	nº 5, 6, 8, 9, 12, 14, 17, 18, 23, 27	-----	nº41
V	nº 15	-----	nº37
Entre a V e VI	nº 32	-----	nº38
VI	Nº35	-----	
Indeterminado	-----	-----	nº36

Tab. 2 - Gráfico e tabela da distribuição cronológica das «Cabeças de Reserva» e orelhas.

Em suma, conclui-se que contexto cronológico das orelhas que sugiro incluir no *corpus* das «Cabeças de Reserva» é coincidente com o contexto cronológico das «Cabeças de Reserva», concentrado maioritariamente na IV dinastia e na transição para a V dinastia, com alguns exemplos da VI.

1.2.3 Distribuição geográfica e contexto arqueológico⁷⁶

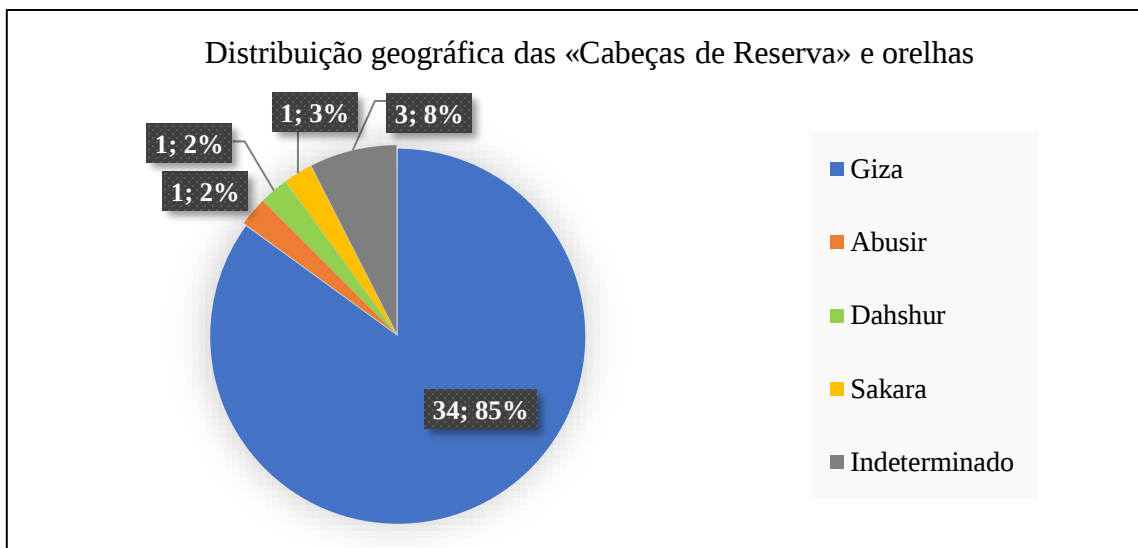
A particularidade mais relevante das orelhas isoladas, que as permite incluir no conjunto de orelhas das «Cabeças de Reserva», é o seu contexto arqueológico, uma vez que foram descobertas na mesma necrópole, cemitério, tipologia de mastabas e local no seu interior onde foram encontrados exemplares de «Cabeças de Reserva» e respetivas orelhas.

No que diz respeito à sua proveniência (Tab.3), embora em alguns casos seja difícil determinar com precisão a mesma, verifica-se que a maioria dos exemplares é proveniente da necrópole de Giza (85%), ou seja, vinte e nove «Cabeças de Reserva» (nº 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34) e as seis orelhas, a da cabeça nº33 e as nº36, 37, 38, 39, 40, 41, que sugiro adicionar ao *corpus*.

No entanto, foram também preservados exemplares da necrópole de Abusir (2%) a cabeça nº15, da necrópole de Dahshur (2%) a cabeça nº25 e da necrópole de Sakara (3%) a cabeça nº35. Relativamente às cabeças nº17, 32 e 27⁷⁷ não foi possível determinar a sua proveniência.

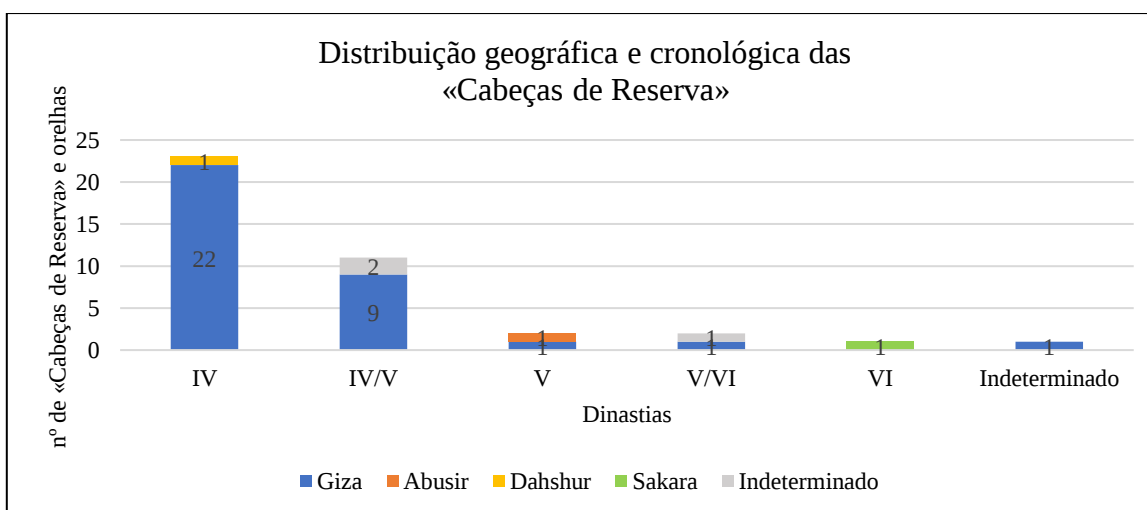
⁷⁶ Estas informações não foram apresentadas no Capítulo I porque considerei mais relevante serem apresentados juntamente com os novos dados. Optei por organizar a identificação da descoberta das «Cabeças de Reserva» por cemitério e, em cada cemitério, por datação para facilitar a leitura. No entanto, esta lógica de enumeração não representa a ordem em que foram descobertas uma vez que esta, devido às lacunas das fontes, é impossível de determinar com exatidão.

⁷⁷ A possibilidade da cabeça nº27 ser de Giza não está confirmada pelo que a considerei neste grupo.



Necrópole	«Cabeças de Reserva»	Orelhas	Novos dados
Giza	nº 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34	Orelhas da cabeça nº13, orelhas da cabeça nº28	Da cabeça nº33, 36, 37, 38, 39, 40, 41
Abusir	nº 15	-----	-----
Dahshur	nº 25	-----	-----
Sakara	nº 35	-----	-----
Indeterminado	nº17, 32, 27	-----	-----

Tab. 3 - Gráfico e tabela da distribuição geográfica das «Cabeças de Reserva» e orelhas.



	IV	Entre a IV e a V	V	Entre a V e a VI	VI	Ind.
Giza	Cabeças nº 1, 2, 3, 4, 7, 10, 11, 13, 16, 19, 20, 21, 22, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34 Orelhas nº33, 39, 40	Cabeças nº 5, 6, 8, 9, 12, 14, 18, 23, 27 Orelhas nº41	Orelha nº37	Orelhas nº38	-----	Orelha nº36
Abusir	-----	-----	Cabeça nº15	-----	-----	-----
Dashur	Cabeça nº25	-----	-----	-----	-----	-----
Sakara	-----	-----	-----	-----	Cabeça nº35	-----
Ind.	-----	Cabeça Nº17	-----	Cabeça nº32	-----	-----

Tab. 4 - Síntese em gráfico e tabela da distribuição arqueológica e cronológica das «Cabeças de Reserva» e orelhas.

Relativamente ao contexto arqueológico das «Cabeças de Reserva» (Tab. 5), na quase generalidade dos casos (80%) as «Cabeças de Reserva» foram encontradas nos poços ou na câmara funerária das mastabas, ou seja, vinte sete cabeças (nº 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15⁷⁸, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25⁷⁹, 28, 30, 33, 34, 35⁸⁰) e seis orelhas, a da cabeça nº33 e as nº36, 37, 38, 39, 40, 41, que proponho acrescentar ao *corpus*.

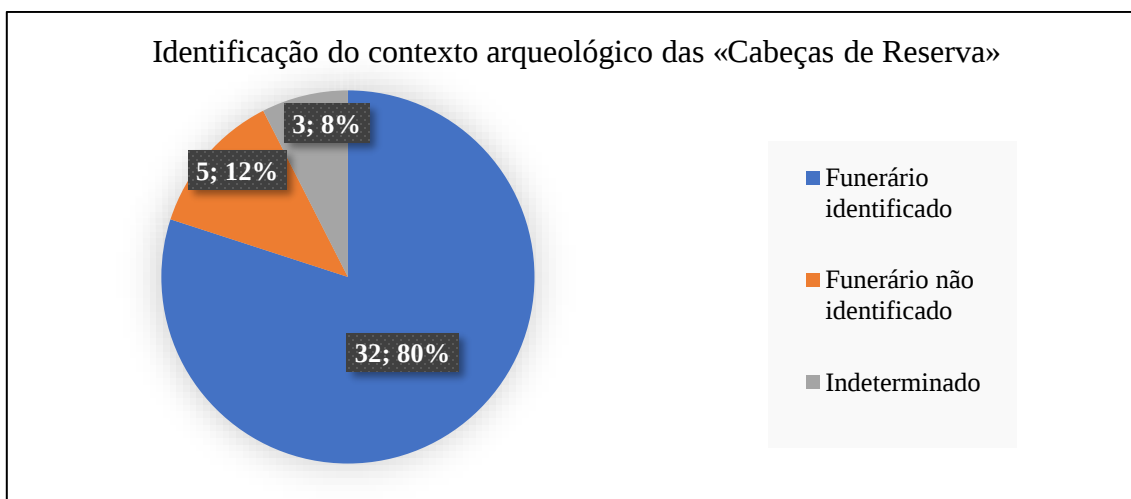
No entanto, alguns exemplares foram encontrados nas ruas entre mastabas ou nos seus despojos (12%), isto é, cinco cabeças: a nº 11 nos arredores da mastaba G 7000 a leste da mastaba de Khufu; a nº16 numa zona indeterminada da necrópole de Giza; a nº26 nos escombros a oeste da mastaba G 4160; a nº31 numa mastaba não identificada perto da pirâmide de Khafra; e a nº29 na rua entre a mastaba G 4560 e a mastaba G 4660.

Infelizmente, a origem das «Cabeças de Reserva» nº17, 27 e 32 permanece desconhecida (8%).

⁷⁸ A cabeça nº15 de Abusir foi encontrada no interior da câmara funerária de Kahotep na «mastaba das princesas».

⁷⁹ A cabeça nº 25 foi encontrada na mastaba nº5 mas sem referência da sua localização no interior.

⁸⁰ A cabeça nº35 de Sakara foi encontrada nos escombros do poço nº5 (à entrada da câmara funerária).



Contexto arqueológico	«Cabeças de Reserva»	Orelhas	Novos dados
Contexto funerário identificado	nº 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15 (Abusir), 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25 (Dahshur), 28, 30, 33, 34, 35 (Sakara)	Orelhas da cabeça nº13, orelhas da cabeça nº28	Da cabeça nº33, 36, 37, 38, 39, 40, 41
Contexto funerário não identificado	Nº 11, 16, 26, 29, 31	-----	-----
Indeterminado	nº17, 32, 27	-----	-----

Tab. 5 - Gráfico e tabela do contexto arqueológico das «Cabeças de Reserva» e orelhas. Defini como «contexto funerário identificado» as mastabas identificadas por numeração. Defini como «contexto funerário não identificado» os contextos funerários que não permitem identificar a localização exata da descoberta de «Cabeças de Reserva» (arruamentos, mastabas não identificadas). Defini como «Indeterminado» a impossibilidade de determinar o contexto arqueológico por falta de registos.

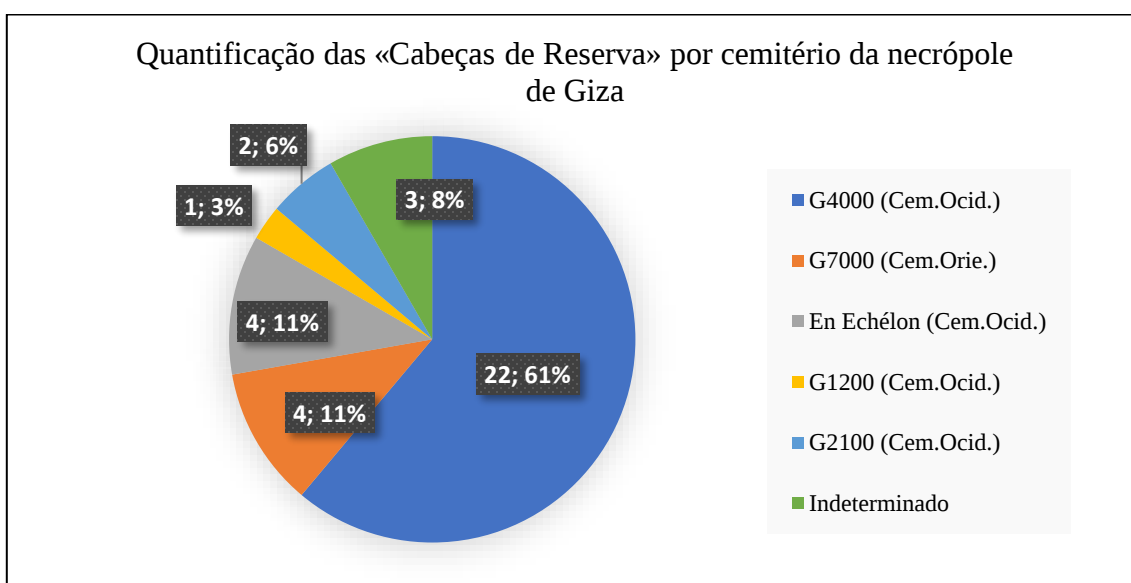
Em suma, conclui-se que distribuição geográfica e contexto arqueológico das orelhas que proponho incluir no *corpus* das «Cabeças de Reserva» é coincidente com o apresentado para as «Cabeças de Reserva», concentrando-se na necrópole de Giza e em contextos funerários identificados, ou seja, mastabas identificáveis.

Seguidamente esmiuçarei o contexto arqueológico das «Cabeças de Reserva» da necrópole de Giza, uma vez que é neste conjunto que se incluem as orelhas que sugiro adicionar ao *corpus*.

As «Cabeças de Reserva» de Giza provêm, sobretudo, do Cemitério Ocidental⁸¹ (81%; Fig.2). Este cemitério foi dividido em várias zonas, identificadas pelas missões

⁸¹ Optei por organizar a identificação da descoberta das «Cabeças de Reserva» por cemitério e, em cada cemitério, por data para facilitar a leitura. No entanto, esta lógica de enumeração não representa a ordem com que foram descobertas uma vez que esta, devido às lacunas das fontes, é impossível de determinar com exatidão.

arqueológicas como: a zona de escavações de Abu Bakr (1949–50, 1950–1, 1952 e 1953); o cemitério G 1000 (composto pelos cemitérios G 1000; G 1200; G 1300; G 1400; G 1500; G 1600; G 1900), o cemitério G 2000 (composto pelos cemitérios G 2000; G 2100; G 2200; G 2300; G 2400; G 2500) e os cemitérios G 3000, G 4000, G 6000; o cemitério En Échelon; e os cemitérios nomeados segundo os seus arqueólogos, isto é os cemitérios de Junker (Occidental e Oriental) e Steindorff. (Porter et al., 1974, pp. 100-122). Os cemitérios G 1200, G 2100 e G 4000, são os mais antigos do Cemitério Ocidental e de onde advêm a maioria dos exemplares de «Cabeças de Reserva» (Tab.6) (Jánosi, 2006, p. 175).



Cemitério		«Cabeças de Reserva»	Orelhas	Novos dados
Cemitério Ocidental	G 4000	nº3, 4, 5, 6, 7, 10, 13, 14, 18, 19, 20, 21, 26, 28, 29, 30, 33, 34	Da cabeça nº28 Da cabeça nº13	Da cabeça nº33, nº36, 37, nº39
	En Échelon	nº8, 9,	-----	nº38, nº41
	G 1200	nº1	-----	-----
	G 2100	nº2	-----	nº40
Cemitério Oriental	G 7000	nº22, 23, 24, 11	-----	-----
Indeterminado		nº12 (na D38 fora dos cemitérios)16, 31	-----	-----

Tab. 6 - Gráfico e tabela da distribuição das «Cabeças de Reserva» e orelhas por cemitério da necrópole de Giza

a) O cemitério G 1200

Do cemitério G 1200 (Fig.22), a porção mais a oeste do Cemitério Ocidental, são provenientes 3% dos exemplares que compõem o *corpus* escultórico das «Cabeças de Reserva» (Tab.6). Estes 3% correspondem a apenas uma «Cabeça de Reserva», a nº1, encontrada por Reisner na expedição de 1903-4, no poço canópico da câmara funerária da mastaba G 1203, pertencente a Kanefer (Manuelian, 2003, p. 114; Reisner, 1942a, p. 157).

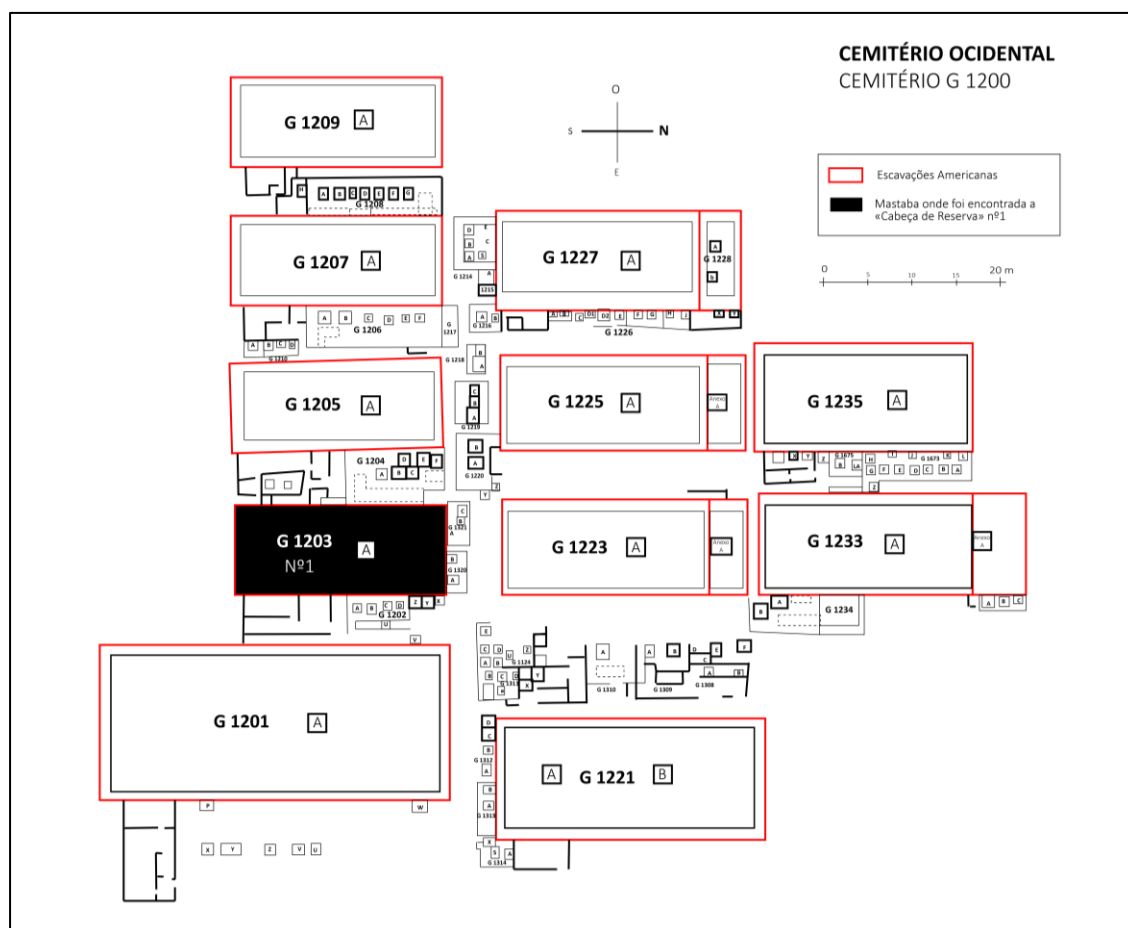


Fig. 22 - Mapa do Cemitério G 1200 do Cemitério Ocidental da necrópole de Giza. Mapa elaborado de acordo com o mapa de Reisner (1942a, p. Map 4. Cemetery G 1200). Especificação dos dados: foi encontrada a «Cabeças de Reserva» nº1 na mastaba G 1203.

b) O cemitério G 2100

Do cemitério G 2100 (Fig.23), imediatamente a este do G 1200 e entre este e o cemitério En Échelon, são provenientes 6% dos exemplares que compõem o *corpus* escultórico das «Cabeças de Reserva» (Tab.6). Estes 6% correspondem à cabeça nº2 e à

orelha nº40 que proponho incluir no *corpus*. A cabeça nº2 foi descoberta por Reisner na mesma expedição de 1903-4, no fundo do poço A da mastaba G 2110, pertencente a Nefer (*nfr*) (Der Manuelian, 2003, p. 114; Reisner, 1942a, p. 425). A orelha nº 40 foi encontrada também por Reisner, embora só na escavação de 1907, no poço A da mastaba G 2041, pertencente a Senenuka Keki (*snnwk3 kki*) (Digital Giza – fotografia de Said Ahmed Said).

Considero que existem motivos para a incorporação da orelha nº40 neste *corpus* escultórico, não como uma orelha desarticulada associada a uma «Cabeça de Reserva» já identificada, mas como evidência de uma cabeça não preservada.

A única mastaba deste cemitério onde se encontrou uma cabeça, a mastaba G 2110 de onde é proveniente a cabeça nº1, encontra-se geograficamente próxima da mastaba G 2041, de onde é proveniente a orelha nº40. No entanto, tomando como exemplo o cemitério G 4000 (Fig.23), onde são várias as mastabas geograficamente próximas cada uma com a sua respetiva «Cabeças de Reserva», não considero plausível a associação da cabeça e da orelha com base neste parâmetro. Esta aproximação poderia significar a existência de uma relação entre os dois elementos, cabeça e orelha, uma vez que a cabeça nº1 apresenta vestígios de remoção das orelhas. No entanto, se analisarmos os tipos de danos apresentados nas orelhas da cabeça nº2 verifica-se que estes não correspondem com a orelha nº40 que foi, no meu entender, arrancada inteira. Consequentemente, este parâmetro também enfraquece a possibilidade de associação entre estes dois elementos.

Segundo as propostas de datação das mastabas, cabeça e orelha, sugeridas por vários especialistas, seria possível a associação entre a cabeça nº2 e a orelha nº40. Fischer e Baer situam a mastaba G 2110 e a cabeça nº2 entre o fim da IV dinastia e início da V. A maioria dos especialistas, como Harpur, Strudwick, Cherpion e Portes e Moss, situam a mastaba G 2110 no fim da IV dinastia, especificamente no reinado de Khafra.⁸² Por sua vez a mastaba G 2041 e a orelha nº 40 é apontada por Baer, Strudwick e Porter e Moss como sendo do início ou meio da V dinastia, especificamente, segundo Harpur, de entre os reinados de Userkaf e Neferirkara, ou, segundo Kanawati, do reinado de Unas. Smith e Reisner antecipam a datação para o fim da IV dinastia. Smith propõe que sejam do reinado de Menkaura, enquanto Reisner pondera que sejam da transição da IV para a V dinastia, situando-as entre entre o

⁸² In Digital Giza [em linha] [Digital Giza | G 2110 \(harvard.edu\)](https://digitalgiza.harvard.edu/G2110) [consultado em 11-06-2021]

reinado de Menkaura até após o reinado de Neferirkara.⁸³ No entanto, é de conhecimento comum que as propostas de datação das mastabas de Giza são controversas, pelo que também não considero plausível a associação da cabeça e da orelha com base neste parâmetro.

Neste sentido, até à elaboração de estudos comparativos que concluam a existência, ou não, de semelhança de golpes entre as «Cabeças de Reserva» identificadas e estas orelhas, considero a possibilidade de as mesmas sugerirem a existência de uma «Cabeça de Reserva», que não foi preservada, da mastaba G 2041. Até porque, segundo os registos arqueológicos, esta orelha foi encontrada no poço A onde, à semelhança dos restantes poços e câmaras funerárias onde foram «Cabeças de Reserva», não foram encontrados quaisquer elementos escultóricos além de um grupo de instrumentos em pedra (MFAB 47.1797).

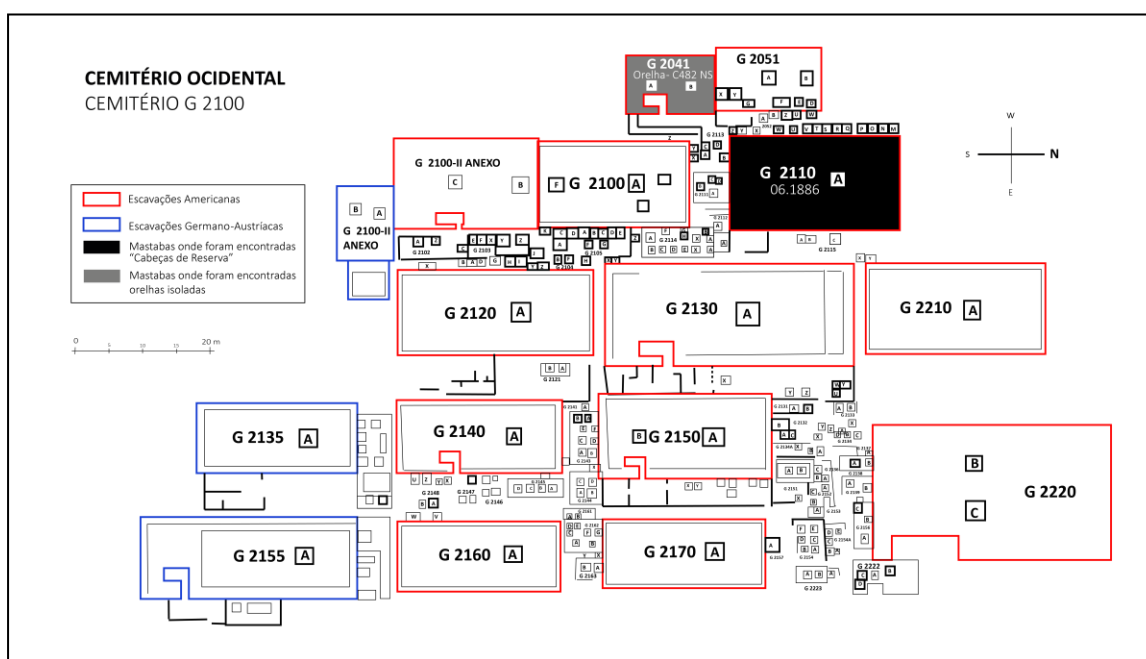


Fig. 23 - Mapa do Cemitério G 2100 do Cemitério Ocidental da necrópole de Giza. Mapa elaborado de acordo com o mapa de Reisner (1942a, p. Map 5. Cemetery G 2100). Especificação dos dados: foi encontrada a «Cabeça de Reserva» nº2 na mastaba G 2110 e orelha nº40 na mastaba G 2041. Incluíram-se duas mastabas do cemitério G 2000, a G 2041 e a G 2051 para facilitar a identificação da localização da orelha nº40.

c) O cemitério G 4000

Do cemitério G 4000 (Fig.24), localizado a sul do G 2100, são provenientes 61% dos exemplares que compõem o *corpus* escultórico das «Cabeças de Reserva» (Tab.6), ou seja,

⁸³ In Digital Giza [em linha] [Digital Giza | G 2041 \(harvard.edu\)](https://digitalgiza.harvard.edu/G2041) [consultado em 11-06-2021]

dezoito cabeças (e respectivas três orelhas desarticuladas) e quatro das orelhas isoladas que sugiro acrescentar ao *corpus*: uma das orelhas associada à cabeça nº33; a orelha nº39 associada à cabeça nº28 ou à cabeça nº34; e as orelhas nº36 e a orelha nº37.

As primeiras «Cabeças de Reserva» a serem encontradas neste cemitério foram descobertas em 1912 por Reisner na mastaba G 4140, pertencente a Meretites (*mrtits*). No fundo do poço A foi encontrada a cabeça nº3 e de dentro da câmara funerária a cabeça nº4 (Manuelian, 2003, p. 115; Reisner, 1915, p. 30, 1942a, p. 462).

Estes exemplares prenunciavam o período de Ouro de descoberta das «Cabeças de Reserva»: as escavações de Reisner e Junker, nas respectivas concessões, durante os anos de 1913 e 1914 (Flentye, 2018, p. 7). Em 1913 Reisner encontra vários exemplares: a cabeça nº19 a oeste da mastaba G 4340 no fundo do poço A, cujo proprietário não é possível determinar (Reisner, 1915, p. 32); as cabeças nº5 e 6 no fundo do poço A da mastaba G 4440, cujo dono é indeterminado (Reisner, 1915, pp. 31-32); a cabeça nº7 no poço A da mastaba G 4540 (Reisner, 1915, p. 35), da qual o proprietário não é possível determinar; a cabeça nº21 no poço A da mastaba G 4640, cujo proprietário é impreciso (Reisner, 1915, pp. 31-32); e, juntamente com Ernesto Schiaparelli, a cabeça nº18 no poço A da mastaba G 4240, da qual o dono não é possível determinar (Reisner, 1915, p. 31). Embora seja impossível, devido às lacunas das fontes, delimitar com precisão a data da escavação, sabe-se que entre 1913 e 1914 Reisner descobre ainda a «Cabeça de Reserva», a nº30 no poço A da mastaba G 4430, cujo proprietário não se consegue demarcar (Reisner, 1915, p. 31).

Paralelamente, na sua porção do cemitério, Junker encontra vários exemplares: a cabeça nº26 nos escombros a oeste da mastaba G 4160 (In⁸⁴) e a nordeste da mastaba de Hemiunu (*Hmjwnw*) (G 4000) (Junker, 1929a, pp. 7-8); a cabeça nº10 na entrada da câmara funerária da mastaba G 4350 (IIIIs), da qual o proprietário não é possível de determinar (Junker, 1913, p. 35,44); a cabeça nº 33 numa zona indeterminada da mastaba G 4360 (IIIIn), pertencente a Meryhetepef (*mr[i]Htpf*) (Junker, 1929a, pp. 45-57); e ainda a cabeça nº34 numa zona indeterminada da mastaba G 4460 (IVn), cujo identidade do proprietário é imprecisa (Junker, 1929a, pp. 45-57).

⁸⁴ Optei por incluir a numeração dada pela escavação alemã para facilitar a identificação da mesma por parte do leitor.

Em 1914 Reisner, na sua porção do cemitério, encontra a orelha nº37 (que proponho incluir no *corpus*), na câmara funerária do poço A da mastaba G 4710, pertencente a Sethu (*sTw*) (Reisner, 1942a, pp. 521, 524, fig. 325). No mesmo ano Junker encontra vários exemplares: a cabeça e respetiva orelha desarticulada nº13 numa zona indeterminada da mastaba G 4650 (Vn) pertencente a Labtet (*iʿbtt*) (Junker, 1913, p. 173); a cabeça nº20, no poço A logo abaixo da entrada da câmara mortuária perto da parede interna da câmara, à direita da passagem da mastaba G 4560 (VIs), cujo proprietário não é possível determinar (Junker, 1913, p. 174); a cabeça nº14 no poço S984 na parede leste da mastaba G 4840 (VIIIss), pertencente a Wenshet (*wnSt*), (Junker, 1913, p. 174); e a cabeça e respetivas orelhas nº28 numa zona indeterminada da mastaba G 4260 (= II n), cujo dono é indefinido (Junker, 1929a, p. 45).

A partir deste ano, a descoberta de «Cabeças de Reserva» parece abrandar. Em 1915 Reisner descobre as orelhas nº36 (que proponho adicionar ao *corpus*) na câmara funerária do poço A da mastaba G 4510, cujo identidade do proprietário é imprecisa (Reisner, 1942a, p. 518). Em 1926 Junker encontra fragmentos de uma orelha (que sugiro incluir no *corpus*), que segundo Jaroš-Deckert pertencem à mastaba G 4360 (IIIIn) e à cabeça nº33, da qual o dono não é possível de determinar (Junker, 1929a, pp. 45-57) e a orelha nº39 (que sugiro acrescentar no *corpus*), que segundo Jaroš-Deckert pertence ou à mastaba G 4260 ou à G 4460 (Jaroš-Deckert, 1993, p. 181).

Embora seja indeterminável a expedição responsável pela sua descoberta (teoriza-se que tenha sido Junker ou Reisner), foi encontrada a «Cabeça de Reserva» nº 29 na rua entre a mastaba G 4560 e a mastaba G 4660, cujo proprietário não é possível determinar (Smith, 1949, p. 26).

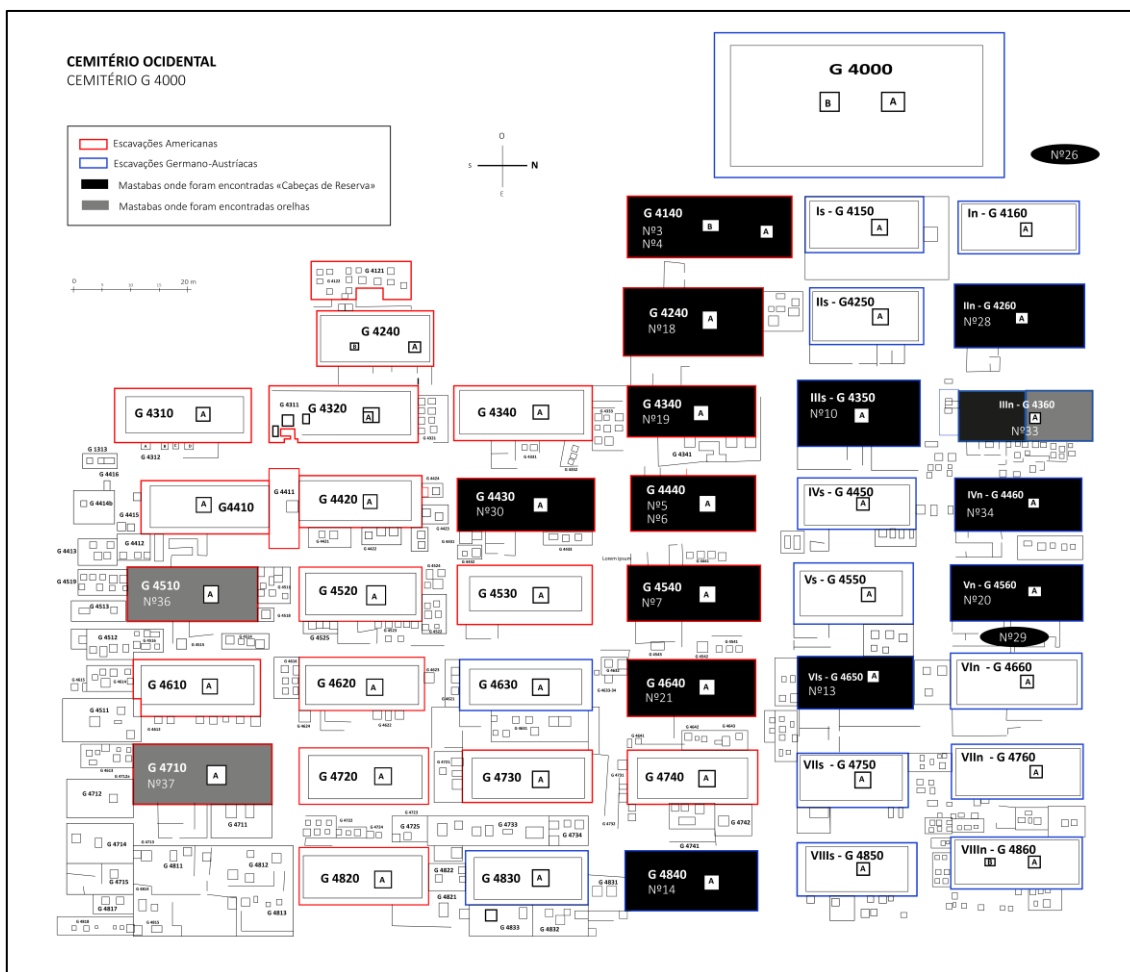


Fig. 24 - Mapa do Cemitério G 4000 do Cemitério Ocidental da necrópole de Giza. Mapa elaborado de acordo com o mapa de Junker (1955, fig. Plan 3; Reisner, 1942a, p. Map 6. Map of Cemetery G 4000). Especificação dos dados: foram encontradas as «Cabeça de Reserva» nº3, 4, 5, 6, 7, 10, 13, 14, 18, 19, 20, 21, 26, 28, 29, 30, 33, 34 e as orelhas da cabeça nº33, e as orelhas nº36, 37, 39.

Considero que existem motivos para a incorporação no conjunto das «Cabeças de Reserva» as orelhas associadas à cabeça nº33 e a orelha nº39, associada a uma das cabeças nº28 ou 34.

De acordo com Jaroš-Deckert, uma das orelhas está associada à mastaba G 4360 e à cabeça nº33. Segundo as propostas de datação de Reisner a cabeça é da IV dinastia do reinado de Khufu (Reisner, 1942a, p. 83). Segundo Jaroš-Deckert a orelha é também da IV dinastia, confirmando um sincronismo cronológico. No entanto, não existe nenhum registo fotográfico da cabeça nº33 que permita atestar a coincidência de cortes com esta orelha. Neste sentido, questiono-me se efetivamente esta orelha pode ser considerada como estando associada à

cabeça nº33, se estará associada a outra cabeça já identifica, ou ainda se pode ser considerada um vestígio de uma «Cabeça de Reserva» não preservada.

Também de acordo com Jaroš-Deckert, a orelha nº39 pertence ou à mastaba G4260 e à cabeça nº28 ou à mastaba G 4460 e à cabeça nº34 (Jaroš-Deckert, 1993, p.181). Segundo as propostas cronológicas, a cabeça nº28, datada por Junker como sendo do reinado de Khufu, coincide com a orelha nº39, datada por Jaroš-Deckert, como sendo da IV dinastia (Jaroš-Deckert, 1993, p.181). Jaroš-Deckert afirma que a cabeça nº28 apresenta golpes de cinzel na zona de remoção das orelhas coincidentes com os golpes apresentados na orelha AS 9614a (Jaroš-Deckert, 1993, p.181). Considero que a cabeça nº28 apresenta danos demasiado profundos na zona das orelhas inviabilizando uma comparação de golpes entre a cabeça e as orelhas. Inclusive Junker associa a nº 28 às orelhas com nº de referência RPM 2657. Neste sentido, questiono-me se, caso se prove que as orelhas desarticuladas RPM 2657 pertencem a esta cabeça, a orelha nº39 poderá ser um vestígio de uma outra cabeça não preservada. Ou se por outro, se se provar que a orelha nº39 pertence à cabeça nº28, as orelhas RPM 2657, até prova de estarem associadas a uma outra cabeça já catalogada, indiciam a possível existência de uma outra cabeça não preservada. Ou seja, independentemente de qual das orelhas, RPM 2657 ou nº39 pertencem à cabeça nº28 poderá existir aqui evidência da possível existência de uma «Cabeça de Reserva» não preservada?

Segundo as propostas cronológicas a cabeça nº34, datada por Junker como sendo de reinado de Khafre (Junker, 1929a, pp. 45-57) e por Reisner como sendo do reinado de Khufu (Reisner, 1942a, p. 83), existe sincronismo com a orelha nº39, que de acordo com Jaroš-Deckert data da IV dinastia (Jaroš-Deckert, 1993, p.181). No entanto, a cabeça nº34 não apresenta nenhum registo fotográfico que permita atestar a semelhança de golpes com esta orelha. Neste sentido, questiono-me se efetivamente esta orelha pode ser considerada da cabeça nº34, se estará associada a outra cabeça já identifica, ou ainda se pode ser considerada um vestígio de uma «Cabeça de Reserva» não preservada.

Em suma, a respeito da orelha nº39 e da associada à cabeça nº33, considero, mais uma vez, que é indispensável fazer um estudo mais aprofundado destes pontos de contacto entre cabeças e orelhas de modo a concluir a existência, ou não, de sincronismo de golpes.

Considero ainda que existem motivos para a incorporação das orelhas nº36 e 37 neste *corpus* escultórico, não como orelhas desarticuladas associadas a «Cabeças de Reserva» já identificadas, mas como evidências de cabeças não preservadas.

Existe a possibilidade destas orelhas pertencerem às cabeças encontradas nas mastabas cujas cabeças apresentam vestígios da remoção total das orelhas (nº4 da mastaba G 4140, nº 19 da mastaba G 4340, nº10 da mastaba G 4350, a nº20 da mastaba G 4560, e a nº14 da mastaba G 4840). Existe também a possibilidade de pertencerem às cabeças cuja ausência de registo escrito, fotográfico e arqueológico (que nos permitiria saber se tinham ou não as orelhas acopladas à cabeça) não nos permitem excluir da equação (nº30 da mastaba G 4430, a nº29, e a nº34 da mastaba G 4460). Sabemos, todavia, que estas orelhas não podem pertencer à cabeça nº3 da mastaba G 4140, à nº18 da mastaba G 4240, à nº5 e 6 da mastaba G 4440 e à nº7 da mastaba G 4540, uma vez que estas cabeças apresentam a remoção parcial e não total das orelhas. E também não podem pertencer à cabeça nº21 da mastaba G 4640 porque esta apresenta apenas o delineamento das orelhas.

Segundo as propostas de datação de vários especialistas a orelha nº 37 é datada por Porter e Moss como proveniente da V dinastia (Porter et al. 1974, p.133), excluindo à partida a associação a várias «Cabeças de Reserva», nomeadamente: a cabeça nº4 (Porter et al., 1974, p. 124; Reisner, 1942a, p. 83), a nº19 (Porter et al., 1974, p. 126; Reisner, 1942a, p. 84), a nº10 (Junker, 1914b, p. 35,44; Porter et al., 1974, p. 126; Reisner, 1942a, p. 83), a nº 20 (Porter et al., 1974, p. 131; Smith, 1949, p. 26; Reisner, 1942a, p. 84) e a nº29 (Porter et al., 1974, p. 135), datadas por Porter e Moss, Reisner, Junker e Smith como sendo da IV dinastia, especificamente do reinado de Khufu; a nº 30 datada por Porter e Moss, Reisner e Smith como sendo do reinado de Khafra (Porter et al., 1974, p. 128; Reisner, 1915, p. 31; Smith, 1949, p. 26); e a nº34 datada por Reisner como sendo do reinado de Khufu (Reisner, 1942b, p. 83) e por Junker como sendo do reinado de Khafra (Junker, 1929a, pp. 45-57). A única associação cronológica que poderia ser feita seria com a cabeça nº14, que Porter e Moss afirmam ser da V dinastia (Porter et al., 1974, p. 139).

No entanto, considero pouco provável estas associações. Além de não existir compatibilidade cronológica a respeito da orelha nº37, com exceção da cabeça nº34, não há qualquer proposta de datação das orelhas nº36 que permitiria confirmar estas coincidências. Não existe, inclusive, nenhum registo fotográfico da «Cabeça de Reserva» nº34 que permita

fazer a comparação entre os pontos de contacto da cabeça e da orelha nº37. Neste sentido, até à elaboração de estudos comparativos que concluam a existência, ou não, de correspondência de cortes entre as «Cabeças de Reserva» identificadas e estas orelhas, considero a possibilidade de as mesmas sugerirem a existência de «Cabeças de Reserva», que não foram preservadas. Até porque estamos perante o cemitério onde foram encontradas a maioria dos exemplares das «Cabeças de Reserva» com vestígios da remoção total ou parcial das orelhas. É igualmente provável a associação destas orelhas a «Cabeças de Reserva» já existentes como a sua associação a cabeças não preservadas. Inclusive, segundo os registos arqueológicos, ambas as orelhas foram encontradas, à semelhança das «Cabeças de Reserva» deste cemitério, dentro das respetivas câmaras funerárias onde não foram encontrados quaisquer elementos escultóricos (Reisner, 1942a, pp. 521, 524, fig. 325).

d) O cemitério En Échelon

Do cemitério En Échelon (Fig.25), que se localiza a este do cemitério G 4000 e G 2000 e a oeste da pirâmide de Khufu, são provenientes 11% dos exemplares que compõem o *corpus* escultórico das «Cabeças de Reserva» (Tab.6). Isto é, duas cabeças, a nº8 e 9, e três orelhas, as nº38 e 41 (que sugiro incluir no *corpus*).

Em 1912 Reisner ao escavar a câmara funerária do poço A da mastaba G 5190 = G 2300, cujo proprietário não é possível de determinar, descobre duas orelhas nº38 (que proponho acrescentar no *corpus*) (Reisner, 1942c, p. ApxA 030).

No ano seguinte, em 1913, Reisner descobre a «Cabeça de Reserva» nº8 poço B da mastaba G 4940, pertencente a Seshemnefer (*sSmnfr [II]*), que já fora identificada (L45) por Karl Richard Lepsius entre 1849 e 1856 (Flentye, 2018, p. 6; Reisner, 1942a, p. pl. 56b).

Dois anos depois, Reisner descobre as orelhas nº41 (que sugiro acrescentar a este *corpus*) no poço B da mastaba G 5030, cujo identidade do proprietário é imprecisa, também já identificada (L46) por Lepsius (Reisner, 1942b, p. ApxA 014).

Só em 1935 Reisner descobre a cabeça nº9 no poço A da mastaba G 5020, que afirma provavelmente pertencer originalmente ao poço A da mastaba G 4240, cujo proprietário também não é possível identificar (Reisner, 1942b, p. ApxA 013, 1942d, 234).

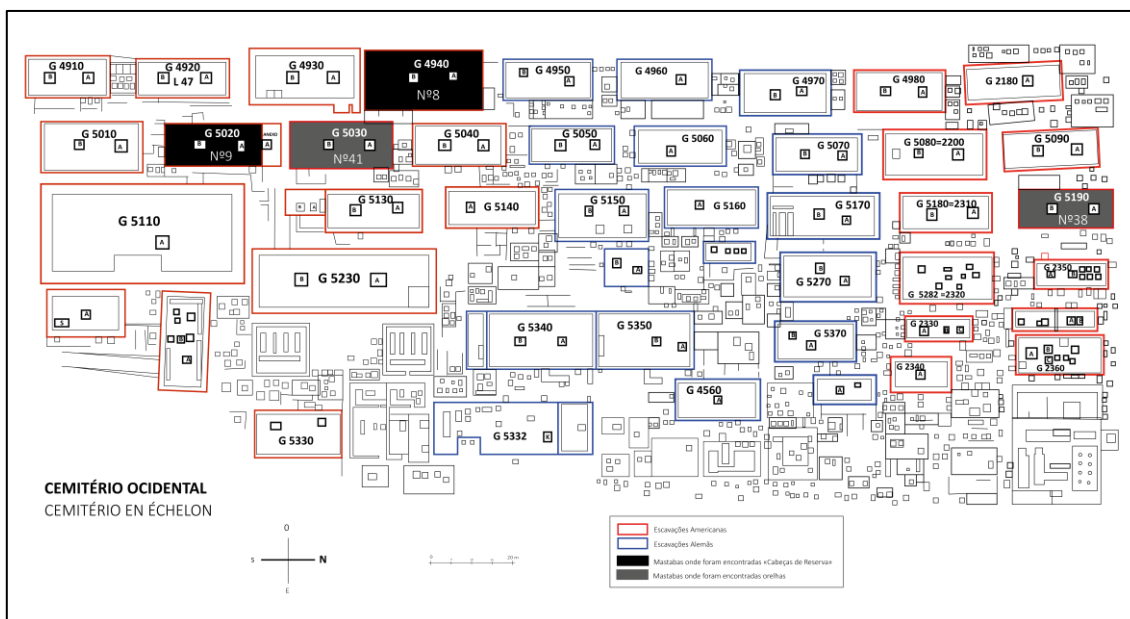


Fig. 25 - Mapa do Cemitério En Échelon do Cemitério Ocidental da necrópole de Giza. Elaborado de acordo com os mapas de Junker e Reisner (Junker, 1955, fig. Plan 4; Reisner, 1942a) Especificação dos dados: foi encontrada a «Cabeça de Reserva» nº8 na mastaba G 4940, e a nº9 na mastaba G 5020. Foi encontrada a orelha nº38 na mastaba G 5091 e a nº41 na mastaba G 5030.

Considero que existem motivos para a incorporação das orelhas nº38 e 41 neste *corpus* escultórico, não como orelhas desarticuladas associadas a «Cabeças de Reserva» já identificadas, mas como evidências de cabeças não preservadas.

A respeito das orelhas nº38, dada a distância geográfica, é pouco provável que tenham alguma associação com as «Cabeças de Reserva» nº8 e 9. Neste sentido, considero até à elaboração de estudos que concluam a existência, ou não, de coincidência de golpes entre as «Cabeças de Reserva» identificadas e estas orelhas, a possibilidade de as mesmas sugerirem a existência de uma «Cabeça de Reserva», que não foi preservada, da mastaba G 5190. Até porque, segundo os registos arqueológicos, as orelhas foram encontradas dentro das câmaras funerárias onde não foram encontrados quaisquer elementos escultóricos (Reisner, 1942b, p. ApxA 030).

Porém, embora considere esta hipótese é importante questioná-la. Segundo as propostas de datação de Porter e Moss esta mastaba, assim como as orelhas, são da VI dinastia, do qual é proveniente apenas o exemplar nº35 de Sakara. Situam-se, por isso, no fim do limite cronológico em que se desenvolve o fenómeno das «Cabeças de Reserva». Poderão estas orelhas, e respetiva «Cabeça de Reserva» tratar-se dos únicos exemplares desta cronologia nesta necrópole questionando a clara preponderância da IV dinastia? Ou serão um elemento

escultórico completamente independente das «Cabeças de Reserva» que surge durante esta cronologia?

Existiria a possibilidade das orelhas nº41 pertencerem à cabeça encontrada numa mastaba geograficamente próximas, a nº8 (G 4940), uma vez que esta não tem orelhas acopladas. Não poderia existir relação com a cabeça nº11 da mastaba G 5020 porque esta cabeça tem orelhas. No entanto, considero improvável esta hipótese. Primeiro porque, como já observámos, a aproximação geográfica das mastabas não implica uma associação entre cabeças e orelhas, sendo mais provável a existência de duas cabeças independentes em mastabas próximas. Segundo porque não existe um registo fotográfico das orelhas nº41, que permitiria fazer a comparação entre os pontos de contacto da cabeça nº8. E terceiro porque não existe uma proposta de datação das orelhas que permitiria comparar com a proposta de datação da cabeça nº8.

Neste sentido, até à elaboração de estudos comparativos que concluam a existência, ou não, de similaridade de golpes entre as «Cabeças de Reserva» identificadas e estas orelhas, considero a possibilidade de as mesmas sugerirem a existência de uma «Cabeça de Reserva», que não foi preservada, da mastaba G 5030. Além das propostas de datação de Porter e Moss situarem a mastaba G 5030 entre o fim da IV dinastia e a V dinastia, coincidente com a cronologia das «Cabeças de Reserva», segundo os registos arqueológicos, no poço B, juntamente com as orelhas, não foram encontrados quaisquer vestígios de elementos escultóricos. Apenas foram encontrados fragmentos de cerâmica e de uma bacia de cobre (Reisner, 1942b, p. ApxA 014).

e) O cemitério Oriental G 7000

As restantes 11% «Cabeças de Reserva», ou seja, as cabeças nº11, 22, 23 e 24 são provenientes do Cemitério Oriental⁸⁵, isto é, o cemitério G 7000 (Fig.26), localizado a este da Pirâmide de Khufu (Porter et al., 1974, pp. 179-216). Embora George Reisner acreditasse que este cemitério tinha sido utilizado para o enterramento dos filhos de Khufu, ou seja, membros da família real (Reisner, 1942a, pp. 80-81), mais recentemente Peter Jánosi

⁸⁵ Durante o seu reinado passou por mudanças significativas com a transformação dos doze núcleos originais em oito mastabas gêmeas. As fileiras mais a norte sofreram a combinação de dois núcleos originais numa mastaba dupla enquanto a linha a sul recebeu uma extensão dos núcleos originais. (Jánosi, 2005, pp. 84–111, 442; Reisner, 1942a, pp. 72-73,84).

demonstrou que não se tratam necessariamente de filhos. Estes indivíduos podem ter outras posições genealógicas como meios-irmãos, sobrinhos entre outros (Jánosi, 2005, pp. 102, 108-111).

Na década de 1920 Reisner escavou no Cemitério Oriental descobrindo várias «Cabeças de Reserva». Em 1927 descobriu a «Cabeça de Reserva» nº22 entre a mastaba G 7560 e a mastaba G 7660 em zona indeterminada da sala A da mastaba G 7530 (Reisner, 1942a, p. 16,82). Em 1936 descobre a cabeça nº24 e a cabeça nº23 na mastaba G 7560, cujo proprietário não é possível de determinar. No fundo do poço B descobre a cabeça nº24 (Simpson, 1949, pp. 286-292) e na câmara funerária descobre a cabeça nº23 (Reisner, 1942a, p. 16). Além de Reisner, Tewfik Boulos, inspetor-chefe do Departamento de Antiguidades do Egito a partir de 1924 (Flentye, 2018, p. 7), descobre em 1923 a «Cabeça de Reserva» nº11 nos arredores de G7000, numa mastaba perto do grupo de mastabas a leste da pirâmide de Khufu (Smith, 1949, p. 27).

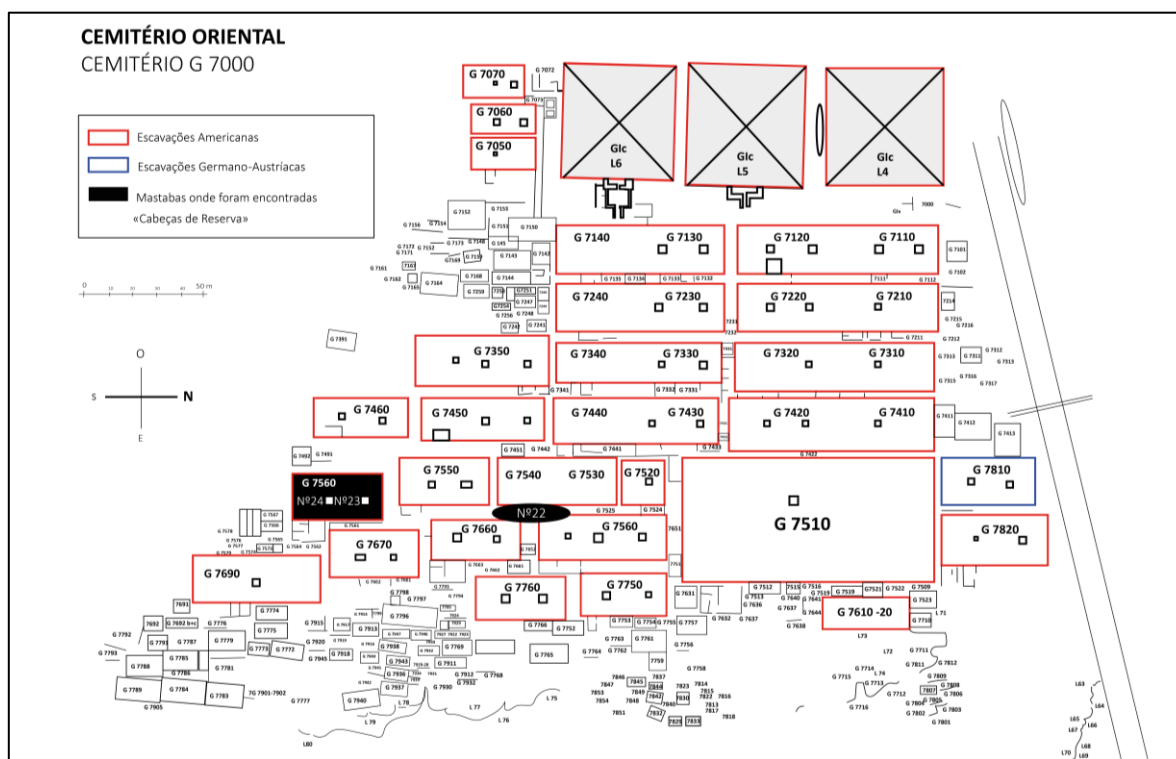


Fig. 26 - Mapa do Cemitério Oriental G 7000 da necrópole de Giza. Mapa elaborado de acordo com o mapa de Reisner (1942a, fig. Plan A. Map of Cemetery 7000). Especificação dos dados: foi encontrada a «Cabeça de Reserva» nº11 nos arredores da mastaba G 7000, a cabeça nº22 na rua entre a mastaba G 7650 e a mastaba 7660, e as cabeças nº23 e 24 na mastaba G 7560.

Há, no entanto, três exemplares, ou seja 8% de «Cabeças de Reserva» (Tab.6), que, embora sabendo-se que são provenientes da necrópole de Giza, provêm de locais indeterminados ou não pertencentes a nenhum dos cemitérios descritos. Em 1905, Georg Steindorff descobre a «Cabeça de Reserva» nº12 na mastaba D38 (a sul da G 39, a oriente da D 29 e a ocidental a D 27), cuja identidade do proprietário é imprecisa (Naville, 1909, p. 5). Selim Hassan⁸⁶, em 1936, enquanto limpava a área ao redor da Esfinge em nome do Conselho de Antiguidades do Egito, descobre, caída no meio da câmara funerária de uma mastaba perto da pirâmide de Khafra a cabeça nº31 (Hassan, 1936, p. 639). A respeito da «Cabeça de Reserva» nº16, embora Tefnin indique que é proveniente de Giza, não se conhece a data da escavação nem o arqueólogo responsável pela sua descoberta (Tefnin, 1991, p. 117).

Em suma, relativamente ao contexto arqueológico das orelhas que sugiro acrescentar a este *corpus* das «Cabeças de Reserva» conclui-se:

1. Que as orelhas integram o conjunto mais significativo de exemplares: as «Cabeças de Reserva» provenientes da necrópole de Giza.
2. Que as orelhas são provenientes de cemitérios onde foram encontrados os exemplares de «Cabeças de Reserva»: o cemitério En Échelon, G 2100 e G 4000, com exceção dos cemitérios G 7000 e G 1200.
3. Que a maioria das orelhas (da cabeça nº33 e as nº36, 37 e 39) foram encontradas no cemitério G 4000. Deste cemitério não só são provenientes a maioria das «Cabeças de Reserva», que apresentam vestígios da remoção parcial ou total das orelhas, como também são provenientes as orelhas desarticuladas que foram associadas às cabeças nº13 e 28.
4. Que, à semelhança das «Cabeças de Reserva», as orelhas foram descobertas nos poços, câmara funerárias ou na zona de transição entre estes dois locais onde, inclusive, não foram registados vestígios de outra estatuária a que pudessem pertencer.

⁸⁶ Selim Hassan esteve encarregado de escavar entre 1929 e 1935 as mastabas talhadas na rocha do campo central e na Pedreira (Flentye, 2018, p. 7).

CAPÍTULO II –ENQUADRAMENTO SOCIAL, POLÍTICO E CULTURAL DAS «CABEÇAS DE RESERVA»

«We must ask how the ruling elites organize and structure their lives by exploiting wealth in the service of a legitimacy that sustains the order of a society, and ultimately a civilization.»

(Baines & Yoffee, 2000, p. 7)

2.1 O termo «Império Antigo»

O termo Império Antigo (c. 2686 - 2184 a. C.) é utilizado para delimitar cronologicamente o período que compreende quatro dinastias faraônicas, da III à VI dinastias, situando-se entre o período Dinástico Inicial e o Primeiro Período Intermediário. Este período inicia-se com o reinado de Djoser, o primeiro governante da III dinastia que construiu a primeira pirâmide, e termina com Pepy II, o último monarca da VI dinastia (Baud, 2010, p. 63; Málek, 2000, p. 83; Shaw, 2000, pp.482-483)⁸⁷. No entanto, deve ter-se algumas reservas aquando do uso desta divisão cronológica, uma vez que esta não reflete a abordagem cronológica dos egípcios antigos, mas sim dos egiptólogos do século XIX.⁸⁸

1.2 O funcionalismo do Império Antigo

O «estado» egípcio do Império Antigo organiza-se através de dois mecanismos fundamentais: a administração central, composta pelo rei e pela corte, e o sistema provincial.

1.2.1 A administração central

No topo da organização governativa/administrativa do «estado» egípcio encontra-se um forte poder monárquico, divino e absoluto que se materializa na figura do rei. Ele concentra em si o poder religioso e político e é por isso o motor desta máquina administrativa (Baud, 2010, p. 64; Hawass, 1995, pp. 249 - 53).

O monarca usa várias residências temporárias espalhadas pelo reino, como templos e palácios, mas a sua base principal é o palácio residencial denominado *pr*, a casa, *pr-nzwt*, a casa do rei, ou *pr^c* a grande casa. Este palácio situa-se na capital, o centro de todo o sistema

⁸⁷ Shaw considera que o primeiro monarca da III dinastia foi Nebka (2686-2160) e o último faraó da VI dinastia Nitigret (2184-2181).

⁸⁸ Recomendo a consulta da cronologia em anexo.

governamental, e tem como principal função expor e reafirmar continuamente a imagem de imponência, riqueza, poder e divindade do rei (Lloyd, 2014, p. 138).

Todavia, o palácio tem também uma dimensão familiar importante que não deve ser descurada. Considerando que tanto o rei como o «estado» são equiparados ao termo *pr/pr-nzwt/pr^c*, a casa, são vários os egiptólogos que consideram que o «estado» egípcio deve ser interpretado como um «agregado familiar» em vez de um «estado» fortemente centralizado (García, 2012, p. 1). O monarca administra o reino como uma «empresa» familiar através de um modelo patrimonial e paternalista de governação (Assmann, 2002, p. 47).

Em redor do monarca, no palácio, está um elemento crucial: a *šnyt/šnwt*, a corte. Esta palavra deriva do termo *šni*, que significa literalmente «aquele que circunda o rei». Esta corte composta por membros reais, dignatários/cortesãos e administradores (conhecidos individualmente por *srw*, oficial) consiste numa percentagem muito pequena de indivíduos que compõe o núcleo cultural, executivo e administrativo da sociedade. Ou seja, constituem a elite da sociedade.⁸⁹ Mas a corte é também um contexto social, um teatro de/para exibições de esplendor real (à semelhança da corte de Luís XIV) onde se reafirma continuamente o estatuto real dos membros que a compõem mas também as suas obrigações de lealdade para com a coroa (Lloyd, 2014, pp. 152, 153).

Aqueles que atuam no governo central são denominados, em especial por García, «outer court», corte/elite externa. Já os cortesãos próximos ao rei, ou seja, aqueles que cuidavam da pessoa real e da casa real são chamados de «inner court», corte/elite interior. Estes indivíduos graças à confiança que desfrutavam diante do rei e à sua competência em vários assuntos podiam assumir missões delicadas ou mais reservadas. Da «inner» e «outer» elite dependia uma «sub elite» de indivíduos qualificados como escribas, administradores, artistas, artesãos, entre outros que atuavam como um apoio material e administrativo (Baines & Yoffee, 2000, p. 8-9; García, 2004b, p.127; Lloyd, 2014, pp. 152, 153).

Um oficial do Império Antigo podia deter um vasto número de títulos com diferentes níveis de importância. Há duas explicações possíveis para este fenómeno: 1) que a combinação de títulos que vemos nos túmulos dizem respeito à acumulação de funções ao longo da vida 2) ou que essa combinação de títulos representa os títulos que o defunto

⁸⁹ Por elite entenda-se um grupo ou grupos de administradores que detêm o poder executivo, que é investido de diferentes formas (Bárta, 2013, p.155)

detinha no momento em que o túmulo foi decorado (Baer, 1960, p.35). Seja um caso ou o outro, a verdade é que os títulos do contexto funerário nos dão apenas a ideia dos vários títulos, mas não a relação com a realidade da administração dada à natureza pouco precisa de muitas das inscrições dos túmulos (Strudwick, 1985, p.172).

Denote-se que existe uma distinção entre títulos, propriamente ditos, e epítetos/títulos honoríficos/títulos de estatuto. Entenda-se por título, um cargo, função ou dignidade específica e por epíteto uma declaração geral sobre uma pessoa igualmente aplicável a um homem/mulher em todas as posições na vida (Baer, 1960, p. 4). Esta divisão não implica que epítetos e títulos devam ser analisados de forma isolada e individual, mas sim como dois elementos interdependentes.

Optei por abordar nesta análise somente os títulos possuídos pelos detentores das «Cabeças de Reserva» que serão identificados no capítulo seguinte.⁹⁰ Primeiramente atentarei nos títulos religiosos, títulos legais, títulos de escribas, títulos relacionados com a organização de trabalhos, títulos relacionados com a administração do celeiro, títulos relacionados com o tesouro e outros títulos, possuídos tanto por membros da «inner court» como da «outer court». Posteriormente atentarei nos títulos reais, títulos de instituição real e títulos honoríficos, títulos que os membros da «inner court» acumulam com os anteriores.

a) A «outer court»

A figura principal da administração central é o vizir, que atua como uma espécie de «primeiro-ministro». Abaixo do vizir temos o numeroso grupo de administradores do complexo do palácio que constituem um grupo de funcionários de alto escalão. Os mais importantes atuavam essencialmente como ministros dos trabalhos públicos controlando os departamentos do tesouro, celeiro, secretariado e organização de trabalhos. (Lloyd, 2014, p. 156)

⁹⁰ Os títulos serão divididos em várias categorias segundo a divisão de Strudwick (1985, pp. 174–175), uma vez que a sua proposta de divisão é a mais adequada ao âmbito desta dissertação. Relativamente às transliterações utilizei a convenção de Jones (2000).

i. Títulos relacionados com a administração do tesouro e do celeiro

Dos títulos associados ao tesouro destaco os seguintes:

- *imy-r3 prwy-ḥd* – Supervisor dos dois tesouros (Jones, 2000, p.133)
- *imy-r3 pr-ḥd* – Supervisor do tesouro (Jones, 2000, p.123)
- *imy-r3 sty df3w* – Supervisor dos dois locais de provisões (Jones, 2000, p.242)

Os títulos *imy-r3 prwy-ḥd* e *imy-r3 pr-ḥd* representam o cargo mais elevado da administração financeira. O título *imy-r3 pr-ḥd* aparece no início da IV dinastia, mas a maioria dos exemplos remontam à V dinastia. O título *imy-r3 prwy-ḥd* aparece no meio da IV dinastia, mas é mais recorrente do meio da V dinastia para a frente. Há poucas evidências sobre a função exata do tesouro durante o Império Antigo. É possível que este departamento providenciasse as oferendas e equipamento funerário. Os títulos normalmente associados ao título *imy-r3 prwy-ḥd/ imy-r3 prwy-ḥd* demonstram que o tesouro como instituição estava encarregue de supervisionar as expedições do governo central e a recolha das dívidas de várias instituições e indivíduos. Uma vez que a economia egípcia era distributiva, ou seja, não utilizava dinheiro, as dívidas eram pagas em forma de produto (Strudwick, 1985, p.299).

ii. Títulos de escriba

Dos títulos associados à secretaria destaco os seguintes:

- *imy-r3 zš(w) (n)ḥprw* – Supervisor dos escribas das tripulações (Jones, 2000, p.210)
- *imy-r3 zš(w) ḥr(t)-ḥnzwt* – Supervisor dos escribas das pastas / autorizações do rei (Jones, 2000, p.217)
- *zš ḥ(w) (nw) nzwt* – Escriba de documentos / registos reais (Jones, 2000, p.838)
- *zš pr-ḥ3* – Escriba da Casa Grande (Jones, 2000, p.847)

A chancelaria de escrituras reais tem desde a I dinastia uma importância crescente. Na III dinastia foi colocado sob a autoridade de um funcionário de alto escalão, um dos maiores do «estado», o *imy-r3 zš(w) nzwt* «Supervisor dos escribas reais» (Lloyd, 2014, p. 156) e dos *imy-r3 zš(w) (n)ḥprw* e *imy-r3 zš(w) ḥr(t)-ḥnzwt*, entre outros. Outros funcionários com alguma importância, tais como os *zš pr-ḥ3*, constituíam o staff de secretariado do palácio. Abaixo destes estavam funções administrativas mais baixas como os *zš ḥ(w) (nw) nzwt*

(Lloyd, 2014, pp. 155-156). Os *zš ꜥ(w) (nw) nzwt* ou *zš pr-ꜥ* eram os indivíduos que escreviam e geriam os documentos. Estes títulos aparecem no meio da IV dinastia com *Izi* em Sakara e *Nfr* em Giza e continuam a existir até ao fim do Império Antigo. São mais frequentes durante a V dinastia, embora sofram um aumento de importância entre esta dinastia e a VI (Strudwick, 1985, p.211).

Observa-se que os indivíduos que possuíam títulos de escriba não possuíam carreiras apenas dedicadas à escrita. As áreas associadas aos títulos de escriba demonstram que muito provavelmente estes títulos advêm do envolvimento dos indivíduos com os aspetos burocráticos associados a qualquer departamento administrativo. Não é de estranhar esta relação com todos os departamentos, uma vez que os documentos reais eram necessários para tudo o que era feito em nome do rei. Nesse sentido existem associações com todos os cargos administrativos mais importantes, com exceção do sistema legal (Strudwick, 1985, pp. 203,211-14).

iii. Títulos relacionados com a organização de trabalhos

Dos títulos associados à organização de trabalhos destaco os seguintes:

- *imy-rꜥ kꜣt* – Supervisor dos trabalhos (Jones, 2000, p.261)
- *imy-rꜥ kꜣt nt nzwt* – Supervisor de todos os trabalhos do rei (Jones, 2000, p.262)
- *hrp ꜥpr(w) (nw) nfrw* – Diretor de uma tripulação/ secção de recrutas, líder dos (jovens) soldados (Jones, 2000, p.705)
- *wr 10 Šmꜥw* – Grande/ maior magnata das dezenas do Alto Egito/ do sul (Jones, 2000, p.388)⁹¹
- *hrp tmꜣ(tyw)* – Chefe das tropas do arco/ controlador dos portadores da caixa de arco (Jones, 2000, p. 753)
- *imy-rꜥ pr-ꜥhꜣw* – Supervisor da casa de armas (Jones, 2000, p.116)

O cargo mais importante deste departamento era o *imy-rꜥ kꜣt* (Jones, 2000, p.261). A variante deste título o *imy-rꜥ kꜣt nt nzwt* existe apenas durante a V dinastia, embora exista um exemplo isolado no fim do Império Antigo na VI dinastia. Strudwick sugere que estes indivíduos atuavam provincialmente, embora não os especificando nos títulos.

⁹¹ Este título está tem também conotações legais pelo que pode ser incluído igualmente nos títulos legais.

Consequentemente, a redução destes indivíduos na VI dinastia deve-se à expansão de uma gestão provincial local (Strudwick, 1985, p.240). Este título estava associado a organização de forças, ou seja, à organização de construtores, artesãos ou trabalhadores agrícolas. É possível que diferentes detentores do cargo tivessem a seu cargo diferentes secções associadas a estas áreas. Ademais, provavelmente o grande alcance de funções cobertas pelo *imy-r3 k3t* era ainda mais extensa durante a IV dinastia podendo albergar aspetos de escriba, legais e financeiros, levando ao estabelecimento de novos ofícios na V dinastia (Strudwick, 1985, p.249-250).

O Império Antigo não carecia de ofícios associados a todo o tipo de organização de trabalhos. No entanto, não se estabeleceu uma hierarquia clara baseada no uso da palavra *k3t*. A variedade de títulos, como os títulos de *hrp tm3(tyw)*, ou títulos com *prw* ou *nfrw*, nomeadamente o título de *imy-r3 pr-ḥ3w* ou ainda o título *wr 10 Šmḥw* sugerem que os títulos dos funcionários sobre a supervisão do *imy-r3 k3t nzwt* não eram formulados a partir da palavra *k3t*. Ou seja, os títulos, apresentando apenas o nome específico do ofício, não permitem descortinar a relação entre o seu ofício e a do seu superior e, consequentemente, não permitem descortinar a hierarquia de funções associadas à organização de trabalho (Strudwick, 1985, p.248). Segundo Strudwick a organização de trabalhos era realizada com base em equipas *ad hoc*. Especificamente o título *wr 10 Šmḥw*, que representa, segundo Fischer, uma organização de grupos de dez homens, está associado à organização de trabalhos assim como a matérias legais (Strudwick, 1985, p.197; Fischer, 1959, pp. 265-266).

iv. Títulos legais

Dos títulos associados à administração legal destacam-se:

- *z3b ḥd-mr / ḥd-mr (n) z3b* – Oficial jurídico (Jones, 2000, p.806)
- *z3b nḥt-hrw* – «Oficial de contas» judicial ou homem de contas do judiciário (Jones, 2000, p.807)
- *ḥd-mr grgt* – Administrador/ oficial de fronteira de um assentamento (Jones, 2000, p.362).

Não existe grande informação sobre estes títulos além de que aparecem agregados a outras funções.

v. Títulos religiosos

Dos títulos religiosos destaco os seguintes:

- *ś(t)m* – Sacerdote-*sem* (Jones, 2000, p. 885)
- *hpr śndt* – Diretor do saíote (Jones, 2000, p. 750)
- *hry-hbt* – Sacerdote leitor do rei (Jones, 2000, p.507)
- *hm(t)-ntr Nt mhtt inb.ś* – Sacerdotisa de Neith, que está ao norte da muralha (Jones, 2000, p. 531)
- *hm(t)-ntr Hwt-hr nbt nht* – Sacerdotisa de Hathor, senhora do santuário-*nehet*/sicómoro (Jones, 2000, p.545)
- *hm-ntr Inpw* – Sacerdote de Anúbis (Jones, 2000, p.505)
- *hm-ntr Hr (Thnw) k3-ꜥ* – Sacerdote de Hórus da Líbia, de braço erguido (Jones, p.561)
- *ht H3* – Sacerdote/ atendente de *H3* (Jones, 2000, p.757)
- *hm-ntr Hkt* – Sacerdote de Hekat (Jones, 2000, p.564)
- *(ny?) hwt Hr-Hpr* – Aquele que pertence ao templo funerário de Djedefra (Jones, 2000, p.472)
- *hrp (n) wꜥ b(w) nzwt* – Diretor dos sacerdotes-*wab* do rei (Jones, 2000, p. 709)

Os títulos *ś(t)m* e *hpr śndt* que estão associados ao serviço da pessoa do rei são geralmente característicos da titulação de funcionários de elevada categoria do Império Antigo (Strudwick, 1985, p.316). O título *hpr śndt* está também confinado aos funcionários de mais elevada categoria, normalmente detentores dos títulos de *z3 nzwt n ht.f* e/ou *śmr wꜥty*. No entanto, não há muitas informações sobre a função particular do título *hry-hbt*. Especialistas sugerem que os detentores do título *hry-hbt* sejam os indivíduos que conduziam as cerimónias funerárias. Segundo Strudwick possivelmente o cargo de *hry-hbt* dizia respeito a um tipo de indivíduos de elevada categoria com uma função cortesã muito restrita (Strudwick, 1985, p.226).

Os títulos *hm(t)-ntr Nt mhtt inb.ś*, *hm(t)-ntr Hwt-hr nbt nht*, *hm-ntr Inpw* e *hm-ntr Hr (Thnw) k3-ꜥ* sugerem que os detentores eram sacerdotes/sacerdotisas de determinada divindade. Segundo Torres, especificamente os títulos *hm(t)-ntr Nt mhtt inb.ś* e *hm(t)-ntr Hwt-hr nbt nht* estão regularmente relacionados às mulheres da elite do Império Antigo, nomeadamente às que possuem o título de *rht nzwt*. Uma vez que surgem associados um ao

outro, estes títulos sugerem que os dois cultos estavam conectados. Especificamente, o título de *hm(t)-ntr Hwt-hr* podia ser concedido tanto a mulheres da realeza como indivíduos não reais, embora fosse mais frequentemente atribuído às segundas. Trata-se de um título que não é honorífico, diz respeito a funções de culto associadas a Hathor que teve grande importância na IV dinastia. O mesmo a respeito do culto de Neith, que teve grande preponderância na necrópole menfita, nomeadamente em Giza na IV dinastia, e atingiu o seu pico de popularidade na V dinastia, (Torres, 2021, p.257-259).

Os títulos *ht H3* e *hm-ntr Hkt* surgem consistentemente associados a títulos legais como o título *z3b ʿd-mr / ʿd-mr (n) z3b*. Neste sentido, Strudwick sugere que estes títulos tinham uma espécie de função honorífica, uma vez que só eram garantidos a funcionários de grande importância e não faziam parte da titulação legal que era a regra. Seriam possivelmente divindades protetoras da profissão (Strudwick, 1985, p.185). Os *hm-ntr*, tanto femininos como masculinos, procediam aos rituais diários necessários do templo de cada deus/deusa, nomeadamente os que diziam respeito à roupa e alimentação da estátua da divindade (Torres, 2021, p.257).

b) A «inner court»

A divisão entre «inner» e «outer» corte, definida por García, denuncia a existência de relações interpessoais, ou seja, de um para um, onde o poder depende de atributos e características pessoais, que permeavam as relações formais estabelecidas de acordo com a função governativa do indivíduo. Salvo o contributo de outros autores, este tema é exaustivamente estudado e compilado por García em várias obras, pelo que é o autor que vou seguir como referência.

Estas relações estabelecem-se através de estratégias individuais de ascensão e proteção político-social que se criam e desenvolvem perante o ambiente competitivo da corte. Refiro-me ao patronato, mecenato informal, redes de contacto ou influência (nomeadamente a frequência do círculo interno do soberano), corrupção, favoritismo, fações palacianas, rivalidades e intrigas, entre outros (García, 2013, p. 1029-1031).

Estas relações, embora informais, são meios essenciais para a mobilidade social do Império Antigo, visto que garantem que a autoridade circula e se distribui entre as camadas sociais superiores e inferiores e entre a capital e as províncias por entre uma infinidade de indivíduos impedindo, consequentemente, a concentração de poder. Ou seja, estas relações

completam, contrabalançam e ameaçam simultaneamente a autoridade do poder central constituindo-se como caminhos alternativos para o exercício de poder, exibição de autoridade e gestão do «estado» egípcio do Império Antigo (García, 2013, p. 1029-1031).

Por um lado, estas relações informais proporcionam ao monarca ferramentas adicionais, à parte dos canais «oficiais» para exercer, mediar, manipular o poder e (re)criar a elite. Por outro, permitem que a elite contorne a autoridade real e não se torne num instrumento nas mãos do rei. Tome-se como exemplo as famílias da V dinastia que conseguiram assumir repetidamente cargos importantes no reino não só pela sua competência como pela sua capacidade de influência num ambiente altamente competitivo do palácio real (García, 2013, p. 1031-1032).

No entanto, a importância dos laços informais entre a elite está normalmente escondida atrás da rigidez da categoria de títulos e é ofuscada pelas afirmações oficiais de autoridade «exclusiva» do monarca (García, 2013, p. 103). O exercício de responsabilidades é independente dos títulos ostentados. Indivíduos com grandes responsabilidades podem carregar oficialmente poucos títulos, ou os títulos que ostentam não expressam o escopo das funções desempenhadas. É o caso de alguns dignatários da V dinastia, nomeadamente manicures/cabeleireiros do rei, que eram homens de confiança do rei. Os seus túmulos, de grandes dimensões e ricamente decorados revelam conclusivamente que o poder e influência destes indivíduos eram muito mais amplos do que a sua ocupação oficial sugere. De igual forma uma extensa titulatura pode esconder o exercício de poderes reais limitados escondidos por detrás de funções honoríficas (García, 2004b, p. 109-110).

Estas relações são percecionadas através da presença de a) títulos reais, b) ligados à instituição real e através dos c) epítetos/títulos honoríficos de estatuto/categoria:

i. Títulos reais

A respeito dos títulos reais destaco:

- *z3 nzw t n ht.f* – Filho real do seu corpo (Jones, 2000, p.779)
- *z3t nzw t nt ht.f* – Filha real do seu corpo (Jones, 2000, p. 819)

E um epíteto geralmente associado:

- *mrt.f* – Sua amada (Jones, 2000, p. 445)

Os termos de parentesco que caracterizam os laços de aliança e descendência em relação ao rei, designado como *nzwt*, conhecidos no Império Antigo são apenas os «mãe», *mwt* «esposa», *hmt*, «filho», *z3*, e «filha», *z3t*. O parentesco é construído em torno do monarca, o *nzwt*, refletindo o caráter social do rei: o monarca tem como função assegurar a coesão e equilíbrio da sociedade (Baud, 1999, p. 105). Neste sentido, além do sentido mais usual e restritivo destes termos é preciso considerar também o seu emprego extensivo a um grupo mais amplo de acordo com o aspeto eminentemente social do parentesco real (Baud, 1999, p. 151).

A monarquia da IV dinastia desenvolveu um sistema no qual a relação pai-filho é fundamental. Aqueles que possuíam o título *z3(t) nzwt* podem ter várias posições genealógicas. Ao filho real de nascimento somam-se descendentes mais distantes, como netos e bisnetos, ou mesmo sem parentesco com o rei, nomeadamente funcionários administrativos, que são agraciados com uma descendência fictícia. O modelo pai-filho foi explorado como exibição de estatuto e legitimidade. Além dos descendentes do monarca passou a ser também esperado dos altos dignatários um comprometimento de filho. Esta é, para a realeza, uma forma de vincular estes indivíduos a um código de conduta específico, modelado na relação pai – filho, que implica um sistema de atitudes por parte do *z3(t) nzwt*. Mais do que um conjunto de regras estritamente pré-estabelecidas, o título de *z3(t) nzwt* era conferido de acordo com as situações particulares de cada reinado segundo parâmetros flexíveis que implicavam tanto a aquisição de funções como distinções, ou seja, tanto regras autónomas de avanço hierárquico como a vontade do monarca (Baud, 1999, p. 184). Como o parentesco (real) é além de um sistema de denominações, um sistema de atitudes, a inclusão de um alto funcionário neste círculo era uma forma de definir a relação entre o rei e os seus homens de confiança (Baud, 1999, p. 188).

Relativamente aos *z3 nzwt n ht.f*, ou seja, aos príncipes, é impossível estabelecer uma tabela genealógica completamente precisa para as suas famílias durante a IV dinastia dada a abrangência do termo. De qualquer forma é claro que os governantes da dinastia usavam abundantemente membros da família real para fins administrativos de alto nível (Lloyd, 2014, p. 143).

Relativamente às *z3t nzwt nt ht.f*, ou seja, as princesas, estas são mencionadas frequentemente nas fontes, mas normalmente não estão associadas a nenhuma função

governativa. Todavia estas tinham um papel importante na orquestração da estrutura de poder ao mais alto nível exercendo influências informais. Na IV dinastia são conhecidas numerosas filhas e esposas reais, todas nesta situação (Lloyd, 2014, p. 149).

Na IV dinastia é bastante comum seguir um termo de parentesco com epíteto *mrt.f* integrando, na maioria das vezes, uma série de títulos que destacam a relação filial. Esta prática desenvolve-se ao longo da V dinastia para a elite, refletindo, à semelhança do título de *z3(t) nzwf*, o desejo de estreitar os laços entre a monarquia e a administração, num sistema de obrigações entre pais e filhos. No Império Antigo o vínculo afetivo é geralmente expresso no sentido descendente, do superior ao inferior. Ou seja, o amor não é, como por natureza, concebido em termos de reciprocidade. Analisando os túmulos do Império Antigo observa-se que os termos de pai e mãe não são geralmente seguidos pelo epíteto *mrt.f*. O pai não é classificados como *it.f* nem a mãe como *mwt mrt.f*. Usando o epíteto *mrt.f* o pai/mãe estaria em posição secundária mencionado pelo filho-proprietário. É a filha que é designada *z3t nzwf nt ht.f* e *mrt.f* colocando-se numa posição secundária em relação ao pai/mãe.

Em suma, todos estes títulos demonstram que o afeto, que não é uma noção absoluta, vem do âmbito familiar, traduzindo a onipotência do *pater familias*, no quadro de uma civilização/cultura paternal dominada pela imagem deste e particularmente do rei-pai (Baud, 1999, p. 161).

ii. Títulos da instituição real

Entre os vários títulos associados à instituição real destaco os seguintes:

- *imy-r3-wp(w)t* – Chefe da ordem, supervisor das Comissões/ repartições (de várias pirâmides) (Jones, 2000, p. 89)
- *imy-r3 niwt 3h(y)-Hwfw* – Supervisor do complexo piramidal de Khufu (Jones, 2000, p.149)

Os títulos relacionados com a instituição real, nomeadamente o título *imy-r3-wp(w)t* e o título *imy-r3 niwt 3h(y)-Hwfw*, estão normalmente associados ao culto do rei e serviços em seu benefício relacionados com as pirâmides e com os templos solares (Strudwick, 1985, p. 175).

iii. Epítetos/Títulos honoríficos

Além da importância das conexões familiares na promoção de carreira de vários indivíduos a posição dos funcionários dependia inteiramente do favor do monarca refletida na existência dos epítetos/títulos honoríficos (Lloyd, 2014, p. 156). Estes títulos são mais representantes do estatuto e categoria do indivíduo e da sua relação com o rei do que indicadores de um cargo específico, embora estes possam ter tido uma função particular que nos é desconhecida (Strudwick, 1985, p.175).

Entre os vários epítetos/títulos honoríficos destaco os seguintes:

- *r3 P nb* – Boca de cada *Pe-ite/Butite* (Jones, 2000, p.490)
- *hry-wdb(w) (m) hwt-ꜥnh* – Mestre da generosidade, aquele que é encarregue das oferendas na Casa / Mansão da Vida (Jones, 2000, p.604)
- *hrp ꜥh* - Diretor do palácio (Jones, 2000, p.707)
- *šmr wꜥty* – Companheiro único, cortesão (Jones, 2000, p.892)
- *šmr* – Companheiro, cortesão (Jones, 2000, p.891)
- *hry-tp nzw* – Suserano do rei/ camareiro real, aquele que está sob a liderança do rei (Jones, 2000, p.788)
- *rh nzw / iry ht nzw* – Conhecido do rei (Jones, 2000, p. 327)
- *nbt im3hw hr ntr ꜥ3* – Possuidor de/ com reverência perante o Grande Deus (Jones, 2000, p. 481)

O título *r3 P nb* faz parte do grupo de títulos honoríficos que não são numericamente significantes. Era possuído sobretudo por vizires e embora não sendo exclusivo destes era atribuído apenas a funcionários muito importantes e que detinham o favor do monarca, sendo frequentemente indivíduos que possuíam outros títulos como o *šmr wꜥty*.

Os títulos *hry-wdb(w) (m) hwt-ꜥnh* e *hrp ꜥh* eram utilizados na IV dinastia como um marco de honra e categoria. Eram frequentemente detidos por funcionários cuja titulação consistia principalmente em títulos honoríficos que formavam uma «corte» de homens favorecidos pelo rei, mas sem qualquer cargo administrativo importante (Strudwick, 1985, p.287). Especificamente o título de *hrp ꜥh* designa o funcionário pessoal do rei e estava normalmente associado a funcionários que começavam a sua carreira no palácio. Este título mostra um

crescimento desde a IV dinastia e é posteriormente na VI dinastia associado às funções do vizir (Strudwick, 1985, p.312; Papazian, 2013, p.52).

Os títulos *šmr wꜥty* e *šmr* representam um grupo de conselheiros próximos do rei, que têm acesso ao palácio e acompanham o monarca nos seus movimentos (Baud, 1999, pp. 241-242). O título *šmr wꜥty* é o mais comum em todas as categorias de funcionários (Strudwick, 1985, p.225). Aparece esporadicamente no início da IV dinastia e sistematiza-se ao longo da mesma vindo a sofrer uma queda de importância durante a V e a VI dinastias (Strudwick, 1985, p.182; Baer, 1960, pp. 231-239).

O título de *hry-tp nzwt* durante a IV e V dinastias estava associado a funções administrativas particulares (funções de escriba, funções relacionadas com construções, e principalmente com funções legais). Mudou com a VI dinastia passando a estar associado a funções mais gerais (Strudwick, 1985, pp. 183, 205). Strudwick afirma que existe uma relação entre o título *šmr wꜥty* e o título *hry-tp nzwt*. Um indivíduo que possuísse o título de *hry-tp nzwt* muito provavelmente era agraciado com a categoria de *šmr wꜥty*. O ponto alto deste processo deu-se no reinado de Pepy II. O título *šmr wꜥty* é mais comum do que *hry-tp nzwt* e era normalmente possuído por indivíduos com títulos menos importantes. É por isso considerado o título do grupo de títulos honoríficos com menos importância quando em comparação com o título *hry-tp nzwt* e o título *šmr wꜥty* (Strudwick, 1985 pp. 182, 311). Uma vez que este título era possuído na IV dinastia por dois *zꜣ nzwt*, Strudwick afirma que o seu estatuto era maior na IV dinastia do que na V e VI (Strudwick, 1985 pp. 224,226).

As exatas funções do título *rh nzwt / iry ht nzwt* são controversas. Helck sugere que o título era tanto honorífico, embora de baixa importância, como dizia respeito a uma função determinada, relacionada com a administração do palácio ou com assuntos do monarca. Strudwick por outro lado afirma que este é um título meramente honorífico. Bárta afirma que este era concedido tanto a funcionários de elevado estatuto como de baixo estatuto e dizia respeito a funções relacionadas com assuntos do rei. Segundo este autor na V este título era atribuído aos indivíduos que trabalhavam na corte diretamente com o rei (Torres, 2021, p.260).

1.2.2 O sistema provincial

O sistema provincial era composto por duas entidades com autoridade. Por um lado, governadores provinciais designados pela administração central que agiam em representação desta aplicando e executando as suas instruções, mas também por funcionários de ligação como mensageiros e funcionários itinerantes. Por outro, caciques locais, como chefes de aldeias ou potentados provinciais, encarregues de redes locais de clientelismo que, embora não fazendo parte da hierarquia burocrática, eram colaboradores essenciais para a execução, localmente, das ordens da administração central (Bárta, 2014, p. 19; Lloyd, 2014, p. 137).

A intensidade da presença da administração central nas comunidades locais (e consequente a margem de autonomia destas), assim como o relacionamento e integração das suas elites na máquina estatal, dependiam do interesse da administração central nas potencialidades económicas e políticas da região (García, 2004b, p. 108). Neste sentido, esta estrutura provincial foi sujeita a várias reformas ao longo do tempo. Um bom exemplo é o contraste entre a IV e a VI dinastias. Durante a IV dinastia os membros da elite egípcia possuíam grandes túmulos na capital (ausentes nas províncias) e a titulatura preservada menciona poucos administradores provinciais (García, 2004b, p. 111). Isto não significa que durante a IV dinastia a coroa não controlasse as províncias porque a pequena amostra de túmulos preservados pertencentes a altos funcionários da IV dinastia não corresponde à totalidade de personagens eminentes no reino. Significa apenas que o monarca durante a IV dinastia contava com a colaboração de caciques locais, que não eram membros da administração que e por esse motivo não tinham monumentos na capital. No entanto, durante a VI dinastia a crescente pressão com os recursos provinciais obrigou o monarca a incorporar os chefes provinciais tornando o sistema de controlo informal, que já existia, num sistema de controlo formal que acarretou, consequentemente, a formulação de novos títulos (García, 2004b, p. 111). Ou seja, esta estrutura provincial local esteve sempre ao serviço dos interesses da coroa (García, 2004b, p. 127).

1.3 Da ascensão à «queda» do Império Antigo

Durante o período dinástico inicial, ou seja, a I e II dinastias, é complexo fazer a distinção precisa entre a administração da corte real e a do «estado». No entanto, já nesta fase discernimos alguns dos componentes da administração que vão ser fundamentais para a

futura evolução da administração egípcia. Desde o início da I dinastia observamos um aparente crescimento do número de títulos mantidos pelos principais funcionários do «estado». Posteriormente, no início da II dinastia estabelece-se uma sede permanente de governo central em Sakara e Abusir, que se consolida aquando da criação dos complexos mortuários dos reis da II dinastia (Bárta, 2013a, p. 156- 162).

Embora não exista um corte de ligação entre a II e a III dinastias, a tradição egiptológica enfatiza a III dinastia como o início de uma nova delimitação cronológica devido à revolucionária contribuição do primeiro monarca desta dinastia, Djoser. Refiro-me aos desenvolvimentos na arquitetura funerária e na organização administrativa do «estado» egípcio que, conseqüentemente, influenciaram a economia e sociedade egípcia e determinaram o rumo da IV dinastia (Málek, 2000, p. 83).

Por sua vez, a IV dinastia representa o apogeu da civilização egípcia no terceiro milénio. Isto porque foi nesta dinastia que se estabeleceram as ferramentas básicas de governação, materializadas na cultura monumental, que deram o último passo em direção a uma administração estatal complexa e completa, que surgiu no final da IV e início da V dinastia (Bárta, 2013a, p. 163, 2014, p.19). O surgimento de um «estado» centralizado, e conseqüentemente de numerosas elites que sustentavam a máquina administrativa, provocou uma profunda transformação social, nomeadamente em termos de estratificação social (Bárta, 2013, pp. 162-163). Durante a III e grande parte da IV dinastia os mais altos cargos foram reservados exclusivamente para membros do sexo masculino da família real continuando a tradição do Período Dinástico Inicial que promovia a concentração deliberada do poder nas mãos do monarca (Málek, 2000, p. 95; Wilkinson, 2010, p. 81). No entanto, no final da IV dinastia os limites do sistema de administração do país foram atingidos. O «estado» cresceu tornando-se quase impossível administrá-lo com o número de funcionários que detinha. Conseqüentemente, foi necessário abrir as posições estatais, outrora limitadas à família real a funcionários de origem não real. Ou seja, desvalorizou-se a descendência real como elemento de definição do estatuto social. O critério de distinção social em que se baseava o recrutamento da elite passou a ser definido segundo uma lógica de competência. Em suma, as famílias reais foram gradualmente expulsas por uma «literacia». A partir deste momento os funcionários de carreira, e não parentes reais, passaram a ser a espinha dorsal da máquina do governo egípcio (Assmann, 2002, p. 48; Bárta, 2013, p. 165; Málek, 2000, p. 95;

Wilkinson, 2010, p. 95). A extensão e organização da necrópole de Giza testemunha este aumento quantitativo e qualitativo dos títulos da elite e este novo modelo de sociedade de corte, que assume uma forma completamente distinta da do início da IV dinastia (Bussmann, 2015, p. 5).

A V dinastia veio mostrar que a aparente estabilidade das pirâmides era uma ilusão, culminando na apelidada «queda» do Império Antigo. Atualmente é consensual que esta se deveu não a fatores externos (conquistas, desastres naturais, alterações climáticas etc.), mas a fatores internos. Uma amálgama de mudanças políticas e sociais que estavam profundamente enraizadas na organização estatal da III dinastia e no início da IV dinastia e que se desenvolveram a longo prazo (Assmann, 2002, p. 49; Bárta, 2014, p. 18-19; Baud, 2010, p. 79). Enquanto a IV foi um período de criação do poder, e identidade que lhe é inerente, a V dinastia constituiu-se como uma fase de «estado padrão», onde se observa uma despersonalização da função do rei e a formalização e proliferação da administração e da sua elite burocrática (Bárta, 2013a, p. 165).

Em resposta a uma série de crises no auge da IV dinastia e face à crescente complexidade da administração do «estado», os governantes da V e VI dinastias procuraram distanciar a família real do governo. Porém, estas reformas resultaram na crescente influência de altos funcionários que, paulatinamente, penetraram os cargos mais elevados e ameaçaram o monopólio real. Estas questões aceleraram-se a partir do reinado de Nyuserra. A nova elite era constituída por mágicos, manicures e cabeleireiros que conseguiram gradualmente promover os membros das suas famílias a importantes cargos, fazendo florescer o nepotismo e tornando posições de prestígio hereditárias (Bárta, 2001, pp .411-450, 2013b, p. 166, 2014, p. 21; Wilkinson, 2010, p. 100). Paralelamente, a política de casamentos reais foi mudada: a partir deste momento passaram a ser os funcionários associados ao monarca que casavam com os seus descendentes (Baud, 2010, p. 73-76). Denote-se o caso do manicure Ptahshepses que teve o direito de casar com uma filha real (Verner, 2002, p. 41). Com a nova política de Djekara, que determinava que cada oficial era agora responsável exclusivamente pela sua província, a situação agravou-se. Os funcionários administrativos começaram a erigir os seus túmulos longe da residência real, nos locais para onde foram destacados e por iniciativa própria. Unas tentou regressar a uma administração mais centralizada, mas o «estado» central já apresentava tendências desintegrativas impossíveis de reverter (Bárta, 2013b, p. 171-172).

A VI dinastia veio prolongar o problema com as reformas administrativas, tanto nas províncias como na capital, que procuraram a promoção da elite local a cargos altos. O objetivo era apenas fazer melhor uso dos recursos locais por parte da coroa numa questão de racionalização e normalização, através de títulos e funções, de uma estrutura que já funcionava anteriormente, embora de forma informal (Baud, 2010, p. 78; Bárta, 2013b, p. 172; García, 2004b, p. 122). Todavia, a «regionalização» do poder permitiu o desenvolvimento de agentes reais locais que aprimoraram o seu estatuto, tornando-se cada vez mais enraizados nas províncias que administravam e emocionalmente ligados à sua família local (García, 2013a, pp. 209 -210).

Em suma, durante a V e VI dinastia criou-se um estrato social local e permanente que se foi superiorizando à elite da residência real à medida que esta lhe foi delegando mais propriedades e responsabilidades. Gradualmente os representantes do governo central metamorfosearam-se em senhores feudais competindo por legitimidade e autoridade (Assmann, 2002, pp. 51-52; Wilkinson, 2010, p. 100). Consequentemente este desequilíbrio provocou uma crise de penetração da autoridade do palácio, uma vez que o governo central se viu limitado à própria residência e perdeu o contacto com a periferia. E provocou ainda uma crise de legitimidade do monarca que, erodindo-se a sua autoridade, passou a ter um papel bastante simbólico. Finalmente esta crise tornou-se uma crise de fornecimento de bens alimentares, uma vez que a distribuição de produtos se fazia pelo mesmo caminho das diretrizes administrativas (Assmann, 2002, pp. 49-50). Crise esta que foi agravada ainda mais por fatores climáticos, especialmente um declínio na precipitação que causou estragos na economia agrícola egípcia (Málek, 2000, p. 107; Wilkinson, 2010, p.113).

As questões que se colocam são as seguintes: De que forma a distribuição geográfica, cronológica e social das «Cabeças de Reserva» reflete este contexto político, social e cultural? De que forma as «Cabeças de Reserva» refletem a organização governativa do Egito e as relações sociais que se estabelecem entre os seus membros? Poderão «Cabeças de Reserva» dar algumas luzes sobre o processo de estratificação da elite central, nomeadamente a respeito da mobilidade vertical? Poderão as «Cabeças de Reserva» indiciar as pretensões de autonomização e emancipação da elite, que surgem durante o fim da IV dinastia minando progressivamente o poder central até ditarem a «queda» do Império Antigo?

CAPÍTULO III – OS/AS DETENTORES/AS DAS «CABEÇAS DE RESERVA»

«A universe of courtiers entitled “Sole Companions” in which the monarch, in his Memphite Versailles, kept in closest proximity to himself a large political society fixated on his splendor and dedicated to his person.»

(Baud, 2010, p. 73-76)

3.1 Obstáculos à identificação

Existem vários obstáculos à correta identificação dos/das detentores/as das «Cabeças de Reserva». Estes culminam em propostas de identificação incorretas baseadas em parâmetros que considero problemáticos.

O primeiro obstáculo prende-se com o facto de as «Cabeças de Reserva» não terem sido encontradas *in situ*. Consequentemente, as mastabas (ou arruamentos entre estas) onde foram encontradas as cabeças não correspondem necessariamente ao seu posicionamento original.

A «Cabeça de Reserva» n.º 26 foi encontrada perto da mastaba G 4000 de *Hmjwnw* (Hemiuu)⁹². Consequentemente foi considerada por Kayser (Kayser, 1973) e Martin-Pardey (Martin-Pardey, 1978, pp. 32-37) como pertencente a este ou, segundo Junker, a um familiar (Junker, 1929a, p. 167). No entanto, a usar aproximação geográfica como parâmetro de identificação deveria ter sido também tida em conta a mastaba G 4160 igualmente próxima do local de descoberta da cabeça n.º 31. Neste sentido, considero, tal como Smith, que não é possível determinar o/a detentor/a da «Cabeça de Reserva» n.º 36 (Smith, 1949, p. 26).

Já a «Cabeça de Reserva» n.º 31 descoberta por Hassan foi atribuída a uma «possível filha de Khafra» por ter sido encontrada numa mastaba indeterminada perto da pirâmide de Khafra (Hassan, 1936, fig. 639, 1953, pp. 4-5, pl. III-IVa). No entanto, este argumento é bastante problemático. Atualmente considera-se que os príncipes e princesas enterrados/as na necrópole de Giza são uma amálgama de príncipes/princesas «verdadeiros», com várias posições genealógicas (filhos, netos e bisnetos), mas também funcionários que detinham esta posição de forma titular/honorífica (Bussmann, 2015, p. 4; Jánosi, 2005, pp. 98-111). Neste sentido, considero que não é possível determinar o/a detentor/a da «Cabeça de Reserva» n.º 31.

⁹² Traduções alternativas: Hemiuu.

O segundo obstáculo à identificação dos/as detentores/as das «Cabeças de Reserva» relaciona-se com o facto de que mesmo que as mastabas (e local no seu interior) correspondam ao posicionamento original das «Cabeças de Reserva», a identificação do/da seu/sua detentor/a está dependente da preservação de inscrições (em estelas ou decoração) da sua nomenclatura e titulatura. Além de que, mesmo sendo possível identificar a nomenclatura e titulatura do/da detentor/a da mastaba esta não corresponde necessariamente à identificação do/da detentor/a da «Cabeça de Reserva», podendo o/a detentor/a ser outro/a indivíduo/a ali sepultado/a. No caso das mastabas G 4140 e G 7560 foram encontrados dois conjuntos de «Cabeças de Reserva», a n.º 3 e 4 e a n.º 23 e 24, respetivamente, consideradas como dizendo respeito a dois casais. A cabeça n.º 23 atesta a possibilidade, mas não obrigatoriedade, de algumas esposas terem sido sepultadas na mastaba dos maridos, justificando a amostra reduzida de mastabas cujas proprietárias são mulheres, como são exemplo as cabeças n.º 13 e 14. Segundo Janosí, é também possível que as segundas cabeças tenham sido ali colocadas após terem sido roubadas das suas localizações originais, embora esta teoria levante ainda mais dúvidas sobre as localizações originais de todas as outras cabeças encontradas em câmaras funerárias (Jánosí, 1999, p.32-38).

Quando não estão reunidas estas condições de identificação (nomenclatura e titulatura) surgem identificações baseadas noutros parâmetros problemáticos. Algumas propostas de identificação de detentores de «Cabeças de Reserva», que apelam ao «realismo» das peças como parâmetro indicador do género, raça e posição social dos indivíduos, refletem concepções machistas, racistas e xenófobas.

A descrição das «Cabeças de Reserva» n.º 4, 7, 10 e 25 sumaria os traços fisionómicos que Smith, Reisner, Junker e Porter e Moss consideram, numa perspetiva machista, ser identificativos exclusivamente do género feminino. A cabeça n.º 4 é descrita como tendo um «delicate drawing of eyes and brows (brows in relief), subtle modelling of cheeks» (Smith, 1949, p.25) e a «Cabeça de Reserva» n.º 7 como uma «delicate type of face with sharply-pointed nose» (Smith, 1949, pp. 26, 165, 357, pl.9, 1960, p. 35, fig.12). Já a «Cabeça de Reserva» n.º 10 é apontada como pertencente a uma mulher meramente por ser considerada por Smith uma «splendid head» (Smith, 1949, pp. 26, 28–29).

A detentora da «Cabeça de Reserva» n.º 6 é identificada segundo critérios claramente racistas por parte de Smith (Smith, 1941, pp. 525–526, fig.5, 1942, pp. 34–35, fig.11, 1949,

p. 25, pl.8) e Junker (Junker, 1929a, p. 64) e Reisner (Reisner, 1915, pp. 31-32,34, fig.9, 1942a, p. 477, pl.54b) que afirma contundentemente «is curiously enough, a distinctly negroid type. The head is, I believe, the earliest known portrait of a negro. The woman seems, however, not of pure negro blood, and may possibly be the offspring of an Egyptian and negro slave girl» (Reisner, 1915, p.32).

Por sua vez, as «Cabeças de Reserva» n.º 19 e n.º 33 são identificadas segundo critérios xenófobos por parte de Smith (Smith, 1949, pp. 25, 29, pl.7) e Reisner, que afirma «the two remaining men, represented by the heads from 4340 [cabeça n.º 19] and 4360 [cabeça n.º 33] are distinctly un-Egyptian in type. Professor Eliot Smith writes me that they are of the same type as the “foreign skulls” ... Thus, the conclusion reached by him and Dr. Derry, that there was an infusion of a foreign element in the ruling Egyptian race of the fourth dynasty is curiously confirmed» (Reisner, 1915, p.32).

Estas identificações contrastam grandemente com a identificação dos/as detentores/as das «Cabeças de Reserva» n.º 5, 7 e 18. A descrição das cabeças n.º 18 e n.º 5 é apenas um dos vários exemplos em que é apontado por Smith (1941, pp. 525-526, fig.4, 1949, p. 25, pl.8a-c, 1960, pp. 34-35, fig.10) e Reisner «a certain family resemblance...These are certainly princes of the blood royal [irmãos filhos de Khufu]» (Reisner, 1915, pp. 31-32, 34, fig.8) determinada segundo uma definição arbitrária do aspeto da «classe dirigente egípcia». A descrição da detentora da «Cabeça de Reserva» n.º 7 e do detentor da «Cabeça de Reserva» n.º 3 realçam as características fisionómicas associadas por estes especialistas aos membros desta elite egípcia. A cabeça n.º 7 é uma «delicate type of face with sharply-pointed nose» (Smith, 1949, pp. 26, 165, 357, pl.9, 1960, p. 35, fig.12) e «distinctly an Egyptian of the aristocratic type, with finely moulded skull and slender, graceful face, and may well have been a member of royal family» (Reisner, 1915, p.32). Já a «Cabeça de Reserva» n.º 3 é «characteristic Old Kingdom head with features rather more delicate than is usual» (Smith, 1949, p. 25, pl. 7b, 1960, p. 35, fig.13) referente a «evidently a handsome man, selected for his physical attractions. He was probably of high rank, but perhaps not of the blood royal» (Reisner, 1915, p.32).

Retomando as considerações do Capítulo I é possível sublinhar o grande problema associado a estas identificações: as conotações modernas associadas ao conceito de «realismo». Na Antiguidade a norma do retrato é a personificação e não a individualização.

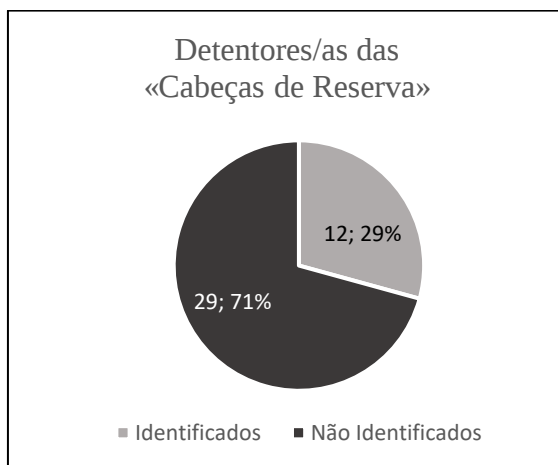
A individualidade é definida de acordo com a moldura social e estas sobrepõem-se ou absorvem a expressão de singularidade do indivíduo. Quer isto dizer que o intuito destas «Cabeças de Reserva» não é a representação dos traços individuais da fisionomia dos seus detentores, mas os traços e atributos/qualidades distintivas que integram o indivíduo na ordem social, impedindo que este seja relegado ao anonimato. Consequentemente, este retrato será a reprodução de um arquétipo de ser humano ideal desta ordem social que em nada tem a ver com questões de sexo e raça.

Consequentemente, proponho uma análise sociológica dos/das detentores/as de «Cabeças de Reserva» que foram possíveis identificar.

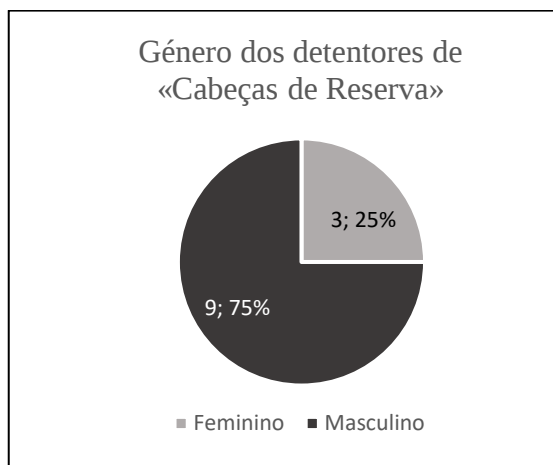
3.2 Os/As detentores/as das «Cabeças de Reserva»

Das quarenta «Cabeças de Reserva» apenas foi possível identificar corretamente doze indivíduos (Tab.7). Nove homens (Tab.8) – Kanefer (*k³-nfr*; cabeça n.º 1), Nefer (*nfr*; cabeça n.º 2), Seshemnefer (*sSmnfr*; cabeça n.º 8), Kahotep (*k³-Htp* cabeça n.º 15), Snefruseneb (*snfrwsnb*; cabeça n.º 18), Meryhetep (*mr[i]Htpf*; cabeça n.º 33), Sethou-Pepiankh (*sTw ppy- 'nk* cabeça n.º 35)⁹³, Sethu (*sTw*; orelha n.º 37) e Senenuka Keki (*snnwk³ kki*; orelha n.º 40) - e três mulheres - Meretites (*mrtits*; n.º 4), Labtet (*i³btt*; n.º 13), Wenshet (*wnSt*; n.º 14).

⁹³ A «Cabeça de Reserva» n.º 35, proveniente do poço n.º 5 perto do templo da pirâmide de Djedkara-Isesi em Sakara, é consensualmente atribuída a Sethou-Pepiankh (Fakhry, 1959, p. 30; Porter et al., 1974, p. 672). Uma vez que não existem informações suficientes sobre este indivíduo para tecer considerações acerca do seu contexto sociológico não o vamos considerar na análise.



Tab. 7 - Identificação dos/as detentores/as das «Cabeças de Reserva».



Tab. 8 --Distribuição por género dos detentores de «Cabeças de Reserva».

3.2.1 Nefer (*nfr*)

A mastaba G 2110 é atribuída a Nefer (*nfr*)⁹⁴ devido à preservação de várias inscrições com a sua nomenclatura na mastaba. A «Cabeça de Reserva» n.º 2 proveniente «à la base du puits A, dans les déblais» (Reisner, 1942a, p.425) da mastaba G 2110 é consensualmente atribuída a Nefer (Porter et al., 1974, p. 741; Reisner, 1942a, p. 201,425, pl.34; Smith, 1941, pp.514-528, 1942, pp. 32, 34, fig.12, 1949, pp. 27-30, pl.48, 1960, p. 36, fig.14) por ter sido encontrada no poço principal da mastaba e não existirem vestígios de um Segundo sepultamento. Smith, Junge e Assmann afirmam existirem semelhanças entre as representações bidimensionais de Nefer e as características fisionómicas da «Cabeça de Reserva» (Smith, 1949, p. 27, pl. 48; Junge, 1995, p. 104, pl. 36a–b; Assmann, 1996, pp. 58, 60, fig.7). No entanto, reafirmo mais uma vez que este tipo de argumentação baseada no «realismo» das «Cabeças de Reserva» é problemática.

Nefer é descrito nos relevos da capela da mastaba G 2110 (paredes sul, oeste e leste) *in situ* como:

- *z3b nḥt-ḥrw* – «Oficial de contas» judicial ou homem de contas do judiciário (Jones, 2000, p.807)
- *ḥk3 (niwwt?) Ḥwt Ḥ...(?)* – Chefe dos povoamentos/cidades da propriedade (Jones, 2000, p.668)
- *zš ʿ(w) (nw) nzwt* – Escriba de documentos / registos reais (Jones, 2000, p.838)

⁹⁴ Traduções alternativas: Nofer, Nufer

- *zš pr-ꜥ* – Escriba da Casa Grande (Jones, 2000, p.847)

Nos blocos com baixo-relevo da porta sul (Louvre B 51) e norte (MFA 07.1002) da capela da mastaba G 2110 Nefer é descrito como:

- *imy-rꜥ ḥ ḥkrw nzwt nb* - Supervisor de todos os ornamentos reais / supervisor de todos os trajes do rei (Jones, 2000, p.201)
- *hrp ꜥpr(w) (nw) nfrw* - Diretor de uma tripulação/ secção de recrutas, líder dos (jovens) soldados (Jones, 2000, p.705)
- *imy-rꜥ sty df* – Supervisor dos dois locais de provisões (Jones, 2000, p.242)
- *imy-rꜥ pr-ꜥḥ3w* – Supervisor da casa de armas (Jones, 2000, p.116)
- *wr 10 Šmꜥw* – Grande/ maior magnata das dezenas do Alto Egito/ do sul (Jones, 2000, p.388)⁹⁵
- *imy-rꜥ prwy-ḥd* – Supervisor dos dois tesouros (Jones, 2000, p.133)

Na placa da porta falsa (Museo Barracco 1) proveniente da parede oeste da capela da mastaba G 2110 Nefer é descrito como:

- *imy-rꜥ zš(w) (n)ꜥprw* – Supervisor dos escribas das tripulações (Jones, 2000, p.210)
- *imy-rꜥ pr-ḥd* – Supervisor do tesouro (Jones, 2000, p.123)

No Lintel (UPM_E13531) e na entrada da capela da mastaba G 2110 Nefer é descrito como:

- *imy-rꜥ zš(w) (n)ꜥprw* – Supervisor dos escribas das tripulações (Jones, 2000, p.210)
- *hrp ꜥpr(w) (nw) nfrw* – Diretor de uma tripulação/ secção de recrutas, líder dos (jovens) soldados (Jones, 2000, p.705)
- *zš ꜥ(w) (nw) nzwt* – Escriba de documentos / registos reais (Jones, 2000, p.838)
- *imy-rꜥ pr-ḥd* – Supervisor do tesouro (Jones, 2000, p.123)

⁹⁵ Este título está tem também conotações legais pelo que pode ser incluído igualmente nos títulos legais.

Os títulos mais importantes de Nefer são o *imy-r3 prwy-ḥd* e *imy-r3 pr-ḥd* que representam o cargo mais elevado da administração financeira. Nefer faz parte do grupo restrito de indivíduos que possui o título *imy-r3 pr-ḥd* na IV dinastia, os restantes indivíduos são *ph-r-nfr*, *izi*, *mry*, nenhum deles vizir (Strudwick, 1985, p.277). A importância de Nefer é também confirmada pela posse de um título legal, o título de *z3b nḥt-ḥrw* e de três títulos de escriba, o título *zš ʿ(w) (nw) nzwt*, o título *zš pr-ʿ3* e o título *imy-r3 zš(w) (n) ʿprw*. Segundo Strudwick estes títulos são bastante raros no Império Antigo e estão sempre associados aos mais importantes detentores do título *imy-r3 pr-ḥd*. Ademais, os títulos de Nefer relacionados com o celeiro de, o título *imy-r3 sty df3* e o título *imy-r3 pr-ʿh3w*, confirmam a teoria de Strudwick de que normalmente os detentores do título *imy-r3 pr-ḥd* têm outros títulos relacionados com o tesouro e instituições associadas a este (Strudwick, 1985, p.284).

Segundo Strudwick a maioria dos títulos honoríficos de *šmr*, *ḥry-tp nzwt* e *rḥ nzwt / iry ḥt nzwt* ocorrem na titulação de funcionários *imy-r3 pr-ḥd* da IV dinastia que seriam, possivelmente, mais importantes do que os seus semelhantes na V dinastia, tendo um estatuto similar aos *imy-r3 k3t nt nzwt*, nomeadamente Seshemnefer [I].

Embora Nefer possua apenas um título honorífico, *wr 10 šmʿw*, possui em contrapartida o título de *imy-r3 pr-ḥd*. Novamente Nefer faz parte do grupo restrito de três indivíduos que possuem a junção destes dois títulos, os restantes são *df3wi* e *ʿnh-ḥ3f* (Strudwick, 1985, p.282). O título *imy-r3 prwy-ḥd* mostra um maior grau de envolvimento com outros aspetos do tesouro do que o título *imy-r3 pr-ḥd*, mas o título de *imy-r3 pr-ḥd* é de importância superior ao primeiro e nesse sentido presumivelmente o mais importante dos dois. O título *imy-r3 pr-ḥd* esteve confinado da IV dinastia ao início da VI dinastia. O título *imy-r3 prwy-ḥd* fez a sua primeira aparição no fim da IV dinastia de forma esporádica em indivíduos não vizires, nomeadamente *Nfr* e *3ḥi*, volta a ser usado a meio da V dinastia por vizires, e de forma muito restrita no que respeita a indivíduos que não fossem vizires, e aumenta, tanto na região menfita como nas zonas provinciais, na VI dinastia. Neste sentido, possivelmente o tesouro era geralmente administrado na IV e V dinastias por um *imy-r3 pr-ḥd* tendo o vizir o título de *imy-r3 prwy-ḥd* a partir do meio da V dinastia.

A aparição restrita de indivíduos não vizires com o título de *imy-r3 prwy-ḥd*, nomeadamente Nefer são difíceis de explicar e acontecem somente em Giza (Strudwick, 1985, p.290). Em Sakara na mesma cronologia os indivíduos com o mesmo nível de

autoridade possuíam não o título *imy-rʿ prwy-ḥd* mas apenas o título de *imy-rʿ pr-ḥd*. Segundo Strudwick existem duas razões para este fenómeno. Por um lado, uma vez que os funcionários mais importantes eram enterrados em Giza foi aqui que o novo título *imy-rʿ prwy-ḥd* surgiu. Inicialmente ambos os títulos representavam níveis semelhantes de autoridade. Só quando começaram a ter diferentes funções associadas é que se diferenciaram em termos de importância. Por outro lado, existem casos, embora bastante raros, de indivíduos com o título de *imy-rʿ prwy-ḥd* que foram promovidos a *imy-rʿ pr-ḥd* e consequentemente elevados a um ofício normalmente associado ao vizir (Strudwick, 1985, pp. 290-299). Segundo Strudwick Nefer faz parte deste grupo de indivíduos (Strudwick, 1985, p. 286).

A mastaba de Nefer atesta a importância deste indivíduo. A sua mastaba sofreu alterações à estrutura original com a construção de duas portas falsas na fachada oriental e com o acrescento de uma capela de pedra em torno da porta falsa principal (Jánosi, 1999, p.31) onde, segundo Der Manuelian, teria estado uma estela (Manuelian, 2003, p.91). Inclusive a capela de Nefer foi possivelmente a primeira no cemitério oriental, depois da de Hemunu, a ser completamente decorada (Strudwick, 1985, p.110).

Consequentemente, não seria de estranhar, dada a importância deste indivíduo e a intervenção real que permitiu a decoração do seu túmulo, que este fosse igualmente agraciado com uma «Cabeça de Reserva».

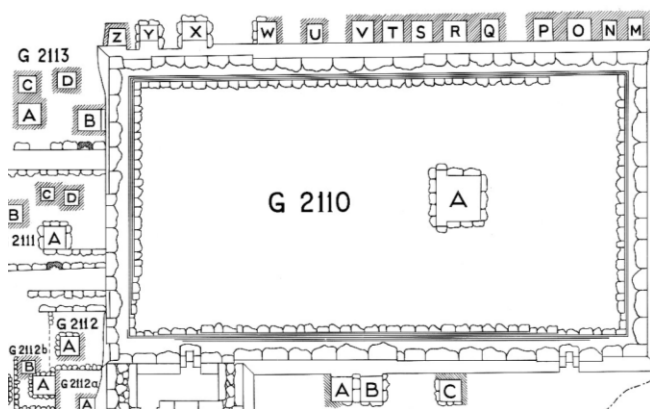


Fig. 27 - Plano da Mastaba G 2110 de Nfr (Reisner, 1942a, Cemetery G 2000). Reconstrução em 3D em: [Digital Giza | G 2110 \(harvard.edu\)](https://digitalgiza.harvard.edu/G2110)



Fig. 28 - «Cabeça de Reserva» n.º 2 de Nefer. (Tefnin, 1991, p. III-IV).

3.2.2 Senenuka Keki (*snnwkʒ kki*)⁹⁶

A orelha n.º 40, foi encontrada no poço A da mastaba G 2041. Esta mastaba é consensualmente atribuída a Senenuka Keki devido às várias inscrições encontradas na mastaba. A pequena mastaba de Senenuka Keki foi construída a sul da mastaba de Nefer. A decoração da sua capela está inacabada, nomeadamente em algumas paredes e numa das portas falsas, além dos vários hieróglifos que estão apenas esboçados ou rudemente detalhados na pedra (Manuelian, 2003, p.230). É possivelmente o mesmo indivíduo identificado no bloco (MFA 07.1002) da capela da mastaba G2110 de Nefer como sendo dependente/subordinado deste indivíduo.

A autossuficiência dos funcionários, nomeadamente Senenuka Keki, era dificilmente possível para muitos deles. Consequentemente, eram «obrigados» a depender de um concidadão poderoso ou influente, neste caso Nefer, e a juntar-se à sua rede de patronato ao ponto de ser considerado parte da sua casa/ família, a *pr*. A *pr* era a unidade básica da organização social egípcia. Incluía não apenas pessoas ligadas por laços familiares abrangendo, por vezes, centenas de pessoas. A composição familiar da *pr* varia dependendo do estatuto social embora geralmente incluía indivíduos ligados por relações de sangue - pai, mãe, filhos, irmãos e servos - bem como indivíduos relacionados por vínculos sociais cujas variantes são difíceis de descortinar - concidadãos (*dmi*), companheiros (*iri-rmnw*), amigos (*hnmsw*), entes queridos (*mryt*), associados (*smʒw*) e concubinas (*mt-hnwt*). Em termos gerais, foi feita uma distinção entre a sua família extensa *ʒbt* e a dos seus dependentes, subordinados e conhecidos, *hnw* (García, 2012, pp. 1-2). A integração nesta rede de patronato permitia aos indivíduos uma «integração vertical» para além da «horizontal» constituída por familiares e vizinhos, que liga altos funcionários a funcionários menores, potenciadores locais a cortesãos e funcionários a trabalhadores e cidadãos comuns (García, 2012, p.4).

Senenuka Keki, atua ao serviço de Nfr como, segundo os relevos da capela (MFA 11.1000; MFA 11.1001; MFA 11.1003; MFA 11.1004; MFA 11.1005):

- *imy-rʒ kʒt* – Supervisor dos trabalhos (Jones, 2000, p.261)

⁹⁶ Traduções alternativas: *snnwkA kkj*; *keki*

- *ꜥd-mr grgt* – Administrador/ oficial de fronteira de um assentamento (Jones, 2000, p.362)

Mas também tem outras funções, nomeadamente as descritas nas portas falsas norte e sul da sua mastaba (*in situ*) como:

- *rh nzwt / iry ht nzwt* – Conhecido do rei (Jones, 2000, p. 327)
- *imy-rꜣ niwt ꜣh(y)-Hwfw* – Supervisor do complexo piramidal de Khufu (Jones, 2000, p.149)
- *hrp (n) wꜥb(w) nzwt* – Diretor dos sacerdotes-*wab* do rei (Jones, 2000, p. 709)
- *zš ꜥ(w) (nw) nzwt* - Escriba de documentos / registos reais (Jones, 2000, p.838)

Senenuka Keki tinha o cargo mais importante do departamento da organização de trabalhos, o de *imy-rꜣ kꜣt*. O alcance das funções cobertas pela função de *imy-rꜣ kꜣt* era extenso, daí que este indivíduo possua o título de escriba *zš ꜥ(w) (nw) nzwt*, o título religioso *hrp (n) wꜥb(w) nzwt* e o título legal *ꜥd-mr grgt*. Senenuka Keki possui a sequência de títulos *imy-rꜣ kꜣt ꜥd-mr grgt* confirmando que os *imy-rꜣ kꜣt* atuavam provincialmente. Consequentemente este indivíduo atesta uma expansão da gestão provincial que se observa, como referido no capítulo anterior, entre o fim da IV e início da V dinastia.

No entanto, não podemos descorar os títulos de *rh nzwt / iry ht nzwt* e *imy-rꜣ niwt ꜣh(y)-Hwfw*, que atestam uma relação privilegiada de Senenuka Keki com o monarca, manifestando importância deste indivíduo na «inner court», como indivíduo que presta culto e serviços em benefício do rei, nomeadamente relacionado com as pirâmides. Possivelmente esta posição privilegiada terá advindo da própria relação de patronagem de Nefer, uma vez que esta prática de patronato não se limitava às famílias com um estatuto inferior (García, 2008a, p.136). Nefer, beneficiando da sua relação privilegiada com o monarca, poderá ter conseguido introduzir Senenuka Keki na corte lançando a sua carreira.

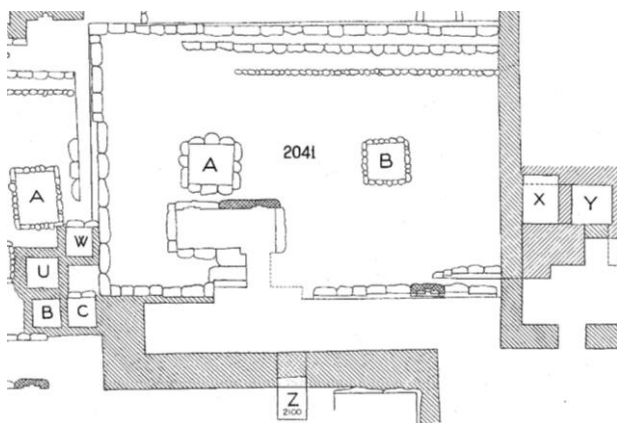


Fig. 29 - Plano da Mastaba G 2041 de Senenuka Keki (Reisner, 1942, Map of Cemetery G 2000).



Fig. 30 - Orelha n.º 40 de Senenuka Keki. Photograph © Digital Giza – The Giza Project at Harvard University

3.2.3 Seshemnefer [I] (*sSmnfr [I]*)

A «Cabeça de Reserva» n.º 8, proveniente do poço B da mastaba G 4940, é consensualmente atribuída a Seshemnefer [I] (*sSmnfr [I]*)⁹⁷ devido às várias inscrições da sua nomenclatura na mastaba (Porter et al., 1974, pp. 142-143; Reisner, 1942a, p. pl.56b; Smith, 1949, pp. 26, 165, 357, pl.9).

Foi preservada uma série quase completa dos títulos do proprietário em relevos da capela da sua mastaba que atestam uma classificação bastante elevada (Kanawati 2001, pi. 42). Seshemnefer é descrito nos relevos da capela da mastaba G 4940 como:

- *rḥ nzw* / *iry ḥt nzw* – Conhecido do rei (Jones, 2000, p. 327)
- *hry-tp nzw* – Suserano do rei/ camareiro real, aquele que está sob a liderança do rei (Jones, 2000, p.788)
- (*ny?*) *ḥwt Ḥr-Ḥpr* – Aquele que pertence ao templo funerário de Djedefra (Jones, 2000, p.472)
- *ḥt Ḥ3* – Sacerdote/ atendente de *H3* (Jones, 2000, p.757)
- *ḥm-ntr Ḥkt* – Sacerdote de Hekat (Jones, 2000, p.564)
- *ḥm-ntr Ḥr (Ṭḥnw) k³-ᵉ* – Sacerdote de Hórus da Líbia, de braço erguido (Jones, p.561)
- *z³b ᵉd-mr / ᵉd-mr (n) z³b* – Oficial jurídico (Jones, 2000, p.806)

⁹⁷ Traduções alternativas: Seshem-nofer [I], Seshemnufer [I], Seshemnofer [I]

- *hry-šštḃ* - Aquele que conhece o segredo; mestre dos segredos; secretário; conselheiro particular; aquele que está encarregue dos segredos (Jones, 2000, p.609)
- *imy-rṣ kṣt nt nzwt* – Supervisor de todos os trabalhos do rei (Jones, 2000, p.262)
- *imy-rṣ zš(w) hr(t)-ḥnzwt* – Supervisor dos escribas das pastas / autorizações do rei (Jones, 2000, p.217)
- *hry-wḏb(w) (m) hwt-ḥnh* – Mestre da generosidade, aquele que é encarregue das oferendas na Casa / Mansão da Vida (Jones, 2000, p.604)
- *imy-rṣ sty ḏḥ* – Supervisor dos dois locais de provisões (Jones, 2000, p.242)
- *šmr* – Companheiro, cortesão (Jones, 2000, p.891)
- *hm-ntr Inpw* – Sacerdote de Anúbis (Jones, 2000, p.505)
- *hrp ḥ* - Diretor do palácio (Jones, 2000, p.707)

O título mais relevante da titulação de Seshemnefer é o de *imy-rṣ kṣt nt nzwt*. Apenas dois títulos honoríficos estão em evidência na titulação destes indivíduos: o título *rh nzwt / iry ht nzwt* e o título *hry-tp nzwt*. Este último título aparece somente no Império antigo com Seshemnefer com outro indivíduo, *ḥnh-m-ḥkṣi*. O título de escriba *imy-rṣ zš(w) hr(t)-ḥnzwt* pode justificar a importância do título honorífico *hry-tp nzwt*. Este indivíduo possui ainda os títulos religiosos *hm-ntr Hkt* e *ht Hṣ* que são praticamente sempre encontrados em funcionários que possuem o título honorífico *hry-tp nzwt* (Strudwick, 1985 p.228-229). Os dois títulos religiosos *ht Hṣ* e *hm-ntr Hkt* surgem consistentemente juntos ao título *zḥb ḥd-mr / ḥd-mr (n) zḥb* possuído por Seshemnefer e Meryhetepf, e ao título *wr 10 Šmḥw* possuído por Seshemnefer, ambos associados a titulações legais. Neste sentido Strudwick sugere que os títulos *ht Hṣ* e *hm-ntr Hkt* tinham uma espécie de função honorífica, visto que só eram garantidos a funcionários de grande importância e não faziam parte da titulação legal normal. Seriam possivelmente divindades protetoras da profissão (Strudwick, 1985, p.185).

Strudwick afirma que a escassa frequência de títulos legais, escribas e relacionados com o tesouro nos titulares de *imy-rṣ kṣt nt nzwt* demonstra que não são um elemento importante na sua titulação. Seshemnefer confirma esta teoria apresentando apenas um título legal, o título *zḥb ḥd-mr / ḥd-mr (n) zḥb*, e um de escriba, o título *imy-rṣ zš(w) hr(t)-ḥnzwt*.

Ademais, não tem títulos relacionados com o tesouro e tem apenas um título relacionado com a organização de trabalhos, o título *wr 10 Šm^cw*.

Seshemnefer, o primeiro da família a usar este nome, possuía, tal como Nefer, uma *pr* composta por dezenas de indivíduos, entre os quais a sua família. No entanto, a reconstrução da sua família é complicada. Sabe-se que Seshemnefer tinha quatro filhas - Weretka, Neferhathor, Neferthakhufu e Sobekremetesn - e cinco filhos - Ab, Pehenptah, Rewer, Khufuankhu e Seshemnefer (Kanawati, 2001, p.52-53). Em teoria este Seshemnefer é Seshemnefer [II] (mastaba G 5080, antiga 2200). No entanto, a mãe de Seshemnefer [II] identificada na sua mastaba é Meretites e não Amendjefaes, mulher de Seshemnefer. É certo que Seshemnefer [II] (G 5080) é pai de Seshemnefer [III] (G 5170). A tratar-se Seshemnefer do pai de Seshemnefer [II] observa-se que este segundo tem uma posição social elevada em semelhança ao seu pai. Assim como o Seshemnefer [III], que tem títulos semelhantes ao do seu pai e do seu avô, mas ainda mais elevados (Strudwick, 1985 p.139; Alternmüller, 2008, p.145). Também a sua mulher Amendjefaes é identificada como *rh(t) nzwt* «conhecida do rei» (Kanawati, 2001, p.52), ou seja, tem igualmente uma posição bastante elevada.

Seshemnefer, parece ser o ponto inicial do estatuto desta família. Denote-se que ele tem o título *hrp ḥ*, que estava associado a funcionários jovens que, após ganharem a experiência adequada na corte ascendiam a cargos sociais mais elevados. Posteriormente, através do seu alto estatuto social conseguiu que os seus filhos se estabelecessem e promovessem as suas carreiras na corte. Fazendo um ponto de ligação com Nefer e Senenuka Keki parece possível que se trate da mesma lógica. Nefer introduziu Senenuka Keki na corte assim como Seshemnefer fez com os seus filhos. Perante o estatuto elevado de Seshemnefer não seria de estranhar, à semelhança de Nefer e Senenuka Keki, que fosse agraciado com uma «Cabeça de Reserva».

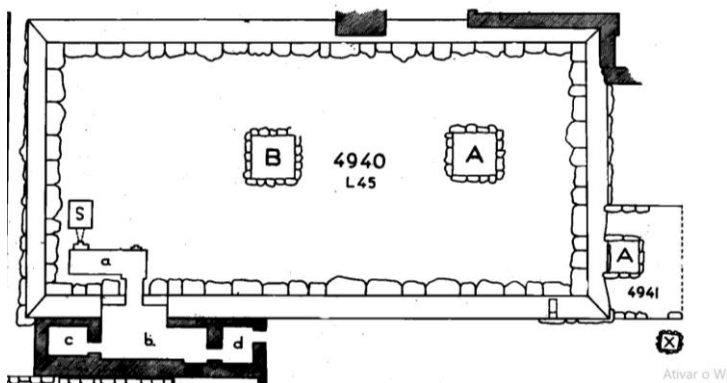


Fig. 31 - Plano da Mastaba G 4940 de Seshemkahotep [I]
Breisner, 1942a, Map of Cemetery En Échelon)



Fig. 32 -«Cabeça de Reserva» n.º 8 de
Seshemnefer [I]. (Tefnin, 1991, p. pl.
IX-XII)

3.2.4 Kahotep (k^3 -tp)

A «Cabeça de Reserva» n.º 15, proveniente da mastaba «das princesas» da necrópole de Abusir, é consensualmente atribuída por Borchardt, Smith, Porter e Moss a Kahotep (k^3 -Htp), filho de Ptahshepses devido às inscrições da sua nomenclatura na mastaba (Borchardt, 1907, p. 133, fig. 114; Porter et al., 1974, pp. 342-343; Smith, 1949, pp. 27, 29, 1961, p. 4, pl.11).

A mastaba «das princesas» (Fig.38) fica localizada na segunda fila à frente do templo da pirâmide de Nyusera, atrás das três mastabas, a de Userkafankh, a de um/a indivíduo/a anónimo/a e a de Djadjaemankh. Esta mastaba é bastante atípica, não só por ser composta por quatro câmaras funerárias individuais, mas também porque todas elas estão orientadas segundo um alinhamento Este-Oeste em vez do típico alinhamento Norte-Sul. A maior câmara funerária, e que nunca foi usada, pertence à princesa Khamerernebt. Esta é seguida da câmara funerária da sua filha Meretites e ainda uma câmara funerária de um/a indivíduo/a não identificado/a, mas possivelmente da outra filha de Ptahshepses e Khamerernebt, Hemetre. A mastaba no extremo mais a sul pertence a Kahotep, o filho do meio de Ptahshepses e da sua primeira esposa (Borchardt, 1907, p. 32; Callender, 2011, p.59, Jánosi, 2001, p. 448, note 9; Verner, 1977, p. 45).

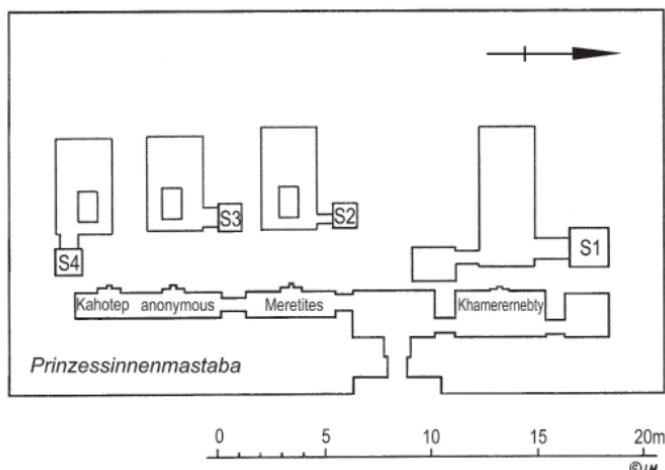


Fig. 33 - «Mastaba das Princesas» no cemitério de Nyuserra na necrópole de Abusir (Callender, 2011, Fig.1)



Fig. 34 - «Cabeça de Reserva» n.º 15 de Kahotep. (Tefnin, 1991, p. pl. II)

A mastaba de Kahotep continua a intrigar os especialistas: Porque é que Kahotep foi enterrado na mastaba abandonada da sua madrasta juntamente com as suas meio-irmãs? Callender oferece uma sugestão para a inclusão de Kahotep na mastaba «das princesas». Para Callender a disposição desta mastaba sugere que inicialmente a mastaba foi programada apenas para Khamernernebt mas foi expandida com uma nova câmara funerária após o nascimento de Meretites. O mesmo parece ter acontecido com câmaras funerárias seguintes, de Kahotep e a do/a indivíduo/a ao seu lado. Ambas as câmaras funerárias têm o mesmo tamanho e forma e estão bastante próximas (assim como os seus nichos de oferendas), ao contrário da distância que mantém da câmara funerária de Meretites. Consequentemente parece tratar-se de um casal. Considerando que Kahotep seria filho do primeiro casamento de Ptahshepses, a sua inclusão na mastaba «das princesas» sugere que este tenha casado com a sua meia-irmã Hemetre. Isto se efetivamente aquela câmara funerária lhe disser respeito. Esta teórica aliança permitiria ligar os dois grupos de crianças da família (Callender, 2011, p.60).

Os títulos de *Kahotep* atestam o alto estatuto do indivíduo. Segundo Borchardt (1907, p. 128, 1 L) e Verner (1977, p. 153, inscription 45) Kahotep possui os títulos de:

- *hry-ḥbt* – Sacerdote leitor do rei (Jones, 2000, p.507)⁹⁸

⁹⁸ Não existe informação cerca da ordem em que surgem os títulos deste indivíduo.

– *śmr w'ty* – Companheiro único, cortesão (Jones, 2000, p.891)⁹⁹

Esta posição privilegiada foi herdada da posição do seu pai. Ptahshepses iniciou o nepotismo nos mais altos níveis da administração estadual, permitindo que seus filhos estabelecessem e promovessem as suas carreiras na corte, exatamente como ele fez, uma vez que começou a sua carreira como cabeleireiro real (Barta, 2014, p. 24). Posteriormente, a carreira notável de Ptahshepses como *imy-r' k't nt nzwt* «supervisor de todos os trabalhos do rei» valeu-lhe o cargo de vizir e deu-lhe o privilégio de casar com uma filha do rei Nyuserra, Khamerernebtj (Novákóvá, 2017, p.97). Aos poucos, Ptahshepses usurpou alguns dos privilégios reais. Isso manifesta-se claramente na construção de sua mastaba. Esta tornou-se um dos maiores e mais notáveis túmulos e complexos funerários privados do terceiro milénio que apresenta uma estrutura privada que exhibe características arquitetónicas derivadas de complexos de pirâmide real (Jánosi, 1999, p.34). Neste sentido podemos tecer paralelos com Seshemnefer, e consequentemente com Nefer e Senenuka Keki, embora noutros moldes. Tanto Seshemnefer como Kahotep parecem ser os pivôs/pilares da família que conseguiram garantir posições privilegiadas (aqueles até aos quais se consegue rastrear), e progressivamente mais importantes, para os seus descendentes.

A «Cabeça de Reserva» de Kahotep, e provavelmente as mutilações que esta apresenta, advém do poder deste indivíduo. A cabeça apresenta várias mutilações intencionais, à semelhança das imagens de Kahotep e do irmão mais velho Khafini na mastaba de Ptahshepses e noutros locais, que foram removidas e/ou omitidas (Verner & et. al., 1976, p. 72). Verner sugere que o motivo desta *damnation memoriae* das imagens (e que podemos possivelmente estender à cabeça) se deve ao facto dos três irmãos terem perdido o seu estatuto devido ao nascimento dos filhos do casamento do pai com a princesa Khamerernebtj, Ptahshepses II e Hemakhety (Verner & et. al., 1976, p. 73). Isto porque sabemos por outras mastabas, como a de Merefnebef em Sakara e Hau-nefer em Tebel el Gueish, que filhos ciumentos muitas vezes removiam as imagens dos irmãos rivais das mastabas dos seus pais após estes morrerem (Callender, 2011, p.65).

⁹⁹ É indicado por (Borchardt, 1907, pp. 128, 1 L) e (Verner, 1977, pp. 153, inscription 45) como *śmr w'ty* e *hry-ḥbt* mas sem indicarem a fonte de onde foram retirados.

2.3.5 Snefruseneb (*snfrwsnb*)

A «Cabeça de Reserva» n.º 18, proveniente do poço A da mastaba G 4240, é consensualmente atribuída a Snefruseneb (*snfrwsnb*)¹⁰⁰ devido às várias inscrições da sua nomenclatura na mastaba (Porter et al., 1974, p. 125; Reisner, 1915, p. 35, 1942a, p. pl.53a; Smith, 1949, p. 25).

Snefruseneb é descrito na porta falsa (Cairo JE 43292) da mastaba G 4240 como:

- *ś(t)m* – Sacerdote-*sem* (Jones, 2000, p. 885)
- *hpr šndt* – Diretor do saíote (Jones, 2000, p. 750)
- *śd-mr Dp* – Administrador do Dep(buto), boca de todos os Pe (Jones, 2000, p.365)
- *r³ P nb* – Boca de cada *Pe-ite/Butite* (Jones, 2000, p.490)
- *śmr* – Companheiro, cortesão (Jones, 2000, p.891)
- *z³ nzwt n ht.f* – Filho real do seu corpo (Jones, 2000, p.779)

A lista de títulos de Snefruseneb, que apenas possui títulos ligados à instituição real e títulos honoríficos, atesta que este se trata de um indivíduo de elevadíssima importância social fazendo parte do grupo de indivíduos da «inner» court. Não detinha qualquer importante cargo administrativo e o seu estatuto social estava completamente dependente do favor do monarca (Strudwick, 1985, p.287, 312). Por um lado, porque os títulos *ś(t)m* e *hpr šndt* estão ambos associados ao serviço da pessoa do rei e são geralmente característicos da titulação de funcionários de alta importância do Império Antigo (Strudwick, 1985, p.316). Por outro, porque o título *r³ P nb* faz parte do grupo de títulos honoríficos que existem em escassez. Eram possuídos sobretudo por vizires e, embora não sendo exclusivo destes indivíduos, eram atribuídos apenas a funcionários muito importantes e que detinham o favor do monarca. Estes eram frequentemente indivíduos que possuíam outros títulos como o de *śmr*. Para além disso possui também o título *z³ nzwt n ht.f*, ou seja, era equiparado a um filho biológico e, como tal, era esperado dele um comportamento que seguia um código de conduta específico.

¹⁰⁰ Tradução alternativa: Sneferusoneb

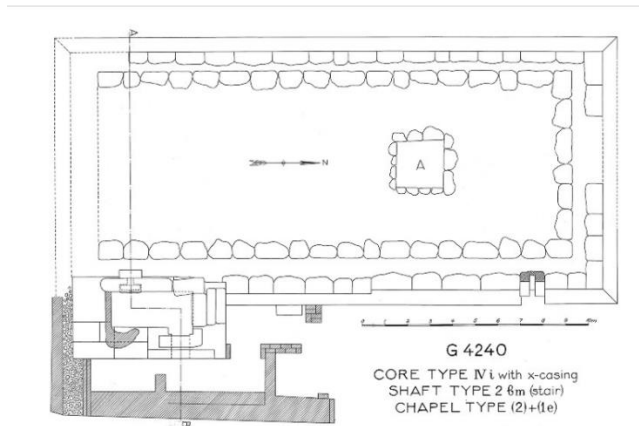


Fig. 35 - Plano da Mastaba G 4240 de Snefruseneb (Reisner, 1942a, G 4240)



Fig. 36 - «Cabeça de Reserva» n.º 18 de Snefruseneb. (Tefnin, 1991, p. pl. XV)

2.3.6 Sethu (*stw*)

A orelha n.º 37, encontrada no poço A da mastaba G 4710 de Sethu (*stw*)¹⁰¹ que é descrito nos relevos da capela (parede oeste) da mastaba G 4710 *in situ*:

- *šmr wꜣty* – Companheiro único, cortesão (Jones, 2000, p.892)
- *hrp ꜥḥ* – Diretor do palácio (Jones, 2000, p.892)
- *ḥry-šštꜣ n pr-dwꜣty* – Aquele que conhece o segredo; mestre dos segredos; secretário; conselheiro particular; aquele que está encarregue dos segredos na Casa da Manhã (Jones, 2000, p.609)
- *ḥry-wꜣdb(w) (m) ḥwt-ꜥnh* – Mestre da generosidade, aquele que é encarregue das oferendas na Casa / Mansão da Vida (Jones, 2000, p.604)
- *ḥry-tp dꜣt* – Supervisor da roupa / guarda-roupa (Jones, 2000, p.609)

A titulação, sobretudo honorífica com os títulos *ḥry-wꜣdb(w) (m) ḥwt-ꜥnh*, *hrp ꜥḥ* e *ḥry-wꜣdb(w) (m) ḥwt-ꜥnh*, de Sethu atesta que este indivíduo, tal como Snefruseneb, fazia parte do grupo de indivíduos da «inner» court neste caso atuando como *ḥry-tp dꜣt* que não detinha qualquer importante cargo administrativo e cujo estatuto social estava completamente dependente do favor do monarca (Strudwick, 1985, p.287, 312). É possível fazer uma ligação entre Sethu e os filhos de Ptahshepses, Hemakhty e o próprio Kahotep. Hemakhty foi

¹⁰¹ Traduções alternativas: Setju, Sethuw, Setchu.

apontado para o cargo de *hrp ḥ* bastante cedo. Isto indica que este cargo estava associado a funcionários jovens que, após ganharem a experiência adequada na corte ascendiam a cargos sociais mais elevados. Exatamente como aconteceu com Kahotep e outros filhos de vizires que começaram a sua carreira na corte (Bárta, 1999, p.16). No entanto, não existem dados arqueológicos e de historial familiar que permitam determinar qual o contexto em que Sethu foi indicado para este cargo.

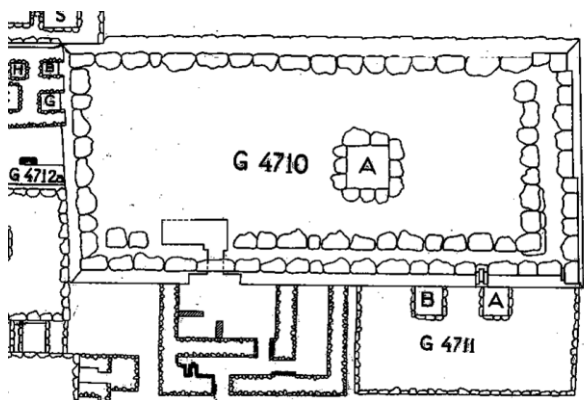


Fig. 37 - Plano da Mastaba G 4710 de Sethu (Reisner, 1942a, Map 6)



Fig. 38 - Orelha n.º 37 de Sethu. Photograph © Museum of Fine Arts, Boston

2.3.7 Kanefer (*k³-nfr*)

A «Cabeça de Reserva» n.º 1 foi encontrada no poço A da mastaba de G 1203 é atribuída a Kanefer (*k³-nfr*)¹⁰² devido à preservação de uma estela com a inscrição desta nomenclatura na capela de oferendas da mastaba G 1203. Embora o detentor da mastaba seja Kanefer, alguns especialistas como Smith e Porter e Moss, consideram que a «Cabeça de Reserva» n.º 1 representa a sua mulher (Porter et al., 1974, p. 57; Smith, 1949, p. 26, pl.9b). No entanto, considero que a identificação da «Cabeças de Reserva» como sendo feminina e esposa de Kanefer resulta de uma análise subjetiva das características faciais da escultura, visto que não existem evidências (como indiciam as mastabas G 4140 e G 4440) que comprovem a possibilidade de Kanefer e a possível esposa terem sido sepultados na mesma mastaba (Reisner and Fisher 1914, p. 240; Junker, 1929a, p. 38).

¹⁰² Traduções alternativas: Kanofer, Kanufer, Ka-nefer, Kainefer.

No Louvre existe uma estátua de um indivíduo, Kanefer, e a sua mulher, Iy-nefret, que é atribuída à mastaba G 1203. Consequentemente seria possivelmente esta a mulher retratada nesta «Cabeça de Reserva». No entanto, a estátua e a estela funerária encontrada na mastaba têm apenas um título em comum. Paralelamente são raros os exemplos de mastabas que preservem mais do que a estela funerária, pelo que a estátua de Kanefer e Iy-nefret seriam uma grande exceção à tradição. Ademais, não existe um anexo e poço de enterramento para Iy-nefret a norte do núcleo da mastaba, como acontece com a G 1223, G 1222, G 1227 e G 1233 (Manuelian, 2003, p.43) nem qualquer elemento¹⁰³ que permita concluir que existisse mais do que um indivíduo sepultado nesta mastaba. Ademais, não há qualquer vestígio de caixão e foi encontrado apenas metade de um fémur humano (Reisner, 1942a, p.405). Neste sentido, defendo a teoria de Reisner (Reisner, 1905, p. 140, 1942a, p. 13,157,390, pl.21f, 22a-e) que atribui a «Cabeça de Reserva» n.º 1 encontrada na mastaba G 1203 a Kanefer.

Esta mastaba é uma de três que tinham uma estela funerária (Hearst 6-19807) e uma «Cabeça de Reserva», juntamente com as de Meretites e Wenshet (Manuelian, 2003, p.43) que o descreve como sendo:

- *imy-r³-wp(w)t* – Chefe da ordem, supervisor das Comissões/ repartições (de várias pirâmides) (Jones, 2000, p. 89)
- *hrp tm³(tyw)* – Chefe das tropas do arco/ controlador dos portadores da caixa de arco (Jones, 2000, p. 753)

Kanefer possuía uma relação privilegiada com o monarca no sentido em que prestava culto e serviços em benefício do rei, nomeadamente relacionado com as pirâmides. Infelizmente não existem, além destes, dados relevantes, nomeadamente a respeito do contexto arqueológico e historial familiar, que possam completar o quadro sociológico de Kanefer como detentor de uma «Cabeça de Reserva». Possivelmente é um dos casos de indivíduos cuja titulatura não reflete o escopo de atividades desenvolvidas.

¹⁰³ Apenas foi encontrado um bloco com inscrições em hierático (MFA 38-2-5) e nove fragmentos de calcário sem informação pertinente para o tema em análise.

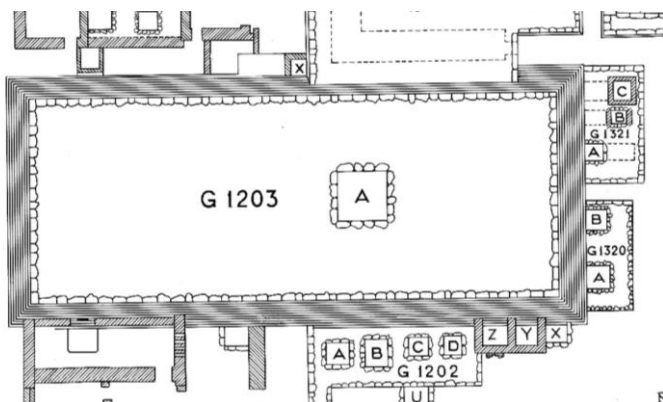


Fig. 39 - Plano da Mastaba G 1203 de Kanefer. Elaborado de acordo com o mapa de Reisner (Reisner, 1942a, Map 4)

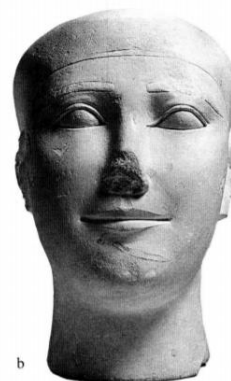


Fig. 40 - «Cabeça de Reserva» n.º 1 de Kanefer (Tefnin, 1991, p. pl.1)

2.3.8 Meryhetepef (*mr[i]Htpf*)

O mesmo se passa com a «Cabeça de Reserva» n.º 33, da mastaba G 4360, que é atribuída a Meryhetepef (*mr[i]Htpf*)¹⁰⁴ (Junker, 1929a, pp. 45, 57; Reisner, 1942a, p. 458; Smith, 1949, p. 26) que, segundo a mesa de oferendas de alabastro (Hildesheim 3048) da mastaba G 4360, atuava como *z3b* *ꜥd-mr* / *ꜥd-mr (n)* *z3b* «Oficial jurídico» (Jones, 2000, p.806).

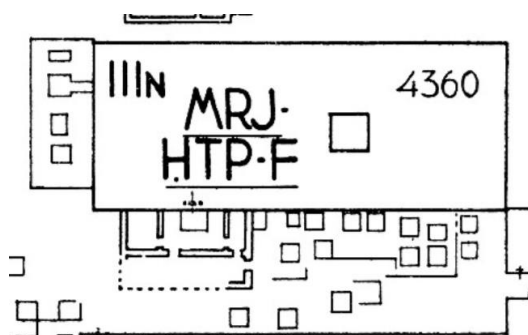


Fig. 41 - Plano da Mastaba G 4360 de Meryhetepef (Junker, 1955, Plan 3).

2.3.9 Meretites (*mrtits*), Labtet (*i3btt*), Wenshet (*wnSt*)

Segundo as poucas evidências epigráficas das estelas funerárias, a maioria dos especialistas considera que os proprietários das mastabas eram homens e apenas uma

¹⁰⁴ Traduções alternativas: Merhetepef, Merihetepef

pequena percentagem pode ser atribuída a mulheres (Jánosi, 1999, p.31). No entanto, três detentoras das «Cabeças de Reserva», Meretites, Labtet, Wenshet, demonstram que as generalizações não devem ser aplicadas de forma demasiado rigorosa no que respeita ao género e à importância relativa dos proprietários das mastabas e daqueles que foram enterrados com eles (Jánosi, 1999, p.32).

A «Cabeça de Reserva» n.º 4, proveniente do poço A da mastaba G 4140, é consensualmente atribuída a *Mrtits* (Meretites)¹⁰⁵ devido às várias inscrições da sua nomenclatura na mastaba (Porter et al., 1974; Reisner, 1915, pp. 30, 32, 33, fig.6, 1942a, p. 462, pls. 46d, 52b; Smith, 1949, p. 25, pl.6). Esta mastaba é uma de três mastabas que tinham uma estela funerária (MFA 12.1510) e uma «Cabeça de Reserva», juntando-se à mastaba de Wenshet e Kanefer (Manuelian, 2003 p.43). Esta estela apresenta danos intencionais provocados por um ataque pessoal a Meretites e que possivelmente foram estendidos à «Cabeça de Reserva» da mesma (Manuelian, 2003, p.93). Nesta estela Meretites é descrita como *z3t nzwt nt ht.f* «filha real do seu corpo» (Jones, 2000, p.819).

A característica menos usual da sua mastaba é o facto de o núcleo da mesma ter sido aumentada por um anexo permitindo um segundo um enterro. Segundo os registos arqueológicos existe apenas um poço de enterramento, o poço A da mastaba, onde foi encontrado um caixão de madeira e uma caveira feminina. Ao contrário do poço B em anexo que estava vazio, podendo ter sido assaltado ou simplesmente não ter sido usado (Reisner, 1942a, pp. 46,464). Isto levanta questões sobre os detentores destes enterros adicionais. Visto que as mulheres foram colocadas nas subestruturas originais, os eixos secundários devem ser destinados aos seus maridos ou descendentes e, claramente, seria precipitado argumentar que os enterros das mulheres eram menos importantes ou subordinados aos dos seus homólogos masculinos (Jánosi, 1999, p.32). Segundo Tefnin (Tefnin, 1991, pp. 65, 100) Meretites é esposa do detentor da cabeça n.º 3 (mastaba G 4140). Schmitz e Junker (Junker, 1929a, p. 64) afirmavam que Meretites era esposa de Snefruseneb (nº18, mastaba G 4240). Helck, por sua vez, considerava que o seu esposo era Hemiunu (mastaba G 4000) (Helck, 1954, p. 222). No entanto, estas teorias baseiam-se somente na aproximação geográfica entre as mastabas em questão (Manuelian, 2003, p.96).

¹⁰⁵ Traduções alternativas: Mertiotes, Merytyetes, Meret-ites, Merityotes.

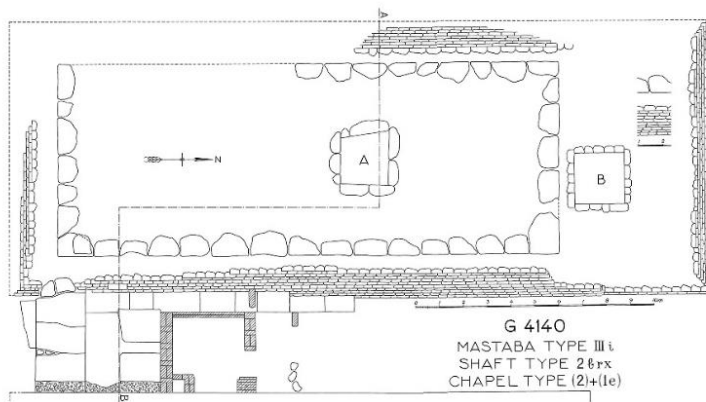


Fig. 42 - Plano da Mastaba G 4140 de Meretites. Elaborado de acordo com o mapa de Reisner (Reisner, 1942a, Fig.3, p.41)



Fig. 43 - «Cabeça de Reserva» n.º 4 de Meretites. (Tefnin, 1991, p. pl. XVII-XVIII)

A «Cabeça de Reserva» n.º 13 e orelha, provenientes da mastaba G 4650, são consensualmente atribuídas a Labtet (*iʿbtt*)¹⁰⁶ devido às várias inscrições da sua nomenclatura na mastaba (Junker, 1914a, p. pl.XL, fig.4, 1914b, p. 173, pl.8, 1929a, pp. 226-227, pl.XIII a-b, 1941, pp. 116-117; Porter et al., 1974, p. 135; Smith, 1949, p. 26). Labtet é descrita na porta falsa da mastaba G 4650 *in situ* como:

- *zʿt nzwt nt ht.f* – Filha real do seu corpo (Jones, 2000, p. 819)
- *mrt.f* – Sua amada (Jones, 2000, p. 445)
- *nbt imʿhw hr ntr ʿ3* – Possuidor de/ com reverência perante o Grande Deus (Jones, 2000, p. 481)

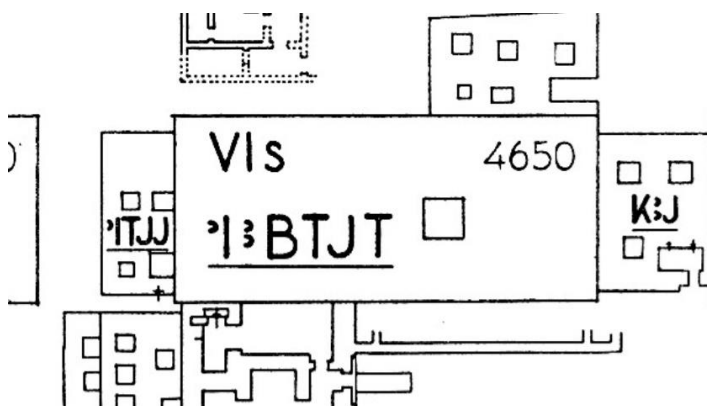


Fig. 44 - Plano da Mastaba G 4650 de Labtet. (Junker, 1955, Plan 3).



Fig. 45 - «Cabeça de Reserva» n.º 13 de Labtet. (Tefnin, 1991, p. pl. XXV)

¹⁰⁶ Traduções alternativas: Yabtet, Iabtyt, Yabtyt.

A «Cabeça de Reserva» n.º 14, proveniente do poço S984 da mastaba G 4840, é atribuída a Wenshet (*wnSt*)¹⁰⁷ por Smith (Smith, 1949, pp. 26, 184) e Reisner (Reisner, 1942a, p. 500). Junker afirma que não existe uma relação entre este poço e a mastaba de Wenshet e por isso nega a teoria de Smith e Reisner (Junker, 1914b, p. 174, pl.8, 1929a, pp. 45, 57, 256, pl. 14c-d). Tefnin afirma que se pode tratar de uma filha de Wenshet (Tefnin, 1991, p. 66). Der Manuelian acredita que se se tratar efetivamente da «Cabeça de Reserva» de Wenshet esta mastaba se junta às mastabas de Meretites e Kanefer que detêm também uma estela funerária

Na estela (MFA 14-2-1) (Manuelian, 2003, p.43) Wenshet é descrita como:

- *z3t nzwt nt ht.f* – Filha real do seu corpo (Jones, 2000, p. 819)
- *mrt.f* – Sua amada (Jones, 2000, p. 445)
- *hm(t)-ntr Hwt-hr nbt nht* – Sacerdotisa de Hathor, senhora do santuário-nehet / sicómoro (Jones, 2000, p.545)
- *hm(t)-ntr Nt mhtt inb.s* – Sacerdotisa de Neith, que está ao norte da muralha (Jones, 2000, p. 531)

Na porta falsa da sua mastaba Wenshet é descrita como:

- *z3t nzwt nt ht.f* – Filha real do seu corpo (Jones, 2000, p. 819)
- *hm(t)-ntr Nt mhtt inb.s* – Sacerdotisa de Neith, que está ao norte da muralha (Jones, 2000, p. 531)

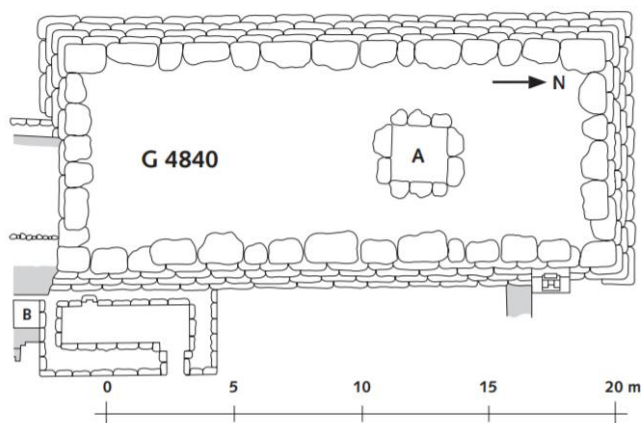


Fig. 46 - Plano da Mastaba G 4840 de Wenshet (Manuelian, 2003, p.106)



Fig. 47 - «Cabeça de Reserva» n.º 14 de Wenshet. (Tefnin, 1991, p. pl.XIV)

¹⁰⁷ Traduções alternativas: Weneshet, Wonshet

Devido à posição das suas mastabas são vários os autores que consideram que Wenshet, Labtet, Meretites se juntam a outras princesas enterradas em Giza, como Wepemnefret (g 1201), Kaiemah (g 1223), Nefret-iabet (g 1225), Kaninisut (g 2155) e Iunu (g 4150), que possuem o título de *z3t nzwt nt ht.f* de forma meramente honorífica, ou seja, eram princesas titulares (Schmitz, 1976, pp. 120f, 123, 133). Isto significa que tiveram um papel importante na orquestração da estrutura de poder ao mais alto nível exercendo frequentemente influências informais (Lloyd, 2014, p. 149) ao ponto de, mesmo não sendo filhas verdadeiras, serem agraciadas com este título. Especificamente Wenshet além de *z3t nzwt nt ht.f* era também *hm(t)-ntr Nt m3htt inb.s* e *hm(t)-ntr Hwt-hr nbt nht*. Embora possam ser apenas títulos honoríficos (Lloyd, 2014, p. 149), estes títulos podem, como afirma Torres (2021, p.257-259), descortinar uma possível participação genuína em rituais do culto de Neith e Hathor, que possivelmente valeram a Wenshet a distinção como *z3t nzwt nt ht.f*.

Denote-se que além da extensão *ht.f* «do seu corpo» que Wenshet, Labtet, Meretites têm, Labtet, possuem também os títulos honoríficos *mrt.f* e *nbt im3hw hr ntr 3* reforçando o vínculo afetivo, não recíproco, entre estas filhas e o monarca traduzindo a onipotência do monarca como *pater famílias* (Baud, 1999, p. 161).

No entanto, não é possível descortinar o percurso de cada uma destas indivíduos que permitiria completar o seu perfil sociológico como detentoras de «Cabeças de Reserva».

3.3 A «Cabeça de Reserva» como um retrato social

Além do propósito fundamental de proteger o espírito do falecido para a eternidade o túmulo era simultaneamente uma peça essencial na ascensão social do Império Antigo (Wilkinson, 2010, pp. 96-97). Para os egípcios, que o podiam ter, o túmulo era o seu empreendimento de vida, no qual investiam todos os recursos financeiros e intelectuais. Este era um local de auto-observação e auto-tematização no sentido em que registava de forma visível e permanente a forma ideal e final que o indivíduo queria dar à sua vida. Não os momentos-chave da sua vida, mas o ponto final, a forma como queria ser lembrado, pelos seus atos, conquistas, desígnios, virtudes, riqueza, posição e estatuto social (Assmann, 2002, p. 70; Wilkinson, 2010, pp. 96-97). Em suma, os túmulos representam o meio mais importante da memória cultural e social. Esta conotação pode ser estendida à decoração e equipamento funerário dos túmulos e, por conseguinte, às «Cabeças de Reserva».

Embora os túmulos tenham dado oportunidade à elite de expor a sua identidade o seu conteúdo e a sua posse, nomeadamente as «Cabeças de Reserva», foi altamente regulado e filtrado por regras de protocolo ao longo do Império Antigo (Assmann, 2002, p. 66). Aquando do início da IV dinastia o rei dominava a esfera mortuária da elite. Enquanto os túmulos de alguns indivíduos se destacam devido aos seus detentores terem ocupado importantes cargos administrativos, outros destacam-se meramente pelo facto do defunto, embora tendo pouca ou nenhuma responsabilidade administrativa, ter uma grande proximidade com o monarca (Wilkinson, 2010, p. 99). Não existia espaço para a intervenção e genialidade pessoal/individual. O acesso aos bens de equipamento funerário, assim como da mão-de-obra necessária para a sua execução, eram bastante limitados. O favor da realeza era o principal passaporte para a riqueza e estatuto. Toda a iniciativa artística e a arte funerária era sobretudo financiada/patrocinada pelo monarca, ou seja, a arte funerária era um privilégio real. Era o rei que designava o local para a construção do túmulo enquanto o dignatário pagava a construção, decoração e equipamento funerário. Quando o monarca desejava honrar alguns destes indivíduos contribuía para decoração e equipamento do seu túmulo (García, 2004a, p. 206-207; Kemp, 1991, p. 105; Wilkinson, 2010, p. 74).

Quer isto dizer que a elaboração das «Cabeças de Reserva» pode ter partido do capital financeiro dos seus detentores ou do patrocínio real. Todavia, seja a uma prenda do monarca ou resultado de autonomia financeira do detentor, a posse de uma «Cabeça de Reserva», tal como as mastabas onde foram encontradas, retratam o estatuto social elevado que distingue os seus detentores dos seus pares. Por um lado, Nefer, Senenuka Keki, Seshemnefer e Kahotep demonstram o poder das redes de patronato, como estratégia informal de exercício e manipulação de poder, no percurso de emancipação destes indivíduos. Por outro lado, Kanefer, Sethu e Meretites, Labtet, Wenshet (wnSt), atestam, à falta de mais informações sobre o historial familiar e contexto social, a influência do favoritismo do monarca no estatuto social destes/as indivíduos/as. Consequentemente as «Cabeças de Reserva» podem ser consideradas um retrato do processo de estratificação da elite central, nomeadamente a respeito da mobilidade vertical.

Títulos/ Detentores das «Cabeças de Reserva»		Nefer (n.º 2)	Senenka Keki (Orelha n.º 40)	Seshemnefer [I] (n.º 8)	Kahotep (n.º 15)	Snefruseneb (n.º 18)	Sethu (orelha n.º 37)	Kanefer (n.º 1)	Meryhetepef (n.º 33)	Meretites (n.º 4)	Labet (n.º 13)	Wenshet (n.º 14)
<i>imy-r3 prwy-ḥd</i>	Supervisor dos dois tesouros	x										
<i>imy-r3 pr-ḥd</i>	Supervisor do tesouro	x										
<i>imy-r3 sty df3w</i>	Supervisor dos dois locais de provisões	x		x								
<i>zš ʿ(w) (nw) nzw</i>	Escriba de documentos / registos reais	x										
<i>zš pr-ʿ3</i>	Escriba da Casa Grande	x	x									
<i>imy-r3 zš(w) (n) ʿprw</i>	Supervisor dos escribas das tripulações	x										
<i>imy-r3 zš(w) hr(t)-ʿnzw</i>	Supervisor dos escribas das pastas / autorizações do rei			x								
<i>imy-r3 k3t</i>	Supervisor dos trabalhos		x									
<i>imy-r3 k3t nt nzw</i>	Supervisor de todos os trabalhos do rei			x								
<i>ḥrp ʿpr(w) (nw) nfrw</i>	Diretor de uma tripulação/ secção de recrutas, líder dos (jovens) soldados	x										
<i>wr 10 Šmʿw</i>	Grande/ maior magnata das dezenas do Alto Egito/ do sul	x		x								
<i>ḥrp tm3(tyw)</i>	Chefe das tropas do arco/ controlador dos portadores da caixa de arco							x				
<i>imy-r3 pr-ʿḥ3w</i>	Supervisor da casa de armas	x										
<i>z3b ʿḏ-mr / ʿḏ-mr (n) z3b</i>	Oficial jurídico			x					x			
<i>z3b nḥt-ḥrw</i>	«Oficial de contas» judicial ou homem de contas do judiciário	x										
<i>ʿḏ-mr grgt</i>	Administrador/ oficial de fronteira de um assentamento		x									
<i>ś(t)m</i>	Sacerdote-sem					x						
<i>ḥpr šndṯ</i>	Diretor do saio					x						
<i>ḥry-ḥbt</i>	Sacerdote leitor do rei				x					x		
<i>ḥm(t)-nṯr Nt mḥtt inb.ś</i>	Sacerdotisa de Neith, que está ao norte da muralha											x
<i>ḥm(t)-nṯr Ḥwt-ḥr nbt nht</i>	Sacerdotisa de Hathor, senhora do santuário-nehet/ sicómoro											x
<i>ḥm-nṯr Inpw</i>	Sacerdote de Anúbis			x								
<i>ḥm-nṯr Ḥr (Tḥmw) k3-ʿ</i>	Sacerdote de Hórus da Líbia, de braço erguido			x								
<i>ḥt Ḥ3</i>	Sacerdote/ atendente de H3			x								
<i>ḥm-nṯr Ḥkt</i>	Sacerdote de Hekat			x								

<i>(ny?) ḥwt Ḥr-Ḥpr</i>	Aquele que pertence ao templo funerário de Djedefra			x								
<i>ḥrp (n) w^c b(w) nzwt</i>	Diretor dos sacerdotes-wab do rei		x	x								
<i>z3 nzwt n ḥt.f</i>	Filho real do seu corpo			x		x						
<i>z3t nzwt nt ḥt.</i>	Filha real do seu corpo										x	x
<i>mrt.f</i>	Sua amada										x	x
<i>imy-r3-wp(w)</i>	Chefe da ordem, supervisor das Comissões/ repartições (de várias pirâmides)							x				
<i>imy-r3 niwt 3ḥ(y)-Ḥwfw</i>	Supervisor do complexo piramidal de Khufu		x									
<i>r3 P nb</i>	Boca de cada Pe-ite/Butite					x						
<i>ḥry-wdb(w) (m) ḥwt-^cnḥ</i>	Mestre da generosidade, aquele que é encarregue das oferendas na Casa / Mansão da Vida			x			x					
<i>ḥrp ^cḥ</i>	Diretor do palácio						x					
<i>śmr w^cty</i>	Companheiro único, cortesão				x		x					
<i>śmr</i>	Companheiro, cortesão			x		x						
<i>ḥry-tp nzwt</i>	Suserano do rei/ camareiro real, aquele que está sob a liderança do rei			x								
<i>rḥ nzwt / iry ḥt nzwt</i>	Conhecido do rei		x	x								
<i>nbt im3ḥw ḥr nṯr ^c3</i>	Possuidor de/ com reverência perante o Grande Deus										x	
<i>ḥk3 (niwwt?) Ḥwt Ḥ...(?)</i>	Chefe dos povoadamentos/cidades da propriedade	x										
<i>imy-r3 ḥ ḥkrw nzwt nb</i>	Supervisor de todos os ornamentos reais / supervisor de todos os trajes do rei	x										
<i>ḥry-śšt3</i>	Aquele que conhece o segredo; mestre dos segredos; secretário; conselheiro particular; aquele que está encarregue dos segredos			x								
<i>^cd-mr Dp</i>	Administrador do Dep(buto), boca de todos os Pe					x						
<i>ḥry-śšt3 n pr-dw3ty</i>	Aquele que conhece o segredo; mestre dos segredos; secretário; conselheiro particular; aquele que está encarregue dos segredos na Casa da Manhã						x					
<i>ḥry-tp d3t</i>	Supervisor da roupa / guarda-roupa						x					

Tab. 9 - Tabela dos títulos dos/as detentores/as das «Cabeças de Reserva»

CONCLUSÃO

«The king was the "lord of burial" and presided over the means to salvation- the magic of stone, on which the Egyptians of the governing elite pinned their hopes of immortality»

(Assmann, 2002, pp. 76-77)

Na Introdução estabeleci dois objetivos para a dissertação, sendo o primeiro intrínseco à execução do segundo. A primeira parte da dissertação (Capítulo I) seria destinada à revisão e atualização da contabilização e catalogação das «Cabeças de Reserva». A segunda parte (Capítulo II e III) seria destinada à análise sociocultural dos detentores das «Cabeças de Reserva».

No que diz respeito à primeira parte da dissertação, concluiu-se que a introdução de orelhas isoladas como parâmetro de contabilização de exemplares de «Cabeças de Reserva», estejam estas ou não preservadas, é justificável quando estas reúnem as mesmas características formais e tipológicas e o mesmo contexto cronológico e arqueológico das orelhas acopladas e encontradas desarticuladas as «Cabeças de Reserva». A incorporação das orelhas n.º 36, 37, 38, 40 e 41 como vestígios da existência de «Cabeças de Reserva» não preservadas revelou-se essencial para a segunda parte da dissertação. Perante a dificuldade de identificação dos detentores das «Cabeças de Reserva», a introdução deste elemento de análise permitiu reunir informação sobre adicionais detentores das «Cabeças de Reserva», nomeadamente de Sethu (orelha nº37) e Senenuka Keki (orelha nº40). Consequentemente contribuiu para uma análise sociocultural dos mesmos mais significativa, no sentido em que está alicerçada em mais casos de estudo do que estaria caso esta primeira parte da dissertação não fosse contemplada.

No que diz respeito à segunda parte da dissertação, conclui-se que tal como é irrelevante tentar obter uma resposta contundente à finalidade das «Cabeças de Reserva» é igualmente insignificante (talvez mesmo inglório e redutor), procurar responder à pergunta enunciada na Introdução como mote para a mesma: «Porque é que nem todos os indivíduos proeminentes da elite egípcia do Império Antigo detinham o “privilégio” (ou não) de deter uma “Cabeças de Reserva”?». Porém, considereei impreterível manter essa questão na Introdução de modo a conduzir o leitor à realização pessoal da impertinência da mesma. A pergunta é incongruente, uma vez que o ênfase está colocado no objeto e não no seu detentor, implicando

um motivo único para a posse das «Cabeças de Reserva», de aplicação genérica a todos os detentores, que não existe:

1. A posse de uma «Cabeça de Reserva» não é exclusiva de um género, havendo detentores masculinos e femininos.
2. A posse de uma «Cabeça de Reserva» não é exclusiva de uma relação familiar, biológica ou honorífica, com o monarca.
3. A posse de uma «Cabeça de Reserva» não é exclusiva da execução de uma função administrativa específica.
4. A posse de «Cabeça de Reserva» não é exclusiva de indivíduos que não desempenham funções administrativas específicas e têm um lugar privilegiado junto do monarca.

A detenção de uma «Cabeça de Reserva» depende de uma amálgama de motivos indestrinçáveis da condição sociológica particular de cada um dos seus/suas detentores/as. Consequentemente a ênfase da pergunta deve ser colocada não no objeto, mas no detentor. A pergunta deve ser: «Quem são individualmente e em conjunto os detentores das “Cabeça de Reserva”?».

Individualmente, através de estratégias informais de exercício e manipulação de poder, (cujos contornos nem sempre são perceptíveis como no caso de Kanefer, Meryhetep e Meretites, Labtet e Wenshet), os detentores das «Cabeças de Reserva» retratam percursos de emancipação, ou seja, de integração vertical na estrutura hierárquica da elite. Em conjunto como agentes políticos e sociais retratam a teoria/pensamento/mentalidade e prática/execução política e social por detrás do estado egípcio do Império Antigo que pode ser explicada segundo três conceitos estruturais: poder, dominação e oposição (Scott, 2008, p. 29-39).

O poder social resulta de uma relação de poder entre dois agentes, um dos quais é o «principal», o rei, que exerce intencionalmente poder sobre o outro «subalterno», agente subordinado, a elite. No entanto, esta não é uma relação unilateral, mas assimétrica, organizada em torno dos interesses e objetivos conflitantes dos agentes, entre as pretensões de centralização da realeza e as pretensões de individualização/autonomização da elite.

A presença desse poder, resulta da capacidade do «principal», o rei, exercer poder de decisão sobre os «subalternos», a elite, obrigando-a a fazer algo, ou da capacidade de a elite resistir, ou não, a estas tentativas de subalternização do rei. No Império Antigo o poder de

dominação do rei sobre a elite, que resultou num controlo estável e duradouro do «estado» sobre o seu território até à transição entre a IV e a V dinastia, assumiu várias formas. Por vezes foi utilizada a coerção e indução, como estruturas de repressão de um poder corretivo em que a realeza influenciou a elite por força direta, independentemente das suas preferências ou desejos e sem uma justificação discursiva. Outras vezes o rei usou comandos nos quais a elite reconheceu legitimidade, justificação e validade.

Este poder de dominação assumiu também a forma de incentivos, ofertas reais como são possivelmente as «Cabeças de Reserva». O conceito de «elite» é associado a uma elite económica, ou seja, a um grupo de indivíduos privilegiados, avantajados e economicamente poderosos cuja distribuição de recursos materiais determinou as suas oportunidades de vida, ou seja, a realeza. No entanto, da mesma forma, os recursos simbólicos de prestígio social que compreendem capital cultural, do qual as «Cabeças de Reserva» são exemplo, podem ser transformados em grupos de estatuto social. Os túmulos privados, com as biografias e equipamento funerário, nomeadamente as «Cabeças de Reserva» demonstram que o sentido de identidade pessoal e autoestima era medida em termos da relação com o monarca. A vida pós-morte, ou seja, a autorização para a construção do túmulo e seu equipamento funerário dependia inteiramente da deliberação e negociação com o monarca (Allen, 2006, p.13). Isto reflete um sistema de valores onde a regra era a relação individual com o monarca, tanto em vida como um oficial como no pós-morte. Neste contexto seria plausível que, como sugerem Dubis, Smith e Nuzzolo, as «Cabeças de Reserva» fossem um favor real ao proprietário, produzido nas oficinas reais, que significaria que estes indivíduos teriam beneficiado perpetuamente do favor do rei e das suas ofertas funerárias (Dubis, 1992, p. 23; Nuzzolo, 2011, pp. 205-215; Smith, 1949, p. 25).

A perícia, através de um poder persuasivo, foi também utilizada pela realeza persuadindo a elite a confiar na instituição e a identificar-se com esses valores levando-a a ter uma relação de compromisso e lealdade. Os títulos dos detentores de «Cabeça de Reserva», tipicamente combinados como título de $z^3(t) \text{ nzw}t$ (como no caso de como Snefruseneb ou as princesas titulares Meretites, Labtet e Wenshet) ou com títulos de natureza honorífica (como Snefruseneb e Sethu), demonstram de que forma o poder persuasivo do rei e os seus incentivos em termos de recursos simbólicos de prestígio social foram utilizados para monitorizar a rivalidade na corte, recriando e controlando continuamente esta elite.

Especificamente, o título «filho de Ra», atestado pela primeira vez com Djedefra, e o título *z3(t) nzw t* «filho/filha real», indiciam o nascimento de um princípio/modelo dinástico baseado na sucessão de pai-filho que foi explorando amplamente na IV dinastia como meio de exibição de estatuto e legitimidade dos membros de alto escalão da elite egípcia (Baud 1999, pp. 312-323).

Consequentemente, não se deve cometer o erro de assumir que os grupos «principais», a realeza, são todo-poderosos. O poder está intrinsecamente ligado à possibilidade de resistência, e o poder de qualquer «principal», a realeza, deve ser visto como aberto a contestar por parte dos «subalternos», a elite. Esta resistência veio a manifestar-se em atos individuais, como o processo individual de emancipação de cada detentor de «Cabeças de Reserva». Seria plausível que as «Cabeças de Reserva» tivessem sido providenciadas pelos seus detentores, funcionários ricos e poderosos, por motivos religiosos, económicos etc., enquadradas neste processo de autonomização e autodeterminação da elite. Nesse sentido significaria que, embora se tratando de um ato de resistência, este surge primeiramente sob a forma de oposição institucionalizada que recebe reconhecimento e legitimidade pela realeza, exercendo primeiramente apenas pressão na estrutura institucionalizada de dominação. Seria o que rei que, favorecendo socialmente os detentores das «Cabeças de Reserva», teria fomentado a capacidade financeira destes para as mandar executar.

Posteriormente estes atos assumem a forma de protesto fora dessa estrutura como uma contra mobilização da estrutura existente de dominação. É exatamente o que observamos nos processos de emancipação dos detentores das «Cabeças de Reserva». As «Cabeças de Reserva» atestam o momento em que se esboça uma divisão em linhas ideológicas entre a elite e a realeza. Este processo de emancipação embora estando integrado no sistema centralizador do «estado» egípcio semeou o contexto conturbado da V e VI dinastias onde se observa a autodeterminação da elite egípcia à margem do controlo da realeza. A integração vertical destes indivíduos levou a um colapso da verticalidade, na qual a noção de centralidade foi progressivamente minada, horizontalizando a relação entre o monarca e os seus funcionários. Ou seja, as «Cabeças de Reserva» permitem-nos perceber que é precisamente no final do Império Antigo que os fatores internos que indubitavelmente estimularam o desenvolvimento do «estado» egípcio se transformaram em fatores que

inibiam o seu desenvolvimento adicional (personalização, multiplicação e desintegração) catapultando na «queda» do Império Antigo.

Em suma, a análise sociológica dos/as detentoras das «Cabeças de Reserva», como mecanismo de memória social onde se projeta o estatuto social destes indivíduos, permitiu identificar as relações, formais e informais, de poder entre rei e elite, compreender as modificações nessas relações, nomeadamente a respeito da emancipação de determinados indivíduos e quais as estratégias individuais inerentes, assim como o impacto da desagregação desta relação entre rei e elite para a deterioração do poder do «estado» egípcio do Império Antigo.

Esta dissertação não é isenta de crítica, uma vez que são as fragilidades que apresenta que potenciam futuras oportunidades de investigação.

Primeiramente a minha análise crítica das contabilizações e catalogações das «Cabeças de Reserva» revela-se superficial, e possivelmente incompleta. Não só pelas limitações de observação das fontes de análise, ou seja, dos registos arqueológicos, como pela minha inexperiência a respeito de metodologias e vocabulário próprios indispensáveis à sua correta interpretação. Já a proposta de contabilização e catalogação das «Cabeças de Reserva» que apresento releva-se especulativa sem a realização, que considero extemporâneo, de estudos comparativos entre cabeças e orelhas, que justificariam, ou não, uma recontagem do *corpus* escultórico.

Paralelamente, em consequência das limitações de espaço inerentes a uma dissertação de mestrado, a análise sociológica dos detentores das «Cabeças de Reserva» atentou, sobretudo, na análise da sua titulatura e historial familiar. Todavia esta abordagem revela-se rudimentar carecendo de uma análise mais completa ao contexto arqueológico que implicaria o estudo de: escala, localização e forma e área ocupada do túmulo; tamanho e forma da capela; revestimento exterior; qualidade, extensão e padrões de decoração, incluindo textos; tamanho da subestrutura; equipamento funerário encontrado no *serdab* e na câmara funerária, entre outros. A análise destes elementos permitirá compreender o impacto de fatores associados ao estatuto social do defunto, tais como a riqueza, as conexões/historial familiar, relação com o monarca, na posse de um túmulo e sua decoração e equipamento funerário, nomeadamente as «Cabeças de Reserva». Ademais, um enquadramento sociocultural das

«Cabeças de Reserva» não pode esgotar-se na análise isolada dos seus detentores. Ciente da impossibilidade da sua realização no âmbito desta dissertação, por limitações de espaço e conhecimento, revela-se impreterível uma análise comparativa entre estes túmulos, e seus detentores, e os seus envolventes.

Concluo esta dissertação com a certeza de que além da importância deste trabalho, como espelho da dúvida e a confusão que a reflexão sobre as «Cabeças de Reserva» implica, o maior contributo da mesma foi o seu impacto no meu percurso de vida. Foi compreender que «the Ancient Egypt is an intellectual and spiritual world that is linked to our own by numerous strands of tradition» (Assmann, 2002, p. 64). E que é através da compreensão da dimensão autorreflexiva desta civilização, ou seja, da forma como os egípcios se relacionaram com o seu próprio passado, presente e futuro nas dimensões da vida e da morte, que ganhei a minha própria capacidade autorreflexiva. Através das «Cabeças de Reserva» eu entendi que a imagem coerente de um tempo e de uma civilização, seja antiga ou contemporânea, se baseia na interação e desenvolvimento constante e mútuo de várias esferas. E isto é um processo interminável de conflitos internos e / ou contradições, reajustes e refinamentos.

LISTA DE ABREVIATURAS

<i>AfO</i>	Archiv Für Orientforschung
<i>AJA</i>	American Journal of Archaeology
<i>ARTnews</i>	The Art Newspaper
<i>ArOr</i>	Archiv Orientalní
<i>BMMA</i>	Bulletin of the Metropolitan Museum of Art
<i>BSFE</i>	Bulletin de La Société Française d'Égyptologie
<i>Expedition</i>	Expedition Magazine, Penn Museum
<i>GM</i>	Göttinger Miszellen
<i>JANER</i>	Journal of Ancient Near Eastern Religions
<i>JEOL</i>	Journal of the Ancient Near Eastern Society "Ex Oriente Lux."
<i>JESHO</i>	Journal of the Economic and Social History of the Orient
<i>JNES</i>	Journal of Near Eastern Studies
<i>JSAS</i>	Journal of Southern African Studies
<i>Kmt</i>	A Modern Journal of Ancient Egypt
<i>MDAIK</i>	Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts
<i>MFA Bulletin</i>	Bulletin of the Museum of Fine Arts
<i>RdE</i>	Revue d'Égyptologie
<i>REL</i>	Rediscovering the Egyptian Legacy,
<i>SAAC</i>	Studies in Ancient Art and Civilization
<i>SSEA</i>	The Society for the Study of Egyptian Antiquities, Newsletter
<i>TdE</i>	Trabajos de Egiptología
<i>ZÄS</i>	Zeitschrift für Ägyptische Sprache und Altertumskunde

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 - Mapa da Necrópole de Dahshur	2
Fig. 2 - Mapa da necrópole de Giza	5
Fig. 3 - Mapa da Necrópole de Abusir	6
Fig. 4 - Mapa da Necrópole de Sakara.	7
Fig. 5 - Orelhas MFA 15-12-34 (nº36).....	36
Fig. 6 - Orelha MFA 14-3-18 (nº37)	36
Fig. 7 - Orelha MFA 13.3446 (nº38).....	37
Fig. 8 - Orelha MFA 13.3445 (nº38).....	37
Fig. 9 - Orelha MFA C482 NS (nº40).....	37
Fig. 10 - Orelhas 15-1-23 (nº41)	37
Fig. 11 - Orelha ÄS 9614a (nº39).....	38
Fig. 12 - Orelha ÄS 9614b (nº33)	38
Fig. 13 - Orelhas RPM 2657 (nº28)	40
Fig. 14 - Orelha sem nº de referencia da cabeça RPM 2384 (nº13).....	40
Fig. 15 - Detalhe da orelha esquerda da cabeça nº1	41
Fig. 16 - Detalhe da orelha direita da cabeça nº6	41
Fig. 17 - Detalhe cabeça nº4	41
Fig. 18 - Detalhe da cabeça nº19.....	41
Fig. 19 - Detalhe da cabeça nº20.....	41
Fig. 20 - Detalhe da cabeça nº8.....	42
Fig. 21 - Detalhe da cabeça nº14.....	42
Fig. 22 - Mapa do Cemitério G 1200 do Cemitério Ocidental da necrópole de Giza.	49
Fig. 23 - Mapa do Cemitério G 2100 do Cemitério Ocidental da necrópole de Giza.	51
Fig. 24 - Mapa do Cemitério G 4000 do Cemitério Ocidental da necrópole de Giza.	54
Fig. 25 - Mapa do Cemitério En Échelon do Cemitério Ocidental da necrópole de Giza ...	58
Fig. 26 - Mapa do Cemitério Oriental G 7000 da necrópole de Giza	60
Fig. 27 - Plano da Mastaba G 1203 de Nefer.	86
Fig. 28 - «Cabeça de Reserva» n.º 2 de Nefer.....	86
Fig. 29 - Orelha n.º 40 de Senenuka Keki	89
Fig. 30 - Plano da Mastaba G 2041 de Senenuka Keki.....	89

Fig. 31 - Plano da Mastaba G 2041 de Seshemnefer [I]	92
Fig. 32 - «Cabeça de Reserva» n.º 8 de Seshemnefer [I]	92
Fig. 33 - «Mastaba das Princesas» no cemitério de Nyuserra na necrópole de Abusir.....	93
Fig. 34 - «Cabeça de Reserva» n.º 15 de Kahotep	93
Fig. 35 - Plano da Mastaba G 4240 de Snefruseneb.	96
Fig. 36 - «Cabeça de Reserva» n.º 18 de Snefruseneb	96
Fig. 37 - Plano da Mastaba G 4710 de Sethu	97
Fig. 38 - Orelha n.º 37 de Sethu	97
Fig. 39 - Plano da Mastaba G 1203 de Kanefer	99
Fig. 40 - «Cabeça de Reserva» n.º 1 de Kanefer	99
Fig. 41 - Plano da Mastaba G 4360 de Meryhetepef.....	99
Fig. 42 - Plano da Mastaba G 4140 de Meretites	101
Fig. 43 - «Cabeça de Reserva» n.º 4 de Meretites.....	101
Fig. 44 - Plano da Mastaba G 4650 de Labtet.	101
Fig. 45 - «Cabeça de Reserva» n.º 13 de Labtet.....	101
Fig. 46 - Plano da Mastaba G 4840 de Wenshet	102
Fig. 47 - «Cabeça de Reserva» n.º 14 de Wenshet.....	102

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tab. 1 - Tabela de materiais e dimensões das orelhas.	40
Tab. 2 - Gráfico e tabela da distribuição cronológica das «Cabeças de Reserva».....	43
Tab. 3 - Gráfico e tabela da distribuição geográfica das «Cabeças de Reserva»	45
Tab. 4 - Síntese em gráfico e tabela da distribuição arqueológica e cronológica das «Cabeças de Reserva».....	46
Tab. 5 - Gráfico e tabela do contexto arqueológico das «Cabeças de Reserva»..	47
Tab. 6 - Gráfico e tabela da distribuição das «Cabeças de Reserva» e orelhas por cemitério da necrópole de Giza	48
Tab. 7 - Identificação dos/as detentores/as das «Cabeças de Reserva».....	83
Tab. 8 - Distribuição por género dos detentores de «Cabeças de Reserva».	83
Tab. 9 - Tabela dos títulos dos/as detentores/as das «Cabeças de Reserva»	106

BIBLIOGRAFIA¹⁰⁸

FONTES

CATÁLOGOS

Eggebrecht, A. (Ed.). (1993). *Pelizaeus-Museum Hildesheim: Die ägyptische Sammlung.*

Philipp von Zabern

Freed, R. E., Berman, L. M., & Doxey, D. M. (2003). *Arts of Ancient Egypt. MFA Highlights.*

MFA Publications.

Hayes, W. C. (1953). *The Scepter of Egypt: A Background for the Study of the Egyptian Antiquities in The Metropolitan Museum of Art: From the Earliest Times to the End of the Middle Kingdom* (Vol. 1). The Metropolitan Museum of Art.

Jaroš-Deckert, B. (1993). *Statuen des Alten Reiches.* Philipp Von Zabern.

Kayser, H. (1973). *Die ägyptischen Altertümer im Roemer-Pelizaeus-Museum in Hildesheim.* Gerstenberg.

Komorzynski, E. (1951a). Altägyptens Hohe Kunst im Kunsthistorischen Museum in Wien. *Österreich in Wort Und Bild*, 31.

Markowitz, Y. J., Haynes, J. L., & Freed, R. E. (2002). *Egypt in the Age of the Pyramids: Highlights from the Harvard University–Museum of Fine Arts, Boston Expedition.* MFA Publications.

Page, A. (1976). *Egyptian Sculpture in the Petrie Collection.* International Scholarly Book Services.

Roeder, G. (1921). *Die Denkmäler des Pelizaeus-Museums zu Hildesheim.* Karl Curtius Verlag.

¹⁰⁸ Norma de referência: APA Style 7ª edição.

Satzinger, H. (s.d). *Ägyptische Kunst in Wien*. Kunsthistorisches Museum Wien

Simpson, W. Kelly. (1977). *Face of Egypt: Permanence and Change in Egyptian Art*.
Museum of Fine Arts.

Smith, W. S. (1942). *Ancient Egypt: As represented in the Museum of fine Arts*. Museum of
Fine Arts.

Smith, W. S. (1960). *Ancient Egypt: As represented in the Museum of fine Arts*. Museum of
Fine Arts.

Smith, W. S. (1961). *Catalogue Staatliche Museen Berlin*. Staatliche Museen.

MANUSCRITOS

Reisner, G. A. (1942b). *A History of the Giza Necropolis II: Appendix A: Cemetery en
Échelon*.

Reisner, G. A. (1942c). *A History of the Giza Necropolis II. Appendix B: East Cemetery (Cem.
7000)*.

Reisner, G. A. (1942d). *A History of the Giza Necropolis II: Chapter 11: The Funerary
Equipment Found in Burial Chambers*.

Reisner, G. A. (1942e). *A History of the Giza Necropolis III. Appendix N: Cemetery G 4000*.

OBRAS GERAIS

Aldred, C. (1949). *Old Kingdom Art in Ancient Egypt*. Alec Tiranti Ltd.

Aldred, C. (1965). *Egypt to the End of the Old Kingdom*. McGraw-Hill.

Aldred, C. (1973). *The development of ancient Egyptian art from 3200-1315 B.C*. Alec Tiranti
Ltd.

- Aldred, C. (1980). *Egyptian Art: In the Days of the Pharaohs 3100-320 BC*. Thames and Hudson.
- Alexanian, N. (2006). Tomb and Social Status: The Textual Evidence. In M. Bárta (Ed.), *The Old Kingdom Art and Archaeology. Proceedings of the Conference held in Prague, May 31-June 4, 2004* (pp. 1-8). Czech Institute of Egyptology.
- Arnold, D. (1999). *When the Pyramids Were Built: Egyptian Art of the Old Kingdom*. The Metropolitan Museum of Art.
- Assmann, J. (1983). Schrift, Tod und Identität. Das Grab als Vorschule der Literatur im alten Ägypten. In J. Assmann, A. Assmann, & C. Hardmeier (Eds.), *Stein und Zeit: Das "monumentale" Gedächtnis der altägyptischen Kultur*. (pp. 64-93). Fink.
- Assmann, J. (2001). *Tod und Jenseits im alten Ägypten*. C.H. Beck Verlag.
- Assmann, J. (2002). The Old Kingdom. In A. Jenkins (Trans.), *The Mind of Egypt: History and Meaning in the Time of the Pharaohs*. Metropolitan Books.
- Assmann, J. (2005). *Death and Salvation in Ancient Egypt* (D. Lorton, Trans.). Cornell University Press.
- Atlas de l'art: L'égypte Pharaonique* (Vol. 1–32). (1992). Encyclopaedia universalis France.
- Baines, J. (1995). Kingship, definition of culture and legitimation. In D. P. Silverman & D. O'Connor, *Ancient Egyptian kingship* (pp. 3-47). E.J. Brill.
- Baines, J., & Yoffee, N. (2000). Analyzing order, legitimacy, and wealth in ancient Egypt and Mesopotamia. In J. Richards & M. V. Buren (Eds.), *Archaic States* (pp. 13-20). Cambridge University Press.
- Bárta, M. (2013b). Kings, Viziers, and Courtiers: Executive Power in the Third Millennium B.C. In J. García, *Ancient Egyptian Administration* (pp. 153-176). Brill.

- Bárta, M., Coppens, F., & Krejčí, J. (Eds.). (2005). *Abusir and Saqqara in the Year 2005: Proceedings of the Conference Held in Prague (June 27– July 5, 2005)*. Czech Institute of Egyptology.
- Bárta, M., Coppens, F., & Krejčí, J. (Eds.). (2010). *Abusir and Saqqara in the Year 2010: Proceedings of the Conference Held in Prague (late May and early June 2010)*. Czech Institute of Egyptology.
- Bárta, M., Coppens, F., & Krejčí, J. (Eds.). (2017). *Abusir and Saqqara in the Year 2015: Proceedings of the fourth Abusir and Saqqara conference in Prague (June 22-26, 2015)*. Czech Institute of Egyptology.
- Baud, M. (1999). *Famille royale et pouvoir sous l’Ancien Empire égyptien* (2nd ed., Vol. 1). Institut Français d’Archéologie Orientale.
- Baud, M. (2010). The Old Kingdom. In A. B. Lloyd (Ed.), *A Companion to Ancient Egypt* (Vol. 1, pp. 63–80). Blackwell Publishing Ltd.
- Black, A. (2009). Egypt. In *A World History of Ancient Political Thought* (pp. 23-32). Oxford University Press.
- Bolshakov, A. O. (2006). Arrangement of Murals as a Principle of Old Kingdom Tomb Decoration. In M. Fitzenreiter (Ed.), *Dekorierte Grabanlagen im Alten Reich: Methodik und Interpretation* (pp. 37-60). Golden House Publications.
- Breasted, J. H. (1958). *The Development of religion and thought in Ancient Egypt*. Harper & Brothers.
- Campagno, M. (2013). Del patronazgo y otras lógicas de organización social en el valle del Nilo durante el III milenio a.C. *Actes Du XXXIVe Colloque International Du GIREA. III Coloquio Internacional Del PEFSCEA*, (pp.53-7). Presses Universitaires de Franche-Comté.

- Capart, J. (1931). *Propos sur l'art égyptien*. Fondation Égyptologique Reine Élisabeth.
- Capart, J. (1948). *L'art égyptien. Choix de documents II. La statuaire*. Vromant & Cie
- Capart, J. (1949). *Pour Faire Aimer L'art Égyptien*. Fondation égyptologique Reine Élisabeth.
- Capart, J. (2018). *Leçons sur l'Art Égyptien*. Forgotten Books.
- Chauvet, V. (2015). Who did what and why: The dynamics of tomb preparation. In K. M. Cooney & R. Jasnow (Eds.), *Joyful in Thebes: Egyptological Studies in Honor of Betsy M. Bryan* (pp. 63-78). Lockwood Press.
- D'Auria, S., Lacovara, P., & Roehrig, C. H. (1988). *Mummies & magic: The funerary arts of ancient Egypt*. Museum of Fine Arts.
- David, A. R. (2002). *Religion and Magic in Ancient Egypt*. Penguin Random House.
- David, A. R. (2014). Identification in Ancient Egypt from the Old Kingdom to the end of the New Kingdom (2650-1100 BCE). In M. Depauw & S. Coussement (Eds.), *Identifiers and Identification Methods in the Ancient World. Legal Documents in Ancient Societies III* (pp. 57-74). Uitgeverij Peeters en Departement Oosterse Studies.
- Dawson, W. R. (2019). In M. L. Bierbrier (Ed.), *Who Was Who in Egyptology*. Egypt Exploration Society.
- Delacampagne, C., & Lessing, E. (1990). *Immortelle Egypte*. Nathan.
- Demel, H. (1947). *Aegyptische Kunst*. Schroll.
- De Morgan, J. (1895). *Fouilles à Dahchour, Mars-Juin 1894*. Adolphe Holzhausen.
- Dodson, A., & Hilton, D. (2004). *The Complete Royal Families of Ancient Egypt*. The American University in Cairo Press.
- Donadoni, S. (1994). *L'art égyptien*. LGF.
- Dunham, D. (1958). *The Egyptian Department and its excavations*. Museum of Fine Arts.

- Eggebrecht, A. (Ed.). (1985). *Nofret—Die Schöne: Die Frau im Alten Ägypten; “Wahrheit” und Wirklichkeit*. Philipp von Zabern
- Eggebrecht, A. (Ed.). (1986). *Das Alte Reich: Ägypten im Zeitalter der Pyramiden*. Philipp von Zabern
- Frankfort, Henri. (1948). *Kingship and the Gods: A Study of Ancient Near Eastern Religion of Society and Nature | The Oriental Institute of the University of Chicago*. University of Chicago Press.
- Galassi, G. (1942). *Tehenu e le origini mediterranee della civiltà Egizia*. Libreria dello Stato.
- García, J. (2013a). Building the Pharaonic state: Territory, elite, and power in ancient Egypt during the 3rd millennium BCE. In A. J. Morales, H. Jones, & J. A. Hill (Eds.), *Experiencing Power—Generating Authority: Cosmos and Politics in the Ideology of Kingship in Ancient Egypt and Mesopotamia* (pp. 185-217). The University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology.
- García, J. C. M. (1997). *Études sur l’administration, le pouvoir et l’idéologie en Égypte, de l’Ancien au Moyen Empire*. Centre d’informatique de Philosophie et Lettres.
- García, J. C. M. (1999). *Hwt et le milieu rural égyptien du IIIe millénaire: Économie, administration et organization territoriale*. Champion.
- García, J. C. M. (2004a). Dioses, pirâmides y templos. La religión y la organización del culto. In *Egipto en el Imperio Antiguo: (2650-2150 antes de Cristo)*. Bellaterra.
- García, J. C. M. (2004b). El Estado en Acción. Burocracia y Organización Administrativa. In *Egipto en el Imperio Antiguo: (2650-2150 antes de Cristo)*. Bellaterra.
- García, J. C. M. (2006). Les tempes provinciaux et leur rôle dans l’agriculture institutionnelle de l’Ancien et du Moyen Empire. In J. C. M. García, *L’agriculture institutionnelle en*

- Égypte ancienne: État de la question et perspectives interdisciplinaires* (pp. 93-124).
Université Charles-de-Gaulle--Lille 3.
- García, J. C. M. (2010a). Introduction: Élités et états tributaires: Le cas de l'Égypte pharaonique. In J. C. M. García, *Élite et pouvoir en Égypte ancienne* (pp. 11-50).
Université Charles-de-Gaulle Lille 3.
- García, J. C. M. (2010b). Les jhwtjw et leur rôle socio-économique au IIIe et IIe millénaires avant J-C. In J. C. M. García, *Élite et pouvoir en Égypte ancienne* (pp. 321-351).
Université Charles-de-Gaulle Lille 3.
- García, J. C. M. (2013b). The "other" other administration: Patronage, factions, and informal networks of power in Ancient Egypt. In J. C. M. García (Ed.), *Ancient Egyptian Administration* (pp. 1029-1065). Brill.
- Gombrich, E. H. (1972). The Mask and the Face. In E. H. Gombrich, M. Black, & J. Hochberg (Eds.), *Art, Perception, Reality* (pp. 1-46). The Johns Hopkins University Press.
- Harpur, Y. (1987). *Decoration in Egyptian tombs of the Old Kingdom: Studies in orientation and scene content*. Kegan Paul International.
- Harpur, Y. (2001). *The Tombs of Nefermaat and Rahotep at Maidum: Discovery, Destruction and Reconstruction*. Oxford Expedition to Egypt.
- Hartwig, M. K. (Ed.). (2015). *A Companion to Ancient Egyptian Art*. Wiley-Blackwell.
- Harvey, J. (2001). *Wooden Statues of the Old Kingdom. A Typological Study by Julia Harvey*.
Brill.
- Hawass, Z. (2006). *The Royal Tombs of Egypt: The Art of Thebes*. Thames and Hudson.
- Hays, H. (2011). The death of the Democratization of the Afterlife. In H. Strudwick & N. Strudwick (Eds.), *Old Kingdom, New Perspectives: Egyptian Art and Archaeology 2750-2150 BC* (pp. 115-130). Oxbow Books.

- Hays, H. (2015). The Entextualization of the Pyramid Texts and the Religious History of the Old Kingdom. In P. D. Manuelian & T. Schneider (Eds.), *Towards a new History for the Egyptian Old Kingdom. Perspectives on the Pyramid Age* (Vol. 1, pp. 200-226). Brill.
- Helck, W. (1954). *Untersuchungen zu den Beamtentiteln des ägyptischen alten Reiches*. J. J. Augustin.
- Helck, W. (1986). *Politische Gegensätze im alten Ägypten*. Gerstenberg.
- Hill, J. A., Jones, P., & Morales, A. J. (2013). Comparing Kingship in Ancient Egypt and Mesopotamia: Cosmos, Politics and Landscape. In *Experiencing Power, Generating Authority: Cosmos, Politics, and the Ideology of Kingship in Ancient Egypt and Mesopotamia*. (pp. 3-29). University of Pennsylvania Press.
- Kanawati, N. (1987). *The tomb and its significance in ancient Egypt*. Prism Publications Offices.
- Kemp, B. (1991). Establishing identity. In *Ancient Egypt: Anatomy of a Civilization* (pp. 21-162). Routledge.
- Lange, K. (1957). *Ägyptische Bildnisse*. Piper.
- Leclant, J. (1979). *Ägypten I. Das Alte und das Mittlere Reich*. C. H. Beck Verlag
- Lloyd, A. B. (2014). Government of the Kingdom. In A. B. Lloyd, *Ancient Egypt: State and Society* (pp. 137-172). Oxford University Press.
- Málek, J. (1992). *In the Shadow of the Pyramids: Egypt during the Old Kingdom*. University of Oklahoma Press.
- Málek, J. (1999). *Egyptian Art (Art and Ideas)*. Phaidon Press.
- Málek, J. (2000). The Old Kingdom (c.2686-2160 BC). In I. Shaw (Ed.), *The Oxford History of Ancient Egypt* (pp. 83-107). Oxford University Press.
- Málek, J. (2003). *Egypt: 4000 Years of Art*. Phaidon Press.

- Manniche, L. (1993). *L'Art Égyptien*. Flammarion.
- Martin-Pardey, E. (1978). *Plastik des Alten Reiches* (Vol. 2). Philipp Von Zabern.
- Maspero, G. (1912). *Essais sur l'art égyptien*. E. Guilmoto.
- Michalowski, K. (1968). *L'art de l'ancienne Egypte*. MAZENOD.
- Morris, E. F. (2013). Propaganda and Performance at the Dawn of the State. In J. A. Hill, A. J. Morales, & P. Jones (Eds.), *Experiencing Power, Generating Authority: Cosmos, Politics, and the Ideology of Kingship in Ancient Egypt and Mesopotamia*. (pp. 33-64). University of Pennsylvania Press.
- Myśliwiec, K. J. (2020). History and archaeology: Saqqara in Egyptian history. In *In the Shadow of Djoser's Pyramid: Research of Polish Archaeologists in Saqqara*.
- Naville, É. H. (1909). *Les tetes de pierre deposees dans les tombeaux égyptiens*. Georg & Cie.
- Nováková, V. (2017). The household of an Egyptian dignitary—The case of Ptahshepses. *Pražské Egyptologické Studie*, 19, 95–109.
- Petrie, W. M. F. (1916). *Ancient Egypt*. Macmillan and Co.
- Petrie, W. M. F. (1990). *The Pyramids and Temples of Gizeh* (Revised edition). Histories &
- Pirenne, J. (1932). *Histoire des institutions et du droit privé de l'ancienne Égypte I: Vol. I-Des origines à la fin de la IVe Dynastie*. Fondation Égyptologique Reine Élisabeth.
- Porter, B., Moss, R. L. B., & Málek, J. (1974). *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs and Paintings: Vol. Memphis I*. Griffith Institute, Ashmolean Museum.
- Porter, B., Moss, R. L. B., & Málek, J. (1979). *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs and Paintings: Vol. Memphis II*. Griffith Institute, Ashmolean Museum.

- Redford, D. B. (2001). *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. American University in Cairo Press.
- Reisner, G. A. (1905). The Work of the Hearst Egyptian Expedition of the University of California in 1903–04. *Records of the Past* 4, 4, Part 5.
- Reuterwärd, P. (1958). *Studien zur Polychromie der Plastik I. Ägypten*. Almqvist & Wiksell.
- Ricke, H. (1955). Borchardt, Ludwig. In *Neue deutsche Biographie* (pp. 455-456). Duncker & Humblot.
- Robins, G. (1994). *Proportion and Style in Ancient Egyptian Art*. University of Texas Press.
- Robins, G. (2008). *The Art of Ancient Egypt*. Harvard University Press.
- Roth, A. M. (1989). The Social Aspects of Death. In S. D’Auria, P. Lacovara, & C. H. Roehrig (Eds.), *Mummies and Magic: The Funerary Arts of Ancient Egypt* (pp. 52-59). Museum of Fine Arts.
- Roth, A. M. (1991a). *Egyptian Phyles in the Old Kingdom: The Evolution of a System of Social Organization*. The Oriental Institute of the University of Chicago.
- Roth, A. M. (1991b). The organization and Function of the Royal Mortuary Cults of the Old Kingdom in Egypt. In *The Organization of Power: Aspects of Bureaucracy in the Ancient Near East*. The University of Chicago Press.
- Roth, A. M. (1995). *A Cemetery of Palace Attendants Including G2084-2099, G2230 + 2231 and G2240*. Museum of Fine Arts.
- Russmann, E. R. (1989). *Egyptian sculpture: Cairo and Luxor*. University of Texas Press.
- Russmann, E. R. (1995a). A Second Style in Egyptian Art of the Old Kingdom. In *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts Abteilung Kairo*. Philipp Von Zabern.

- Satzinger, H. (1998). Living Images – The Private Statue. In R. Schulz & M. Seidel (Eds.), *Egypt: The World of the Pharaohs* (pp. 94-103). H. F. Ullmann.
- Satzinger, H. (1984). Geschichte einer großen Sammlung: Die ägyptisch-orientalische Sammlung in Wien. In *Kunstjahrbuch der Stadt Linz*. Wien-München Schroll
- Saxe, A. A. (1970). *Social Dimensions of Mortuary Practices* [Ph.D]. University of Michigan.
- Schafer, J. H. (2002). *Principles of Egyptian Art*. Griffith Institute.
- Schulz, R. (1995). Überlegungen zu einigen Kunstwerken des Alten Reiches im Pelizaeus-Museum (Hildesheim). In *Kunst des Alten Reiches: Symposium im Deutschen Archäologischen Institut Kairo am 29. Und 30. Oktober 1991* (pp. 119-131). Philipp Von Zabern.
- Seidlmayer, S. J. (1990). *Gräberfelder aus dem Übergang vom Alten zum Mittleren Reich*. Heidelberger Orientverlag.
- Seipel, W. (1983). *Bilder für die Ewigkeit: 3000 Jahre ägyptischer Kunst*. Stadler Konstanz
- Shaw, I. (Ed.). (2000). *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford University Press.
- Shaw, I., & Nicholson, P. (2003). Reserve Head. In *The Dictionary of Ancient Egypt* (p. 245).
- Shoukry, A. (1951). *Die Privatgrabstatue im alten Reich*. Impr. de l'Institut Français d'Archéologie Orientale.
- Smith, W. S. (1949). *A History of Egyptian Sculpture and Painting in the Old Kingdom* (2nd ed.). Oxford University Press.
- Smith, W. S., & Simpson, W. K. (1998). *The Art and Architecture of Ancient Egypt*. Yale University Press.
- Snapes, S. (2011). *Ancient Egyptian Tombs: The Culture of Life and Death*. Wiley-Blackwell.

- Spanel, D. B. (1988). *Through Ancient Eyes: Egyptian Portraiture: An Exhibition Organized for the Birmingham Museum of Art Birmingham, Alabama, 21-July 31, 1988*. Birmingham Museum of Art.
- Stadelmann, R. (1985). *Die ägyptischen Pyramiden. Vom Ziegelbau zum Weltwunder*. Philipp Von Zabern.
- Staring, N. (2011). Fixed Rules or Personal Choice? On the Composition and Arrangement of Daily Life Scenes in Old Kingdom Elite Tombs. In H. Strudwick & N. Strudwick (Eds.), *Old Kingdom, New Perspectives: Egyptian Art and Archaeology, 2750-2150 BC*. (pp. 256-269). Oxbow Books.
- Steindorff, G., & Hölscher, U. (1991). *Die Mastabas westlich der Cheopspyramide nach den Ergebnissen der in Jahren 1903-1907 im Auftrag der Universität Leipzig und des Hildesheimer Pelizaeus-Museums unternommenen Grabungen in Giza: Vol. Teil 1: Text* (A. Grimm, Ed.). Peter Lang.
- Strudwick, N., & Strudwick, H. (Eds.). (2011). *Old Kingdom, New Perspectives: Egyptian Art and Archaeology 2750-2150 BC*. Oxbow Books.
- Tefnin, R. (1988). *Statues et statuettes de l'ancienne Egypte*. Musées Royaux d'Art et d'Histoire.
- Vandier, J. (1958). *Manuel d'archéologie égyptienne: Vol. III. La statuaire*. Éditions A. et J. Picard et Cie.
- Verner, M., & et. al. (1976). *Preliminary Report on Czechoslovak Excavations in the Mastaba of Ptahshepses at Abusir*. Charles University.
- Verner, M. (1977). *Abusir I. The Mastaba of Ptahshepses. Reliefs I /1*. Charles University.
- Verner, M. (2001). *The Pyramids: The Mystery, Culture and Science of Egypt's Great Monuments*. Grove Press.

- Verner, M. (2002). *Abusir: Realm of Osiris*. The American University in Cairo Press.
- Verschoor, V., Stuart, A. J., & Demarée, C. (2017). *Imaging and imagining the Memphite Necropolis: Liber Amicorum René Van Walsem* (Vol. 30). Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten.
- Wildung, D. (1988). *Die Kunst des alten Ägypten*. Herder.
- Wilkinson, T. (2010). Divine Right (5000–2175 B.C.). In *The Rise and Fall of Ancient Egypt* (pp. 21-86). Random House.
- Willems, H. (Ed.). (2001). *Social Aspects of Funerary Culture in the Egyptian Old and Middle Kingdoms*. Peeters Publishers.
- Willems, H. (2008). *Les textes des sarcophages et la démocratie: Éléments d'une histoire culturelle du Moyen Empire égyptien*. Cybele.
- Winter, I. J. (1989). The Body of the Able Ruler: Toward and Understanding of the Statues of Gudea. In H. Behrens & et al (Eds.), *Dumu-É-dub-ba-a: Studies in Honor of A.W. Sjöberg* (pp. 573-583). University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology.
- Winter, I. J. (1995). Aesthetics in Ancient Mesopotamia Art. In J. M. Sasson (Ed.), *Civilizations of the Ancient Near East* (pp. 2569-2580). Scribner's.
- Winter, I. J. (1997). Art in Empire: The Royal Image and the Visual Dimensions of Assyrian Ideology. In S. Parpola & R. M. Whiting (Eds.), *Assyria 1995: Proceedings of the 10th Anniversary Symposium of the Neo-Assyrian Text Corpus Project, Helsinki, September 7-11, 1995* (pp. 359-381). Neo-Assyrian Text Corpus Project.
- Winter, I. J. (2002a). Defining “Aesthetics” for Non-Western Studies: The Case of Ancient Mesopotamia. In M. A. Holly & K. Moxey (Eds.), *Art history, Aesthetics, Visual Studies* (pp. 3-28). Sterling and Francine Clark Art Institute.

- Winter, I. J. (2002b). Representation and Re-Presentation: The Fusion of the Religious and the Royal in the Ideology of the Mesopotamian State—A View From the Monuments. In J. Margueron (Ed.), *Proceedings of the 3rd International Congress on the Archaeology of the Ancient Near East*. Otto Harrassowitz Verlag.
- Wolf, W. (1957). *Die Kunst Ägyptens, Gestalt und Geschichte*. Verlag W. Kohlhammer.
- Žabkar, L. V. (1968). *Study of the Ba Concept in Ancient Egyptian Texts*. Chicago University Press.
- Ziegler, C. (1999). Nonroyal Statuary. In D. Arnold, C. Ziegler, & K. Grzymiski (Eds.), *Egyptian Art In the Age of the Pyramids* (pp. 57-72). The Metropolitan Museum of Art.

OBRAS ESPECÍFICAS

- Alexanian, N. (2001). *Die provinziellen Mastabagräber und Friedhöfe im Alten Reich* [Ph.D]. Universität Heidelberger, Philosophische Fakultät, Ägyptologisches Institut.
- Alexanian, N. (2003). Social Dimensions of Old Kingdom mastaba architecture. In Z. Hawass (Ed.), *Egyptology at the Dawn of the Twenty-First Century: Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists, Cairo, 2000: Vol. 2: History, Religion* (pp. 88-96). American University in Cairo Press.
- Alexanian, N. (2007). Die Mastabagräber des Alten reiches in Dahschur. In G. Dreyer & D. Polz (Eds.), *In Begegnung mit der Vergangenheit. 100 Jahre in Ägypten: Deutsches Archäologisches Institut Kairo 1907-2007* (pp. 162-169). Verlag Philipp von Zbern.
- Allen, J. P. (2006). Some aspects of the non-royal afterlife in the Old Kingdom. In M. Bárta (Ed.), *The Old Kingdom Art and Archaeology. Proceedings of the Conference held in Prague, May 31-June 4, 2004* (pp. 9-17). Czech Institute of Egyptology.

- Altenmüller, H. (2008). Family, ancestor cult and some observations on the chronology of the late Fifth Dynasty. In H. Vymazalová & M. Bárta (Eds.), *Chronology and Archaeology in Ancient Egypt (The Third Millennium B.C.). Proceedings of the Conference Held in Prague, June 11-14, 2007* (pp. 144-161). Czech Institute of Egyptology.
- Araújo, L. M. de. (2001). Cabeça de Reserva. In *Dicionário do Antigo Egipto* (p. 163). Editorial Caminho.
- Arnold, D. (1999). Old Kingdom Statues in their Architectural Setting. In D. Arnold, C. Ziegler, & K. Grzymski (Eds.), *Egyptian Art In the Age of the Pyramids* (pp. 41-50). The Metropolitan Museum of Art.
- Assmann, J. (1987). Sepulkrale Selbstbestimmung im alten Ägypten. In A. Hahn & V. Kapp (Eds.), *Selbstthematisierung und Selbstzeugnis: Bekenntnis und Geständnis* (pp. 208-232). Suhrkamp.
- Assmann, J. (1996). Preservation and Presentation of Self in Ancient Egyptian Portraiture. In *Studies in Honor of William Kelly Simpson* (Vol. 1, pp. 55-81). Museum of Fine Arts.
- Baer, K. (1960). *Rank and Title in the Old Kingdom: The Structure of the Egyptian Administration in the Fifth and Sixth Dynasties*. University of Chicago Press.
- Bárta, M. (1998). Serdab and Statue Placement in the Private Tombs down to the Fourth Dynasty. In *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts Abteilung Kairo*. Philipp Von Zabern.
- Bárta, M. (2001). *Abusir V: The Cemeteries of Abusir South I* (Vol. 1–5). Czech Institute of Egyptology.
- Bárta, M. (2005). Architectural Innovations in the Development of the Non-Royal Tomb During the Reign of Nyuserra. In P. Jánosi (Ed.), *Structure and significance: Thoughts*

- on ancient Egyptian architecture (pp. 105-125). Verlag der österreichischen Akademie der Wissenschaften.
- Bárta, M. (2006). *The Old Kingdom Art and Archaeology: Proceedings of the conference held in Prague, May 31-June 4, 2004*. Czech Institute of Egyptology.
- Bárta, M. (2011). *Journey to the West: The world of the Old Kingdom tombs in Ancient Egypt*. Charles University in Prague, Faculty of Arts.
- Bárta, M. (2012). Equal in rank, different in the afterlife: Late Fifth and late Sixth Dynasty burial chambers at Abusir South. In L. Evans (Ed.), *Ancient Memphis: 'Enduring is the Perfection'. Proceedings of the International Conference held at Macquarie University, Sydney on August 14-15, 2008*. Uitgeverij Peeters en Departement Oosterse Studies.
- Bárta, M. (2013a). Egyptian Kingship during the Old Kingdom. In J. A. Hill, P. Jones, & A. J. Morales (Eds.), *Experiencing Power, Generating Authority: Cosmos, Politics, and the Ideology of Kingship in Ancient Egypt and Mesopotamia*. (pp. 257-283). University of Pennsylvania Press.
- Bárta, M., & Vymazalová, H. (2018). Created for Eternity. Statues and Serdabs in the Late Fifth Dynasty Tombs at Abusir South. In K. O. Kuraszkiewicz, E. Kopp, & D. Takács (Eds.), *"The perfection that endures..." Studies on Old Kingdom Art and Archaeology* (pp. 61-76). Department of Egyptology, Faculty of Oriental Studies, University of Warsaw.
- Bolshakov, A. O. (1995). New Observations on the Functions of the So-called "Reserve Heads." In C. Eyre (Ed.), *Seventh International Congress of Egyptologists, Cambridge, 3-9 September 1995, Abstracts of Papers* (pp. 21-23). Oxbow Books.
- Bolshakov, A. O. (1997). *Man and his Double in Egyptian Ideology of the Old Kingdom*. Harrassowitz Verlag.

- Borchardt, L. (1907). *Das Grabdenkmal des Königs Ne-User-Re*. J. C. Hinrichs.
- Brovarski, E. (1988). Reserve Head. In S. D’Auria, P. Lacovara, & C. H. Roehrig, *Mummies & magic: The funerary arts of ancient Egypt*. Museum of Fine Arts.
- Bryan, B. (2015). Portraiture. In M. K. Hartwig (Ed.), *A Companion to Ancient Egyptian Art* (pp. 235-296). Wiley-Blackwell.
- Buschor, E. (1960). *Das Portät Bildniswege und Bildnisstufen in fünf Jahrtausenden*. Piper.
- Callender, V. G. (2011). Reflections on Princess Khamerernebty of Abusir. In *Times, Signs and Pyramids: Studies in Honour of Miroslav Verner on the Occasion of His Seventieth Birthday* (pp. 59-70). Czech Institute of Egyptology.
- Chauvet, V. (2007a). Decoration And Architecture: The Definition Of Private Tomb Environment. In S. D’Auria (Ed.), *Servant of Mut: Studies in Honor of Richard A. Fazzini* (pp. 44-52). Brill.
- Chauvet, V. (2007b). Royal Involvement in the Construction of Private Tombs in the Late Old Kingdom’ in Goyon. In J.-C. Goyon & C. Cardin (Eds.), *Proceedings of the ninth International Congress of Egyptologists, Grenoble 6-12 septembre 2004* (Vols. 1 & 2, pp. 313-321). Uitgeverij Peeters en Departement Oosterse Studies.
- Cherpion, N. (1989). *Mastabas et hypogées d’Ancien Empire. Le problème de la datation*. Connaissance de l’Égypte Ancienne.
- Cherpion, N. (1998). La statuaire privée d’Ancien Empire: Indices de datation. In N. Grimal (Ed.), *Critères de datation stylistiques à l’Ancien Empire* (pp. 97-142). Institut Français d’Archéologie Orientale.
- Cherpion, N. (1999). The Human Image in Old Kingdom Nonroyal Reliefs. In C. Ziegler & K. Grzymski (Eds.), *Egyptian Art in the Age of the Pyramids* (pp. 103-116). The Metropolitan Museum of Art.

- Cwiek, A. (2003). *Relief Decoration in the Royal Funerary Complexes of the Old Kingdom: Studies in the Development, Scene Content and Iconography* [Ph.D]. Institute of Archaeology, Warsaw University.
- Eaton-Krauss, M. (1984). *The Representations of Statuary in Private Tombs of the Old Kingdom*. Otto Harrassowitz.
- Erichsen, H. (1982). *Das Menschenbild im alten Ägypten. Porträts aus vier Jahrtausenden*. Hamburg Interserva.
- Fakhry, A. (1959). *The monuments of Sneferu at Dahshur: Vol. Vol. I: The Bent Pyramid (1959-1961)*. General Organization for G.P.O.
- Flentye, L. (2017). Royal and non-Royal statuary of the Fourth Dynasty from the Giza Necropolis. In M. Bárta, F. Coppens, & J. Krejčí (Eds.), *Abusir and Saqqara in the year 2015* (pp. 123-144). Czech Institute of Egyptology.
- Flentye, L. (2018). *The Art and Archaeology of the Giza Plateau*. Oxford Handbooks Online.
- Fischer, H. G. (1989). *Egyptian Women of the Old Kingdom and of the Heracleopolitan Period*. Metropolitan Museum of Art.
- Fischer, H. G. (1995). The Protodynastic Period and Old Kingdom in the Metropolitan Museum of Art. In *Kunst des Alten Reiches: Symposium im Deutschen Archäologischen Institut Kairo am 29. Und 30. Oktober 1991*.
- Frankfort, H. (1939). *Sculpture of the 3rd Millennium B.C. from Tell Asmar and Khafajah*. The University of Chicago Press.
- García, J. C. M. (2004c). «Temples, administration provinciale et élites locales en Haute-Egypte: La contribution des inscriptions rupestres pharaoniques de l’Ancien Empire. In A. Gasse & V. Rondot (Eds.), *Séhel entre Egypte et Nubie. Inscriptions rupestres et graffiti de l’époque pharaonique* (pp. 7-22). Université Paul-Valéry Montpellier 3.

- Hassan, S. (1953). *Excavations at Giza. Vol.7, 1935-1936. The Mastabas of the Seventh Season and Their Description* (Vols. 7, 1935–1936, The Mastabas of the Seventh Season and Their Description). Government Press.
- Hawass, Z. (1995). A Group of Unique Statues Discovered at Giza II. An Unfinished Reserve Head and a Statuette of an Overseer. In *Kunst des Alten Reiches: Symposium im Deutschen Archäologischen Institut Kairo am 29. Und 30. Oktober 1991* (pp. 97-101). Philipp Von Zabern.
- Jánosi, P. (1999). The Tombs of officials: Houses of Eternity. In D. Arnold, C. Ziegler, & K. Grzymski (Eds.), *Egyptian Art In the Age of the Pyramids* (pp. 27-40). The Metropolitan Museum of Art.
- Jánosi, P. (2001). "Im Schatten" der Pyramiden – Die Mastabas in Abusir; Einige Beobachtungen zum Grabbau der 5. Dynastie. In M. Bárta & J. Krejčí (Eds.), *Abusir and Saqqara in the Year 2000*. Academy of Sciences of the Czech Republic, Oriental Institute.
- Jánosi, P. (2002). Aspects of Mastaba Development: The Position of Shafts and the Identification of Tomb Owners. In F. Coppens (Ed.), *Abusir and Saqqara in the Year 2001: Proceedings of the Symposium (Prague, September 25th-27th , 2001)* (pp. 337-350). Academy of Sciences of the Czech Republic, Oriental Institute.
- Jánosi, P. (2005). *Giza in der 4. Dynastie. Die Baugeschichte und belegng einer nekropole des Alten Reiches*. Verlag der österreichischen Akademie der Wissenschaften.
- Jánosi, P. (2006). Old Kingdom tombs and dating - Problems priorities. The Cemetery en Échelon at Giza. In M. Bárta (Ed.), *The Old Kingdom Art and Archaeology. Proceedings of the Conference held in Prague, May 31-June 4, 2004* (pp. 175-183). Czech Institute of Egyptology.

- Jones, D. (2000). *An Index of Ancient Egyptian Titles, Epithets and Phrases of the Old Kingdom* (Vol. 1–2). Archaeopress.
- Junge, F. (1995). Hem-iunu, Anch-ha-ef und die sog. «Ersatzköpe». In *Kunst des Alten Reiches: Symposium im Deutschen Archäologischen Institut Kairo am 29. Und 30. Oktober 1991* (pp. 103-109). Verlag Philipp von Zbern.
- Junker, H. (1913). *Vorbericht über die zweite Grabung bei den Pyramiden von Gizeh vom 16. Dezember 1912 bis 24. März 1913*. Akademie der Wissenschaft.
- Junker, H. (1914b). *Vorläufiger Bericht über die dritte Grabung bei den Pyramiden von Gizeh vom 3. Januar bis 23. April 1914*. Akademie der Wissenschaft.
- Junker, H. (1929a). *Gîza 1. Die Mastabas der IV. Dynastie auf dem Westfriedhof*. Hölder-Pichler-Tempsky.
- Junker, H. (1929b). *Giza: Bericht über die von der Akademie der Wissenschaften in Wien auf gemeinsame Kosten mit Dr. Wilhelm Pelizaeus unternommenen Grabungen auf dem Friedhof des Alten Reiches bei den Pyramiden von Giza (1929-1955)*. Hölder-Pichler-Tempsky.
- Junker, H. (1934). *Gîza 2. Die Mastabas der beginnenden V. Dynastie auf dem Westfriedhof*. Hölder-Pichler-Tempsky.
- Junker, H. (1938). *Gîza 3. Die Mastabas der Vorgesrittenen V. Dynastie auf dem Westfriedhof*. Hölder-Pichler-Tempsky.
- Junker, H. (1941). *Gîza 5. Die Mastaba des Snb (Seneb) und die umliegenden Gräber*. Hölder-Pichler-Tempsky.
- Junker, H. (1955). *Gîza 12. Schlußband mit Zusammenfassungen und Gesamt-Verzeichnissen von Band 1-12. Bericht über die von der Akademie der Wissenschaften in Wien auf*

- gemeinsame Kosten mit Dr. Wilhelm Pelizaeus unternommenen Grabungen auf dem Friedhof des Alten Reiches bei den Pyramiden von Giza.* (Vol. 2). Rudolf M. Rohrer.
- Kanawati, N. (1977). *The Egyptian administration in the Old Kingdom: Evidence on its economic decline.* Aris & Phillips.
- Kanawati, N. (2001). *Tombs at Giza. Kaiemankh (G 4561) and Seshemnefer I (G 4940). The tomb and its significance in ancient Egypt. Volume I.* Australian Centre for Egyptology Report 16. Aris and Phillips.
- Kanawati, N. (2005). Decorated of Burial Chambers, Sarcophagi and Coffins in the Old Kingdom. In K. Daoud, S. Bedier, & S. A. El-Fatah (Eds.), *Decorated of Burial Chambers, Sarcophagi and Coffins in the Old Kingdom* (Vol. 2, pp. 55-72). Conseil Suprême des Antiquités.
- Kanawati, N. (2010). *Decorated Burial Chambers of The Old Kingdom.* The American University in Cairo Press.
- Knudsen, J. (1987). *A Question of Paint: An Investigation into Traces of Paint on the Reserve Head from the Tomb of Ka-nofer.* Annual Meeting of the ARCE, April 24, 1987, Memphis.
- Knudsen, J. (1988). *Further investigation into the paint on the reserve head from the tomb of Ka-nofer.* Annual Meeting of the ARCE, April 24, 1987, Chicago.
- Lacovara, P. (2012). Reserve Heads. In *The encyclopedia of ancient history* (Vol. 8). Wiley Online Library.
- Loeben, C. E. (2013). Ent-Individualisierung für die Ewigkeit" und Albrecht Dürer: (Mal wieder) eine neue Idee zur Funktion der sogenannten "Ersatzköpfe." In M. Bárta & H. Küllmer (Eds.), *Diachronic trends in ancient Egyptian history: Studies dedicated to the memory of Eva Pardey* (pp. 82-87). Charles University of Prague, Faculty of Arts.

- Malheiro, P. P. R. de A. e L. P. (2009). *Escultura Egípcia do Império Antigo: Estatuária e Relevos Régios e privados (III-VI Dinastias)* [Dissertação de Doutoramento em História e Cultura Pré-Clássica]. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Departamento de História.
- Manuelian, P. D. (1995). *Mastabas of Nucleus Cemetery G 2100. Parte I: Major Mastabas G2100-2220*. Museum of Fine Arts.
- Manuelian, P. D. (1999). Excavating the Old Kingdom: The Giza Necropolis and Other Mastaba Fields. In D. Arnold, C. Ziegler, & K. Grzymski (Eds.), *Egyptian Art In the Age of the Pyramids* (pp. 139-154). The Metropolitan Museum of Art.
- Manuelian, P. D. (2003). *Slab Stelae of the Giza Necropolis*. Peabody Museum of Natural History of Yale University and the University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology.
- Manuelian, P. D. (2006). A Re-examination of Reisner's Nucleus Cemetery Concept at Giza. Preliminary Remarks on Cemetery G 2100. In M. Bárta (Ed.), *The Old Kingdom Art and Archaeology. Proceedings of the Conference held in Prague, May 31-June 4, 2004* (pp. 221-230). Czech Institute of Egyptology.
- Mariette, A. (1889). *Les Mastabas de l'Ancien Empire: Fragment du dernier ouvrage*. F. Viewef.
- Millet, N. B. (1999). The Reserve Heads of the Old Kingdom: A Theory. In D. Arnold, C. Ziegler, & K. Grzymski (Eds.), *Egyptian Art in the Age of the Pyramids* (pp. 233-241). The Metropolitan Museum of Art.
- Millet, N. B. (1981). The Reserve Heads of The Old Kingdom. In William Kelly Simpson & W. M. Davis (Eds.), *Studies in Ancient Egypt, the Aegean, and the Sudan. Essays in*

- honor of Dows Dunham on the occasion of his 90th birthday, June 1, 1980* (pp. 129-131). Department of Egyptian and Ancient Near Eastern Art Museum of Fine Arts.
- Nuzzolo, M. (2011). The “Reserve Heads”: Some remarks on their function and meaning. In N. Strudwick & H. Strudwick (Eds.), *Old Kingdom, New Perspectives. Egyptian Art and Archaeology 2750-2150 BC* (pp. 200-216). Oxford University Press.
- Nuzzolo, M. (2017). Patterns of tomb placement in the Memphite necropolis. Fifth Dynasty Saqqara in context. In M. Bárta, F. Coppens, & J. Krejčí (Eds.), *Abusir and Saqqara in the Year 2015* (pp. 257-292). Czech Institute of Egyptology.
- Papazian, H. (2013). The Central Administration of the Resources of the Old Kingdom: Departments, Treasuries, Granaries and Work Centers. In J. C. M. Garcia (Ed.), *Ancient Egyptian Administration* (Vol. 104, pp. 41-83). Brill.
- Reisner, G. A. (1942a). *A History of the Giza Necropolis I*. Harvard University Press.
- Reisner, G. A. (1955). *A History of the Giza Necropolis II*. Harvard University Press.
- Roehrig, C. H. (1999). Reserve Heads: An Enigma of Old Kingdom Sculpture. In D. Arnold, C. Ziegler, & K. Grzymski (Eds.), *Egyptian Art In the Age of the Pyramids* (pp. 73-82). The Metropolitan Museum of Art.
- Roeten, L. (2017). *Chronological developments in the Old Kingdom tombs in the necropolis of Giza, Saqqara and Abusir: Toward an economic decline during the early dynastic period and the Old Kingdom*. Archaeopress Archaeology.
- Roeten, L. H. (2011). *The certainty of change: A research into the interactions of the decoration on the western walls of the cult chapels of the mastabas at Giza during the Old Kingdom* [Ph.D]. Department of Egyptology, Faculty of Humanities, Leiden University.

- Russmann, E. R. (1995b). Two Heads of the Early Fourth Dynasty. In *Kunst des Alten Reiches: Symposium im Deutschen Archäologischen Institut Kairo am 29. Und 30. Oktober 1991* (pp. 111-118). Philipp Von Zabern.
- Schmitz, B. (1976). *Untersuchungen zum Titel sꜥ-njswt "Königssohn."*. Rudolf Habelt Verlag.
- Simpson, W. K. (1974). *The Mastaba of Queen Mersyankh III*. Museum of Fine Arts.
- Simpson, W. K. (1976). *The Mastabas of Qar and Idu*. Museum of Fine Arts.
- Simpson, W. K. (1978). *The Mastabas of Kawab, Khafkhufu I and II*. Museum of Fine Arts.
- Simpson, W. K. (1980). *Mastabas of the Western Cemetery, Part 1: Sekhemka (G 1029); Tjetu I (G 2001); Iasen (G 2196); Penmeru (G 2197); Hagy, Nefertjentet, and Herunefer (G 2352/53); Djaty, Tjetu II, and Nimesti (G 2337X, 2343, 2366)*. Museum of Fine Arts.
- Strudwick, N. (1985). *The Administration of Egypt in the Old Kingdom. The Highest Titles and their Holders*. KPI.
- Swinton, J. (2014). *Dating the tombs of the Egyptian Old Kingdom*. Archaeopress.
- Tefnin, R. (1991). *Art et Magie au temps des Pyramides L'énigme des têtes dites "de remplacement."* Fondation Égyptologique Reine Élisabeth.
- Tefnin, R. (2001). Reserve Heads. In D. B.Redford (Ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt* (Vol. 3, pp. 146-147). Oxford University Press.
- Torres, I. (2021). *The Monumentality of Mastabas: Identity, memory and experience in the Mastaba of Akhmerutnisut at Giza (fifth dynasty, c.2494-2345 BCE)* [Ph.D]. Graduate School of Arts and Science, Harvard University.
- Vandersleyen, C. (1982). Porträt. In *Lexikon der Ägyptologie IV* (pp. 1074-1080). Department of Oriental Studies, University of Vienna.

- Vischak, D. (2006). Agency in Old Kingdom elite tomb programs: Traditions, locations, and variable meanings. In *Dekorierte Grabanlagen im Alten Reich: Methodik und Interpretation*, (pp. 255-276). Golden House Publications.
- Walsem, R. van. (1998). The Interpretation of Iconographic Programmes in Old Kingdom Elite Tombs of the Memphite Area: Methodological and Theoretical (Re)considerations. In *Proceedings of the Seventh International Congress of Egyptologists, Cambridge, 3-9 September 1995* (pp. 1205-1213). Peeters Publishers.
- Walsem, R. van. (2006a). *Iconography of Old Kingdom Elite Tombs: Analysis & Interpretation, Theoretical and Methodological Aspects*. Peeters Publishers.
- Walsem, R. van. (2006b). Sense and Sensibility: On the Analysis and Interpretation of the Iconography Programmes of Four Old Kingdom Elite Tombs. In M. Fitzenreiter (Ed.), *Dekorierte Grabanlagen im Alten Reich: Methodik und Interpretation* (pp. 277-332). Golden House Publications.
- Walsem, R. van. (2008). *Mastabase: The Leiden Mastaba Project. A Research Tool for the Study of the Secular or “daily Life” Scenes and Their Accompanying Texts in the Elite Tombs of the Memphite Area in the Old Kingdom*. Peeters Publishers.
- Weeks, K. R. (1994). *Mastabas of Cemetery G 6000*. Museum of Fine Arts.

ARTIGOS

- Altenmüller, H. (1993). Sein Ba möge fortdauern bei Gott. *SAK*, 20, 1–15.
- Baines, J. (1990). Restricted Knowledge, Hierarchy, and Decorum: Modern Perceptions and Ancient Institutions. *JARCE*, 27, 1–23.
- Baines, J. (1994). On the status and purposes of ancient Egyptian art. *CAJ*, 4, 67–94.

- Bárta, M. (1999). The Title Inspector of the Palace during the Egyptian Old Kingdom. *ArOr*, 67(1), 1–20.
- Bárta, M. (2002). Sociology of the minor cemeteries during the Old Kingdom. A view from Abusir South. *ArOr*, 70(3), 291–300.
- Bárta, M. (2014). Collapse Hidden in Success: Rise & Fall of the Old Kingdom. *JANER*, 18, 18–28.
- Bates, O. (1907). Sculptures from the Excavations at Giza, 1905-1906. *MFA Bulletin*, 5(26).
- Bolshakov, A. O. (1990). The Ideology of the Old Kingdom Portrait. *GM*, 117/118, 89–142.
- Bothmer, B. V. (1980). Revealing man's fate in man's face. *ARTnews*, 79(6), 124–126.
- Bothmer, B. V. (1982). On Realism in Egyptian Funerary Sculpture of the Old Kingdom. *Expedition*, 24, 27–39.
- Brunner, A. (1954). Altorientalische Gesichtsmasken aus Gips in ihrem Zusammenhang mit der Kunst. *Forschungen Und Fortschritte*, 28(11).
- Bussmann, R. (2015). Pyramid Age: Huni to Radjedef. *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, 1–20.
- Davis, W. M. (1982). Canonical Representation in Egyptian Art. *Res, Harvard and Nanterre*, 4.
- Donadoni, S. (1971). Appunti sul Ritratto Egiziano. *ZÄS*, 97, 49–52.
- Dubis, E. (1992). Some Remarks on Egyptian Reserve Heads. *SAAC*, 4, 19–25.
- Dunham, D. (1943). Portraiture in Ancient Egypt. *MFA Bulletin*, XLI(246), 68–72.
- Elshamy, M. (2015). “Reserve Heads” of Old Kingdom Egypt. A Transitory Cult of Heterodoxy. *REL, Series of Investigations*, 2.
- Fischer, H. G. (1959). A Scribe of the Army in a Saqqara Mastaba of the Early Fifth Dynasty". *JNES*, 18.

- Fischer, M. (2001). Portrait and Mask, Signifiers of the Face in Classical Antiquity. *Studies in Art History*, 6, 31–62.
- Franke, D. (2006). Fürsorge und Patronat in der Ersten Zwischenzeit und im Mittleren Reich. *SAK*, 34, 159–185.
- García, J. C. M. (2008a). Estates (Old Kingdom). *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, 1–6.
- García, J. C. M. (2008b). La dependance rurale en Égypte ancienne. *JESHO*, 51, 99–150.
- García, J. C. M. (2011). Les mnhw: Société et transformations agraires en Égypte entre la fin du IIe et le début du Ier millénaire. *RdE*, 62, 105–114.
- García, J. C. M. (2012). Households. *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, 1–10.
- Gamer-Wallert, I. (n.d.). Die bewegte Geschichte der Mastaba Seschemnofers III. (G 5170). *Sokar*, 9.
- Hall, H. (1915). Notes and News. *JEA*, 2.
- Hassan, S. (1936). An Egyptian princess's tomb of the 4th Dynasty (about 3600 B.C.) found intact among the pyramids: A daughter of Khephren? *The Illustrated London News*, 187, 639.
- Janák, J. (2016). Ba. *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, 1(1), 1–9.
- Johansen, P. (1932). Porträts in der ägyptischen Kunst? *ZÄS*, 68, 105–108.
- Junker, H. (1914a). The Austrian Excavations. *Journal of Egyptian Archaeology*, 1(4), 250–253.
- Kelley, A. L. (1974). Reserve Heads: A review of the evidence for their placement and function in Old Kingdom tombs. *SSEA*, 5(1), 6–12.
- Komorzynski, E. (1951b). Die ägyptische Sammlung des Kunsthistorischen Museums in Wien. *Österreichische Lehrerzeitung*, 5.

- Laboury, D. (2010). Portrait versus Ideal Image. *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, 1(1), 1–18.
- Lacovara, P. (1997). The Riddle of the Reserve Heads. *Kmt*, 8(4), 28–36.
- Lopes, H. T. (2016). What are we talking about when we talk about Memphis? *TdE*, 7, 59–66.
- Mendoza, B. (2017). Reserve Head. *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, 1(1), 1–14.
- Picardo, N. S. (2007). “Semantic Homicide” and the So-called Reserve Heads: The Theme of Decapitation in Egyptian Funerary Religion and Some Implications for the Old Kingdom. *JARCE*, 43, 221–252.
- Reisner, G. A. (1915). Accessions to the Egyptian Department during 1914. *MFA Bulletin*, XIII (76), 29–36.
- Roth, A. M. (1993). Social Change in the Fourth Dynasty: The Spatial Organization of Pyramids, Tombs, and Cemeteries. *JARCE*, 30, 33–55.
- Roth, A. M. (1988). The Organization of Royal Cemeteries at Saqqara in the Old Kingdom. *JARCE*, 25, 201–214.
- Sanborn, A. (1925). New Installation of Egyptian Sculpture. *MFA Bulletin*, 23(140).
- Scharff, A. (1940). On the statuary of the Old Kingdom. *JEA*, 26, 41–50.
- Schlossman, B. L. (1978). Portraiture in Mesopotamia in the Late Third and Early Second Millennium B.C. Part I: The Late Third Millennium. *AfO*, 26, 56–77.
- Schlossman, B. L. (1981). Portraiture in Mesopotamia in the Late Third and Early Second Millennium B.C. Part II. *AfO*, 28, 143–170.
- Schmidt, H. (1991). ’Zur Determination und Ikonographie. Der sogenannten Ersatzköpfe. *SAK*, 18, 331–348.

- Scott, J. (2008). Modes of power and the re-conceptualization of elites. *The Sociological Review*, 56(1), 25–43.
- Simpson, W. K. (1949). A IV Dynasty Portrait Head. *BMMA*, 7, 286–292.
- Simpson, W. K. (1982). Egyptian Sculpture and Two-Dimensional Representation as Propaganda. *JEA*, 68, 266–271.
- Smith, W. S. (1941). Old Kingdom Sculpture. *AJA*, 45, 514–528.
- Sweeney, D. (2014). Self-Representation in Old Kingdom. Quarrying Inscriptions at Wadi Hammamat. *JEA*, 100, 275–291.
- Tacke, N. (1996). Die Entwicklung der Mumienmaske im Alten Reich. *MDAIK*, 52, 307–336.
- Vandersleyen, C. (1975). Objectivité des portraits égyptiens. *BSFE*, 73, 5–27.
- Vasiljevic, V. (2003). Terminology as Interpretation in Studies on Decoration of Private Tombs. *JSAS*, 19, 135–142.
- Vischak, D. (2003). Common Ground between Pyramid Texts and Old Kingdom Tomb Design: The Case of Ankhmahor. *JARCE*, 40, 133–157.
- Walsem, R. van. (2013). Diversification and variation in Old Kingdom funerary iconography as the expression of a need for individuality”. *JEOL*, 44, 117–139.
- Winter, I. J. (2009). What/When Is a Portrait? Royal Images of the Ancient Near East. *Proceedings of the American Philosophical Society*, 153(3), 254–270.

WEBGRAFIA

DIGITAL GIZA

<http://giza.fas.harvard.edu/sites/677/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/sites/617/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/45763/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/25328/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/16385/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/16386/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/17137/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/17475/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/17620/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/16400/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/23190/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/45227/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/55141/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/55016/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/54558/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/54551/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/photos/29205/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/16384/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/60947/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/17616/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/15004/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/24228/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/24206/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/54630/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/45622/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/54634/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/16804/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/photos/29550/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/45667/full/>

<http://giza.fas.harvard.edu/photos/26300/full/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/16438/full/>

MUSEUM OF FINE ARTS

<https://collections.mfa.org/objects/134891>
<https://collections.mfa.org/objects/141964/>
<https://collections.mfa.org/objects/141965>
<https://collections.mfa.org/objects/141966/>
<https://collections.mfa.org/objects/143594>
<https://collections.mfa.org/objects/143595/>
<https://collections.mfa.org/objects/541006/>
<https://collections.mfa.org/objects/453712/>
<https://collections.mfa.org/objects/141235/>
<https://collections.mfa.org/objects/141230/>

HEARST MUSEUM

<https://portal.hearstmuseum.berkeley.edu/catalog/43d47e39-e167-45de-8977-9a5c586c2ce8>

KUNSTHISTORISCHES MUSEUM

www.khm.at/de/object/5bd89eb1ee/

ROEMER – UND PELIZAEUS - MUSEUM

<http://www.globalegyptianmuseum.org/detail.aspx?id=10980>

ÄGYPTISCHES MUSEUM UN PAPYRUSSAMLUNG

<https://smb.museum-digital.de/index.php?t=objekt&oges=471&cacheLoaded=true>

ACKLAND ART MUSEUM

<https://ackland.emuseum.com/objects/19471/head;jsessionid=0081FC01C882478F4869BBFE90B8CD02?ctx=9a1c6972e2039a2aefbfc8e30b929913610de1ad&idx=2>

METROPOLITAN MUSEUM OF ART

<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/543909?searchField=AccessionNum&sortBy=Relevance&ft=48.156&offset=0&rpp=20&pos=1>

ANEXOS

1. CRONOLOGIA (Shaw, 2000, pp. 482-483)

Império Antigo	2686-2160
3ª dinastia	2686-2613
Nebka	2686-2667
Djoser (Netjerikhet)	2667-2648
Sekhemkhet	2648-2640
Khaba	2640-2637
Sanakht?	
Huni	2637-2613
4ª dinastia	2613-2494
Sneferu	2613-2589
Khufu (Cheops)	2589-2566
Djedefra (Radjedef)	2566-2558
Khafra (Chephren)	2558-2532
Menkaura (Mycerinus)	2532-2503
Shepseskaf	2503-2498
5ª dinastia	2494-2345
Userkaf	2494-2487
Sahura	2487-2475
Neferirkara	2475-2455
Shepseskara	2455-2448
Raneferef	2448-2445
Nyuserra	2445-2421
Menkauhor	2421-2414
Djedkara	2414-2375
Unas	2375-2345
6ª dinastia	2345-2181
Teti	2345-2323
Userkara	2323-2321
Pepy I (Meryra)	2321-2287
Merenra	2287-2278
Pepy II ()	2278-2184
Nitiqret	2184-2181

2. CATÁLOGO DAS «CABEÇAS DE RESERVA» E ORELHAS

Nº1

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Hearst Museum of Anthropology	6-19767
<u>Localização atual</u>	Phoebe A. Hearst Museum of Anthropology, Berkley	
	Nomenclatura anterior: Lowie Museum of Anthropology	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	George Andrew Reisner, 1903-1904 (Expedição Hearst, 1902-1905).				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 1200	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 1203		
		<u>Observações</u>	No poço canópico da câmara funerária (Reisner, 1942, p.157)		
<u>Proprietário</u>	<i>kAnfr/ Kanefer/Kanofer/Kanufer/Ka-nefer/Kainefer.</i>				
	Propostas de outros autores:				
	– Possivelmente esposa de Kanefer (Smith, 1949, p. 26) (Porter et al., 1974, p. 57).				
<u>Datação</u>	IV dinastia.				
	Propostas de outros autores:				
	– Possivelmente IV dinastia, reinado de Khufu (Porter et al., 1974, p. 57; Reisner, 1942a, p. 113)				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	16,5	<u>Altura</u>	26
	<u>Largura</u>	26	<u>Diâmetro</u>	
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário.		
	<u>Cor</u>	Cor preta e amarela.		

CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido
	<u>Sobrancelhas</u>	Delineadas.
	<u>Nariz</u>	Partido.
	<u>Boca</u>	Buço pronunciado, sorriso.
	<u>Orelhas</u>	Não niveladas e partidas, especialmente na borda e no lobo.
	<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente, desenhado numa linha fina horizontal no meio da testa.
	<u>Pescoço</u>	Longo, partido, com incisão circular desenhada de forma descontínua e irregular ao redor do pescoço.
	<u>Observações</u>	Partida em várias zonas.

Bibliografia

(Arnold et al., 1999, pp. 234-236; figs.30–31; Jánosi, 1999a, p. 32; Knudsen, 1987; Manuelian, 2003, p. 45; Porter et al., 1974, p. 57, 1974, p. 57; Reisner, 1905, p. 140, 1942a, p. 113,157,390, pl.21f, 22a-e; Smith, 1949, p. 26, pl.9b; Tefnin, 1991, p. 10,12,14,24,26,28,31,44,67,97-98)

Webgrafia

<http://giza.fas.harvard.edu/objects/45763/full/>
<https://portal.hearstmuseum.berkeley.edu/catalog/43d47e39-e167-45de-8977-9a5c586c2ce8>



a)



b)



c)

(Tefnin, 1991, p. pl.1)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Museum of Fine Arts	MFA 06.1886
<u>Nº referência anteriores</u>	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts excavation number	HUMFA C14076 NS
<u>Localização atual</u>	Museum of Fine Arts	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	George Andrew Reisner, 1903-1904 (Expedição Hearst, 1902-1905).				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 2000	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 2110		
		<u>Observações</u>	Nos destroços no fundo do poço A (Reisner, 1942a, p. 425).		
<u>Proprietário</u>	<i>nfr</i> /Nefer/Nofer/Nufer (Porter et al., 1974, p. 71; Smith, 1949, p. 27;Tefnin, 1991, p. 99).				
<u>Datação</u>	IV dinastia. Propostas de outros autores: – IV dinastia, reinado de Khafra (Porter et al., 1974, p. 71; Smith, 1949, p. 27). – Não posterior a Djedefra (Cherpion, 1989, pp. 119-120). – Reinado de Khufu (Reisner, 1942a, p. 83).				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	27,14
	<u>Largura</u>	-----	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário. Detalhes feitos em gesso (nas asas do nariz e à direita da boca)		
	<u>Cor</u>	-----		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido.		

<u>Sobrancelhas</u>	Delineadas.
<u>Nariz</u>	Delineado, aplainado em todo o seu comprimento sem polimento. Semelhante ao nariz da cabeça nº5.
<u>Boca</u>	Buço pronunciado.
<u>Orelhas</u>	Simetricamente partidas com vestígios de uso de uma ferramenta afiada.
<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente desenhado com uma incisão irregular na linha do escalpe e das orelhas.
<u>Pescoço</u>	Longo, com incisão circular desenhada de forma descontínua e irregular ao redor do pescoço.
<u>Cabeça</u>	Incisão vertical fina e regular duplicada por uma linha menos regular na nuca que vai desde o pescoço ao topo da cabeça.
<u>Observações</u>	Rosto alongado, com maçãs do rosto altas e queixo quadrado. O aspeto inacabado do nariz, das orelhas e da linha do cabelo e os vestígios de gesso sugere que os detalhes podem ter sido executados em gesso.

Bibliografia

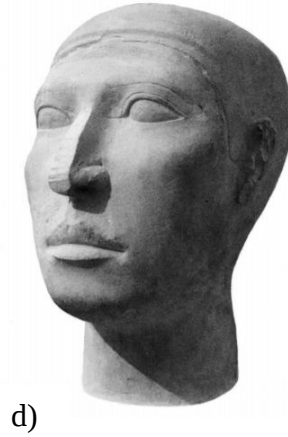
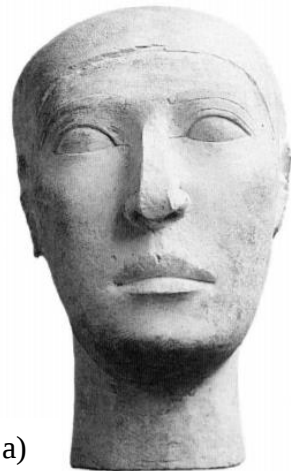
(Assmann, 1996, p. 60, fig.7; *Atlas de l'art: L'égypte Pharaonique*, 1992; Bates, 1907, p. 20; Bothmer, 1982, pp. 384, 387, fig.25.21; Capart, 1931a, p. 97, pl.23, 1948, p. pl.228, 1949, p. fig.14; Cherpion, 1989, pp. 119-120; Davis, 1982, pp. 20-46, fig.19; Dunham, 1943, pp. 69-70, fig.3, 1958, pp. 44, 46, fig.27a; Freed et al., 2003, p. 77; Manuelian, 2008b, p. 29, 2008a, p. 236, 2006, p. 225,227-228; Millet, 1981, p. 130; "Notes," 1907, p. 8; Porter et al., 1974, p. 71; Reisner, 1942a, p. 201,425, pl.34, 1942e, p. 232, 1942f, pp. 006-007; Sanborn, 1925, p. 73; Smith, 1941, pp. 514-528, 1942, pp. 32, 34, fig.12, 1949, pp. 27-30, pl.48, 1960, p. 36, fig.14; Spanel, 1988, p. 36, fig.41; Tefnin,

1991, pp. 15, 20, 22, 24, 27, 28, 32, 44, 71, 99-101, 105, pl. III a-d, IV a-b)

Webgrafia

<http://giza.fas.harvard.edu/objects/25328/full/>

<https://collections.mfa.org/objects/134891>



(Tefnin, 1991, p. III-IV)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Museum of Fine Arts	MFA 14.717
<u>Nº referência anteriores</u>	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts excavation number	HUMFA 13-10-70
<u>Localização atual</u>	Museum of Fine Arts	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	George Andrew Reisner, 1913-1914 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942)				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 4140		
		<u>Observações</u>	No fundo do poço (Reisner, 1915, p. 30, 1942a, p. 462).		
<u>Proprietário</u>	Anónimo/a. Propostas de outros autores: – Príncipe anónimo, provavelmente de alta patente, mas não de sangue real (Smith, 1949, p. 25). – Esposo da cabeça nº4 (Tefnin, 1991, pp. 65, 100).				
<u>Datação</u>	IV dinastia. Propostas de outros autores: – Meio ou fim da IV dinastia (Porter et al., 1974, p. 124). – Reinado de Khufu (Reisner, 1942a, p. 83).				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	27,3
	<u>Largura</u>	17,4	<u>Diâmetro</u>	25
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário com pontos negros.		
	<u>Cor</u>	-----		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido, parte partida junto ao olho direito.		

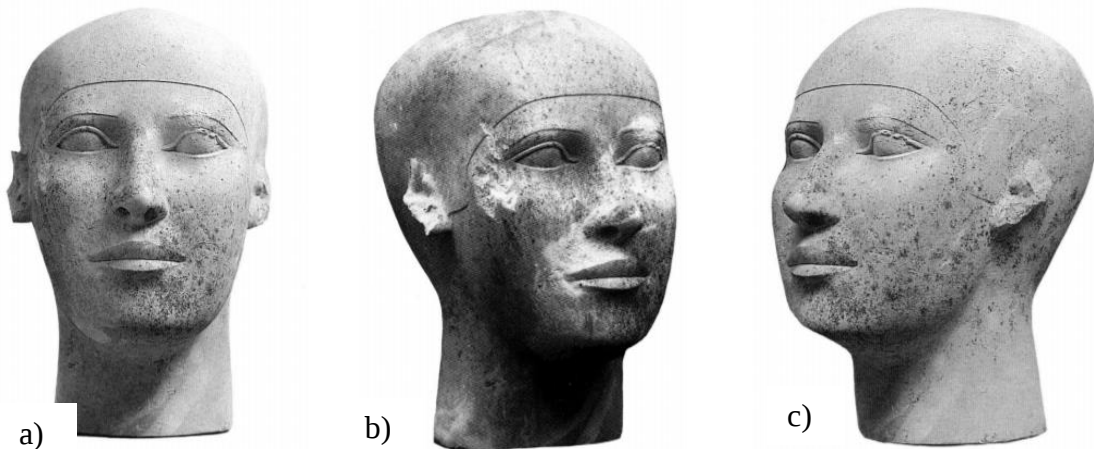
<u>Sobrancelhas</u>	Salientes, fortemente marcadas para dar a ideia de uso de kohl.
<u>Nariz</u>	Inteiro.
<u>Boca</u>	Buço pronunciado, sorriso.
<u>Orelhas</u>	Praticamente totalmente partidas sobrando apenas a parte inferior que foi martelada. Golpes semelhantes aos observados na cabeça nº5 e nº7.
<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente desenhado com uma incisão regular na linha do escalpe e das orelhas.
<u>Pescoço</u>	Curto.
<u>Observações</u>	Esta cabeça é uma das mais intactas da série. Muito semelhante à cabeça nº19.

Bibliografia

(Aldred, 1949, p. 30, 1978, fig. 295; Assmann, 1996, p. 59, fig.5; D'Auria et al., 1988, pp. 82-83, cat.13; Dunham, 1943, pp. 68-69, fig.1; Manuelian, 2003, p. 97, fig.139; Markowitz et al., 2002, p. 61, cat.9; Porter et al., 1974, p. 124; Reisner, 1915, pp. 30, 32-33, fig.5,7, 1942a, p. 462, pl. 52a, 1942e, p. 232, 1942f, pp. 006-007; Smith, 1949, p. 25, pl. 7b, 1960, p. 35, fig.13; Spanel, 1988, pp. 45-47, cat.4; Tefnin, 1991, p. 16,25,28,32,65,100,101,102,104,113,115, pl. V a-d)

Webgrafia

<https://collections.mfa.org/objects/141964/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/16385/full/>



(Tefnin, 1991, p. pl. V)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Journal d'Entree	JE 46217
<u>Nº referência anteriores</u>	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts excavation number	HUMFA 13-11-1
	Cairo Special Register number	SR 2/14725
<u>Localização atual</u>	Egyptian Museum	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	George Andrew Reisner, 1913-1914 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942).				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 4140		
		<u>Observações</u>	Na câmara funerária (Reisner, 1915, p. 30, fig.7)		
<u>Proprietário</u>	<i>mrtjts</i> /Meretites/Meritites/Mertiotes/Merytyetes/Meret-ites/Merityotes. Possivelmente esposa da cabeça nº3. Propostas de outros autores: – Esposa da cabeça nº3 (Tefnin, 1991, pp. 65, 100).				
<u>Datação</u>	IV dinastia. Propostas de outros autores: – Meio ou fim da IV dinastia (Porter et al., 1974, p. 124). – Reinado de Khufu (Reisner, 1942a, p. 83).				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	26
	<u>Largura</u>	-----	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		
	Cor	-----		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido.		

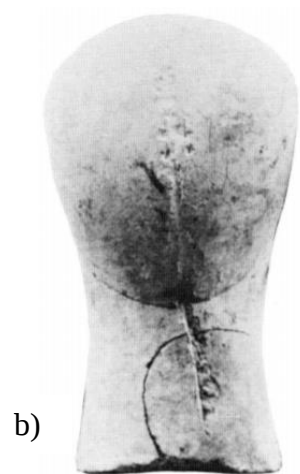
<u>Sobrancelhas</u>	Salientes, fortemente marcadas para dar a ideia de uso de Kohl.
<u>Nariz</u>	Partido.
<u>Boca</u>	Buço pronunciado, sorriso.
<u>Orelhas</u>	Partidas.
<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente, desenhado com uma incisão irregular na linha do escalpe e das orelhas.
<u>Pescoço</u>	Longo, partido e com incisão circular desenhada de forma descontínua e irregular ao redor do pescoço.
<u>Cabeça</u>	Incisão vertical irregular na nuca que vai desde o pescoço ao topo da cabeça. Grande lasca na nuca.
<u>Observações</u>	Representa uma mulher de cerca de 40-45 anos. (Digital Giza)

Bibliografia

(Hall, 1915, p. 186; Manuelian, 2003, p. 97, figs.140–141; Michalowski, 1968, p. 193; Porter et al., 1974, p. 124; Reisner, 1915, pp. 30, 32.33, fig.6, 1942a, p. 462, pls. 46d, 52b, 1942e, p. 232, 1942f, pp. 006–007; Smith, 1949, p. 25, pl.6; Tefnin, 1991, pp. 15, 24, 27, 28, 33, 52, 65–66, 68, 100, 113–114, pl. XVII c-d, XVIII a-b)

Webgrafia

<http://giza.fas.harvard.edu/objects/16386/full/>



(Tefnin, 1991, p. pl. XVII-XVIII)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Museum of Fine Arts	MFA 14.718
<u>Nº referência anteriores</u>	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts excavation number	HUMFA 13-11-90
<u>Localização atual</u>	Museum of Fine Arts	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	George Andrew Reisner, 1913-1914 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942).				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 4440		
		<u>Observações</u>	Nos destroços no fundo do poço (Reisner, 1915, pp. 31–32).		
<u>Proprietário</u>	Anónimo/a				
	Propostas de outros autores:				
	– Homem Anónimo (Smith, 1949, p. 25). – Príncipe de sangue real da família de Khufu, talvez irmão do detentor da cabeça nº18 (Reisner, 1942a, p. 83). – Esposo da cabeça nº6 (Smith, 1949, p. 25; Tefnin, 1991, p. 101).				
<u>Datação</u>	Entre a IV e a V dinastia.				
	Propostas de outros autores:				
	– Meio da IV dinastia, início da V dinastia (Porter et al., 1974, p. 128). – Reinado de Khufu (Reisner, 1942a, p. 83).				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	30,5
	<u>Largura</u>	-----	<u>Diâmetro</u>	-----

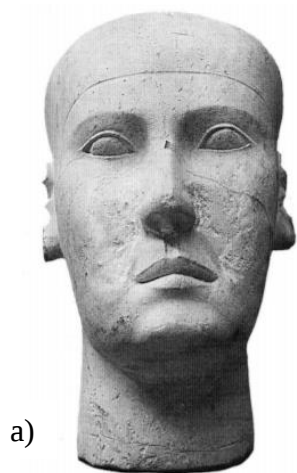
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário com duas linhas escuras que percorrem o rosto e o pescoço, feita da mesma pedra que a cabeça nº6.
	<u>Cor</u>	-----
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados.
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas.
	<u>Nariz</u>	Delineado, carnudo.
	<u>Boca</u>	Partida entre a bochecha/maça do rosto e o canto da boca, em ambos os lados, devido a um polimento incompleto ou devido a dano intencional.
	<u>Orelhas</u>	Simetricamente partidas. Golpes semelhantes aos observados nas cabeças nº3 e nº7.
	<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente, desenhado com incisões irregular na linha do escalpe e das orelhas.
	<u>Pescoço</u>	Curto e partido, com incisão circular desenhada de forma descontínua e irregular ao redor do pescoço.
	<u>Cabeça</u>	Incisão vertical irregular na nuca que vai desde o pescoço ao topo da cabeça. Grandes lascas na nuca.
	<u>Observações</u>	Superfícies cuidadosamente polidas. Rosto estreito, muito alongado e pequeno.

Bibliografia

(Aldred, 1949, p. pl.21; Assmann, 1996, p. 59, fig.3; Dunham, 1943, pp. 44–46, fig.27c; Millet, 1981, pp. 129–130; Porter et al., 1974, p. 128; Reisner, 1915, pp. 31–32, 34, fig.8, 1942e, p. 233, 1942f, p. 013, 1942b, p. 477, pl.54a; Sanborn, 1925, p. 73; Smith, 1941, pp. 525–526, fig.4, 1949, p. 25, pl.8a-c, 1960, pp. 34–35, fig.10; Tefnin, 1991, pp. 15, 22, 24, 26, 28, 32, 65, 100–103, pl.VI a-c, VII a-c; Vandersleyen, 1975, p. pl. 130a-b; Vandier, 1958, p. 47, pl.12:6; Wolf, 1957, p. 140)

Webgrafia

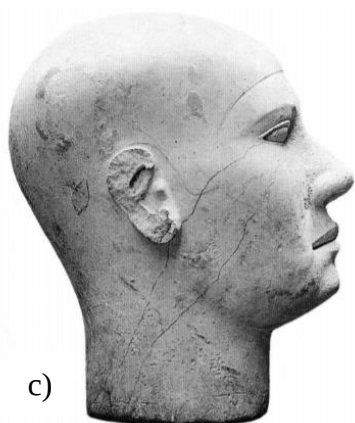
<https://collections.mfa.org/objects/141965>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/17137/full/>



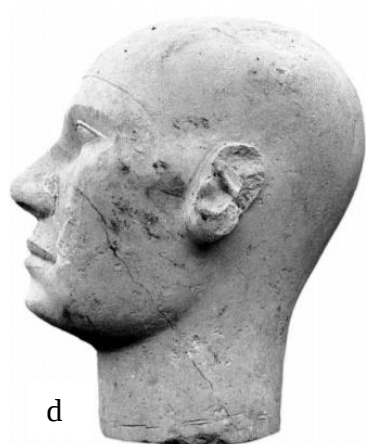
a)



b



c)



d

(Tefnin, 1991, p. pl. VI-VII)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Museum of Fine Arts	MFA 14.719
<u>Nº referência anteriores</u>	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts	
	excavation number	
<u>Localização atual</u>	Museum of Fine Arts	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	George Andrew Reisner, 1913-1914 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942).				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 4440		
		<u>Observações</u>	No fundo do poço (Reisner, 1915, pp. 31–32).		

Proprietário

Anônimo/a.

Propostas de outros autores:

- Mulher anônima de «tipo negroide» (Junker, 1929a, p. 64; Smith, 1949, p. 25).
- A aparência mestiça (mas não puro-sangue) podendo ser filha de um egípcio e de uma escrava negra. Pelo formato do crânio não tem uma aparência de mestiça (mas não puro sangue).(Reisner, 1915, pp. 31-32,34).
- Pela semelhança a Rahotep pode ser uma das suas filhas (Petrie, 1916, p. 48).
- Esposa do indivíduo da cabeça nº5 (Smith, 1949, p. 25; Tefnin, 1991, p. 102).

Datação

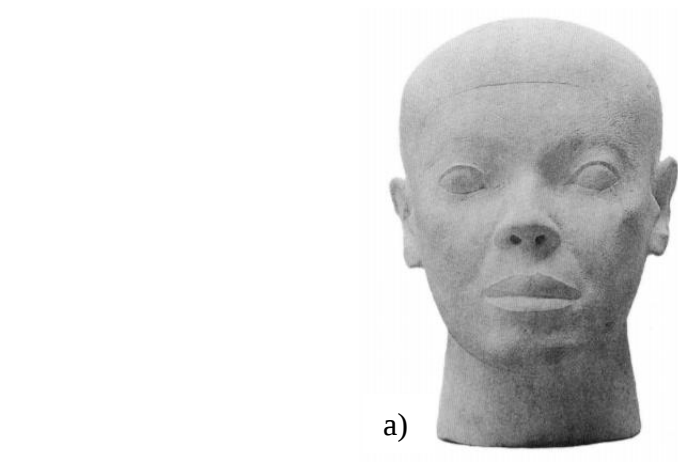
Entre a IV e a V dinastia.

Propostas de outros autores:

- Meio da IV dinastia, início da V dinastia (Porter et al., 1974, p. 128)
- Reinado de Khufu (Reisner, 1942a, p. 83).

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

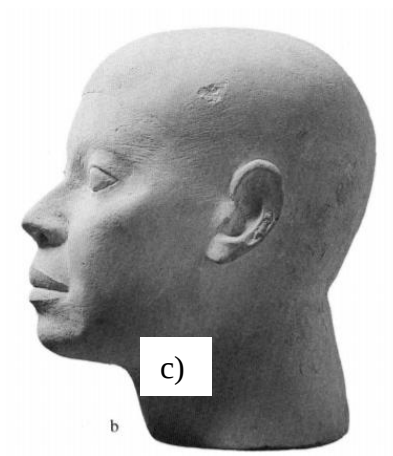
DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	26	<u>Altura</u>	30
	<u>Largura</u>	21	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário com duas linhas escuras que percorrem o rosto e o pescoço, feita da mesma pedra da cabeça nº5. Detalhes feitos em gesso (orelha).		
CARACTERÍSTICAS	<u>Cor</u>	Vermelho (orelha).		
	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido.		
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas.		
	<u>Nariz</u>	Delineado e bulboso.		
	<u>Boca</u>	Buço pronunciado.		
	<u>Orelhas</u>	Simetricamente partidas embora apenas levemente lascadas.		
	<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente, desenhado de forma bastante leve quase impercetível e inexistente nas zonas laterais junto às orelhas.		
	<u>Pescoço</u>	Curto e partido apenas na base parecendo desgaste natural.		
	<u>Observações</u>	Perfeitamente preservada, sem «mutilações» com exceção das orelhas.		
Bibliografia	(Aldred, 1949, p. pl.19, 22, 1978, fig. 293; Arnold, 1999a, p. 47, 1999b, p. 47, fig.35; Arnold et al., 1999, pp. 238–239, cat.48; Assmann, 1996, p. 59, fig.4; Bothmer, 1982, pp. 373, 375, fig.5.4; Capart, 1948, p. pl.229; Dunham, 1943, pp. 68, 70, fig.2, 1958, pp. 44–46, fig.27d; Freed et al., 2003, p. 75; Jánosi, 1999b, p. 32; Junker, n.d., p. 64; Markowitz et al., 2002, pp. 62–63, cat.10; Millet, 1981, p. 129; Reisner, 1915, pp. 31-32,34, fig.9, 1942e, p. 233, 1942f, p. 013, 1942a, p. 477, pl.54b; Sanborn, 1925, p. 73; Smith, 1941, pp. 525–526, fig.5, 1942, p. p.34-35, fig.11, 1949, p. 25, pl.8; Spanel, 1988, p. 12, fig.15; Tefnin, 1991, pp. 10, 15, 20, 25, 28, 32, 65, 66, 101, 102, 103, pl.VII c, VIII a-c; Vandier, 1958, p. pl.12,8; Woldering, 1967, p. 65, fig.26)			
Webgrafia	https://collections.mfa.org/objects/141966/ http://giza.fas.harvard.edu/objects/17475/full/			



a)



b)



c)

(Tefnin, 1991, p. pl. VII)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Museum of Fine Arts	MFA 21.328
<u>Nº referência anteriores</u>	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts excavation number	HUMFA 13-12-11
<u>Localização atual</u>	Museum of Fine Arts	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	George Andrew Reisner, 1913-1914 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942).				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 4540		
		<u>Observações</u>	No fundo do poço (Reisner, 1915, p. 35).		

<u>Proprietário</u>	Anônimo/a.				
	Propostas de outros autores:				
	– Mulher anônima, pela sua aparência com Khoufou-khaef (Smith, 1949, p. 25). – Provavelmente mulher. Egípcia de tipo aristocrático, provavelmente membro da família real (Reisner, 1942a, p. 83).				

<u>Datação</u>	IV dinastia.				
	Propostas de outros autores:				
	– Meio ou fim da IV dinastia (Porter et al., 1974, pp. 142–143). – Reinado de Khufu (Reisner, 1942a, p. 83).				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	19	<u>Altura</u>	23,5
	<u>Largura</u>	13	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário.		
	Cor	Vermelho (sobrancelhas, nariz).		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido.		
	<u>Sobrancelhas</u>	Salientes, fortemente marcadas para dar a ideia de uso de Kohl.		

Nariz

Pontiagudo, com as narinas voluntariamente lascadas de forma intencional com vestígios de uso de ferramenta.

Boca

Buço pronunciado, com sorriso.

Orelhas

Simetricamente partidas, com a parte inferior martelada com vestígios de uso de uma ferramenta. Golpes semelhantes aos das cabeças nº3 e nº5.

Cabelo

Sem indicação plástica de cabelo.

Pescoço

Curto.

Observações

Acabamento polido.

Bibliografia

(Arnold, 1999a, p. 47; Arnold et al., 1999, pp. 236–237, cat.47; Assmann, 1996, p. 59, fig.6; Bolshakov, 1994, p. 26, note 25; Flentye, 2007, p. 300; Jánosi, 1999b, p. 32; Porter et al., 1979, pp. 142–143; Reisner, 1915, p. 35, fig.11, 1942e, p. 233, 1942f, p. 016, 1942a, p. 480, pl.56b; Smith, 1949, pp. 26, 165, 357, pl.9, 1960, p. 35, fig.12; Tefnin, 1991, p. 21,22,24,26,28,35,117, pl.IX c-d, X a-b, XI a-b, XII a)

Webgrafia

<https://collections.mfa.org/objects/143594>

<http://giza.fas.harvard.edu/objects/17620/full/>



a)



b



c)

Photograph © Museum of Fine Arts, Boston

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Museum of Fine Arts	MFA 21.329
<u>Nº referência anteriores</u>	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts	HUMFA 15-1-8
	excavation number	
<u>Localização atual</u>	Museum of Fine Arts	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	George Andrew Reisner, 1913-1914 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942).				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	B (LG45)
		<u>Mastaba</u>	G 4940		
		<u>Observações</u>	Provavelmente de outro poço (Reisner, 1942b, p. pl. 56b).		
<u>Proprietário</u>	sSmnfr/Seshem-nefer/Seshem-nofer/Seshemnufer/Seshemnefer [I]				
<u>Datação</u>	Entre a IV e a V dinastia. Propostas de outros autores: – Fim da IV dinastia, início da V dinastia (Smith, 1949, p. 25). – IV dinastia, provavelmente do reinado de Khufu ou Djedefra (Cherpion, 1989, p. 109) .				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	27,4
	<u>Largura</u>	17	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário. Detalhes a gesso (bochecha esquerda, entre o olho, a narina e o lábio superior e na orelha esquerda).		
	<u>Cor</u>	-----		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido e com correção do desenho dos olhos à semelhança da cabeça nº16.		
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas.		

<u>Nariz</u>	Delineado, partido na ponta e com linha preta vertical
<u>Boca</u>	Nada a apontar.
<u>Orelhas</u>	Não foram originalmente esculpidas. Possuem duas perfurações que podem corresponder a orifícios de fixação.
<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente, desenhado com incisão em linha pontilhada grossa na linha do escalpe e das orelhas.
<u>Pescoço</u>	Curto, com quatro incisões descontínuas na parte da frente.
<u>Cabeça</u>	Vestígios de uso de uma ferramenta à esquerda e à direita da testa. m duas incisões verticais desde o crânio ao pescoço. Duas incisões verticais irregulares na nuca que vão desde o pescoço ao topo da cabeça.
<u>Observações</u>	Vestígio de gesso na orelha sugere que os detalhes podem ter sido executados em gesso.

Bibliografia

(Gamer-Wallert, n.d., p. 34; Millet, 1981, p. 130; Porter et al., 1974, pp. 142–143; Reisner, 1942a, p. pl. 56b; Smith, 1949, pp. 26, 165, 357, pl.9)

Webgrafia

<https://collections.mfa.org/objects/143595/>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/16400/full/>



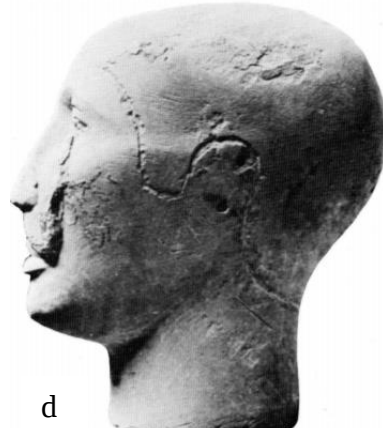
a)



b)



c)



d)

(Tefnin, 1991, p. pl. IX-XII)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Grand Egyptian Museum		GEM 13052
<u>Nº referência</u>	Journal d'Entree number		JE 67569
<u>anteriores</u>	Cairo Special Register number		EMC SR 2/15014
	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts excavation number		HUMFA 35-8- 26
<u>Localização atual</u>	Grand Egyptian Museum	<u>Localização</u> <u>anterior</u>	Egyptian Museum

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	George Andrew Reisner, 1935 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942).				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	En Échelon	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 5020		
		<u>Observações</u>	Possivelmente originário de G 4240 A (nº18) (Reisner, 1942c, p. ApxA 013, 1942e, 234).		
<u>Proprietário</u>	Anónimo/a. Propostas de outros autores: – Mulher anónima possível esposa de cabeça nº18 (Porter et al., 1974, p. 142; Smith, 1949, p. 25).				
<u>Datação</u>	Entre a IV e a V dinastia. Propostas de outros autores: – Meio da IV dinastia, início da V dinastia (Porter et al., 1974, p. 142).				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	22
	<u>Largura</u>	13,3	<u>Diâmetro</u>	18,3
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		
	Cor	-----		

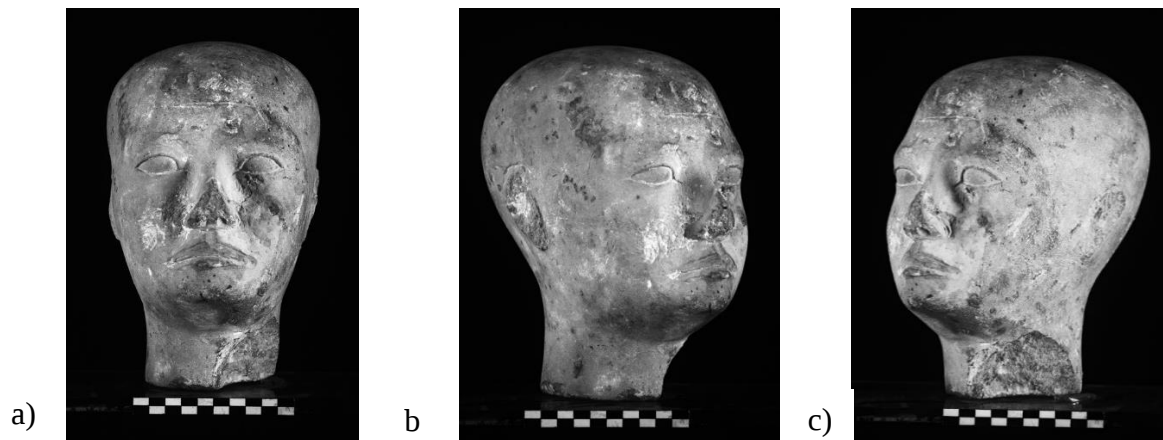
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido.
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas.
	<u>Nariz</u>	Partido, aparentemente sem dano intencional.
	<u>Boca</u>	Buço pronunciado.
	<u>Orelhas</u>	Arrancadas ao nível da cabeça com vestígios do uso de uma ferramenta.
	<u>Cabelo</u>	Cabelo não indicado plasticamente.
	<u>Pescoço</u>	Curto e com uma grande lasca.
	<u>Cabeça</u>	Incisão vertical na nuca que vai desde o pescoço ao topo da cabeça.
	<u>Observações</u>	O fragmento que falta na base do pescoço foi descoberto na mastaba G 4240 A (nº18).

Bibliografia

(Reisner, 1942c, p. ApxA 013, 1942e, p. 234; Smith, 1949, p. 26, pl.7a; Tefnin, 1991, pp. 25, 33, 44, 116–117, pl. XX b-d)

Webgrafia

<http://giza.fas.harvard.edu/objects/23190/full/>



Photograph © Giza Project at Harvard University

Nº10

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Kunsthistorisches Museum	KHM ÄS 7787
<u>Localização atual</u>	Kunsthistorisches Museum, Ägyptisch - Orientalische Sammlung	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	Hermann Junker, 1914 (Expedição 1912-1914).				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 4350		
		<u>Observações</u>	Na entrada da câmara funerária (Junker, 1914b, p. 35,44).		
<u>Proprietário</u>	Anónimo/a				
	Propostas de outros autores:				
	– Mulher anónima (Smith, 1949, p. 26).				
	– Um príncipe (Junker, 1914b, p. 35,44).				
<u>Datação</u>	IV dinastia.				
	Propostas de outros autores:				
	– Meio ou fim da IV dinastia (Porter et al., 1974, p. 126).				
	– Reinado de Khufu (Junker, 1914b, p. 35,44; Reisner, 1942b, p. 83).				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	24,5	<u>Altura</u>	27,7
	<u>Largura</u>	17,3	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		
	Cor	-----		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido. Olho direito tem uma cavidade, que possivelmente era originalmente preenchida com gesso.		
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas.		
	<u>Nariz</u>	Delineado e Partido na ponta.		

<u>Boca</u>	Buço pronunciado, com sorriso.
<u>Orelhas</u>	Orelhas partidas com vestígios de uso de uma ferramenta.
<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente, desenhado com uma incisão regular na linha do escalpe e das orelhas.
<u>Pescoço</u>	Curto e partido.
<u>Cabeça</u>	Incisão vertical irregular na nuca desde o pescoço até o topo da cabeça e várias incisões paralelas menos extensas e menos profundas (é o único caso conhecido desta multiplicação).

Bibliografia

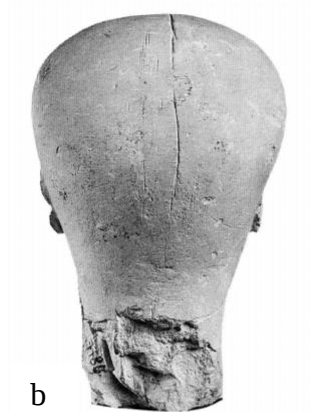
(Aldred, 1978, p. 292; Breasted, 1958, p. taf.58; Capart, 1931b, pp. 22, Abb. 15 auf S. 23, 1942, pp. 94, Taf. 3, Abb. 2, 1948, p. 227, 1948, pp. 17, Nr. 227, Taf. 227.; Delacampagne & Lessing, 1990, pp. 128, Abb. auf S. 129; Demel, 1947, pp. 5–6, Abb.9; Galassi, 1942, p. Abb. 92 auf S.114; Jánosi, 1999b, p. 32; Jaroš-Deckert, 1993, pp. 81–86; Junker, 1914b, pp. 35, 44, Taf.7, 1929a, pp. 45, 57, 198, pl.9b, 12; Komorzynski, 1951b, p. 6, 1951a, pp. 8–9, 1952b, pp. 47, Abb. 1, 1952a, pp. 10–11, 41, Abb.17, 1965, pp. 49, 101–103, 192, Abb.8; Leclant, 1979, pp. 285, Abb.292;; Michalowski, 1968, p. pl.164, 1969, p. Abb. 64; Porter et al., 1979, p. 126; Reisner, 1942a, p. 83; Reuterwärd, 1958, pp. 8, Satzinger, s.d, pp. 11–12, Abb.1, 1984, pp. 14, Abb. 4 auf S. 16, 1987, pp. 24, Abb. S. 21; Smith, 1949, pp. 26, 28–29; Tefnin, 1991, pp. 20, 26, 28, 30, 34, 50, 51, 66, 67, 68, pl. XXVIII a-d, XXIX a-b; Vandier, 1958, pp. 47, Anm. 2; 577 (Index), Taf. 12,9; Wildung, 1988, pp. 35, Abb. 14)

Webgrafia

www.khm.at/de/object/5bd89eb1ee/
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/45227/full/>



a)



b



c)



d

a), b) e d) (Tefnin, 1991, p. pl. XXVIII-XXIX); c) Photograph © Giza Project at Harvard University

Nº11

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Grand Egyptian Museum	GEM 13053
<u>Nº referência</u>	Journal d'Entree number	JE 47838
<u>anteriores</u>	Cairo Special Register number	EMC SR 2/15022

Historicamente confundida com a cabeça nº12.

<u>Localização atual</u>	Grand Egyptian Museum	<u>Localização anterior</u>	Egyptian Museum
--------------------------	-----------------------	-----------------------------	-----------------

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Arqueólogo/Escavação Tewfik Boulos, escavação de 1923.

<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 7000	<u>Poço</u>	-----
		<u>Mastaba</u>	-----		
		<u>Observações</u>	Encontrada numa mastaba a leste da Pirâmide de Khufu (Smith, 1949, p. 27)		

Proprietário Anónimo/a.

Datação IV dinastia.

Propostas de outros autores:

- IV dinastia (Porter et al., 1974, p. 226).

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	23,3	<u>Altura</u>	28,7
	<u>Largura</u>	16,1	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário (Egyptian Museum); Gesso (Grand Egyptian Museum).		
	<u>Cor</u>	Vestígios de coloração.		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido.		
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas.		
	<u>Nariz</u>	Partido.		
	<u>Boca</u>	Partida, com sorriso.		

<u>Orelhas</u>	Uma colada novamente e outra destacada.
<u>Cabelo</u>	Não indicado plasticamente.
<u>Pescoço</u>	Curto e partido.
<u>Observações</u>	Cabeça muito partida.

Bibliografia

(Porter et al., 1974, p. 216; Smith, 1949, p. 27, pl.9d; Tefnin, 1991, p. 24 (n.l), 25, 36,43 (n2), 109, 115–116, pl.XX a)

Webgrafia

<http://giza.fas.harvard.edu/objects/55141/full/>



Photograph © Giza Project at Harvard University

Nº12

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Grand Egyptian Museum	GEM 8029
<u>Nº referência</u>	Journal d'Entree number	JE 37832
<u>anteriores</u>	Cairo Special Register number	EMC SR 2/15025

Historicamente confundida com a cabeça nº11.

<u>Localização atual</u>	Grand Egyptian Museum	<u>Localização anterior</u>	Egyptian Museum
--------------------------	-----------------------	-----------------------------	-----------------

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Arqueólogo/Escavação

<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	No campo ocidental ao cemitério G 4000.
		<u>Mastaba</u>	D38.
		<u>Observações</u>	D38 localiza-se a sul da G 39, a oriente da D 29 e a ocidental a D 27.

Proprietário Anónimo/a.

Datação Entre a IV e a V dinastia.

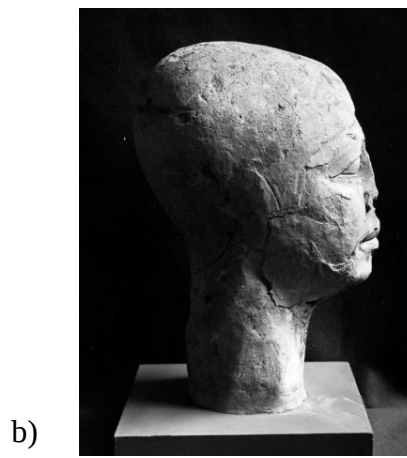
Propostas de outros autores:

- IV ou V dinastia (Porter et al., 1974, p. 111).

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	28
	<u>Largura</u>	-----	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		
	<u>Cor</u>	-----		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido.		
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas.		
	<u>Nariz</u>	Partido.		
	<u>Boca</u>	Partida e com buço pronunciado.		

	<u>Orelhas</u>	Não esculpidas originalmente.
	<u>Cabelo</u>	Indicado plasticamente, desenhado com uma incisão irregular na linha do escalpe e das orelhas.
	<u>Pescoço</u>	Longo e comprido.
	<u>Observações</u>	Dado o estado de conservação é impossível uma análise mais pormenorizada.
Bibliografia	(Maspero, 1915, pp. 50, nº97A; Naville, 1909, p. 5; Porter et al., 1974, p. 111; Smith, 1949, p. 27, pl.9; Tefnin, 1991, pp. 34, 36, 42, 47, 108-109 pl.XIII d)	
Webgrafia	http://giza.fas.harvard.edu/objects/55016/full/	



Photograph © Giza Project at Harvard University

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Roemer- und Pelizaeus-Museum	RPM 2384
	A orelha pertencente à cabeça tem o mesmo número de inventário.	
<u>Localização atual</u>	Roemer- und Pelizaeus-Museum	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	Hermann Junker, 1914 (Expedição 1912-1914)				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 4650		
		<u>Observações</u>	Na entrada da câmara funerária (Junker, 1914b, p. 173).		
<u>Proprietário</u>	jAbtt/Labtet/Yabtet/Iabet/Labtyt/Yabtyt.				
<u>Datação</u>	IV dinastia.				
	Propostas de outros autores:				
	– Início da IV dinastia (Cherpion, 1989, pp. 126–128).				
	– Meio ou fim da IV dinastia (Porter et al., 1974, p. 134).				
	– Reinado de Khafra (Junker, 1914b, p. 173).				
	– Reinado de Khafra ou mais tarde (Martin-Pardey, 1978, pp. 38–44); Reinado de Khufu (Reisner, 1942b, p. 83).				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	24,2	<u>Altura</u>	27,7
	<u>Largura</u>	14,2	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário. Detalhes feitos em gesso.		
	Cor	-----		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido. O canto interno do olho direito está danificado.		
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas.		
	<u>Nariz</u>	Partido. Foi reconstruído.		
	<u>Boca</u>	Buço pronunciado.		

<u>Orelhas</u>	A orelha direita foi partida/arrancada da cabeça com recurso a ferramenta. A orelha esquerda foi encontrada nos escombros da escavação.
<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente, mas com um formato diferente das restantes cabeças fazendo referência a um penteado usado exclusivamente por mulheres.
<u>Pescoço</u>	Curto e partido.
<u>Cabeça</u>	Incisão vertical, profunda e contínua, na nuca desde o pescoço até o topo da cabeça.
<u>Observações</u>	A parte esquerda do rosto está corroída (o crânio e a face esquerda sofrem de salitre).

Bibliografia

(Cherpion, 1989, pp. 126–128; Eggebrecht, 1985, 1986, 1993, p. Abb. 13; Junker, 1914b, p. 173, pl.8, 1914a, p. pl.XL, fig.4, 1929a, pp. 226–227, pl. XIII a-b, 1941, pp. 116–117; Kayser, 1973, pp. 36, Abb. 19; Martin-Pardey, 1978, pp. 38–44; Porter et al., 1979, p. 135; Roeder, 1921, p. 54; Seipel, 1983; Smith, 1949, 1946, p. 26; Tefnin, 1991, pp. 9, 20, 23, 26, 28, 30, 34, 37, 50 (n.2), 67, 68, 89, 123–124, pl. XXV a-d, XXX)

Webgrafia

<http://www.globalegyptianmuseum.org/detail.aspx?id=10980>



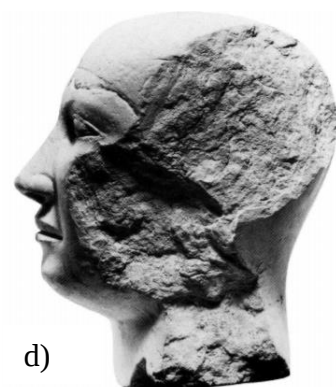
a)



b)



c)



d)



e)

a), b), c), d) (Tefnin, 1991, p. pl. XXV)

e) (Tefnin, 1991, p. pl. XXX)

Nº14

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Journal d'Entree number	JE 44975
<u>Nº referência anteriores</u>	Cairo Special Register number	EMC SR 2/15017
<u>Localização atual</u>	Egyptian Museum	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	Hermann Junker, 1914 (Expedição 1912-1914)				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	S984
		<u>Mastaba</u>	G 4840		
		<u>Observações</u>	Na parede leste da mastaba.		
<u>Proprietário</u>	wnSt/Whenshet/Weneshet/Wonshet.				
	Propostas de outros autores:				
	– Princesa <i>Whenshet</i> (Reisner, 1942b, p. 500; Smith, 1949, p. 26).				
	– O poço onde foi encontrada a cabeça não tem relação com a mastaba de <i>Whenshet</i> e a cabeça é mais recente que as do mesmo cemitério (Junker, 1929a, p. 256).				
	– Possível filha de <i>Whenshet</i> . Relações familiares entre <i>Tjentet</i> , <i>Wehemnefret</i> e <i>Whenshet</i> com base na proximidade de mastabas e títulos (Tefnin, 1991).				
<u>Datação</u>	Entre a IV e a V dinastia.				
	Propostas de outros autores:				
	– V dinastia (Porter et al., 1974, p. 139).				
	– Reinado de Khafra (Reisner, 1915, p. 32).				
	– Reinado de Khufu (Reisner, 1942b, p. 84).				

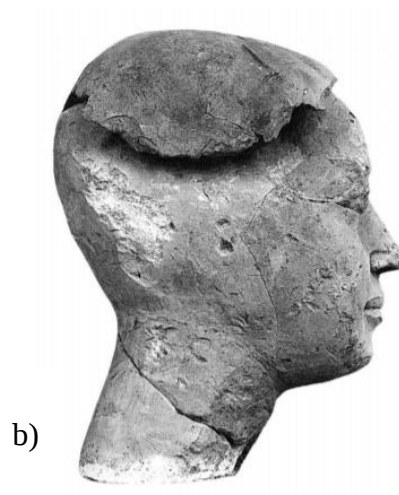
INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	23
	<u>Largura</u>	-----	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Argila.		
	<u>Cor</u>	-----		

CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido.
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas.
	<u>Nariz</u>	Delineado.
	<u>Boca</u>	Buço pronunciado e sorriso.
	<u>Orelhas</u>	Não foram originalmente esculpidas. Possuem duas perfurações que podem corresponder a orifícios de fixação.
	<u>Cabelo</u>	Cabelo não indicado plasticamente.
	<u>Pescoço</u>	Curto e partido.
	<u>Observações</u>	Corte profundo no lado direito do crânio onde presumivelmente foi colocado um remendo.
Bibliografia	(Junker, 1914b, p. 174, pl. 8, 1929a, pp. 45, 57, 256, pl. 14c-d; Porter et al., 1974, p. 139; Reisner, 1942a, p. 500; Smith, 1949, pp. 26, 184; Tefnin, 1991, pp. 20, 25, 30, 35, 50 (n.2), 66, pl. XIV c-d)	
Webgrafia	http://giza.fas.harvard.edu/objects/54558/full/	



(Tefnin, 1991, p. pl.XIV)



REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Ägyptisches Museum und Papyrussammlung	ÄM 16455
<u>Nº referência anteriores</u>		-----
<u>Localização atual</u>	Ägyptisches Museum und Papyrussammlung	<u>Localização anterior</u> Bodemuseum

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	Ludwig Borchardt, Escavação de 1902-1904		
<u>Necrópole</u>	Abusir	<u>Mastaba</u>	«mastaba das princesas»
		<u>Observações</u>	Próxima do complexo piramidal de Nyuserra (Borchardt, 1907, p. 133).
<u>Proprietário</u>	<i>k3-htp/Kahotep.</i> Propostas de outros autores: – <i>Kahotep</i> (Borchardt, 1907, p. 133; Porter et al., 1979, pp. 342–343). – Princesa <i>Kat-hetep</i> (Smith, 1949, p. 27).		
<u>Datação</u>	V dinastia. Propostas de outros autores: – V dinastia (Tefnin, 1991, p. 99)		

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	32	<u>Altura</u>	30
	<u>Largura</u>	18	<u>Diâmetro</u>	-----
	<u>Peso</u>	5kg		
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário, revestida a gesso.		
	<u>Cor</u>	-----		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido.		
	<u>Sobrancelhas</u>	Delineadas.		
	<u>Nariz</u>	Partido.		

	<u>Boca</u>	Partida, com sorriso.
	<u>Orelhas</u>	Não foram originalmente desenhadas nem esculpidas.
	<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente, desenhado com uma incisão longa e irregular na linha do escalpe e das orelhas.
	<u>Pescoço</u>	Alto com o gesso partido.
	<u>Cabeça</u>	Incisão vertical profunda e descontínua na nuca (tanto no gesso como no núcleo de calcário) desde o pescoço até o topo da cabeça.
	<u>Observações</u>	Algum dano no rosto.
Bibliografia	(Borchardt, 1907, p. 133, fig. 114; Naville, 1909, 1910, p. 111, fig.7; Porter et al., 1979, pp. 342–343; Smith, 1949, p. 27,29, 1961, p. 43, pl.11; Tefnin, 1991, p. 13 (n.2), 20, 26, 28, 34, 41, 42, 47, 67,98-99, pl. II a-d)	
Webgrafia	https://smb.museum-digital.de/index.php?t=objekt&oges=471&cacheLoaded=true	



a)



b)



c)



d)

(Tefnin, 1991, p. pl. II)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Journal d'Entree number	JE 89611
<u>Nº referência anteriores</u>	Cairo Special Register number	EMC SR 2/14727
	Identificada erradamente por Smith (Smith, 1949, p. 27) como a cabeça nº31.	
<u>Localização atual</u>	Egyptian Museum	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	-----			
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	-----	<u>Poço</u> -----
		<u>Mastaba</u>	-----	
<u>Proprietário</u>	Anónimo/a.			
<u>Datação</u>	IV dinastia.			
	Propostas de outros autores:			
	– Provavelmente da IV dinastia (Tefnin, 1991, p. 117).			

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	26,5
	<u>Largura</u>	-----	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		
	<u>Cor</u>	-----		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido, com correção do desenho do olho esquerdo à semelhança da correção de olhos da cabeça nº8.		
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas.		
	<u>Nariz</u>	Delineado e partido obliquamente.		
	<u>Boca</u>	Buço pronunciado.		
	<u>Orelhas</u>	Partidas rente à cabeça com vestígio de uso de ferramenta.		
	<u>Cabelo</u>	Não indicado plasticamente.		

Cabeça Incisão vertical na nuca desde o pescoço até ao topo da cabeça.

Pescoço Curto.

Observações Queixo também partido.

Bibliografia

(Smith, 1949, p. 27; Tefnin, 1991, pp. 22, 25, 28, 33, 43, 105, 116–117, pL.XXI a-c)

Webgrafia

<http://giza.fas.harvard.edu/objects/54551/full/>



a)

(Tefnin, 1991, p. pl. XXI)

Nº17

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Ackland Art Museum	70.17.1
<u>Localização atual</u>	Ackland Art Museum	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Arqueólogo/Escavação

<u>Necrópole</u>	-----	<u>Cemitério</u>	-----
			-
		<u>Mastaba</u>	-----

Proprietário Anónimo/a.

Datação Entre a IV e a V dinastia.

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	14,2	<u>Altura</u>	23,3
	<u>Largura</u>	10,5	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		
	<u>Cor</u>	-----		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido.		
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas.		
	<u>Nariz</u>	Delineado e com narinas largas.		
	<u>Boca</u>	Buço pronunciado e boca torta.		
	<u>Orelhas</u>	Rectangulares.		
	<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente, desenhado com uma incisão regular na linha do escalpe e das orelhas.		
	<u>Pescoço</u>	Curto.		
	<u>Observações</u>	Não tem simetria e é mais estreita na parte da frente do que na parte de trás. A sua autenticidade é discutível.		

Webgrafia

<https://ackland.emuseum.com/objects/19471/head;jsessionid=0081FC01C882478F4869BBFE90B8CD02?ctx=9a1c6972e2039a2aefbfc8e30b929913610de1ad&idx=2>



a)



b)

Photograph © Ackland Art Museum

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Journal d'Entree number	JE 46215
<u>Nº referência anteriores</u>	Cairo Special Register number	EMC SR 2/14723
	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts excavation number	HUMFA 13-11-60
<u>Localização atual</u>	Egyptian Museum	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	George Andrew Reisner e Ernesto Schiaparelli, 1913 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942).				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 4240		
		<u>Observações</u>	No fundo do poço (Reisner, 1915, p. 31).		
<u>Proprietário</u>	snfrwsnb/Snefruseneb/Sneferoseneb/Sneferusoneb.				
<u>Datação</u>	Entre a IV e a V dinastia.				
	Propostas de outros autores:				
	– Meio da IV dinastia início da V dinastia (Porter et al., 1974).				
	– Reinado de Khafra (Reisner, 1915, p. 32).				
	– Reinado de Khufu (Reisner, 1942b, p. 84).				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	25
	<u>Largura</u>	-----	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		
	<u>Cor</u>	-----		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido.		
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas.		
	<u>Nariz</u>	Inteiro.		
	<u>Boca</u>	Buço pronunciado, com sorriso.		

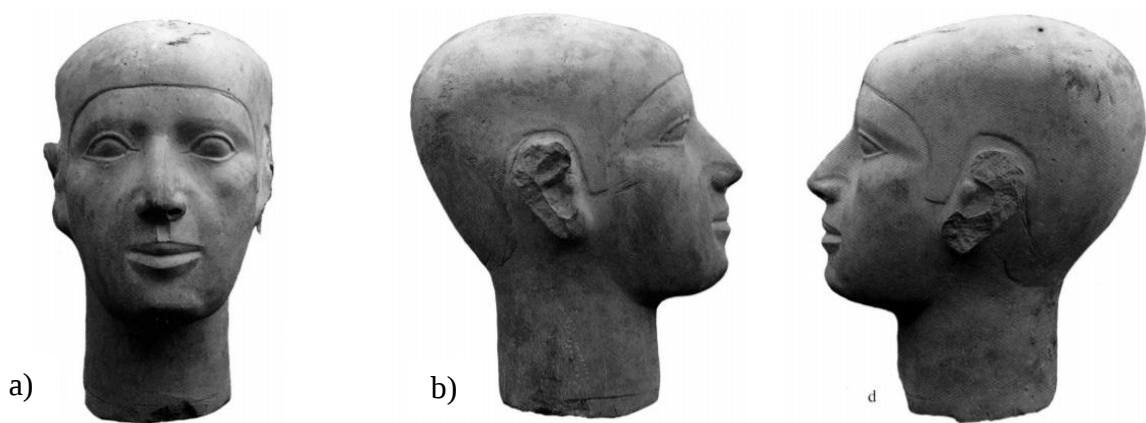
<u>Orelhas</u>	Partidas, com vestígios de uso de uma ferramenta.
<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente, desenhado com uma incisão regular na linha do escalpe e das orelhas.
<u>Pescoço</u>	Curto, partido e com uma incisão circular desenhada de forma quase contínua ao redor do pescoço alguns milímetros acima da base.
<u>Observações</u>	Sem simetria facial.

Bibliografia

(Porter et al., 1974, p. 125; Reisner, 1915, p. 35, 1942a, p. pl. 53a, 1942e, p. 233, 1942f, p. 008; Smith, 1949, p. 25; Tefnin, 1991, p. 24 (n.1), 44 (n2), 65, 66, 68, Pl.XV a-d; Vandier, 1958, p. pl. 12.1)

Webgrafia

<http://giza.fas.harvard.edu/photos/29205/full/>



(Tefnin, 1991, p. pl. XV)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Journal d'Entree number	JE 46218
<u>Nº referência anteriores</u>	Cairo Special Register number	EMC SR 2/14726
	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts excavation number	HUMFA 13-10-69
<u>Localização atual</u>	Egyptian Museum	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	George Andrew Reisner, 1913 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942)				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	A
<u>A</u>		<u>Mastaba</u>	G 4340		
		<u>Observações</u>	Nos destroços no fundo do poço (Reisner, 1915, p. 32)		

<u>Proprietário</u>	Anónimo/a.
	Propostas de outros autores:
	– Homem não comum (Smith, 1949, p. 25).
	– Homem estrangeiro (Reisner, 1942b, p. 84).
	– Mulher (Junker, 1929a, pp. 64–65).

<u>Datação</u>	IV dinastia.
	Propostas de outros autores:
	– Meio e fim da IV dinastia (Porter et al., 1974, p. 126).
	– Reinado de Khafra (Reisner, 1915, p. 32).
	– Reinado de Khufu (Reisner, 1942b, p. 84).
	– Contemporânea da cabeça nº3 (Tefnin, 1991, p. 115).

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	19,5
	<u>Largura</u>	-----	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		
	<u>Cor</u>	-----		

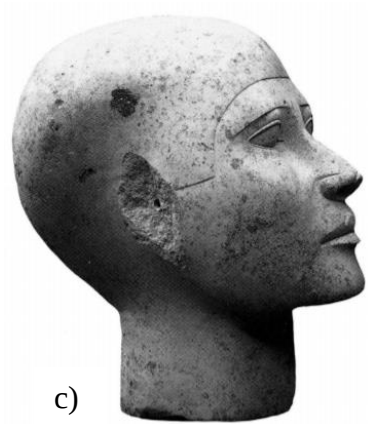
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido.
	<u>Sobrancelhas</u>	Salientes à semelhança da cabeça nº3..
	<u>Nariz</u>	Delineado.
	<u>Boca</u>	Buço pronunciado, com sorriso.
	<u>Orelhas</u>	Partidas e com uma perfuração que pode corresponder ao orifício de fixação.
	<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente, desenhado com uma incisão regular na linha do escalpe e das orelhas.
	<u>Pescoço</u>	Curto.
	<u>Cabeça</u>	Incisão vertical irregular na nuca desde o pescoço até ao topo da cabeça.
	<u>Observações</u>	Muito semelhante à cabeça nº3.
Bibliografia	(Junker, 1929a, pp. 64–65; Michalowski, 1968, fig. J90; Pirenne, 1932, fig. J52; Porter et al., 1974, p. 126; Reisner, 1915, pp. 32, 35, fig.13, 1942a, p. 473, pl. 53b, 1942f, p. 010 part 1; Smith, 1949, pp. 25, 29, pl.7; Tefnin, 1991, pp. 25, 28, 33, 65, 66, 67,101, 114–115, pl.XVIII c-d, XIX a-c; Vandier, 1958, p. pl.12,3)	
Webgrafia	http://giza.fas.harvard.edu/objects/16384/full/	



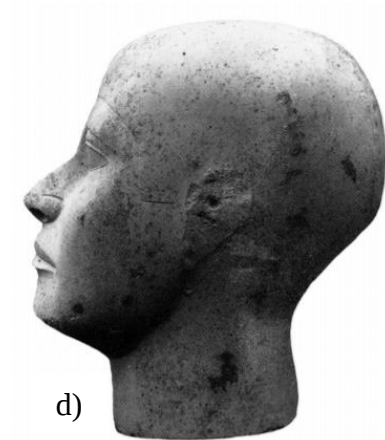
a)



b)



c)



d)

(Tefnin, 1991, p. pl. XVIII-XIX)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Journal d'Entree number	JE 44974
<u>Nº referência anteriores</u>	Cairo Special Register number	EMC SR S2/15024
	Port Said National Museum number	PSNM P 4101

<u>Localização atual</u>	Egyptian Museum	<u>Localização anterior</u>	Port Said National Museum
--------------------------	-----------------	-----------------------------	---------------------------

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	Hermann Junker, 1914 (Expedição 1912-1914)			
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u> A
		<u>Mastaba</u>	G 4560	
		<u>Observações</u>	Logo abaixo da entrada da câmara funerária, perto da parede interna da câmara, à direita da passagem (Junker, 1914b, p. 174).	

<u>Proprietário</u>	Anónimo/a.
	Propostas de outros autores:
	– Mulher anónima (Porter et al., 1974, p. 131; Smith, 1949, p. 26)
<u>Datação</u>	IV dinastia
	– Meio ou fim da IV dinastia (Porter et al., 1974, p. 131; Smith, 1949, p. 26).
	– Reinado de Khufu (Reisner, 1942b, p. 84).

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	27
	<u>Largura</u>	-----	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		
	<u>Cor</u>	Preto (delineamento dos olhos e preenchimento da retina).		

CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados e pintados.
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas.
	<u>Nariz</u>	Delineado e Partido.
	<u>Boca</u>	Sorriso.
	<u>Orelhas</u>	Partidas com dano intencional e simétrico em ambas as orelhas com vestígios de uso de uma ferramenta. Ao contrário da cabeça nº2 os golpes parecem ter sido realizados horizontalmente, de trás para frente.
	<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente, desenhado com uma incisão irregular na linha do escalpe e das orelhas.
	<u>Pescoço</u>	Curto, com incisão circular desenhada de forma contínua e profunda ao redor do pescoço.
	<u>Cabeça</u>	Incisão vertical contínua e profunda na nuca desde o pescoço até ao topo da cabeça realizada com a mesma ferramenta.
	<u>Observações</u>	Cabeça muito partida.
Bibliografia	(Junker, 1914a, p. pl. XL, fig. 3, 1914b, p. 174, 1929, pp. 45, 57, 210–211, pl. XIVa-b; Porter et al., 1974, p. 131; Smith, 1949, p. 26; Tefnin, 1991, p. 12 (n.3), 24, 25, 28, 29, 33, 50 (n.2), 109–110, pl.XIVa-b)	
Webgrafia	http://giza.fas.harvard.edu/objects/60947/full/	



(Tefnin, 1991, p. pl.

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Journal d'Entree number	JE 46216
<u>Nº referência anteriores</u>	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts excavation number	HUMFA 13-12-7
	Cairo Special Register number	EMC SR 2/14724
<u>Localização atual</u>	Egyptian Museum	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	George Andrew Reisner, 1913 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942)				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 4640		
<u>Proprietário</u>	Anónimo/a. Propostas de outros autores: – Homem Anónimo (Porter et al., 1974, p. 134; Smith, 1949, p. 26).				
<u>Datação</u>	IV dinastia. Propostas de outros autores: – Meio ou fim da IV dinastia (Porter et al., 1974, p. 134). – Reinado de Khufu (Reisner, 1942b, p. 84).				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	19,5
	<u>Largura</u>	-----	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário.		
	<u>Cor</u>	Vermelho (rosto e cabelo).		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido.		
	<u>Sobrancelhas</u>	Salientes, fortemente marcadas para dar a ideia de uso de kohl.		
	<u>Nariz</u>	Delineado.		
	<u>Boca</u>	Buço pronunciado, com sorriso.		

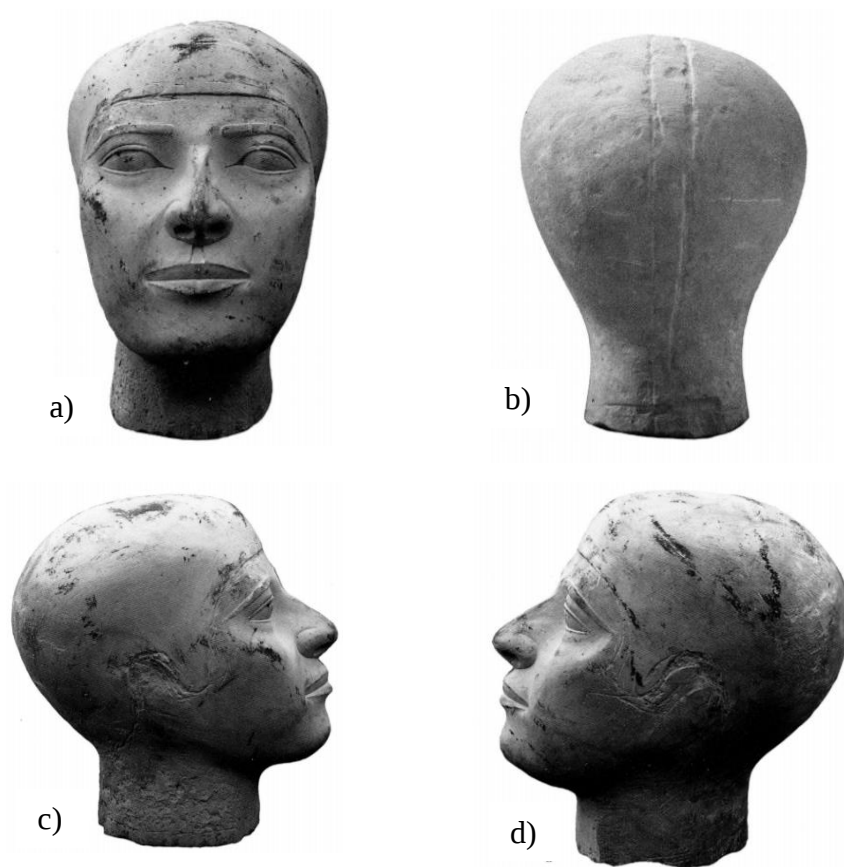
<u>Orelhas</u>	Não foram originalmente esculpidas, mas têm várias linhas que indicam o contorno das orelhas.
<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente, desenhado com uma incisão regular na linha do escalpe e das orelhas.
<u>Pescoço</u>	Curto, partido e com uma incisão circular ao redor do pescoço alguns milímetros acima da base.
<u>Cabeça</u>	Incisão vertical dupla na nuca desde o pescoço até ao topo da cabeça.

Bibliografia

(Porter et al., 1974, p. 134; Reisner, 1915, pp. 31–32, 35 fig.14, 1942a, p. 482, pl.50e, 55b, 1942e, p. 233, 1942f, p. 019; Smith, 1949, p. 26, pl.7; Tefnin, 1991, p. 12 (n.2), 24 (n.1), 27, 28, 35, 65, 66, 68, Pl.XVI a-d, XVII a-b; Vandier, 1958, p. pl. 12:4)

Webgrafia

<http://giza.fas.harvard.edu/objects/17616/full/>



(Tefnin, 1991, p. pl. XVI-XVII)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Museum of Fine Arts	MFA 27.2010
<u>Nº referência anteriores</u>	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts excavation number	HUMFA 27-4-1219
<u>Localização atual</u>	Museum of Fine Arts	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Arqueólogo/Escavação George Andrew Reisner, 1927 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942)

Necrópole

<u>Cemitério</u>	G 7000	<u>Poço</u>	A
<u>Mastaba</u>	G 7530		

A este da mastaba G7530-7540, G7530 A (Museum of Fine Arts, Digital Giza).
Na rua entre G7650 e G7660 (Reisner, 1942a, p. 16,82).

Proprietário Anônimo/a.
Do G7530 A – anônimo. Do G7530-7540 – Rainha *mrsanx*/Meresankh/Meres-ankh/Mersyankh/Mer-sy-ankh/mrsanx III (Porter et al., 1974, p. 197).

Datação IV dinastia.
Propostas de outros autores:
– Reinado de Khafra (Reisner, 1942a, p. 16,82; Smith, 1949, p. 160)

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	20,5	<u>Altura</u>	29,5
	<u>Largura</u>	17,5	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		
CARACTERÍSTICAS	<u>Orelhas</u>	Partidas		
	<u>Pescoço</u>	Curto e partido.		
	<u>Cabeça</u>	Incisão profunda à esquerda e direita da nuca e com uma incisão vertical dupla na nuca desde o pescoço até ao topo da cabeça		

Observações

A cabeça não tem rosto o que dificulta a análise dos atos destrutivos (se são voluntários ou involuntários). Dado o estado de conservação é impossível a análise dos olhos, sobrancelhas, nariz e boca.

Bibliografia

(Porter et al., 1974, p. 201; Reisner, 1942d, p. ApxB 057, 1942e, p. 234, 1942a, p. 16,82; Smith, 1949, pp. 27, 160; Tefnin, 1991, p. 28,45 (n.2),106, Pl XII b-c)

Webgrafia

<http://giza.fas.harvard.edu/objects/15004/full/>

a)



b)



REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Museum of Fine Arts	MFA 47.1716
<u>Nº referência anteriores</u>	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts excavation number	HUMFA 36-12-6
<u>Localização atual</u>	Museum of Fine Arts	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Arqueólogo/Escavação George Andrew Reisner, 1913 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942)

<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 7000	<u>Poço</u>	B
		<u>Mastaba</u>	G 7560		
		<u>Observações</u>	Na câmara funerária (Reisner, 1942a, p. 16).		

Proprietário Anônimo/a.
 Propostas de outros autores:
 – Mulher anônima, possível esposa da cabeça nº24 (Smith, 1949, p. 27).

Datação Entre a IV e a V dinastia.
 Propostas de outros autores:
 – Fim da IV dinastia, início da V dinastia (Smith, 1949, p. 27).
 – Após Ankhhaf e Meresankh III(Reisner, 1942a, p. 16).

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	27,7 (Digital Giza)
				27,2 (MFA)
	<u>Largura</u>	-----	<u>Diâmetro</u>	24 (Digital Giza)
				25 (MFA)
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário.		
	<u>Cor</u>	-----		

CARACTERÍSTICAS	<u>Nariz</u>	Delineado. As narinas parecem ter sido propositadamente alargadas em semelhança a nº7.
	<u>Orelhas</u>	Não foram originalmente esculpidas. Possuem perfurações que podem corresponder a orifícios de fixação.
	<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente, desenhado com uma incisão irregular na linha do escalpe e das orelhas.
	<u>Pescoço</u>	Curto e partido.
	<u>Cabeça</u>	Incisão vertical na nuca desde o pescoço ao topo da cabeça.
	<u>Observações</u>	A cabeça foi reconstruída a partir de vários fragmentos e sua superfície está muito alterada pelo restauro profundo a que foi submetida. Dado o estado de conservação é impossível a análise dos olhos, sobrancelhas e boca.
Bibliografia	(Hayes, 1953, pp. 27, 29; Reisner, 1942d, p. ApxB 118, 1942b, p. 16; Simpson, 1949, p. 288; Smith, 1949, pp. 27, 29; Tefnin, 1991, p. 23,26, 28, 34, 107, Pl. XIII a-b)	
Webgrafia	https://collections.mfa.org/objects/541006/ http://giza.fas.harvard.edu/objects/24228/full/	



a) (Tefnin, 1991, p. pl. XIII); b) Reconstituição Photograph © Museum of Fine Arts, Boston; c) e d) Photograph © Giza Project at Harvard University

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Metropolitan Museum of Art	MMA 48.156
<u>Nº referência anteriores</u>	Museum of Fine Arts accession number	MFA 37.643
	University-Boston Museum of Fine Arts excavation number	HUMFA 36-12-5
<u>Localização atual</u>	Metropolitan Museum of Art	<u>Localização anterior</u> Museum of Fine Arts

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	George Andrew Reisner, 1936 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942)				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 7000	<u>Poço</u>	B
		<u>Mastaba</u>	G 7560		
		<u>Observações</u>	No fundo do poço (Simpson, 1949, pp. 286–292).		
<u>Proprietário</u>	Anónimo/a. Propostas de outros autores: – Anónimo, possível esposo da cabeça nº23 (Smith, 1949, p. 29).				
<u>Datação</u>	IV dinastia. Propostas de outros autores: – Fim da IV dinastia, mastaba visivelmente posterior à G 7530 com marcas de pedreiros do reinado de Khafra (Porter et al., 1974, p. 200; Reisner, 1942b, p. 70; Simpson, 1949, p. 289).				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	27
	<u>Largura</u>	16	<u>Diâmetro</u>	21
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		
	<u>Cor</u>	-----		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Olhar subido.		
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas		
	<u>Nariz</u>	Partido.		

<u>Boca</u>	Buço pronunciado, com sorriso.
<u>Orelhas</u>	Orelha direita partida com recurso a ferramenta. Da orelha esquerda apenas se preserva a parte inferior.
<u>Cabelo</u>	Cabelo não indicado plasticamente.
<u>Pescoço</u>	Curto, com incisão circular desenhada de forma descontínua e irregular ao redor do pescoço.
<u>Cabeça</u>	Incisão vertical na nuca desde o pescoço até ao topo da cabeça.
<u>Observações</u>	A cabeça está bastante danificada, toda cinzelada. Foi reconstruída a partir de oito fragmentos.

Bibliografia

(Aldred, 1949; Fischer, 1995, pp. 82, n14, 86; Hayes, 1953, p. 109; Porter et al., 1974, p. 200; Simpson, 1949, pp. 286–292; Smith, 1949, p. 27; Tefnin, 1991, pp. 28, 35, 45, 105, 107, pl. XXVII a-d)

Webgrafia

<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/543909?searchField=AccessionNum&sortBy=Relevance&ft=48.156&offset=0&rpp=20&pos=1>
<http://giza.fas.harvard.edu/objects/24206/full/>



(Tefnin, 1991, p. pl. XXVII)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	(Tefnin, 1991, p. 14)	CG 519
<u>Nº referência anteriores</u>	Cairo Special Register number	EMC SR 15023
<u>Localização atual</u>	Egyptian Museum	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	Jean-Jacques de Morgan, 1894.				
<u>Necrópole</u>	Dahshur	<u>Cemitério</u>	-----	<u>Poço</u>	-----
		<u>Mastaba</u>	5		
<u>Proprietário</u>	Anônimo/a.				
	Propostas de outros autores:				
	– Mulher anônima (Porter et al., 1979, p. 890).				
<u>Datação</u>	IV dinastia.				
	Propostas de outros autores:				
	– Possivelmente IV dinastia (Porter et al., 1979, p. 890).				
	– Reinado de Sneferu (Tefnin, 1991, p. 14).				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	-----	
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário.
	<u>Cor</u>	-----
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados.
	<u>Sobrancelhas</u>	Salientes.
	<u>Nariz</u>	Partido.
	<u>Boca</u>	Buço pronunciado, com sorriso.
	<u>Orelhas</u>	As orelhas não foram originalmente esculpidas, mas têm várias linhas que indicam o seu contorno.

Cabelo

Cabelo indicado plasticamente, desenhado com uma incisão regular na linha do escalpe e das orelhas.

Pescoço

Curto.

Bibliografia

(De Morgan, 1895, p. 9; Porter et al., 1979, p. 890; Simpson, 1949, p. 289; Smith, 1949, p. 27, pl.6; Tefnin, 1991, p. 14 (n.l), 15, 25, 34, 41, 45, 47, 63, 108, pl.XIII c)



a)

(Tefnin, 1991, p. pl. XIII)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Roemer - und Pelizaeus - Museum, Hildesheim	RPM 2158
<u>Localização atual</u>	Roemer - und Pelizaeus - Museum, Hildesheim	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	Hermann Junker, 1913 (Expedição 1912-1914)			
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u> -----
		<u>Mastaba</u>	-----	
		<u>Observações</u>	Nos escombros a oeste de G 4160, a nordeste da mastaba de Hemiunu (Junker, 1929a, pp. 7–8).	

<u>Proprietário</u>	Anónimo/a.
	Propostas de outros autores:
	– Homem anónimo (Smith, 1949, p. 26); <i>Hmjwnw/Hemiunuw/Hemiunu/Hemiounou</i> (Martin-Pardey, 1978, pp. 32–37)
	– Da família de Hemiunu, possivelmente um filho (Junker, 1929a, p. 167).

<u>Datação</u>	IV dinastia.
	Propostas de outros autores:
	– Reinado de Khufu (Reisner, 1942a, p. 83)

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	24,7	<u>Altura</u>	28,6
	<u>Largura</u>	18	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		
	<u>Cor</u>	-----		
CARACTERÍSTICAS	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido		
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas		

<u>Nariz</u>	Delineado e partido, aparentemente de forma acidental.
<u>Boca</u>	Partida, aparentemente de forma acidental.
<u>Orelhas</u>	Partidas, com recurso a uma ferramenta.
<u>Cabelo</u>	Indicado plasticamente, com incisões duplas na linha do escalpe.
<u>Pescoço</u>	Curto.
<u>Cabeça</u>	Incisão vertical irregular na nuca desde o pescoço até ao topo da cabeça.
<u>Observações</u>	A superfície está muito desgastada. Foi encontrada partida em duas partes fora da mastaba, provavelmente onde foi largada pelos salteadores.

Bibliografia

(Junker, 1929a, pp. 7–8, 45, 57, 167, pl.13cd; Martin-Pardey, 1978, pp. 32–37; Porter et al., 1974, pp. 124–125; Reisner, 1942b, p. 456; Smith, 1949, p. 26; Tefnin, 1991, pp. 26, 28, 33,50 (n.2), 66, pp.122–123)

Webgrafia

<http://giza.fas.harvard.edu/objects/54630/full/>



a)



b)



c)



b

d)

(Tefnin, 1991, p. pl. XXIV)

REFERÊNCIA

Nº Referência atual University College UC 15988
Localização atual University College

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Arqueólogo/Escavação -----
Necrópole Giza Cemitério ----- Poço ----
Mastaba -----
Observações Indeterminada, mas de Giza (Page, 1976, p. 8); Possivelmente Giza (Porter et al., 1974).

Proprietário Anônimo/a.
 Propostas de outros autores:
 – Homem Anônimo (Page, 1976, p. 8; Tefnin, 1991, p. 13)
Datação Entre a IV e a V dinastia.
 Propostas de outros autores:
 – Fim da IV dinastia, início da V dinastia (Page, 1976, p. 8).
 – Provavelmente da V dinastia (Porter et al., 1974; Smith, 1949, p. 27).

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm) -----
MATERIAIS Materiais Calcário.
Cor -----
CARACTERÍSTICAS Olhos Olhar subido.
Sobrancelhas Esboçadas.
Nariz Delineado e Partido.
Boca Partida.
Orelhas As orelhas não foram originalmente esculpidas.

Cabelo

Cabelo indicado plasticamente, desenhado com uma incisão irregular na linha do escalpe e das orelhas.

Pescoço

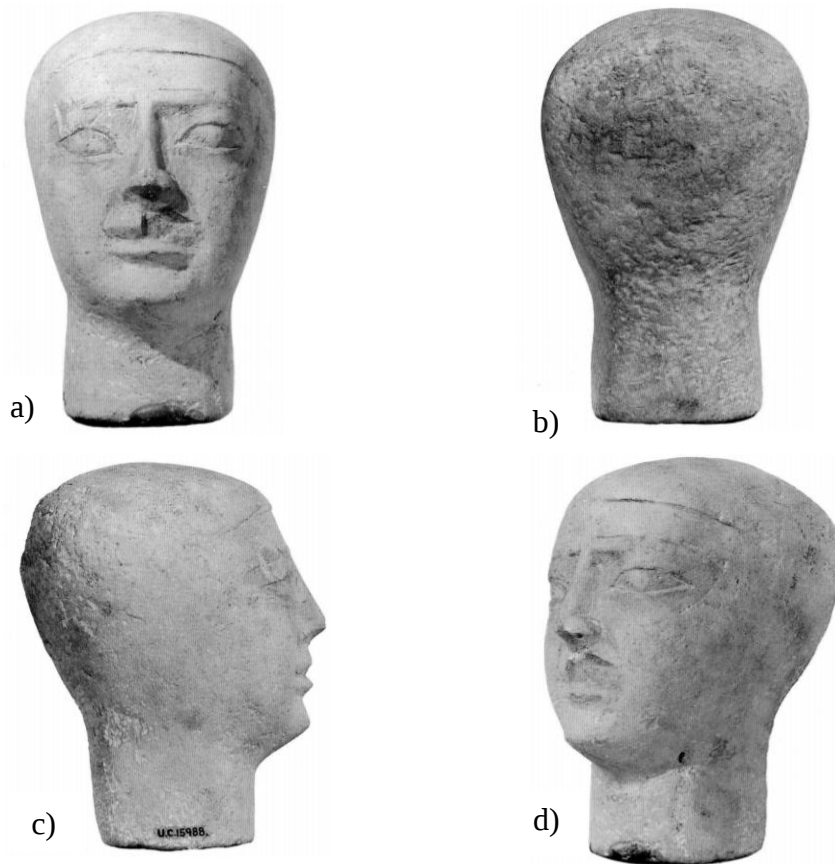
Curto e partido.

Observações

Superfície granulada provavelmente provocada por danos naturais.

Bibliografia

(Page, 1976, p. 8; Porter et al., 1974, p. 305; Smith, 1949, pp. 27, 29; Tefnin, 1991, p. 13 (n.4), 34,42, 125–126, pl. XXVI a-d)



(Tefnin, 1991, p. pl. XXVI)

REFERÊNCIA (cabeça)

<u>Nº Referência atual</u>	Kunsthistorisches Muséum	KHM 9290
<u>Localização atual</u>	Kunsthistorisches Muséum	

REFERÊNCIA (orelha)

<u>Nº Referência atual</u>	Roemer und Pelizaeus Museum	RPM 2657
<u>Localização atual</u>	Roemer und Pelizaeus Museum	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	Hermann Junker, 1914 (Expedição 1912-1914)				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 4260(= II n)		
<u>Proprietário</u>	Anónimo/a.				
<u>Datação</u>	IV Dinastia.				
	Propostas de outros autores:				
	– Reinado de Khufu (Junker, 1929a, p. 45).				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	20,4	<u>Altura</u>	25,1
	<u>Largura</u>	16,7	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		
	Cor	-----		
CARACTERÍSTICAS	<u>Orelhas</u>	Partidas, com vestígios do uso de uma ferramenta.		
		As orelhas encontradas no mesmo local provavelmente pertencem à cabeça. (Tefnin, 1991, p. 128)		
		Direita - 7.4 x 2.7 x 1.8 cm		
		Esquerda - 6.3 x 2.5 x 2 cm		
	<u>Pescoço</u>	Curto e partido.		

Observações

Cabeça muito danificada. Dado o estado de conservação é impossível a análise dos olhos, sobrancelhas, nariz e boca. Foi reconstruída em gesso.

Bibliografia

Cabeça

(Junker, 1929a, pp. 45, 57; Smith, 1949, pp. 26, 162; Tefnin, 1991, p. 20 (n.3), 28, 34, 50 (n.2), 125, 128–129, pl. XXIX c)

Orelhas

(Junker, 1929a, p. 191; Martin-Pardey, 1978, pp. 55–57; Smith, 1949, pp. 26, 162; Tefnin, 1991, p. 9 (n.1), 37, 50 (n.2), 128, pl. XXX a-b)

Webgrafia

<http://giza.fas.harvard.edu/objects/45622/full/>

<http://giza.fas.harvard.edu/objects/54634/full/>



a)

(Tefnin, 1991, p. pl. XXIX)



b)



c)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Egyptian Museum	19/11/24/5
<u>Nº referência anteriores</u>	Cairo Special Register number	EMC SR 2/15595
<u>Localização atual</u>	Egyptian Museum	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	Hermann Junker ou George Andrew Reisner, data indeterminada.				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	-----
		<u>Mastaba</u>	-----		
		<u>Observações</u>	Na rua entre G 4560 e G 4660 (Smith, 1949, p. 26).		
<u>Proprietário</u>	Anónimo/a.				
<u>Datação</u>	IV dinastia.				
	Propostas de outros autores:				
	– Meio ou fim da IV dinastia (Porter et al., 1974, p. 135).				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

<u>DIMENSÕES (cm)</u>	-----	
<u>MATERIAIS</u>	<u>Materiais</u>	Calcário.
	<u>Cor</u>	-----
<u>CARACTERÍSTICAS</u>	<u>Olhos</u>	Olho esquerdo parcialmente preservado.
	<u>Nariz</u>	Muito Partido.
	<u>Observações</u>	Calcário fortemente erudido. dado o estado de conservação é impossível a análise das sobrancelhas, boca, orelhas e pescoço.
<u>Bibliografia</u>	(Junker, 1929a, pp. 45, 57, 213, 216; Porter et al., 1974, p. 135; Reisner, 1942b, pp. 455, 458; Smith, 1949, p. 26; Tefnin, 1991, pp. 50, 117–118)	

(sem registo fotográfico)

REFERÊNCIA

Nº Referência atual (Tefnin, 1991, p. 129) 13-12-1
Localização atual Não foi preservada.

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Arqueólogo/Escavação George Andrew Reisner, 1913-1914 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942)
Necrópole Giza Cemitério G 40000 Poço A
Mastaba G 4430
Proprietário Anónimo/a.
Propostas de outros autores:
– Anónimo (Tefnin, 1991, p. 129).
Datação IV dinastia.
Propostas de outros autores:
– Reinado de Khafra, devido a ter sido encontrada com a impressão desse nome (Porter et al., 1974, p. 128; Reisner, 1915, p. 31; Smith, 1949, p. 26).

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm) -----

-

MATERIAIS Materiais Argila
Cor -----

CARACTERÍSTICAS Observações Não foi conservada provavelmente pela fragilidade do material.

Bibliografia (Junker, 1929a, p. 57; Porter et al., 1974, p. 128; Reisner, 1915, p. 31; Smith, 1949, p. 26; Tefnin, 1991, p. 129)

(sem registo fotográfico)

Nº31

REFERÊNCIA

Nº Referência atual Egyptian Museum "Selim
Hassan
Head"

Localização atual Egyptian Museum

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Arqueólogo/Escavação Selim Hassan, 1936.

Necrópole Giza Cemitério ----- Poço -----
Mastaba Numa mastaba perto da
pirâmide de Khafra.
Observações Caída no meio da câmara
funerária (Hassan, 1936, p.
639)

Proprietário Anónimo/a.
Propostas de outros autores:
– Anónimo, possivelmente uma filha de Khafré (Hassan, 1936,
p. 639).

Datação IV dinastia.
Propostas de outros autores:
– Fim da IV dinastia (Porter et al., 1974, p. 239).

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm) -----

MATERIAIS Materiais Calcário, detalhes feitos em gesso (têmpora
esquerda e no lado direito do crânio)

Cor -----

CARACTERÍSTICAS Olhos Delineados.

<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas.
<u>Nariz</u>	Delineado.
<u>Boca</u>	Com sorriso.
<u>Orelhas</u>	As orelhas não foram esculpidas originalmente.
<u>Cabelo</u>	Cabelo indicado plasticamente, desenhado com uma incisão irregular na linha do escalpe e das orelhas.
<u>Pescoço</u>	Curto, com várias incisões ao redor do pescoço (único caso com este número e tipo de emaranhamento das incisões).

Bibliografia

(Hassan, 1936, fig. 639, 1953, pp. 4–5, pl. III-IVa; Porter et al., 1974, p. 239; Smith, 1949, p. 27; Tefnin, 1991, pp. 20, 24, 34, 43, 117, pl. XXII a-b)



(Tefnin, 1991, p. pl. XXII)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	(Tefnin, 1991, p. 122)	"Belgium Head"
<u>Localização atual</u>	Coleção privada na Bélgica	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	----- -----			
<u>Necrópole</u>	-----	<u>Cemitério</u>	-----	<u>Poço</u> -----
		<u>Mastaba</u>	-----	
<u>Proprietário</u>	Anónimo/a.			
<u>Datação</u>	Entre a V e a VI dinastia. Propostas de outros autores: - V ou VI dinastia (Tefnin, 1991, p. 122).			

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

<u>DIMENSÕES (cm)</u>	-----	
<u>MATERIAIS</u>	<u>Materiais</u>	Calcário.
	<u>Cor</u>	-----
<u>CARACTERÍSTICAS</u>	<u>Olhos</u>	Delineados, com olhar subido.
	<u>Sobrancelhas</u>	Esboçadas.
	<u>Nariz</u>	Partido.
	<u>Boca</u>	Com sorriso.
	<u>Orelhas</u>	As orelhas não foram originalmente esculpidas.
	<u>Cabelo</u>	Cabelo não indicado plasticamente.
	<u>Pescoço</u>	Curto.
	<u>Cabeça</u>	Com incisão vertical profunda e irregular do topo da cabeça até à base do pescoço.

Observações

Superfície danificada, aparentemente de forma involuntária.

Bibliografia

(Tefnin, 1991, pp. 7, 9, 25, 28, 34, 121–122, pl. XXII c-d, XXIII a-c)



a)



b)



c)

(Tefnin, 1991, p. pl. XXII-XXIII)

REFERÊNCIA (cabeça)

Nº Referência atual (Tefnin, 1991, p. 37, 119–120) Sem nº de ref.

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Arqueólogo/Escavação Hermann Junker, 1913 (Expedição 1912-1914)
Necrópole Giza Cemitério G 4000 Poço A
Mastaba G 4360
Observações

Proprietário *mr[j]Htp/Merhetepef/Merihetepef/Meryhetepef.*

Datação IV dinastia.

Propostas de outros autores:

- Reinado de Khafra (Junker, 1929a, pp. 45–57).
- Reinado de Khufu (Reisner, 1942b, p. 83).

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm) -----

MATERIAIS Materiais Calcário
Cor -----

CARACTERÍSTICAS Observações Dado o estado de conservação é impossível a análise.

Bibliografia (Junker, 1929a, pp. 45, 57; Reisner, 1942a, p. 458; Smith, 1949, p. 26; Tefnin, 1991, p. 37 (n2), 50 (ni), 119–120)



(Jaroš-Deckert, 1993, p. 180)

REFERÊNCIA

Nº Referência atual (Tefnin, 1991, pp. 50, 119–120) Sem nº ref
Localização atual Egyptian Museum

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Arqueólogo/Escavação Hermann Junker, 1913 (Expedição 1912-1914)
Necrópole Giza Cemitério G 4000 Poço A
Mastaba G 4460
Proprietário Anónimo/a,
Datação IV dinastia,
 Propostas de outros autores:
 – Reinado de Khafra (Junker, 1929a, pp. 45–57),
 – Reinado de Khufu (Reisner, 1942b, p. 83),

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm) -----
MATERIAIS Materiais Calcário
Cor -----
CARACTERÍSTICAS Observações Dado o estado de conservação é impossível a análise.

Bibliografia (Junker, 1929a, pp. 45, 57; Smith, 1949, p. 26; Tefnin, 1991, pp. 50, 119–120)

(sem registo fotográfico)

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	(Tefnin, 1991, p. 120)	Sem nº de ref.
<u>Localização atual</u>	Egyptian Museum	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	Ahmed Fakhry, 1956-1961			
<u>Necrópole</u>	Sakara	<u>Cemitério</u>	-----	<u>Poço</u> 5
		<u>Observações</u>	Perto do templo da pirâmide de Djedkara-Isesi, no fundo do poço (Fakhry, 1959, p. 30). Logo em frente à entrada da câmara funerária (Leclant, 1954, p. 69) Nos escombros do poço (Porter et al., 1979, p. 672).	
<u>Proprietário</u>	Sethou-Pepiankh (Tefnin, 1991, p. 120).			
<u>Datação</u>	VI dinastia. Propostas de outros autores: – Meio ou fim da VI dinastia (Tefnin, 1991, p. 120)			

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Comprimento</u>	-----	<u>Altura</u>	19,5
	<u>Largura</u>	-----	<u>Diâmetro</u>	-----
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		
	<u>Cor</u>	-----		
CARACTERÍSTICAS	<u>Orelhas</u>	Apenas uma foi esculpida.		
	<u>Observações</u>	Dado o estado de conservação é impossível a análise dos olhos, sobrancelhas, nariz, boca.		
Bibliografia	(Brunner, 1954, p. 331; Fakhry, 1959, p. 30; Leclant, 1954, p. 69; Porter et al., 1979, p. 672; Tefnin, 1991, p. 11 (n.4), 13 (n.3), 33, 42 (n.l), 120–121)			

(sem registo fotográfico)

REFERÊNCIA

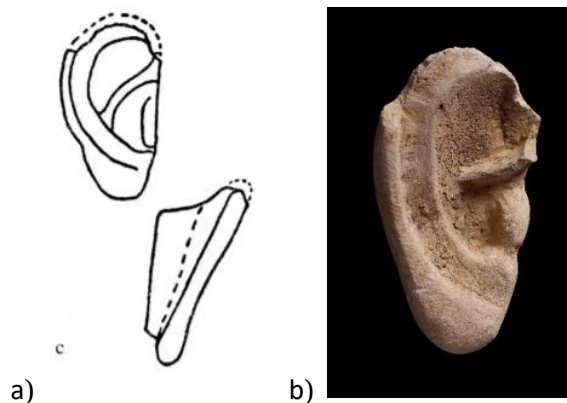
<u>Nº Referência atual</u>	Museum of Fine Arts	MFA 15-12-34
<u>Nº referência anteriores</u>	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts excavation number	HUMFA 15-12-34
<u>Localização atual</u>	Museum of Fine Arts	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	George Andrew Reisner, 1915 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942)				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 4510		
		<u>Observações</u>	Na câmara funerária (Reisner, 1942a, p. 518).		
<u>Proprietário</u>	Anónimo/a.				
<u>Datação</u>	Indeterminada.				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Largura</u>	3,8	<u>Altura</u>	6.9
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		
Bibliografia	(Reisner, 1942a, p. 518, fig.321; Tefnin, 1991, pp. 106–107)			
Webgrafia	https://collections.mfa.org/objects/453712/ http://giza.fas.harvard.edu/objects/16804/full/			



a) (Tefnin, 1991, p. pl. XXX); b) Photograph © Museum of Fine Arts, Boston

REFERÊNCIA

Nº Referência atual Harvard University-Boston Museum of Fine Arts HUMFA 14-3-
excavation number 18

Localização atual Egyptian Museum

Existe uma duplicação deste exemplar em (Tefnin, 1991, p. (n.4), 120, 121, pl. XXX f) nas entradas 28 e 29 sendo que prevalece a entrada 28. Tefnin considera uma fotografia que apresenta sete sílex (MFA accession numbers: 14.1451.1–14.1451.7) e uma orelha, identificada como 14-3-18 como sendo todos artefactos encontrados na mastaba G 4620 sem perceber que a orelha pertence à mastaba G 4710A do qual este considera um registo em desenho de Reisner.

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Arqueólogo/Escavação George Andrew Reisner, 1914 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942)

<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 4710		
		<u>Observações</u>	Na câmara funerária (Reisner, 1942b, pp. 521, 524, fig. 325).		

Proprietário sTw/Setju/Setchu/Sethuw/Sethu/

Datação V dinastia.

Propostas de outros autores: V dinastia (Porter et al., 1974, p. 133).

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

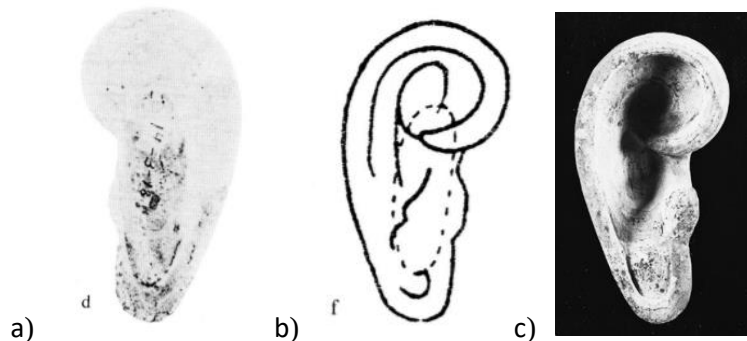
DIMENSÕES (cm) Largura 3,5 Altura 6,9

Espessura 2

MATERIAIS Materiais Calcário

Bibliografia (Reisner, 1942b, pp. 521, 524, fig. 325; Tefnin, 1991, p. (n.4), 120, 121, pl. XXX f)

Webgrafia <http://giza.fas.harvard.edu/photos/29550/full/>



a) b) (Tefnin, 1991, p. pl. XXX), c) Photograph © Museum of Fine Arts, Boston

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Museum of Fine Arts	MFA 13.3445 e 13.3446
<u>Nº referência anteriores</u>	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts excavation number	HUMFA 12- 10-22 e 12-10- 23
<u>Localização atual</u>	Museum of Fine Arts	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

<u>Arqueólogo/Escavação</u>	George Andrew Reisner, 1912 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942)				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	En Échelon	<u>Poço</u>	A
		<u>Mastaba</u>	G 5190 (G 2300)		
		<u>Observações</u>	Na câmara funerária (Reisner, 1942c, p. ApxA 030).		
<u>Proprietário</u>	Anónimo/a.				
<u>Datação</u>	Entre a V e a VI dinastia.				
	Propostas de outros autores:				
	– V e VI dinastia (Museum of Fine Arts)				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES	<u>Largura</u>	3	<u>Altura</u>	3
ESQUERDA (cm)	<u>Espessura</u>	2		
DIMENSÕES	<u>Largura</u>	4	<u>Altura</u>	7,4
DIREITA (cm)	<u>Espessura</u>	3		
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		

Bibliografia (Reisner, 1942c, p. ApxA 030)

Webgrafia <https://collections.mfa.org/objects/141235/>
<https://collections.mfa.org/objects/141230/>



Photograph © Museum of Fine Arts

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Kunsthistorisches Museum	ÄS Inv.-Nr. 9614b
<u>Localização atual</u>	Kunsthistorisches Museum	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

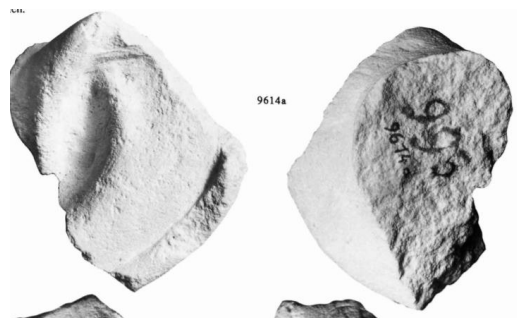
<u>Arqueólogo/Escavação</u>	Hermann Junker, 1926 (Expedição 1925-1929)				
<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	G 4000	<u>Poço</u>	-----
		<u>Mastaba</u>	Talvez pertencente a G 4260 – pertencentes à "Cabeça de Reserva" KHM 9290 em vez das orelhas RPM 2657 - ou a G 4460.		
<u>Proprietário</u>	Anónimo/a.				
<u>Datação</u>	IV dinastia.				
	Propostas de outros autores:				
	– Possivelmente da IV dinastia (Jaroš-Deckert, 1993, p. 181)				

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Largura</u>	3,6	<u>Altura</u>	2,4
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		

Bibliografia (Jaroš-Deckert, 1993, pp. 180–181; Junker, 1929a, pp. 45, 57, 202; Reisner, 1942b, p. 458; Smith, 1949, p. 26(19); Tefnin, 1991, pp. 37, 50, 119, Nr.25)

Webgrafia <http://giza.fas.harvard.edu/objects/45667/full/>



(Jaroš-Deckert, 1993, p. 180)

REFERÊNCIA

Nº Referência atual Harvard University-Boston Museum of Fine Arts HUMFA C482
excavation number NS

Localização atual -----

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Arqueólogo/Escavação George Andrew Reisner, 1907 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942)

Necrópole G 2000 Cemitério G 2000 Poço A

A Mastaba G 2041

Proprietário *snnwA kkj/ Sennuka Keki/ Keki/ Senenuka Keki*

Datação IV dinastia

Propostas de outros autores:

- Indeterminada, mas de acordo com a mastaba será início ou meio da V dinastia (Porter et al., 1974, pp. 68–69)
- IV dinastia no fim do reinado de Menkaura (Reisner, 1942b, pp. 217, 311; Smith, 1949, p. 164, pl. 45)

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm) -----

MATERIAIS Materiais Calcário

Bibliografia Não há registo

Webgrafia <http://giza.fas.harvard.edu/photos/26300/full/>



Photograph © Digital Giza – The Giza Project at Harvard University

Nº41

REFERÊNCIA

<u>Nº Referência atual</u>	Harvard University-Boston Museum of Fine Arts	HUMFA 15-1-
	excavation number	23
<u>Localização atual</u>	-----	

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Arqueólogo/Escavação George Andrew Reisner, 1915 (Expedição Harvard-Boston, 1905-1942)

<u>Necrópole</u>	Giza	<u>Cemitério</u>	En Échelon	<u>Poço</u>	poço B (LG46)
		<u>Mastaba</u>	G 5030		

Proprietário Anónimo/a.

Datação Entre a IV e a V dinastia.

Propostas de outros autores:

- Fim da IV início da V dinastia (Porter et al., 1974, p. 145)

INFORMAÇÕES PLÁSTICAS

DIMENSÕES (cm)	<u>Largura</u>	4,1	<u>Altura</u>	7,8
orelha inteira				
DIMENSÕES (cm)	<u>Largura</u>	-----	<u>Altura</u>	6,2
Orelha fragmentada				
MATERIAIS	<u>Materiais</u>	Calcário		

Bibliografia (Reisner, 1942c, p. ApxA 014)

Webgrafia <http://giza.fas.harvard.edu/objects/16438/full/>

(sem registo fotográfico)